

«O melhor livro da autora até
agora. Uma história sobre
pessoas sem salvação.»

The Guardian

«Inteligente, chocante,
perturbador e
absolutamente original.»

Paula Hawkins

A ESTRANHA SALLY DIAMOND LIZ NUGENT

TOP
SEL
LER

BESTSELLER INTERNACIONAL

Melhor thriller do ano - *Publishers Weekly*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«O melhor livro da autora até
agora. Uma história sobre
pessoas sem salvação.»

The Guardian

«Inteligente, chocante,
perturbador e
absolutamente original.»

Paula Hawkins

A ESTRANHA SALLY DIAMOND LIZ NUGENT

TOP
SEL
LER

BESTSELLER INTERNACIONAL

Melhor thriller do ano - *Publishers Weekly*

LIZ NUGENT

**A ESTRANHA
SALLY
DIAMOND**



os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: janeiro de 2024

A ESTRANHA SALLY DIAMOND

Título original: *Strange Sally Diamond*

© 2023, Liz Nugent

Publicado por Sandycove, uma chancela de Penguin Random House UK, Londres.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller e uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Leonor Bragança

Coordenação Editorial: Vanessa Domingos

Tradução: Ângelo Santana

Revisão: Marta Pinho

Capa: adaptação de Wonder Studio / Carolina Leonardo
sobre design de Charlotte Daniels / Penguin UK

Fotografia da capa: © Tijana Moraca / Trevillion Images

ISBN: 978-989-787-748-3

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

A Estranha Sally Diamond

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Parte I

Parte II

Parte III

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Liz Nugent

Para o Richard, com mais amor ainda

Longe, longe, dos homens e das cidades,
Para o bosque selvagem e para as colinas
Para o silêncio do desconhecido
Onde a alma não é obrigada a reprimir
A sua música...

– Percy Bysshe Shelley

Parte I

— Põe-me no caixote do lixo — dizia ele de vez em quando. — Quando eu morrer, põe-me no caixote do lixo. Vou estar morto, por isso tanto faz. Vais chorar como uma Madalena. — E ria-se e eu ria-me também, porque ambos sabíamos que eu não iria chorar como uma Madalena. Nunca choro.

Quando essa altura chegou, numa quarta-feira, dia 29 de novembro de 2017, fiz o que ele me pediu. Era pequeno e frágil e tinha 82 anos, por isso foi fácil colocá-lo num grande saco de resíduos de jardim.

Há um mês que não se levantava.

— Não quero cá médicos — dissera ele. — Sei bem como é que eles são. — E sabia, porque era médico. Psiquiatra. Mas ainda conseguia passar receitas e mandava-me a Roscommon para as aviar.

Não o matei, não foi assim. Levei-lhe chá, naquela manhã, e ele estava frio na cama. De olhos fechados, graças a Deus.

Detesto aquelas séries dramáticas da televisão em que os cadáveres ficam a olhar para o inspetor da polícia. Será que só ficamos de olhos abertos quando somos assassinados?

— Pai? — disse eu, embora soubesse que ele já cá não estava.

Sentei-me aos pés da cama, tirei a tampa do seu copo e bebi o chá. Senti falta do açúcar que sempre ponho no meu. Vi-lhe o pulso, mas dava para perceber pela pele cerosa. Embora cerosa não fosse a palavra certa. Era mais como se... a pele já não lhe pertencesse, ou ele não lhe pertencesse a ela.

Arrastar o saco do lixo pelo quintal até ao celeiro não foi fácil. Havia gelo no chão e tive de pôr o saco ao ombro de vez em quando, para não se rasgar. Uma vez por mês, quando estava bem, o pai despejava os caixotes do lixo no incinerador. Recusava-se a pagar as taxas do lixo e vivíamos num sítio tão isolado que a Câmara não nos chateava por causa disso.

Eu sabia que os cadáveres se decompunham e começavam a apodrecer e a cheirar mal, por isso coloquei o saco cuidadosamente no tambor do incinerador. Despejei-lhe gasolina em cima e puxei-lhe fogo. Não fiquei a ouvir o crepitar das chamas. Já não era ele. Era um

corpo, uma «coisa inanimada», num incinerador doméstico ao lado do celeiro, num campo junto a uma casa ao fundo de uma vereda que derivava de uma rua secundária.

Às vezes, quando, ao telefone, descrevia onde vivíamos, o pai costumava dizer:

— Moro pouco depois do meio do nada. Ao chegar ao meio do nada, siga pela esquerda e depois pela direita e pela esquerda outra vez, até chegar a uma rotunda: aí, saia na segunda saída.

O pai não gostava de visitas. Além da Angela, a nossa médica, só recebíamos pessoas talvez de dois em dois anos desde que a mãe morrera. Os últimos vieram reparar o carro ou instalar um computador e, alguns anos mais tarde, veio outro homem e instalou a Internet e trouxe um computador novo para o pai, e o último veio para melhorar a nossa banda larga. Nessas alturas, eu ficava no quarto.

Ele nunca me ensinou a usar o computador, mas explicou todas as coisas que um computador fazia. Eu via televisão e sabia o que os computadores conseguiam fazer. Podiam bombardear países. Espiar pessoas. Fazer cirurgias à cabeça. Juntar velhos amigos e inimigos e solucionar crimes. Mas eu não queria fazer nenhuma dessas coisas. Eu gostava era de televisão e documentários e programas sobre natureza e História. Adorava séries de televisão, especialmente de ficção, passadas no futuro ou na Era Vitoriana, em casas senhoriais e com belos vestidos. Mas também gostava de séries modernas. Gostava de acompanhar a vida excitante das pessoas, com os seus casos amorosos cheios de paixão, as suas famílias infelizes e os seus segredos sombrios. O que talvez seja irónico, tendo em conta que, na vida real, eu não gostava de pessoas. Pelo menos da maior parte das pessoas.

Preferia ficar em casa. O pai compreendia isso. A escola era um pesadelo. Ia às aulas todas, tentava evitar as outras raparigas e ia direitinha para casa no fim. Diziam que eu era autista, embora o meu pai psiquiatra me tivesse dito que não o era de todo. Não entrei para nenhum clube ou associação, apesar da insistência da mãe. Quando fiz os exames finais, tive dois vintes, dois dezasseis e dois catorzes nas disciplinas específicas e um dez a Matemática e Irlandês. Isso foi há vinte e cinco anos. Depois disso, voltámos a mudar de casa, para um chalé ao fundo de uma pequena vereda, a quilómetro e meio da aldeia de Carricksheedy.

As idas semanais às compras eram um suplício. Por vezes, fingia ser surda para evitar conversas, mas ouvia os comentários dos miúdos da escola. «Lá vem a estranha da Sally Diamond.» O pai dizia que não era por mal. As crianças são cruéis. A maior parte delas, pelo menos. Eu ficava contente por já não ser criança. Era uma mulher de 42 anos.

La sempre aos correios buscar a pensão do pai e o meu subsídio vitalício por doença. Há alguns anos, os correios propuseram que dêssemos autorização para recebermos os subsídios e a pensão nas nossas contas bancárias, mas o pai disse que devíamos, pelo menos, tentar manter algumas relações com as pessoas da aldeia, pelo que ignorámos a sugestão. O banco ficava longe, em Roscommon, a quase dezoito quilómetros. Não havia multibanco em Carricksheedy, embora na maior parte das lojas pudêssemos usar um cartão bancário.

Aproveitava e também recolhia o correio do pai, pois ele não queria que os carteiros metessem o nariz nos nossos assuntos. A Sra. Sullivan, a chefe dos correios, costumava perguntar aos gritos: «Como está o teu pai, Sally?» Talvez pensasse que eu conseguia ler os lábios. Eu assentia com a cabeça e sorria, e ela inclinava a cabeça para o lado em compaixão, como se tivesse ocorrido uma tragédia, e depois eu ia à loja do posto de gasolina Texaco. Comprava o que precisávamos para toda a semana e regressava, com os nervos a acalmarem à medida que virava para a vereda que dava para a nossa casa. Entre ir e voltar, nunca demorava mais do que uma hora.

Quando estava bem, o pai ajudava a arrumar as compras. Fazíamos três refeições por dia. Cozinhávamos um para o outro. Assim, eu preparava duas refeições e ele uma, mas a divisão do trabalho era igual entre nós. Trocámos de tarefas quando a idade lhe começou a pesar. Eu aspirava e ele tirava a loiça da máquina. Eu passava a ferro e tratava do lixo e ele limpava a casa de banho.

Depois deixou de sair do quarto, passava as receitas com a mão mais trémula e comia como um passarinho. Lá para o fim, só comia gelado. Por vezes, eu dava-lho à boca quando as mãos lhe tremiam demasiado e mudava-lhe os lençóis nos dias em que ele não conseguia aguentar até chegar ao bacio que estava debaixo da cama, que eu despejava todas as manhãs e lavava com lixívia. Ele tinha uma campinha ao lado da cama, mas eu não a conseguia ouvir quando estava na copa, e, nos últimos dias, ele estava demasiado fraco para pegar nela.

— És uma boa menina — dizia ele com voz fraca.

— Tu és o melhor pai — respondia eu, embora soubesse que não era bem assim. Mas fi-lo sorrir. A mãe tinha-me ensinado a dizer aquilo. O melhor pai era o de *A Casa da Pradaria*. E era bem-apeado.

A minha mãe costumava pedir-me para fazer o exercício mental de imaginar o que as outras pessoas estavam a pensar. Eu achava aquilo curioso. Não seria mais fácil perguntar-lhes o que estavam a pensar? E eu tenho alguma coisa que ver com isso? Eu sei o que penso. E posso usar a imaginação para fazer de conta que consigo fazer as coisas que

as pessoas da televisão fazem, como desvendar crimes e ter casos amorosos escaldantes. Mas às vezes tento imaginar o que as pessoas da aldeia veem quando olham para mim. Segundo uma revista que li uma vez, na sala de espera da Angela, tenho três quilos a mais para a minha altura, um metro e setenta e dois. A Angela riu-se quando lhe mostrei a revista, mas a verdade é que me encorajou a comer mais fruta e vegetais e menos hidratos de carbono. Tenho o cabelo comprido e acobreado, mas prendo-o num coque solto, um pouco acima da nuca. Lavo a cabeça uma vez por semana, quando tomo banho de banheira. Durante o resto da semana, uso uma touca de banho e tomo um duche rápido.

Uso uma das minhas quatro saias. Tenho duas de inverno e duas de verão. Tenho sete blusas, três camisolas e um casaco de malha, e ainda tenho muita roupa da mãe, vestidos e casacos curtos, tudo de boa qualidade, embora já velhos. A mãe gostava de ir às compras a Dublin com a sua irmã, a tia Christine, duas ou três vezes por ano. Iam «aos saldos». O pai não gostava, mas ela dizia que gastava o dinheiro dela como bem quisesse.

Não uso *soutien*. São desconfortáveis e não compreendo porque tantas mulheres insistem em usá-los. Quando a roupa ficava muito coçada, o pai comprava-me peças em segunda mão na Internet, exceto roupa interior. Essa era sempre nova.

— Detestas ir às compras e é escusado gastar dinheiro sem necessidade — costumava ele dizer.

A minha pele é clara e limpa. Tenho algumas rugas na testa e à volta dos olhos. Não uso maquilhagem. O pai chegou a comprar-me algumas coisas e sugeriu que experimentasse. Graças à minha velha amiga televisão e aos anúncios, eu sabia o que fazer com elas, mas ficava muito diferente e nem parecia eu, com olhos escurecidos e batom cor-de-rosa. O pai concordava. Ofereceu-se para comprar outros produtos, mas percebeu a minha falta de entusiasmo e não voltámos a falar disso.

Acho que as pessoas da aldeia veem uma mulher «surda» de 42 anos a entrar e sair da aldeia e a conduzir ocasionalmente um *Fiat* antigo. Devem supor que não posso trabalhar por causa da surdez e que é por isso que recebo subsídios. Recebo subsídios porque o pai disse que eu era socialmente deficiente.

2

O Thomas Diamond não era o meu verdadeiro pai. Eu tinha 9 anos quando ele mo disse. Eu nem sequer sabia o meu nome verdadeiro, mas ele e a minha mãe, que também não era a minha mãe, disseram-me que me tinham encontrado numa floresta quando eu era bebé.

Inicialmente fiquei perturbada. Nas histórias que lera, os bebês encontrados nas florestas eram crianças trocadas, filhos de criaturas da floresta, que lançavam o caos nas famílias que os acolhiam. É que eu tenho imaginação, apesar do que o pai dizia muitas vezes. Mas a mãe sentou-me no colo e garantiu-me que aquelas histórias eram contos de fada inventados. Eu detestava sentar-me no colo da mãe, ou no do pai, por isso, esgueirei-me e pedi uma bolacha. Deram-me duas. Acreditei no Pai Natal até aos 12 anos, quando o pai se sentou comigo e me contou a triste verdade.

— Mas por que haviam de inventar tal coisa? — perguntei.

— É uma coisa divertida para as crianças acreditarem, mas tu já não és pequenina.

E tinha razão. Já me tinha vindo o período. As dores menstruais substituíram a Fada dos Dentes e o Coelhoinho da Páscoa, e o pai e a mãe começaram a explicar-me outras coisas.

— Se o Pai Natal não existe, Deus ou o Diabo existem?

A mãe olhou para o pai e ele disse:

— Ninguém sabe.

Tive dificuldade em entender aquela lógica. Se eles tinham a certeza de que o Pai Natal não existia, porque não tinham a mesma certeza sobre Deus?

A minha infância deu lugar a anos de adolescência mais monótonos e menos coloridos. A mãe explicou-me que os rapazes podiam interessar-se por mim, que podiam tentar beijar-me. Tal nunca aconteceu, exceto uma vez quando eu tinha 14 anos e um velho tentou beijar-me à força e meteu a mão pela minha saia acima numa paragem de autocarro. Dei-lhe um murro na cara, pontapeei-o até ele cair e pisei-lhe a cabeça. Depois o autocarro chegou, eu entrei e fiquei furiosa com o motorista por ter saído para ajudar o velhote. Fiquei a vê-lo pôr-se de pé, com o sangue a gotejar-lhe da cabeça. O motorista

perguntou-me o que tinha acontecido, mas fiquei calada e fingi que não o conseguia ouvir. Cheguei a casa vinte minutos depois e perdi o início do programa infantil *Blue Peter*.

Quando tinha 15 anos, ouvi uma rapariga da minha turma a dizer a outras duas que eu era uma criança selvagem, encontrada na encosta de uma montanha e depois adotada pelos Diamonds. Ela disse isto na casa de banho. Eu estava sentada em cima do autoclismo, com os pés em cima da sanita num cubículo, a comer o meu almoço.

— Mas não digam a ninguém — disse ela. — A minha mãe soube por uma amiga que trabalhava para o Dr. Diamond quando isso aconteceu. É por isso que ela é tão estranha.

As outras raparigas não guardaram segredo. Durante algumas semanas tentaram falar comigo, perguntando-me se eu gostava de subir às montanhas e se comia erva. A Stella Coughlan disse-lhes que me deixassem em paz, que não tinham nada que ver com o assunto. Ignorei-as a todas. Não fiz perguntas à mãe nem ao pai sobre isso. Eu já sabia que era adotada e também sabia que os bebés não sobrevivem nas montanhas e que as raparigas parvas inventam coisas por maldade.

A mãe morreu no ano em que saí da escola. Andávamos a ter muitas discussões. Ela queria que eu fosse para a universidade. Preenchera formulários de candidatura em meu nome contra a minha vontade. Achava que eu devia estudar música ou ciências. Adoro música e talvez o que mais gosto de fazer na vida seja tocar piano. A mãe pagava a uma professora para vir a casa dar-me lições quando eu tinha 9 anos. Eu gostava da Sra. Mooney. Ela dizia que eu era uma pianista talentosa. Morreu durante a minha adolescência e eu não quis outra professora, por isso praticava para melhorar sozinha. Não queria submeter-me a exames. Apenas gostava de tocar.

A mãe dizia que eu não tinha muito por onde escolher. Mas eu não queria conhecer estranhos e não queria sair da nossa nova casa. O pai disse que eu podia tirar um curso na Universidade Aberta, mas a mãe dizia que eu precisava de «socializar», porque nunca sairia de casa nem arranjaría emprego se não fosse obrigada. Eu disse que não queria sair de casa e ela ficou irritada.

Na semana a seguir a esta discussão, ela teve um AVC quando estava a atender pacientes no consultório da aldeia, e morreu no hospital. O funeral foi em Dublin, porque era lá que toda a sua família e antigos amigos viviam. A mãe nunca deixara de os visitar com regularidade. Nas poucas vezes que a Christine, a irmã dela, nos visitou, eu segui-a para todo o lado como um cãozinho. Era uma versão glamorosa da mãe. O pai ficava no escritório quando ela nos visitava. A mãe dizia que o pai fazia a tia Christine sentir-se

indesejada. Depois de a mãe morrer, ela deixou de vir, mas mandava-me sempre um cartão de aniversário com dinheiro lá dentro.

O pai perguntou-me, com lágrimas nos olhos, se eu queria ir ao funeral da mãe, mas recusei. Eu tinha de separar a roupa da mãe para ver qual me servia e qual era para dar. Pedi ao pai que trouxesse um livro de culinária de Dublin, porque normalmente era a mãe que cozinhava, e embora eu fosse excelente a ajudá-la a descascar batatas, não era tão competente a preparar uma refeição completa. Mas sabia que podia aprender com os livros.

Quando o pai regressou de Dublin, dois dias depois, perguntou-me se estava triste e se tinha saudades da mãe. Garanti-lhe que não e disse-lhe que não se preocupasse comigo. Ele olhou para mim daquela maneira engraçada com que às vezes me olhava e disse que eu provavelmente tinha sorte por ser como era e que provavelmente conseguiria escapar ao sofrimento durante toda a vida.

Sei que não penso como as outras pessoas, mas se puder manter-me longe delas, então o que importa isso? O pai dizia que eu era única. Não me importo. Já me chamaram muitas coisas, mas o meu nome é Sally. Pelo menos, foi esse o nome que a mãe e o pai me deram.

Nos dias que se seguiram à morte do pai, tudo estava sossegado. Talvez tivesse saudades dele, afinal. Não tinha ninguém com quem falar, ninguém a quem fazer chá, ninguém a quem dar gelado à boca. Ninguém a quem lavar e mudar a roupa. Para que servia eu? Andava às voltas pela casa e, no terceiro dia, entrei no escritório dele. Ao abrir despreocupadamente as gavetas, encontrei muito dinheiro e as joias da mãe numa caixa de metal. Muitos blocos de notas que documentavam o meu peso, altura e desenvolvimento desde que eu era pequena. Um envelope grosso endereçado a mim em cima da secretária. Muitas fichas com o meu nome organizadas por diferentes categorias: comunicação, desenvolvimento emocional, empatia, compreensão, saúde, medicação, deficiências, dieta, etc. Demasiadas para algum dia as conseguir ler todas. Olhei para a fotografia do casamento dos dois que estava na cornija da lareira, e lembrei-me de que a mãe dizia que nunca se tinham sentido como uma família completa até me encontrarem. Há muito que me tinha desenganado da ideia de que era uma criança enjeitada. Tinham-me adotado da maneira habitual, disse a mãe. Perguntou-me se eu tinha curiosidade acerca dos meus pais biológicos e, quando eu disse que não, o rosto iluminou-se-lhe. Eu sentia-me bem quando fazia os meus pais sorrir.

Olhei para as fotografias antigas de trabalho do pai, a dar palestras em conferências em Zurique. Fotografias dele com outros homens vestidos de fato com aspeto sisudo. Fundamentalmente, o pai estudava e escrevia artigos académicos, mas, às vezes, se fosse solicitado pela mãe numa emergência, era capaz de atender um doente local em Carricksheedy ou mais longe.

Estudava a mente humana. Disse-me que a minha mente funcionava perfeitamente, mas que eu era emocionalmente desligada. Eu era o trabalho da sua vida, dizia ele. Perguntei-lhe se ele conseguiria voltar a ligar as minhas emoções e ele disse que a única coisa que ele e a mãe podiam fazer era amar-me e esperar que, um dia, eu aprendesse a amá-los também. Eu gostava deles. Não queria que lhes acontecesse nenhum mal. Não gostava de os ver tristes. Acreditava que isso era amor. Estava sempre a perguntar ao pai, mas

ele dizia que não me preocupasse, que o que quer que eu sentisse era o suficiente, mas acho que ele não me compreendia. Às vezes, ficava ansiosa se houvesse muitas pessoas à minha volta, ou se não soubesse a resposta a alguma pergunta, ou se um barulho fosse muito alto. Eu achava que conseguia reconhecer o amor nos livros e na televisão, mas lembro-me de ver o *Titanic* num Dia de Natal e de pensar que o Jack estava condenado a morrer de qualquer forma, porque viajava em terceira classe e era homem, e a Rose, com toda a probabilidade, iria sobreviver porque era rica, e a ordem era «mulheres e crianças primeiro», por isso qual era o interesse de acrescentar a história de amor, que nem sequer era factualmente verdadeira? O pai soluçava.

Eu não gostava de abraços, nem que me tocassem. Mas nunca deixei de me questionar sobre o amor. Seria esse o meu desfasamento emocional? Devia ter perguntado ao pai quando era vivo.

Cinco dias depois de o pai morrer, o Ger McCarthy bateu-me à porta. O Ger McCarthy era um vizinho que tinha um campo arrendado atrás do nosso celeiro. Estava habituada a vê-lo passar para cima e para baixo na vereda. Era homem de poucas palavras e, como o pai costumava dizer, era «um excelente homem para não fazer perguntas nem conversa fiada».

— Sally — disse ele —, vem um cheiro horrível daquele teu celeiro. As minhas vacas estão todas recolhidas, mas estou para aqui a pensar, não vá uma ovelha lá ter entrado e ficado lá presa e morrido, ou coisa que o valha. Queres que dê uma vista de olhos ou o teu pai trata disso?

Garanti-lhe que eu era capaz de o fazer. Ele seguiu o seu caminho, assobiando desafinado, com o fato-macaco salpicado de lama.

Quando cheguei ao celeiro, o cheiro do incinerador deu-me vontade de vomitar. Pus o cachecol à volta da boca e abri a porta. Não tinha queimado bem. Conseguia ver a forma completa do corpo. Havia uma substância oleosa no fundo do barril do incinerador na qual pululavam moscas e larvas. Voltei a acender a fogueira com jornais enrolados que tinha em casa e toros do celeiro.

Senti-me dececionada comigo própria. O pai devia ter sido mais específico quando me deu as instruções. Queimávamos matéria orgânica com regularidade. Os cadáveres eram matéria orgânica, não? Talvez os crematórios fossem mais quentes. Iria procurar essa informação na enciclopédia mais tarde. Despejei-lhe o resto da gasolina para atear o fogo, na esperança de que uma segunda queima resolvesse o problema. Puxei o cabelo para me acalmar.

Fui aos correios levantar os meus subsídios, e a Sra. Sullivan tentou dar-me a reforma do pai também. Empurrei o dinheiro de volta e ela ficou a olhar para mim, perplexa, e gritou:

— O teu pai há de estar a precisar da pensão.

— Não precisa — disse eu —, porque morreu.

As sobranceiras levantaram-se-lhe e a boca abriu-se.

— Oh, meu Deus. Tu falas. Não sabia. O que é que disseste?

Expliquei novamente que já não ia voltar a precisar da pensão do pai, porque ele estava morto.

Ela olhou para trás de mim, para a mulher do talhante.

— Ela sabe falar — disse ela. E a mulher do talhante disse:

— Estou estupefacta!

— Lamento muito — continuou a Sra. Sullivan aos gritos, e a mulher do talhante estendeu o braço e pôs-me a mão sobre o cotovelo. Recuei e soltei-me do seu toque.

— Quando é o funeral? — perguntou ela. — Não vi nada no obituário.

— Não há funeral — disse eu. — Cremei-o eu própria.

— Como assim? — disse a Sra. Talhante, e eu disse-lhe que o tinha posto num incinerador, porque ele me tinha dito para o pôr no caixote do lixo quando morresse.

Fez-se silêncio, e estava eu a virar-me para me ir embora quando a Sra. Talhante disse, com voz trémula:

— Como é que sabias que ele estava morto?

E depois a Sra. Sullivan disse para a Sra. Talhante:

— Não sei a quem telefonar. À polícia ou a um médico?

Virei-me para ela novamente e disse:

— É demasiado tarde para um médico. Porque havia de chamar a polícia?

— Sally, quando uma pessoa morre, as autoridades têm de ser informadas.

— Mas eles não têm nada que ver com isso — protestei eu. Estavam a deixar-me confusa.

Quando cheguei a casa, toquei piano durante algum tempo. Depois fui à cozinha e fiz uma chávena de chá. Levei o chá para o escritório do pai. O telefone começou a tocar e eu desliguei-o. Olhei para o envelope que ele tinha em cima do portátil com «Sally» escrito na frente e «a ser aberto depois da minha morte» com a caligrafia trémula do pai. Não dizia quanto tempo depois da sua morte é que eu devia abri-lo, e interroguei-me se teria lá dentro um postal de aniversário. Eu fazia anos dali a nove dias, por isso ia esperar até lá. Ia fazer 43 anos. Senti que ia ser um bom ano.

Era um envelope grande e, quando peguei nele, senti que era grosso e que continha muitas folhas. Talvez não fosse um postal de aniversário. Pu-lo no bolso da saia. Ia lê-lo depois de assistir a *Crime, Disse Ela* e *Judge Judy*. Sentei-me no sofá da sala de estar que

costumava partilhar com a mãe. Olhei para a cadeira vazia do pai e pensei nele durante alguns minutos.

A minha atenção depressa foi desviada para o que se passava em Cabot Cove. Desta vez, o jardineiro de Jessica Fletcher tinha andado a fazer das dele com a viúva rica do advogado e ela matara-o quando ele se recusara a deixar a mulher. Como de costume, Jessica foi mais rápida do que o xerife a resolver o crime. Durante um dos intervalos de *Judge Judy*, bateram à porta.

Fiquei chocada. Quem poderia ser? Talvez o pai tivesse encomendado alguma coisa pelo computador, embora tal fosse improvável, porque a última vez que o usara fora cerca de um mês antes de morrer. Aumentei o volume da televisão enquanto continuavam a bater. Pararam e tive de voltar atrás, porque *Judge Judy* já tinha recomeçado e eu tinha perdido uma parte. Depois apareceu uma cabeça à janela do meu lado esquerdo. Gritei. Mas era só a Angela.

A Dra. Angela Caffrey era sócia da mãe e ficou com a clínica depois da morte dela. Eu tive consultas com ela muitas vezes ao longo dos anos. Não me importava que me tocasse ou examinasse, porque explicava sempre claramente o que ia acontecer. E punha-me sempre melhor. O pai gostava dela e eu também.

— Sally! Estás bem? A Sra. Sullivan disse-me que o Tom morreu. É verdade?

Fiquei de pé, desajeitada, à porta do escritório do pai no átrio. O pai convidava sempre a Angela para a sala de estar e oferecia-lhe chá, mas eu não queria que ela ficasse muito tempo. Ela tinha outras intenções.

— Vamos para a cozinha e contas-me tudo?

Desci as escadas à frente dela para a cozinha.

— Oh, tens a casa imaculadamente limpa. A tua mãe havia de ficar tão orgulhosa. Há séculos que cá não venho. — Puxou a cadeira do pai e sentou-se nela. Eu fiquei em pé, de costas para o campo. — E então, Sally, o teu pai morreu?

— Morreu.

— Oh, pobre Tom! Esteve doente muito tempo?

— Começou a trabalhar muito menos, depois ficou de cama há cerca de um mês e não voltou a levantar-se.

— Porque será que não me chamou? Eu teria vindo imediatamente. Podia assegurar-me de que estava confortável.

— Ele passava receitas de medicamentos para as dores para eu aviar em Roscommon.

— Ele passava receitas a si próprio? Isso é ilegal.

— Passava-as em meu nome. Dizia que não ia para a prisão e eu também não.

— Compreendo. — Ela fez uma pausa. — E quando é que ele faleceu ao certo?

— Dei com ele morto na quarta-feira quando lhe levei o chá de manhã.

— Oh, minha querida. Deve ter sido tão angustiante. Bem, não quero meter-me, mas a Maureen Kenny...

— Quem?

— A Maureen, a mulher do talhante? Ela contou-me que tu tinhas dito que não ia haver funeral e que tinhas feito a cremação sozinha.

— Sim.

— E onde foi a cremação?

— No celeiro verde.

— Como?

— No celeiro verde.

— Aqui? Atrás da casa?

— Sim.

— Não pensaste em telefonar a alguém? A mim, ao hospital, a um agente funerário?

Senti que estava em apuros, como se tivesse feito alguma coisa errada.

— Ele disse-me para o pôr no lixo.

— Ele... o quê? Ele estava a brincar, não queria dizer isso!

— Ele não me disse que era uma brincadeira.

— Mas como podes ter a certeza de que ele estava morto?

— Ele não estava a respirar. Queres ver o incinerador? — perguntei. Os olhos arregalaram-se-lhe.

— Não é assim que se trata... Sally, isto é grave. Só um médico pode certificar uma morte. Ele não deixou instruções sobre o seu funeral?

— Não, eu não... — E foi então que me lembrei do envelope. — Ele deixou-me isto. — Tirei-o do bolso.

— E o que diz?

— Ainda não o abri.

Eu estava a ficar incomodada com toda aquela conversa. Ou não falo de todo, ou falo demais e digo coisas que não fazem sentido para ninguém senão para mim.

Pus as mãos nos ouvidos e a Angela moderou a voz.

— Queres que o abra? Posso lê-lo?

Atirei-lhe com o envelope e fui para o piano, mas isso não me deixou mais calma. Fui para o quarto e meti-me debaixo do edredão e do cobertor azul macio. Comecei a arrancar cabelo da cabeça. Não sabia o que fazer. Perguntava-me quando a Angela se iria embora. Fiquei à espera de ouvir a porta de entrada fechar-se.

Uma suave batida com os nós dos dedos na porta acordou-me. Estava a escurecer lá fora. Devo ter desmaiado. Pode acontecer quando estou angustiada, embora não acontecesse há muitos anos.

— Sally? — sussurrou a Angela.

Olhei para o relógio. Ela tinha lá ficado três horas e vinte e cinco minutos.

— Sim?

— Fiz chá e torradas com feijões. Levanta-te, porque temos de conversar.

— O chá tem açúcar?

— Ainda não — disse ela —, mas já ponho.

— Que caneca usaste?

— Eu... não tenho a certeza.

Abri a porta e segui a Angela pelo corredor.

Ela deu-me o chá na caneca do *Scrabble* do pai. Adicionei colher e meia de açúcar e mais uma colher de chá de leite. Ela tinha servido o chá dela numa caneca de porcelana que nem eu nem o pai tínhamos alguma vez usado.

— Então, li as cartas do teu pai...

— Há mais do que uma?

— Há. Está tudo bem, querida. A questão é que tenho de chamar a polícia, e eles vão querer falar contigo. Mas não quero que te preocupes, porque vou estar contigo, explico-lhes a tua doença e vou fazer tudo para que sejam gentis contigo. Mas, e esta é a parte mais difícil, provavelmente eles vão querer fazer buscas na casa e tu devias vir para a minha casa e da Nadine durante uns tempos, enquanto eles fazem o seu trabalho.

— Que trabalho?

— É só que... é invulgar queimar o corpo de um membro da família. Não é legal, e lamento dizer-te isto, querida, mas havia instruções para o funeral na carta dele... entre outras coisas.

— Oh. Porque é que a polícia havia de querer fazer buscas na casa? Na televisão, deixam sempre tudo numa desordem horrível.

— É para se assegurarem de que o teu pai morreu de causas

naturais, mas é claro pela carta dele que sabia que já tinha pouco tempo. É óbvio que confiava em ti e que te amava. Estou confiante de que a autópsia vai mostrar que já estava morto.

— Não quero visitas e não quero ir para tua casa.

— Sally, se não me deixares tratar disto, podes acabar por ficar numa cela da prisão durante algumas noites ou mais. Confia em mim, por favor. Os teus pais haviam de querer que eu te ajudasse. Na carta, o teu pai dizia que me devias telefonar quando ele morresse.

Voltei a puxar pelo cabelo. Ela tentou tocar-me, mas eu esquivei-me.

— Desculpa. Foi sem querer.

— Mas ele não me disse quando devia abrir a carta. Só escreveu que a abrisse depois de ele morrer. Eu não sabia que era para a abrir no próprio dia.

— Eu sei, mas vai haver muita movimentação aqui em casa. Vou chamar a polícia e eles vão querer interrogar-te. Podes precisar de um advogado. Mas eu estarei contigo e explico alguma coisa que o teu pai não tenha explicado nas cartas, embora ele tenha sido bastante exaustivo. — Fez uma pausa. — Há coisas nas cartas que podes achar... perturbadoras. Mas vamos por partes. O teu pai só queria que lesse uma secção por semana. Há três partes diferentes.

— Porquê?

— Bem... Há muita coisa para assimilar. Eu achava que os teus pais eram francos comigo acerca da tua situação, mas parece que esconderam muita coisa.

— Sobre mim?

— Sim, Sally. Mas podemos falar sobre isso noutra altura. Agora tenho de chamar a polícia. Queres um calmante suave antes de eles virem? Para te ajudar a ficar calma?

— Quero, por favor.

Não foi só um. Vieram dois agentes, um homem e uma mulher. Não gostei da cara deles. Foram simpáticos e calmos até eu lhes dizer que tinha posto o meu pai num saco do lixo e depois no incinerador. A mais baixa levantou a voz.

— Por amor de Deus, o que é que a levou...

A Angela pediu-lhe para baixar a voz. O comprimido que a Angela me deu fez-me ter a sensação de que estava num mundo de sonho. Disseram que iam ter de chamar uma equipa forense imediatamente e que eu tinha de fazer a mala e sair de casa, mas que tinha de deixar a roupa que usara no dia em que o pai morreu. Resmungaram quando lhes apresentei uma pilha de roupa dobrada, acabada de lavar e passar. A Angela disse que tinha de dar uma cópia da carta do pai aos agentes e fotocopiou-a no escritório dele enquanto eu fui para o meu quarto fazer a mala. A agente seguiu-me, emitindo grunhidos de desaprovação. Usei a mala do pai. Eu não tinha mala. Ele não se ia importar. Estava escuro e já passava da minha hora de ir para a cama.

— Podem fazer o favor de não deixar tudo desarrumado? — disse eu.

O homem disse que iam fazer os possíveis e a mulher bufou e disse:

— Não conte com isso.

A Angela entregou as páginas fotocopiadas ao homem e pediu-lhe que tivesse o cuidado de as entregar aos agentes responsáveis pela investigação. Ele assentiu. Falava pouco. Pediu as chaves do *Fiat*. Eu dei-lhas, mas pedi-lhe que voltassem a pôr o banco na mesma posição quando acabassem de ir aonde precisavam de ir com ele. Disseram-me que eu teria de ir à esquadra de Roscommon na manhã seguinte. A Angela disse que ela própria me levaria.

Ao sair de casa, ouvi a agente dizer «que psicopata» para o homem, mas ele percebeu que eu ouvira e fez-lhe sinal para se calar. Ela voltou-se para olhar para mim e vi-lhe repulsa no rosto.

Não sei porque é que ela sentia tanta repulsa. A casa estava impecavelmente limpa. Enquanto caminhava na direção do carro da Angela, entraram quatro carros-patrolha pelo portão e algumas

peessoas começaram a vestir fatos de plástico brancos por cima da roupa. Montaram uns grandes projetores de luz apontados para a casa e para o celeiro. A Angela disse que estavam a tratar o local como uma cena de crime.

Eu sentia-me um pouco sonolenta, mas queria ficar. Em muitos casos, a polícia plantava provas falsas ou contaminava o local. Eu tinha de me assegurar de que tal não iria acontecer. A Angela garantiu-me que não.

Não falámos muito a caminho da sua casa, mas olhei para ela enquanto ela olhava para a estrada. Tinha uma bonita forma arredondada. Como as avós dos programas de televisão antigos. Tinha cabelo grisalho encaracolado. Vestia uma blusa aos quadrados e uma saia de ganga e botins pretos. Eu gostava do aspeto dela. Ela deitou-me um olhar fugaz e sorriu e franziu o sobrolho ao mesmo tempo. O pai sempre me advertiu de que devíamos separar o aspeto das pessoas da forma como agem, mas ambos gostávamos da Angela.

Acordei numa cama estranha numa casa estranha, embora tivesse o meu cobertor azul por cima. Tinha-o metido na mala na noite anterior. Abri a boca para gritar, mas o pai sempre me disse para não o fazer, a menos que estivesse em perigo. Estaria em perigo? Em breve teria de explicar outra vez porque tinha incinerado o meu pai. Fechei a boca e não gritei. Lembro-me de a mãe dizer que, se dissermos a verdade, nada de mau pode acontecer.

Ouvi barulho à porta do quarto.

— Quem é? — perguntei.

— Sally, vou deixar umas toalhas verdes na casa de banho para ti. O chuveiro é fácil de usar. Vemo-nos lá em baixo ao pequeno-almoço daqui a vinte minutos, mais ou menos, está bem?

Era a voz da Nadine. Ela era a esposa da Angela. Já a tinha encontrado em Carricksheedy várias vezes. Era mais nova do que a Angela e usava o cabelo loiro comprido num rabo de cavalo. Passeava os cães, tomava conta das galinhas e era *designer* de mobiliário. Eu não gostava dos cães e passava sempre para o outro lado da rua.

— Pusemos os cães na rua, por isso não precisas de te preocupar, está bem?

O pai foi ao casamento delas. Eu também fui convidada, mas não fui. Era muita confusão.

A casa de banho delas era como as que se veem nos hotéis dos filmes, ou num anúncio de casas de banho. Sentei-me na sanita e depois lavei as mãos e os dentes antes de entrar para a grande cabina de chuveiro com uma parede de vidro. Em casa tínhamos uma casa de banho grande e outra mais pequena só com sanita, e o chuveiro era uma bicha de borracha ligada às torneiras da banheira. Por causa da conta da eletricidade, o pai não gostava que tomássemos banho de imersão mais do que uma vez por semana, por isso remediávamo-nos com o chuveiro. O chuveiro da Angela e da Nadine era ótimo. Quando acabei, penteiei o cabelo no quarto, preendi-o e vesti-me, fiz a cama e desci para o andar de baixo.

Estava um dia radioso. O sol entrava pelas portas de vidro e inundava o amplo espaço aberto. Moderno. Todas as paredes eram

geométricas e definiam ângulos retos nos cantos. Já tinha visto casas assim na televisão, nos «depois» dos programas de renovações de casas. O pai adorava-os. Ria-se sempre dos donos das casas. «Mais dinheiro do que juízo!», dizia ele. Ou: «Que falta de noção!»

A Angela estava junto do grelhador, a virar salsichas e *bacon*.

— Apetece-te uma fritada, Sally?

Eu tinha fome. Acabara por não comer os feijões da torrada na noite anterior, porque estava muito perturbada.

— Quero, sim, obrigada.

Estavam dois cães do lado de fora da janela a olhar fixamente para a Angela enquanto ela virava mais uma vez as fatias de *bacon*.

— Os rapazes parecem ter fome — disse a Nadine, e riu-se e acenou-lhes. Eles responderam com um latido.

— Que rapazes? — perguntei.

— Os cães, o *Harry* e o *Paul*.

— Que nomes estranhos para cães.

A Angela riu-se e disse:

— Demos-lhes os nomes dos nossos ex-maridos.

E riram-se. Eu também me ri, embora achasse aquilo um pouco desrespeitoso para com os ex-maridos.

Fiquei sete horas e quinze minutos na esquadra. Tiraram-me uma fotografia e as impressões digitais. Deixaram-me sozinha numa sala nos primeiros quarenta e sete minutos e depois entraram duas mulheres, de fato, a inspetora Catherine Mara e a inspetora-chefe Andrea Howard. Pouco depois entrou um homem carrancudo que se apresentou como Geoff Barrington, o meu advogado. A inspetora Howard ligou um gravador e todos se apresentaram para a gravação. Eu não queria olhar para elas, por isso olhei para a mesa de madeira e para os riscos que lá estavam. Alguém tinha entalhado a palavra «cabra» na mesa com maiúsculas bicudas. Era um insulto muito feio.

Pediram-me para contar a história da morte do meu pai três vezes, e eu fiquei um pouco irritada por ter de repetir várias vezes a mesma coisa. O Geoff suspirou fundo e disse que o melhor que eu tinha a fazer era responder às perguntas delas. Perguntaram-me como é que eu não sabia que um incinerador doméstico não seria suficientemente quente para queimar restos mortais humanos. Abanei a cabeça. E pediram-me para falar alto para a gravação. Eu disse que não sabia, porque queimávamos tudo o que não fosse plástico.

Depois fizeram-me perguntas sobre as cartas e porque não as lera. Uma delas riu-se quando eu disse que tinha pensado em esperar pelo meu aniversário. Nessa altura fiquei zangada.

— Porque é que se está a rir? — gritei.

O Geoff pôs-me a mão no braço, e eu sacudi-a.

— Sally, espera sempre pelo seu aniversário para abrir a correspondência?

— Não recebo correspondência — respondi.

Ele escreveu outra vez no caderno de notas e pediu-lhes que evitassem rir-se porque provocavam a sua cliente. Olhei para ele. Pareceu-me tão cansado como eu naquele momento.

A Mara perguntou-me a data de nascimento, embora já mo tivessem perguntado duas vezes. Perguntaram-me a minha verdadeira data de nascimento, mas não percebi muito bem o que queriam dizer. Depois fizeram-me perguntas sobre a minha adoção e se eu sabia quem eram os meus pais biológicos, e fiquei surpreendida porque não entendia que relevância tinha aquilo. Eu disse-lhes que os meus pais me tinham adotado numa agência quando eu tinha 6 anos e que nada sabia acerca dos meus pais biológicos. Perguntaram-me quais eram as minhas primeiras recordações e eu disse-lhes que eram de quando soprei as velas do meu sétimo aniversário. Perguntaram de muitas maneiras diferentes se me lembrava de alguma coisa antes disso e eu disse que não, depois pediram-me que tentasse lembrar-me e eu disse-lhes que o meu pai sempre me dissera que não tenho de me lembrar das coisas de que não quero lembrar-me.

— Mas — disse a Howard — de certeza que se lembra de alguma coisa da sua infância.

Abanei a cabeça. Pediram-me para falar alto para a gravação.

— Não me lembro de nada antes do meu sétimo aniversário — disse eu. O Geoff pediu para falar com elas fora da sala.

Pouco depois, a Angela entrou com um hambúrguer e batatas fritas que trouxe do Supermacs. Estava outro agente de pé a um canto da sala. Ofereci-lhe batatas fritas, mas ele recusou.

— Você é simpática — disse ele.

Gostei dele. Era um bocadinho parecido com o Harrison Ford quando era novo. Eu teria gostado de falar com ele. Mas ele calou-se e ficou a olhar para os sapatos. Eu também olho para os sapatos quando me sinto pouco à vontade.

A Angela disse-me que a polícia ia ficar em minha casa mais alguns dias e que eu podia ser acusada de um crime.

— Que crime? — perguntei.

Ela não respondeu.

— Deixa o Geoff fazer o seu trabalho. Ele está a defender os teus interesses da melhor maneira possível.

Passei cinco noites na casa da Nadine e da Angela. O Geoff falava sobretudo com a Angela e ignorava-me, o que me agradava na maior parte das vezes, mas estavam sempre a falar sobre mim. A Angela assegurava-se ocasionalmente de que eu compreendia o que estava a ser dito, mas ele não me dirigia a palavra, com exceção da última vez, quando estivemos no seu escritório na cidade de Roscommon e ele tentou dar-me um aperto de mão quando se despediu, e eu retirei a minha. É mais fácil olhar para uma pessoa quando essa pessoa não está a olhar para nós. Ele era bonito e suponho que fez bem o seu trabalho, porque disse que, dadas as circunstâncias, a acusação de descarte ilegal de restos mortais humanos seria muito provavelmente retirada. A Angela disse que era por causa da minha doença.

O Geoff e a Angela concordavam que não seria legalmente possível ela tornar-se a minha tutora legal ou eu ser colocada sob tutela judicial por ser adulta e quase sempre ter tomado as minhas próprias decisões, mesmo que algumas fossem «erradas». Mas o Geoff disse que o tribunal poderia impor a condição de que, se eu vier a ter um dilema sério no futuro, tenha de consultar a Angela ou um tutor. Por exemplo, se um dia pensasse em voltar a incinerar um corpo, a Angela avaliaria a situação e dir-me-ia o que fazer. Achei que aquele não era um bom exemplo. Muito dificilmente passaria por aquele rebuliço outra vez.

O Geoff disse que o meu pai me tinha deixado dinheiro em testamento. Não sabia quanto, ao certo, porque muito do dinheiro estava investido em ações e obrigações, e que ele ia desvendar tudo, mas «o suficiente para se manter durante bastante tempo, se tiver cuidado», disse ele. Mas a partir de agora terei de pagar a taxa de saneamento e separar o lixo em orgânico, reciclável, plásticos e vidro. Terei caixotes de cores diferentes para cada um, terei de os deixar do lado de fora do portão em semanas alternadas e os homens do lixo virão e levá-los-ão em camiões malcheirosos. O carteiro entregará o correio em casa, mas garantiram-me que nunca entraria. A Angela diz que dá mais jeito.

Naquela altura, não gostava de estar sozinha em casa, porque

havia sempre pessoas a bater-me à porta. Queriam entrevistar-me ou que eu lhes contasse «o meu lado da história». Estavam muito mais interessadas na minha adoção do que no facto de eu ter deitado fogo ao meu pai. Isto deixou-me confusa. O que tinha uma coisa que ver com a outra?

Agora toda a gente em Carricksheedy olhava para mim. Algumas pessoas sorriam e inclinavam a cabeça de lado, compreensivas. Algumas passavam para o outro lado da rua quando me viam, o que, para mim, não fazia mal nenhum. Algumas começaram a cumprimentar-me, e até os jovens que costumavam estar na Texaco levantavam os olhos dos ecrãs dos telemóveis e diziam: «Olá, Mary!»

O meu nome é Sally, independentemente do que as pessoas me chamassem.

A polícia deixou a casa num caos. Não me contive e gritei quando a vi. A Angela e a Nadine estavam comigo. A Angela fez-me respirar fundo e contar até me acalmar, e depois pusemo-nos a arrumar a casa. Ao fim de algum tempo, pedi-lhes para se irem embora, porque não sabiam o sítio exato das coisas, e era mais fácil fazê-lo eu mesma.

Quando se foi embora na terceira noite depois de eu voltar para casa, a Angela disse que viria duas vezes por semana para me ver e que eu era sempre bem-vinda na casa dela. Entregou-me a primeira parte da carta do pai. Disse que eu não devia sentir-me arrependida nem triste. Por essa altura, já eu sabia que tentar queimar o corpo do pai fora um erro. Toda a gente mo disse. Quando me dizem claramente uma coisa uma vez, sem brincadeiras nem ambiguidade, compreendo perfeitamente. Quem os ouvisse falar, até parecia que era uma coisa que eu fazia há anos, andar a queimar corpos por aí. Foi só um corpo, e ele tinha-me dito para o fazer, mais ou menos.

Quando a casa ficou finalmente em ordem, eram oito da noite do dia 13 de dezembro e eu sentei-me para ver *Holby City*. Naquele episódio, era o aniversário da Essie, e lembrei-me de que também era o dia do meu aniversário. Pus a série em pausa. Como pudera esquecer-me? Nunca me esqueço. Mas tinha havido muitas distrações.

Ao longo da última década, eu fazia o meu próprio bolo de anos com uma receita tirada do livro de receitas da Delia Smith. Embora a soubesse de cor, gostava de ir buscar o livro. Gostava da Delia. Na fotografia da capa, ela estava sorridente e com uma blusa vermelha. Eu sempre tivera pelo menos uma blusa como a dela. De tom vermelho-vivo e abotoada até ao pescoço. Ela era fiável. Eu achava que, se um dia viesse a ter uma grande amiga, seria alguém como a Delia.

Era demasiado tarde para começar a fazer um bolo de aniversário, mas eu tinha 43 anos. Decidi ler a primeira carta do pai quando *Holby*

City terminasse. Quando acabou, desliguei a televisão. Tinha duas páginas. Sempre que o pai recebia uma carta comprida, costumava beber um copo de *whisky* enquanto a lia. Agora era eu a responsável pela casa e estava na hora de fazer as coisas como o pai as fazia, exceto queimar o lixo, obviamente.

1 de novembro de 2017

Querida Sally,

Acho que ambos sabíamos que este dia não demoraria a chegar e lamento se estiveres triste com isso, mas compreendo se não estiveres.

A primeira coisa que deves fazer é ligar à Dra. Angela Caffrey. O número dela é 085-5513792. Diz-lhe que morri. Ela pode ficar surpreendida, porque há muito tempo que não estou com ela, mas, tal como tu, não gosto de confusão e as receitas que me tens aviado em Roscommon mantiveram-me sem dores. Receava que a minha mente pudesse começar a fugir-me, mas quando for para a cama esta noite, acho que talvez lá fique até ao fim. Levantar-me e vestir-me tem-me custado muito nos últimos tempos, e eu sei que serás uma linda menina e me trarás as refeições e cuidarás de mim.

Tenho cancro do pâncreas. Começou com uma dor nas costas há alguns meses e um médico em Dublin confirmou que era terminal. Acho que já está muito avançado, por isso já não deves ter de cuidar de mim muito mais tempo. Se levar mais de seis semanas, vou pedir-te que telefones à Angela para me mandar levar para uma horrível unidade de cuidados paliativos. Peço-te que também a chames se eu perder a consciência. Sei que não gostas de falar ao telefone, mas vais fazê-lo, porque és uma rapariga inteligente.

No que diz respeito aos preparativos para o meu funeral, apercebi-me de que nunca fui claro quanto aos pormenores, por isso liga, por favor, à agência funerária O'Donovan's em Roscommon. A Angela ajuda-te a fazer isso. O normal seria eu ser enterrado com a tua mãe em Dublin, em Glasnevin, mas sabes que não gosto muito de Dublin. Tu e eu somos parecidos nisso.

As contas estão todas pagas. Tens uma conta bancária no banco AIB na cidade de Roscommon. O gerente é o Stuart Lynch. Ele será compreensivo e há dinheiro mais do que suficiente nessa conta para te aguentares até ser provada a validade do testamento e tu herdases tudo. A tua mãe era de uma família abastada, e temos vivido frugalmente para que tu pudesses ter uma vida sem preocupações depois da minha morte. O nosso advogado é o Geoff Barrington, de Shannonbridge. Ele sabe tudo o que precisa de saber

sobre ti, e vai garantir que cuidem bem de ti. Ele sabe coisas que tu não sabes, mas falamos sobre isso mais tarde.

Gostaria que as exéquias tivessem lugar na St. John's Church of Ireland, em Lanesborough. É uma igreja muito bonita e o cemitério é agradável. Não vou fazer muitas exigências, mas gostaria que pedisses ao coro para cantar «Be Thou My Vision». Cantei no coro da escola quando era rapazinho. Essa era a minha canção preferida, porque mudávamos algumas das palavras para nos rirmos. Oh, valha-me Deus, pregávamos umas boas partidas naquele tempo. Estou a divagar.

Não tens de ir ao funeral se não quiseses, mas gostaria que estivesses lá se achares que consegues. Penso que não haverá mais de dez pessoas presentes e tu conhece-las todas. Talvez apareçam algumas das coscuvilheiras de Carricksheedy, mas podes ignorá-las. Acho que já te dei trabalho que chegue e vais ter uma semana atarefada, por isso gostaria que levasses as coisas com calma. Por favor, não leias a parte seguinte da carta até à próxima semana.

O teu pai que te ama

Acabei o whisky e telefonei à Angela.

— Tem de haver um funeral — disse eu.

— Eu sei, querida. Não leves a mal, mas já pus as coisas a andar. Tenho uma cópia da carta do teu pai aqui. Já telefonei para a agência funerária. O médico-legista já concordou em libertar o corpo assim que quisermos, por isso não temos de planejar muita coisa. O único problema é que a Igreja de St. John não tem coro. Eu não sabia que o teu pai ia à igreja.

— Não ia, mas às vezes, no verão, quando a mãe era viva, fazíamos piqueniques lá.

— No cemitério?

— Às vezes.

— Queres ir, Sally?

— Não, mas vou.

— É só que, como foi uma história falada a nível nacional, pode haver...

— Ele queria que eu fosse.

— Eu sei, mas...

— Eu vou. Tu e a Nadine podem vir também, por favor?

— Claro que sim. Mas...

— Obrigada. Já tens uma data?

— Estava à espera de que lesses a carta e depois decidisses.

— Pode ser amanhã?

— Acho que não dá tempo para tratar de tudo. Talvez na próxima terça-feira?

— Isso é daqui a quase uma semana.

— Não me parece que possa ser antes disso. Tenho de avisar a polícia.

— Porquê?

— Há muita gente interessada em ti, Sally. Suponho que não te dê conta de como é invulgar queimar o corpo do pai, e há outras coisas... nas cartas.

— Quer-me parecer que o meu nome de batismo é Mary. Algumas pessoas já me cumprimentaram na rua com esse nome.

— Por favor, não compres jornais nem oiças rádio nem vejas televisão.

— Porquê?

— Estão a fazer muitas notícias e muito do que andam a dizer é especulação. Seria impossível que alguém descobrisse a verdade. Os factos estão apenas nas cartas do teu pai.

— Só posso ler outra na semana que vem. — A Angela suspirou profundamente. — Tenho de desligar. Está a dar o *Line of Duty: Lei e Corrupção* — disse eu.

— Está bem, querida. Queres que eu vá aí amanhã? Precisas de alguma coisa?

— Não. Obrigada. — Desliguei.

Na manhã do sábado seguinte, estava eu a lavar o chão da cozinha com a esfregona quando ouvi um barulho lá fora e vi um rapaz a passar de bicicleta junto à janela da cozinha na parte de trás da casa, pedalando por cima da erva irregular, em direção ao celeiro. Foi seguido momentos mais tarde por mais dois rapazes e uma rapariga mais pequena sentada no cesto de trás da bicicleta de um dos rapazes. Não me pareceu nada seguro. Não sou grande coisa a adivinhar a idade das pessoas, mas calculei que os rapazes deviam ter entre 12 e 18 anos. Uns magricelas, outros negros e outros sardentos.

Abri a porta das traseiras e saí.

— Caraças, é ela! — gritou o magricela, e a rapariga deu um berro. Os rapazes viraram as bicicletas e pedalarão furiosamente para a lateral da casa. — A estranha da Sally Diamond! — gritou o rapaz das sardas ao desaparecer da vista. O rapaz negro mal via por onde ia e bateu na pá que estava em cima da erva. Ao fazê-lo, a rapariga caiu do cesto da parte de trás da bicicleta e bateu com a cabeça no cabo da pá quando esta se levantou com o peso dele e da sua bicicleta. Parecia uma coisa saída de um desenho animado do Bugs Bunny. Ele nem parou. Os rapazes desapareceram a alta velocidade.

Eu esperava que a rapariga chorasse. Estava a gritar histericamente desde que me vira. Mas ficou estendida na erva, imóvel e em silêncio.

Fui até junto dela com cuidado. Tinha os olhos fechados. Pus-lhe a mão na cara e estava quente. Envolvi-lhe o peito fino com o meu braço e vi que subia e descia com a batida do coração. Não estava morta. Suspeitei de um traumatismo. O pai tinha-me dado um curso de primeiros socorros, e todos os anos no dia 1 de outubro atualizávamo-lo. Era para me proteger, dizia ele, mas também disse que podia ajudar outras pessoas se me deparasse com um acidente. Nunca me tinha deparado com um acidente até então. Levantei-lhe a cabeça e, claro, senti um inchaço na parte de trás. Não havia sangue. Não parecia haver motivo de alarme no imediato. Levantei-a do chão e transportei-a, com um braço debaixo das pernas e o outro a segurar-lhe a cabeça por cima do meu ombro. Levei-a para dentro e deitei-a no sofá da sala. Cobri-a com uma manta para a manter quente, porque

ainda não tinha acendido a lareira, e depois fui buscar gelo ao congelador da cozinha. Despejei uma cuvette de cubos de gelo para uma toalha de mãos limpa e voltei para a sala. Levantei-lhe a cabeça cuidadosamente e apliquei o saco de gelo improvisado no inchaço. Os seus olhos abriram-se assustados e arregalaram-se em choque quando me viram. Voltou a gritar e eu percebi que ela estava com medo.

— Dói? — perguntei.

Afastou-se atabalhoadamente para trás para fugir ao meu toque, e dei-me conta de que não me incomodara o facto de tocar, segurar ou transportar aquela rapariga enquanto esteve inconsciente. Estendi-lhe o saco de gelo e disse:

— Segura isto contra a parte de trás da cabeça e deita-te quieta durante um bocado. Estás com um traumatismo. Tenho de telefonar à Dra. Caffrey. Queres um copo de *brandy*?

Ela abanou a cabeça e depois gemeu.

— Tens de tentar ficar quieta. Estás a fingir que não sabes falar? Eu faço isso a toda a hora. És como eu?

Ela ficou a olhar fixamente para mim e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Tinha uma carinha bonita. Após alguns segundos, os lábios tremeram-lhe e depois ela disse:

— Quero a minha mãe.

Suspirei.

— Também eu, mas só notei recentemente, depois de o meu pai morrer. A tua mãe está viva?

— Está. — A voz ficou-lhe mais aguda. — Podes telefonar-lhe, por favor?

Ah. Uma pergunta. Uma pergunta de que não gostei. Eu não gostava de falar ao telefone com estranhos.

— Vou telefonar à Dra. Caffrey e ela telefona à tua mãe, está bem?

— Está bem.

Lembrei-me de que as crianças gostam de coisas doces.

— Queres uma bolacha de chocolate?

— Podes telefonar primeiro à minha mãe?

— Está bem.

Fui buscar o telefone ao escritório do pai e trouxe-o para a sala. Ela estava agora sentada na cadeira do pai do outro lado da sala, mas estava com a toalha de gelo na cabeça.

Quando lhe ia pedir o número, ela perguntou:

— Posso telefonar eu?

Pareceu-me uma boa ideia. Passei-lhe o telefone. Ela digitou o número furtivamente. Acho que não queria que eu visse o número.

— Mãe, podes vir buscar-me, por favor? Estou em casa da... — levantou os olhos para mim — da estranha da Sally Diamond... Sim, eu sei. Ela está aqui... na sala comigo. Eu estava na bicicleta do

Maduka. Ele estava a ir muito depressa e eu caí da bicicleta... Não sei onde ele está... Por favor, vem-me buscar... Depressa... Não — sussurrou ela —, mas perguntou-me se tu estavas morta. Não sei... O Maduka, o Fergus e o Sean queriam ver onde ela... tu sabes... — levantou os olhos para mim outra vez — Onde ela o fez...

Foi então que uma pedra voou pela janela da sala, deixando o vidro em estilhaços e aterrando junto aos meus pés. Olhei lá para fora e vi dois rapazes brancos a pegar em pedras do caminho de gravilha e a atirá-las à janela. A miúda baixou-se na cadeira. As costas da cadeira escudavam-na dos estilhaços voadores.

Corri para a porta da frente.

— Solte-a! — disse o rapaz das sardas.

— Ela tem um traumatismo porque tu, Maduka — aponte para o rapaz negro — a deixaste cair da tua bicicleta e ela bateu com a cabeça. Está ao telefone com a mãe neste momento.

— Oh, pá, vou ter tantos sarilhos.

— Partiram-me a janela. Pousem essas pedras no chão já.

— Sally Diamond assassina! — disse o magricela, mas pousaram as pedras.

A miúda veio à porta. Continuava com o telefone na mão. Olhou para mim e passou-me o telefone.

— A minha mãe quer a morada.

Eu não queria falar com a mãe dela. Não queria aquelas crianças na minha propriedade e não queria ficar com a janela partida.

— Tu — disse eu, apontando para o Maduka — diz-lhe onde vivo.

O Maduka aproximou-se e também lhe vi medo no rosto.

Tirou-me o telefone.

— Olá, mãe. — disse ele em voz baixa, e afastou-se com o telefone. Não olhei para a cara dos outros dois, mas reparei que pegaram nas bicicletas e se escapuliram devagarinho pelo acesso de gravilha em direção ao portão. Quando o Maduka me entregou o telefone, já eles tinham desaparecido. O Maduka e a miúda ficaram sentados no sofá enquanto eu recolhia o vidro partido e acendia a lareira. Sussurravam um para o outro enquanto eu cortava um pedaço de cartão e o colava na janela.

Depois dei-lhes bolachas de chocolate e cada um tirou a sua, cheirando-as primeiro, e a seguir o Maduka lambeu a dele e acenou que sim à miúda e ambos comeram as bolachas à pressa, deixando cair migalhas no colo. Ficámos sentados em silêncio.

A determinada altura, o Maduka tossiu e disse:

— Você fez mesmo aquilo?

Evitei olhar para eles.

— Fiz o quê?

Normalmente não sou boa a adivinhar, mas fazia ideia do que ele

ia perguntar.

— Matar o seu próprio pai e depois queimá-lo? Quer dizer, queimou-o vivo?

— Não, não queimei. Ele estava morto de manhã quando lhe levei o chá, por isso pu-lo no lixo, já que nós incineramos a maior parte dos nossos resíduos. Achei que era o melhor que tinha a fazer.

— Tem a certeza absoluta de que não o matou?

— Cem por cento. Verifiquei-lhe o pulso. Nada. A polícia concordou que não o matei. Errei ao queimar o corpo. Não sabia que não devia fazê-lo. Se o tivesse matado, estaria na prisão, não é verdade?

— Não foi isso que disseram na escola.

— As escolas estão cheias de mentirosos. Quando eu andava na escola, toda a gente mentia sobre mim. Era um sítio horrível.

As crianças entreolharam-se. O Maduka disse:

— O Fergus disse que eu tenho um cheiro diferente.

— A quê?

— Não sei... Talvez cheire... mal.

Abeirei-me dele sem me aproximar demasiado e cheirei o ar.

— Estás a ver? São mentirosos. Não cheiras a nada. Porque andas com patetas como o Fergus? Ele era o sardento?

— Não, é o alto.

A rapariga sorriu.

— O meu nome é Abebi.

— Não pareces bebé^[1].

Ela deu um risinho e soletrou o nome. Eu sorri-lhe de volta.

— Eles também dizem que tu tens um cheiro diferente?

— Não, mas algumas meninas dizem que devia estar sempre a lavar-me para a minha cara ficar branca.

— Que parvas.

A mãe veio buscá-los. Primeiro ouvi e depois vi o carro a entrar no caminho de acesso à casa. Eu disse-lhes que podiam sair. O rapaz disse:

— Vou fazer o Sean e o Fergus pagar-lhe a janela. Eu disse-lhes que não atirassem pedras, mas não me deram ouvidos.

— Eles trabalham?

— Não. Só temos 12 anos — disse ele.

— Então, pago eu a janela. Tenho muito dinheiro, agora.

Ele sorriu.

— Obrigado.

— Querem vir ao funeral do meu pai na terça-feira?

A Abebi levantou os olhos grandes para mim.

— Temos escola.

— Se fosse eu, não me dava ao trabalho de ir à escola — disse eu.

— É uma perda de tempo.

A mãe estava lá fora a pôr a bicicleta do rapaz na bagageira do carro. Não se aproximou da porta, mas estava a esticar o pescoço para me ver. Fiquei um pouco atrás da porta, fora de vista. Era uma senhora branca. Ouvi-a a gritar para as crianças:

— Despachem-se. Saiam daqui. Esperem até chegarmos a casa!

Fiz o exercício de me colocar no lugar da mãe e apercebi-me de que devia ter medo. Talvez muitas pessoas tivessem medo de mim. Com exceção talvez daquelas duas crianças. Eu gostava deles. O Maduka e a Abebi. Esqueci-me de perguntar à Abebi que idade tinha. Gostava de saber. Gostava de saber em que tipo de casa viviam e que programas de televisão viam e se o pai deles era bom como o meu.

[1] Trocadilho com a sonoridade do nome Abebi, que, em inglês, é semelhante a «a baby». [N. T.]

No dia seguinte, bem cedo, bateram à porta. Era a Angela. Tinha as sobrancelhas franzidas e os lábios apertados numa linha fina. Aquilo queria dizer que estava zangada.

— Sally! Onde é que tinhas a cabeça? Não podes receber crianças desconhecidas em tua casa!

— Não os convidei. Eles entraram na propriedade. Tratei uma delas porque tinha um traumatismo e dei-lhe bolachas de chocolate.

— Disseste-lhes que não fossem à escola!

— Gostei delas.

— Pois, mas custou-me bastante acalmar a mãe e explicar-lhe a tua situação. Sally, por favor, tenta pensar nas consequências das tuas palavras e ações, especialmente com crianças. Sou médica a tempo inteiro. Tive de pedir a alguém que me substituisse na semana passada enquanto tratava da tua crise.

— Que crise?

Tinha a cara vermelha, mas logo se lhe abriu num sorriso e depois ela riu-se alto.

— Sally, tu és uma crise, ainda que não tenhas qualquer intenção de o ser. Olha, se tiveres dúvidas sobre alguma coisa, tens de me perguntar, está bem?

— Mas não tenho dúvidas sobre nada.

— É disso que tenho medo. A Sra. Adebayo já compreendeu a situação, mas só conhecia os rumores de que tu tinhas matado o teu pai. Consegui convencê-la e, felizmente, as crianças até disseram que tinhas sido simpática com elas.

— Foram os rapazes brancos que me partiram a janela.

Mostrei os estragos à Angela e pedi-lhe que chamasse um vidraceiro.

— Sally, sei que é difícil para ti, mas vais ter de aprender a fazer as coisas por ti própria. Como chamar o vidraceiro. Céus, não tens telemóvel, pois não? Nem um portátil. Mas sabes procurar nas Páginas Amarelas? Ainda as tens? Vi-as na mesa da entrada.

Assenti com a cabeça.

— Então procura um vidraceiro que seja daqui da zona e pede-lhe

que venham arranjar-te a janela.

Comecei a andar para trás e para a frente na sala.

— Sally, eu sei que o teu pai tinha boas intenções, mas protegia-te demasiado. Devias ter ido para a universidade. A Jean tinha razão.

Jean era o nome da minha mãe. Ela e o meu pai tinham tido discussões sobre eu ir para a faculdade ou não. O pai ganhara.

— Não gosto de falar com desconhecidos.

— Ora, ontem trouxeste dois desconhecidos para dentro da tua casa, e não tiveste problema nenhum em falar com eles. Convidaste-os para o funeral do teu pai?

— Convidei.

— Porquê? São crianças.

— Gostei deles.

— Então, aí tens. Não antipatizas com todos os desconhecidos.

Eu não tinha pensado no assunto daquela maneira.

— Por isso, encontra um vidraceiro em Roscommon e pede-lhe para arranjar a janela, está bem?

— Mas e se o homem for mau, ou se me atacar, ou se for um daqueles que pensa que matei o meu pai?

— A maior parte das pessoas sabe a verdade, e as que não sabem são, bem...

— Têm medo de mim?

— Eu diria que o vidraceiro manda cá alguém, arranja a janela e sai logo que possa.

— Então, não vou ter de lhe fazer uma chávena de chá?

— Não terás de lhe fazer nada senão pagar-lhe.

— Em dinheiro?

— Sim. Provavelmente prefere dinheiro. Olha, tenho de ir. Vou chegar atrasada ao trabalho. Telefona-me só se houver problemas. Põe o telefone corretamente no descanso para eu não ter de andar sempre a vir cá a casa. Vejo-te terça-feira no funeral, mas estou ocupada.

Eu sabia que devia pedir desculpa.

— Desculpa, Angela.

— Felizmente já não andas nas bocas do mundo. O circo mediático já seguiu em frente. Um vereador foi acusado de receber seis milhões de euros em subornos e um homem de Knockcroghery assassinou o melhor amigo ontem. Tenho de ir. Adeus! E foi-se embora, deixando um aroma de frescura ao passar. Eu gostava daquele cheiro. Ela estava sempre limpa.

Ao entrar no carro, gritou:

— Ah, e vamos ter de ver como é o Natal. Vais passá-lo lá a casa connosco.

O primeiro telefonema para o vidraceiro não foi tão difícil como eu

tinha imaginado. Ensaiei algumas vezes antes de pegar no telefone. As indicações para chegar a minha casa foram a parte mais difícil. Havia uma taxa de deslocação de oitenta euros por eu viver tão longe de Roscommon e depois teria de pagar o vidro e o tempo gasto a pô-lo, e eu ia ter de medir a janela e voltar a telefonar. A voz da mulher era agradável e estrangeira, embora eu não conseguisse dizer de onde.

Medi a janela e voltei a telefonar à senhora. Desta vez, a atitude foi diferente, e, como eu não conseguia ver-lhe a cara, não conseguia perceber qual era o seu estado de espírito. Ela verificou o meu nome e morada novamente, e depois perguntou se eu era a filha do Thomas Diamond.

— Sou — respondi.

— Muito bem — disse ela. — O Alex estará aí da parte da manhã por volta das dez horas.

O Alex chegou à hora certa, arranjou a janela e foi-se embora em menos de uma hora. Mal falou comigo e eu fiquei na cozinha. Contei o dinheiro e depois ele disse, ou balbuciou:

— Lamento a morte do seu pai.

— Eu não devia ter tentado incinerá-lo. Foi um mal-entendido.

Ele não disse mais nada, entrou na carrinha e foi-se embora.

O funeral foi na terça-feira, 19 de dezembro. Fui no meu carro até à igreja, apesar da oferta da Angela. Ela disse que era normal ir em cortejo atrás do carro funerário, mas eu não via sentido nisso. Dois agentes da polícia ficaram aos portões e mantiveram os fotógrafos longe da cerimónia. Ao contrário do que a Angela tinha previsto, eu continuava a ser o alvo das atenções. Reparei em pessoas de telemóvel apontado para mim ao chegar à igreja. Toda a aldeia deve ter parado, porque estava lá toda a gente. Não sabia a maior parte dos nomes, mas reconheci todas as caras.

Eu vesti o casaco preto que a mãe usava nos funerais. Tinha um vestido verde por baixo (também da mãe), porque ela foi enterrada com o vestido preto. Também estava com as minhas botas pretas e uma boina vermelha com lantejoulas que o pai tinha dito que era para ocasiões especiais. Já a usara uma vez quando fomos à Reserva Natural da Ilha de Fota, a mãe ainda era viva. Foi um bom fim de semana. Mas esta também era uma ocasião especial.

Todas as caras que reconheci quiseram pegar-me na mão e apertá-la. Eu retirei-a bruscamente de cada vez que o tentaram, mas a Angela aproximou-se de mim.

— Apertar a mão é uma forma de eles mostrarem compreensão pela tua perda. Por favor, tenta permitir que o façam. Já agora, gosto do teu chapéu. Acho que o teu pai teria aprovado.

Eu já tinha visto funerais na televisão. Sabia que era expectável que as pessoas apertassem a mão, chorassem e assoassem o nariz. Pedi à Angela que me desse um dos seus comprimidos.

Depois deixei que cerca de quarenta pessoas me apertassem a mão. No meio daquilo tudo, a Angela sibilou-me:

— É suposto que também lhes apertes a mão.

Não gostei. Não me agradava a presença de todas aquelas pessoas ali. Tenho a certeza de que algumas delas mal conheciam o meu pai, mas todas tinham alguma coisa a dizer sobre ele.

— Ele foi importante para nós quando a mãe teve o colapso nervoso, que Deus a tenha.

— Estava sempre atento a um bom negócio.

— Se não fosse o seu pai, eu estaria no fundo do rio — disse um idoso de olhos vermelhos e rastos de lágrimas.

Eu sabia que, no passado, o pai via muito ocasionalmente doentes da mãe quando ela assim lho pedia.

A Nadine afastou-me pelo cotovelo. Não me importo que as pessoas me toquem no cotovelo.

— Vieram uns amigos teus — disse ela, e eu não sabia a quem ela se referia, mas, por trás da multidão de gente local, vislumbrei a Abebi, o Maduka e a mãe e, presumivelmente, o pai.

Ignorei as outras pessoas e fui direita a eles. O Sr. Adebayo disse:

— O meu nome é Udo e já conheceu a minha mulher, a Martha. Quero apresentar-lhe as minhas condolências e pedir desculpa por os meus filhos terem entrado na sua propriedade no sábado. O Maduka admitiu no caminho para cá que os amigos lhe partiram a janela. Por favor, permita-nos que a reembolsemos pelos danos.

Ele falava depressa. Acho que o sotaque era nigeriano. Então, as crianças não eram adotadas como eu. O Maduka tinha o rosto banhado em lágrimas.

A Martha disse então:

— Já os avisámos para não voltarem a importuná-la.

— Não é preciso pagarem-me a janela. Já está arranjada e paga. O vidraceiro teve medo de mim. Acho que os rapazes estavam com receio de que eu metesse a Abebi no incinerador. Não têm culpa.

Lá estava eu a falar demais. E depois fiz outra coisa invulgar. Estendi a mão e acariciei o rosto do Maduka.

— São bons meninos. Acho que os amigos não eram. O Sean e o Fergus.

Tenho excelente memória.

— Os meus pais já não me deixam brincar com eles — disse o Maduka. A Martha murmurou qualquer coisa sobre eles serem uma má influência.

— Achei que o mínimo que os nossos filhos podiam fazer era vir aqui para mostrar como estavam arrependidos de tudo — disse a Martha. A Abebi soltou a mão da mãe e olhou para cima, para mim.

— Vamos fazer a peça de Natal na quinta-feira. Vou fazer de Virgem Maria. Quer vir ver-nos?

Eu estava a pensar no convite quando a chegada do carro funerário atraiu a nossa atenção. Tentei pensar na confusão que estava dentro do caixão. Pobre pai. Devia ter telefonado à Angela naquele dia. Mas ele devia ter escrito no envelope «Para Ser Aberto no Dia da Minha Morte». Com letras maiúsculas. Sublinhado.

Toda a gente que estava no cemitério ficou em silêncio e a Angela conduziu-me para trás do carro funerário, onde estavam a descarregar

o caixão para um carrinho rebatível. Caminhámos atrás dos agentes funerários e seguimo-los até uma igreja bonita. A Nadine disse-me que tinha tratado das flores. Achei que era um desperdício comprar flores para um morto, mas também sabia que não devia dizer tudo o que me passava pela cabeça em voz alta. O padre de faces rosadas veio apertar-me a mão. Meti as duas mãos nos bolsos.

Ele tinha-me pedido para ir falar com ele na noite anterior, mas, pelo telefone, eu disse-lhe que não gostava de falar com estranhos. Ele recordou-me que já nos tínhamos encontrado várias vezes quando eu era pequena e ia à igreja com a mãe. Respondi-lhe que, ainda assim, continuava a ser um estranho, por isso ele concordou em discutir os preparativos pelo telefone. Fez-me algumas perguntas sobre o pai e eu respondi.

— O número de pessoas que vai à nossa igreja diminui de ano para ano. Será que poderia ponderar ir, mesmo que só de vez em quando?

— Não — disse eu. — É muito chato.

A igreja estava muito quente. Acho que nunca deve ter tido tantos católicos lá dentro. Eu era tecnicamente anglicana, mas eu e o pai concordámos há uns anos que éramos ateus.

Sentámo-nos no banco da frente e eu fiquei entre a Nadine e a Angela. A Sra. Sullivan, a chefe dos correios, e a Maureen Kenny e o marido, o talhante, ficaram atrás de nós. O Ger McCarthy ficou sentado no banco à nossa frente. Nunca o tinha visto de fato. E até fez a barba. Procurei o Maduka e a Abebi, mas deviam estar sentados lá mais para trás.

Foi a cerimónia habitual e monótona, só que o caixão estava à nossa frente. O padre fez um sermão sobre como o meu pai tinha sido um membro importante da comunidade, o que foi surpreendente de ouvir, já que o meu pai evitava a comunidade tanto como eu. A Angela fez um discurso em que recordou a minha mãe e disse que, independentemente dos erros cometidos depois da morte do meu pai, ele estaria orgulhoso de mim. Seguiu-se um aplauso respeitoso, e eu soube que a Angela tinha razão, porque o pai dizia muitas vezes que estava orgulhoso de mim. Sorri para a Angela.

Depois da cerimónia, saímos para o cemitério onde costumávamos fazer piqueniques. Já lá havia uma cova para o caixão do meu pai. Metade das pessoas foi-se embora nessa altura. O Ger McCarthy apertou-me a mão e disse que lamentava aquilo por que eu estava a passar. Muitas pessoas disseram essas mesmas palavras antes de se irem retirando. Depois vi a família Adebayo e fiquei contente por terem ficado. Começou a chover bastante, tal como nos funerais da televisão. O caixão foi descido até à cova e pudemos finalmente ir embora.

A Angela tinha dito que talvez as pessoas presentes esperassem ser convidadas para casa. Alguns vizinhos tinham-lhe dado comida, sanduíches, tartes e bolos. Parece que era costume. Mas eu não os conhecia. Porque haveria de os convidar para a minha casa? Disseram-me que as pessoas estavam a ir para o *pub*. A Nadine e a Angela convidaram-me para ir a casa delas, mas eu estava cansada e queria ir para a cama. Ao chegar junto do carro, a Abebi aproximou-se de mim e disse:

— Lamentamos muito pelo seu pai e pedimos desculpa por termos entrado na propriedade.

A família estava atrás dela. O Udo disse:

— Se precisar de alguma ajuda lá em casa, tenho a certeza de que o Maduka gostaria de dar uma mãozinha, ou eu, se for difícil para ele.

— Só lhe peço um favor... — disse a Martha — Não lhes diga para não irem à escola. Eles gostam da escola.

Eu não disse nada por instantes e depois perguntei:

— Eles podem vir lá a casa tomar um chá uma destas tardes depois da escola?

A Martha olhou para o Udo. A Abebi meteu a mãozinha macia na minha e eu deixei.

— Não sei. Têm trabalhos de casa... — disse a Martha.

— Eu era ótima com os trabalhos de casa. Talvez possa ajudá-los.

— Vemos isso depois das férias?

— Como vão passar o Natal?

Era uma pergunta corriqueira, que ouvi de muitas das pessoas presentes. Eu não queria que a conversa acabasse. Muito invulgar para mim.

— O dia normal em família. Missa de manhã. Depois o Pai Natal, peru, crianças empanturradas de doces e um filme na televisão à noite.

— Posso passá-lo convosco? — perguntei.

A Angela estava atrás de mim. Riu-se e tocou-me no cotovelo.

— Tens tanta graça, Sally. Não se preocupe, Martha, ela vem passar o Natal connosco.

Detesto quando as pessoas se riem de mim. Puxei pelo cabelo.

— Nem sempre digo o que devo. — De alguma forma, eu sabia que tinha cometido um erro. — Sou socialmente deficiente, sabe.

— Não fales de ti assim — disse a Angela.

Eu tinha aprendido que aquelas duas palavras eram úteis em situações de confronto ou confusão. Houve uma pausa na conversa. A Martha e a Angela estavam coradas. O meu olhar alternou entre as duas.

— Gosto do seu chapéu — disse a Martha.

— Obrigada. É para ocasiões especiais.

Cheguei a casa e fui tocar piano. Acalma-me. Mas sentia-me cansada e fui dormir a sesta. Acordei quando começava a anoitecer, lembrando-me de que era quase o dia mais curto do ano. Não comia desde o pequeno-almoço. Pus alguma da comida que os vizinhos me tinham dado no frigorífico e na arca congeladora. Pensei em como eles me deviam ver. As pessoas que prepararam comida não tinham medo de mim. Duvido que a maior parte das pessoas que estavam na igreja tivesse medo de mim. A Nadine disse que eu tinha cometido um erro e que eles sabiam que eu era diferente. Sei que ela queria dizer socialmente deficiente.

Quando pus um *strogonoff* de vaca no micro-ondas (vinha com instruções úteis da «Caroline, da Texaco»), reparei que já tinha passado quase uma semana desde que lera a primeira carta do pai. Jantei e servi *whisky* num copo. A comida era saborosa. Fiquei surpreendida. O pai sempre dissera que não fazia sentido eu experimentar coisas novas, porque eu nunca estava disposta a mudar os meus hábitos. Teria de procurar a Caroline na Texaco e pedir-lhe a receita. Sou boa a seguir receitas.

Abri o envelope e tirei a segunda parte da carta do pai.

Querida Sally,

Passei a maior parte da tua vida a manter-te longe dos psicoterapeutas, psiquiatras (sem ser eu) e psicólogos.

Os meus colegas de profissão jamais o admitiriam, mas a maior parte do que fazemos não é muito científico, é mais da esfera da adivinhação. De dez em dez anos inventamos novos rótulos para categorizar as pessoas. Tu podias ter sido diagnosticada com transtorno de ansiedade ou TSPT. Alguns até podiam dizer que tinhas um transtorno do espectro autista, ou um transtorno de apego reativo. O certo é que és um pouco diferente, é só isso.

Tu és tu. Tão única e diferente como todas as outras pessoas do planeta. As tuas diferenças não são incapacidades (embora lhes chamemos incapacidades para receber o teu subsídio da Segurança

Social), são meras peculiaridades da tua personalidade. Tu não gostas de falar ao telefone e eu não gosto de couve-flor. Somos assim tão diferentes?

Nunca consegui diagnosticar-te, porque nenhuma dessas categorias explica a pessoa que tu és. Nenhum rótulo conseguiria descrever todas as contradições do teu comportamento. Às vezes, és curiosa. Outras vezes, não queres saber. És sensível e ficas emocionada com coisas que não importariam para outras pessoas, mas podes ficar indiferente a coisas que deixariam outros de rastos. Não gostas de falar com desconhecidos, mas ocasionalmente não te consigo impedir de falar com eles; lembras-te de quando aquelas Testemunhas de Jeová apareceram cá em casa?

Na maior parte do tempo, não gostas que as pessoas olhem para ti, mas por vezes ficas a olhar fixamente para as pessoas, examinando-as (acho que queres saber mais sobre elas, mas devo lembrar-te de que isso deixa as pessoas um pouco desconfortáveis). O teu comportamento foi sempre inconsistente. E isso não é mau. Mas não encaixas em nenhum diagnóstico que eu conheça.

Agora a questão é que acho que não é avisado que vivas sozinha. Posso ter sido insensato por permitir que te autoisolasses. Não sei se alguma vez te sentes só. Os teus processos de tomada de decisão não são sempre aquilo a que chamamos «normais», e isso pode trazer-te problemas e colocar-te em situações desconfortáveis. Acho que precisas de orientação. Às vezes ficas confusa com assuntos que são importantes. A tua relutância em te aproximar das pessoas é prejudicial para ti. Sei que gostas e confias na Angela, mas não podes depender dela para tudo. Ela gere um consultório muito movimentado. E ela e a Nadine precisam de tempo juntas, por isso não podes recorrer a elas para todos os assuntos. Eu tornei-te dependente. Esse foi o meu erro.

Sinto-me responsável por seres tão solitária, e esta casa não ajuda. Já começou a deteriorar-se aqui e ali, como eu. E é demasiado isolada, como tu.

O carro não vai durar para sempre e, embora pudesses facilmente arranjar outro, acho que a tua mãe tinha razão quando disse que devíamos encontrar uma maneira de socializares. Eu sei que detestavas viver na cidade, em Roscommon, mas precisas de ter mais pessoas por perto. Não queres pensar em ir viver para a aldeia de Carricksheedy? Além disso, não precisas de uma casa com três quartos. Fui egoísta por te deixar passar tanto tempo sozinha nesta casa, tendo-me apenas a mim por companhia.

Deixámos o campo de trás ficar ermo e abandonado. Lembras-te de quando a tua mãe o cultivava como um prado de flores silvestres? Zunia com abelhas e borboletas no verão. É uma de

muitas coisas de que me arrependo: que não tivéssemos continuado esse trabalho. Inventaste uma canção sobre ele. Por favor, nunca deixes de cantar e tocar piano. Traz-te paz e, sem dúvida, pode levar alegria aos outros.

Acho que o Ger McCarthy anda de olho no terreno há uns tempos. Fez-me perguntas sobre ele há uns anos, mas tive medo de introduzir mudanças que te pudessem perturbar. Tratei-te como uma criança. Desculpa, minha querida. Ele provavelmente faria obras na casa e cultivaria a terra adjacente à sua. Já arrenda o segundo terreno de trás, como bem sabes. Eu aconselhava-te que lha vendesses, mas informa-te também com o agente imobiliário. Esta casa é um chalé com boas dimensões e divisões grandes, embora esteja negligenciada. Mas os hectares que tem à volta são férteis e ideais para o gado pastar. Embora estejamos afastados, a aldeia está a expandir-se para cá. Já há apartamentos na rua principal. Quem diria? Talvez devesse ver se há algum à venda.

O que achas de arranjar um emprego? Não consigo pensar em nada apropriado para ti, mas acho que sair de casa regularmente seria bom para ti.

A propósito, não tens de te preocupar com as contas: estão todas a ser pagas por débito direto e o Geoff Barrington vai tratar de assegurar o pagamento até à validação do testamento.

No princípio, achei engraçado fingires que eras surda. Mas agora acho que foi desavisado. Tens de falar com as pessoas. Perguntar-lhes como estão. Um simples «Como está?» é o suficiente para começar uma conversa. Tenta olhá-las nos olhos. Mesmo que não queiras saber a resposta, vais acabar por fazer amizades. A única oportunidade que tiveste de fazer isso foi na escola e, apesar da tua má experiência lá, havia umas raparigas simpáticas que te tentaram ajudar. Lembras-te delas? No mundo lá fora, vais encontrar mais pessoas gentis do que pessoas desagradáveis. Procura-as.

A Janet Roche dá aulas de pintura; seria uma boa maneira de conheceres pessoas. O Ian e a Sandra da biblioteca de Roscommon estão metidos em toda a espécie de grupos e sei que dão aulas para ensinar as pessoas a usar computadores. Não tem custos. Se fosse a ti, começava por aí.

É tudo por agora, minha querida. Passa uma boa semana. Antes de abrires a última carta na próxima semana, quero que faças uma boa refeição e bebas um pequeno whisky. É muita informação para absorver e não quero bombardear-te com tudo de uma vez.

O teu pai que te ama

Porque haveria eu de mudar de casa? Eu gostava de viver ali. Não

queria viver na aldeia e muito menos conviver com outras pessoas. Talvez pudesse tomar conta de crianças. Da Abebi e do Maduka. A Martha e o Udo talvez me deixem tomar conta deles de vez em quando. Não teriam de me pagar.

Outra coisa curiosa. O pai mencionou TSPT na carta. Eu sabia que queria dizer Transtorno de Stress Pós-Traumático. A que trauma se referiria?

No dia seguinte, fui aos correios. Havia uma longa fila de pessoas a conversar quando abri a porta, mas, ao virarem-se e verem-me, as conversas tornaram-se um sussurro. A mulher que estava à minha frente fora ao funeral.

— Não sabíamos que falava — disse ela.

— Como está? — perguntei, como o pai tinha sugerido, mas em vez de responder, ela disse:

— Sou a Caroline, da Texaco. Deixei uma travessa à sua porta há alguns dias. Pensei que não teria vontade nenhuma de preparar refeições neste período de luto.

— Estava delicioso — disse eu. — Pode dar-me a receita?

Olhei-a nos olhos. Tinha batom vermelho e olhos azuis, e acho que devia ser um pouco mais nova do que eu, mas não sou boa a adivinhar idades.

— Claro. Quer que lha envie por *e-mail*?

— Não uso computador, mas vou frequentar aulas na biblioteca depois do Natal. São gratuitas.

Eu já confirmara a informação, telefonando para a biblioteca naquela manhã; a conversa fora fácil e o homem, o Ian, fora simpático.

— Tem telemóvel? Posso enviar-lha por mensagem?

— Não.

— Vou escrevê-la, então, e depois venha ter comigo à Texaco para eu lha dar.

— Obrigada. A propósito, eu penso normalmente, mas estou emocionalmente desligada, por isso não processo o luto da maneira normal. Como está? — Achei que devia tentar outra vez.

— Aterefada — disse ela e mostrou-me um monte de envelopes. — A tentar enviar postais de Natal antes que seja demasiado tarde.

O carteiro já tinha entregado postais lá em casa nas semanas anteriores. Alguns eram para o pai, outros para mim. Achei que os devia abrir.

Não me lembrava de mais nada para dizer à Caroline.

A fila tinha andado lentamente, muitos clientes empurravam

encomendas pesadas pela janela aberta da Sra. Sullivan ao balcão.

— Então, onde vai passar o Natal? — perguntou a Caroline.

— A Angela e a Nadine convidaram-me, mas não sei se vou. Talvez fique em casa.

— As lésbicas? — disse ela.

— Sim. — E olhei-a nos olhos outra vez e detetei desaprovação neles. Será que tinha dito alguma coisa de errado?

— Não ande muito com elas. Eu vou a um médico em Roscommon desde que a sua mãe morreu. As pessoas podem pensar que você é uma delas.

— Uma quê?

— Bem... Lésbica — disse ela num sussurro.

— Bem, em teoria sou heterossexual — esclareci eu.

Ela ficou a olhar para mim, confusa.

— Nunca fiz sexo, por isso não posso ter cem por cento de certeza.

Nessa altura, ela virou-me as costas e parecia que a conversa tinha acabado. Mas aquilo tinha mesmo sido uma conversa a sério e eu estava orgulhosa de mim própria. Ela tirou o telemóvel do bolso e começou a ver coisas. Depois de ser atendida, acenou-me antes de se ir embora.

— Adeus — disse eu. — Gostei da conversa. — Mas ela já não respondeu.

No guiché, a Sra. Sullivan inclinou a cabeça.

— Sally — disse ela. — Como tem passado? — Continuava a gritar como se eu fosse surda.

— Bem, obrigada. Preciso da morada da Martha Adebayo, por favor. Ela não está na lista telefónica.

— Martha, a professora de yoga? — gritou ela.

— Não sei o que ela faz. Tem um marido chamado Udo e dois filhos.

— Já sei quem é. O estúdio dela fica em Bracken Lane, perto do talho — disse ela. — Estúdio Girassol. Acho que não lhe posso dar a morada de casa. Para que a quer?

Fingi ser surda outra vez, virei costas e fui-me embora.

— Feliz Nata! — disse ela. Eu não respondi.

— Pobrezinha — disse ela para o homem que estava a seguir a mim. — Acho que a audição dela vai e vem.

Subi a colina e virei à esquerda para Bracken Lane até chegar ao talho. O Estúdio Girassol ficava mesmo ao lado. Lembro-me de ser uma florista, mas depois abriu um supermercado na aldeia de Knocktoom, a cerca de oito quilómetros, e gradualmente a florista, a mercearia e a padaria fecharam, deixando só o pequeno supermercado Gala e a Texaco.

Uma grande montra de vidro deixava entrever cinco mulheres e um homem de costas, pernas esticadas, traseiros no ar, braços para frente. A Martha estava de costas para eles, e eles levantaram-se e esticaram as mãos para o teto com os dedos abertos e depois dobraram-se para a frente como ela, deixando cair os braços e ombros e abanando as mãos para libertar a tensão. Eu acompanhava uma aula de exercícios deste tipo na televisão, num programa da manhã, há uns anos. Às vezes, o pai também os fazia. Dizia que fazer exercício me fazia bem, mas além de longas caminhadas à volta das nossas terras, recentemente não fazia muito.

A aula terminou. Os alunos foram buscar as suas peças de roupa aos montículos perfeitamente alinhados nas prateleiras do armário e começaram a vestir-se. Não devia haver duches. Voltei a pensar no duche perfeito da Angela e da Nadine.

Foi então que ouvi a voz da Martha.

— Sally! Entre. Queria inscrever-se nas minhas aulas?

Empurrei a porta e entrei ao mesmo tempo que os outros passavam por mim. Não levantei os olhos até estarmos sozinhas.

— Como está? — disse eu.

— Tudo bem. Um pouco suada. — A sala estava quente e reparei que o balcão da florista ainda lá estava. Ela foi até um dispensador de água. — Esta foi a última aula antes do Natal, mas será muito bem-vinda se quiser vir no dia 4 de janeiro. Cem euros por oito aulas. Tenho a certeza de que lhe fazia bem soltar-se um pouco.

— Gostaria de ter uma ama grátis?

— Como assim?

— Sei que não tenho experiência, mas a minha mãe dizia que eu devia trabalhar e os seus filhos são as primeiras crianças que conheci de quem gostei. Eu podia dar-lhes de comer, e fiz um curso de primeiros socorros, por isso estariam perfeitamente seguros, e fui boa aluna, por isso talvez os pudesse ajudar nos trabalhos de casa.

As palavras saíram-me da boca em catadupa e olhei-a nos olhos para ver se me tinha compreendido.

— Já comprei bolachas de chocolate e prometo que não lhes digo para não irem à escola. Faria exatamente o que você me dissesse. Podia escrever-me uma lista. Sou excelente com instruções. Podia ir buscá-los e levá-los a casa as vezes que a Martha quisesse.

Ela estava a sorrir. Era bom sinal. Sentámo-nos em duas cadeiras enquanto ela bebia água de um copo de plástico.

— Fico muito contente por gostar dos meus filhos.

— E quanto à minha proposta de ser ama?

— Olhe, sem ofensa, Sally, mas não sei se será... indicada para esse tipo de trabalho. Além disso, só trabalho em *part-time*. Posso estar em casa quando acabam as aulas. Não precisamos de uma ama.

Fiquei agastada.

— Porque acha que não sou indicada?

— Sally, não tem as qualificações necessárias. Fico contente por gostar dos meus filhos, mas o facto de eles serem as únicas crianças de que você gosta é... estranho. E se se portarem mal consigo? Não sei como iria lidar com a disciplina se ficasse zangada com eles.

— Geralmente, quando estou zangada ou deprimida, arranco o cabelo — disse eu.

— Céus! Não vê que isso os iria perturbar?

— Eu não lhes arrancaria o cabelo a eles, e às vezes toco piano para me acalmar.

— Desculpe, Sally. Se procura um emprego, não acho que tomar conta de crianças seja o mais adequado para si. Mas, sabe, penso sinceramente que o yoga pode ajudá-la a lidar com o *stress*. Pense nisso. As primeiras duas aulas são grátis. O que me diz?

Ela estava a sorrir outra vez.

— Vou pensar nisso — disse eu e virei-me para me ir embora. — Pode dizer à Abebi que não vou à peça de Natal? As crianças costumam ser péssimos atores.

Ela riu-se. Provavelmente pensou que eu estava a brincar.

— Compreendo. Bem, acho que não vai perder grande coisa.

Encaminhei-me para a porta.

— E feliz Natal, Sally! — disse ela.

— Feliz Natal, especialmente para as crianças — disse eu.

Na tarde de sexta-feira, 22 de dezembro, bateram à porta. Era o carteiro com uma encomenda, uma caixa pequena, mas demasiado grande para caber na caixa do correio. Pu-la junto com todos os postais e cartas. Mais tarde, nessa noite, ocorreu-me que os devia abrir todos. De que estava à espera? Esperar para abrir envelopes já me havia causado problemas que chegassem. Havia talvez dez ou doze postais com o nome do pai — alguns deles carimbados antes da sua morte — e também havia alguns para mim.

3 de dezembro

Feliz Natal para ti e para a Sally, beijos da Christine e do Donald!

P.S.: Espero que não fiquemos mais um ano sem nos vermos. Por favor, faz-nos uma visita, e traz a Sally. Aposto que ela mal se lembra de nós, mas adorávamos voltar a vê-la. Ela devia saber que tem mais família.

A Christine era a irmã da mãe, a senhora glamorosa que parecia uma estrela de cinema. Lembrei-me de que a mãe costumava ir de férias para o estrangeiro com ela e a visitava em Dublin, e lembro-me das suas longas chamadas telefónicas. Havia um número de telefone e uma morada em Donnybrook, Dublin 4.

Depois outro postal dirigido a mim com a mesma caligrafia:

16 de dezembro

Querida Sally,

Ficámos consternados por saber da morte do Tom. Tentei telefonar-te várias vezes, mas talvez tenham mudado de número. A última vez que te vimos eras adolescente, talvez não te lembres. Sou a irmã da tua mãe. Eu e a Jean éramos muito próximas, mas o teu pai parece ter-se isolado do mundo depois de a Jean falecer e embora eu tentasse manter-me em contacto, ele não se mostrava muito inclinado a fazê-lo.

Pensámos muitas vezes em vocês os dois, mas respeitámos o

desejo de privacidade do teu pai. Infelizmente o Donald não está muito bem de saúde e não conseguimos ir ao funeral, mas ele já está a convalescer em casa. Adorávamos ir ver-te e ajudar naquilo que pudermos.

Vi pela cobertura da imprensa que deves ter ficado confusa na altura da morte do Tom. Contactámos a polícia para explicar que tens um problema de saúde e ficámos imensamente aliviados por a questão ter sido resolvida. Também falei com a Dra. Angela Caffrey e fiquei contente por saber que uma amiga leal e da confiança da Jean esteve ao teu lado. POR FAVOR telefona. Adorávamos ver-te assim que possível. Queres vir passar o Natal connosco?

Despediu-se afetuosamente e escreveu o número de telefone.

Havia uma carta, escrita à mão, de uma página, arrancada de um caderno. A caligrafia era péssima. A morada também estava incompleta, mas a carta lá me tinha encontrado.

Saly Diamond

Tu foste ingendrada pelo diabo e vais ter o teu castigo. Como te atreves a queimar o bom home daquela manera depois de ele te acolher e salvar do inferno. O inferno espera-te. Rogo a Virge Maria que vás depresa para lá, sua cabra. É tarde para rependimentos. Quem sai aos seus não degenera.

Não estava assinada e o papel estava quase rasgado nos sítios onde a esferográfica escavara na folha. Eu e o pai tínhamos, há muito, acordado que o inferno não existe, mas o autor obviamente odiava-me e tal facto deixou-me ansiosa. O postal seguinte tirou-me a ansiedade.

Querida Sally,

Podes não te lembrar de mim, mas andámos juntas na escola em Roscommon do 1.º ao 6.º ano e muitas vezes sentávamo-nos uma ao lado da outra nas aulas (porque mais ninguém queria sentar-se connosco!).

Lamento muito saber o que aconteceu ao teu pai. Lembro-me bem de como eras, por isso compreendo perfeitamente que tenhas cometido tal erro e quero que saibas que a maior parte das pessoas sentiria o mesmo que eu, se te conhecessem como eu conheci.

Nunca falámos muito na escola, mas eu tentava não falar com ninguém, porque gaguejava muito. Melhorei muito desde então. Pouco depois de acabar a faculdade, a minha avó morreu, a minha mãe herdou algum dinheiro e gastou uma pequena fortuna em sessões privadas de terapia da fala. Nunca farei discursos públicos,

mas agora consigo ter uma conversa sem ficar bloqueada e acho que, com a idade e o amor do meu marido e dos meus dois filhos maravilhosos, ganhei autoconfiança.

Pensei muitas vezes em ti ao longo destes anos e fiquei surpreendida por não teres continuado a estudar música. Eras uma pianista incrível. Eu costumava ficar sentada do lado de fora da sala de música a ouvir-te tocar, e não era a única. Mas suponho que tivesses medo de deixar os teus pais, ou talvez a ansiedade social te prendesse em casa. Não te censuro. Eu estava aterrorizada por ir, mas foi muito melhor do que a escola, onde nos tratavam mal e gozavam connosco.

Na universidade, tive pela primeira vez amigos que foram verdadeiramente compreensivos. Envolvi-me em associações de justiça social e agora trabalho como angariadora de fundos para os sem-abrigo. As coisas estão complicadas e temos muito que fazer.

Não te quero deixar deprimida ao revisitar as tuas memórias de infância. Não fazia ideia de que te acontecera tudo aquilo antes de nos conhecermos na escola. Quer dizer, não admira que sejas como és, mas nunca vi nenhum mal nem malícia em ti — eras um pouco invulgar, só isso. Se algum dia quiseses falar comigo, deixo-te os meus contactos no fim da carta. Queria que soubesses que há muita gente como eu que te admira, primeiro por teres sobrevivido àquela adversidade terrível em criança, e segundo, por viveres a tua vida como queres. Fui ao funeral do teu pai e achei que o chapéu vermelho tinha um toque de classe — um pouco invulgar para um funeral, mas tem tudo que ver contigo! Lembrava-me de ti suficientemente bem para não te tentar abordar, nem te apertar a mão. Olhaste para o chão o tempo todo, como na escola. Enfim, só queria que soubesses que estive lá.

Desejo-te tudo de bom, velha amiga. (Posso dizer isto? Sinto que éramos uma espécie de amigas naqueles tempos!)

*Tudo de bom,
Stella Coughlan*

Lembrava-me perfeitamente da Stella. Gaguejava muito. Ficava corada quando alguém tentava falar com ela, e se um professor lhe fizesse uma pergunta, eu sentia o cheiro a suor ácido a formar-se-lhe debaixo dos braços. Às vezes, partilhava chocolate comigo, sem palavras. Não era má. E sim, gozavam com ela sem piedade. Para ela foi pior do que para mim, porque eu raramente reagia. Foi a minha mãe que me ensinou isso. A Stella muitas vezes chorava em silêncio ao meu lado. Eu percebia pela maneira como os ombros lhe tremiam, mas não sabia o que lhe dizer. Se lhe iria telefonar um dia? Talvez.

Havia outra carta maldosa, a acusar-me de parricídio, mas a

oferecer-se para rezar pela minha alma, com uma ortografia perfeita e assinatura. Os outros postais eram sobretudo uma série de condolências e postais de Natal de pessoas que eu conhecia mal ou de nomes que eu tinha ouvido o pai mencionar. Ainda havia mais duas cartas e a encomenda. Ambas as cartas eram de jornalistas, pedindo a minha «história» e aludindo à minha infância trágica. «O país merece respostas», dizia um. O outro oferecia-me cinco mil euros por um «exclusivo».

O que me teria acontecido antes de os meus pais me adotarem? E como é que «o país » sabia tudo e eu não sabia nada? Fiquei tentada a telefonar à Angela, mesmo que ela ficasse aborrecida. Deve ter sido alguma coisa má. O que quer que fosse não devia importar, já que não me lembrava de nada. Nem sequer tinha tentado lembrar-me. Mas recordava-me agora de a polícia ter achado inusitado que a minha primeira recordação fosse da festa do meu sétimo aniversário. Será que as outras pessoas tinham memórias anteriores aos 7 anos? A minha memória é excelente. Senti um zumbido estranho dentro da cabeça. Tinha as mãos a tremer. Acho que era nervosismo. Toquei piano durante algum tempo até me sentir melhor.

Depois peguei na caixa. Desembrulhei-a com cuidado e pus o papel na gaveta onde guardava todo o papel para acender as fogueiras ou voltar a usar para embrulhos.

Era uma caixa de sapatos comprida e, quando abri a tampa, senti imediatamente um calorzinho agradável no estômago. Era um pequeno urso de peluche deitado em lenços de papel, e eu tirei-o da caixa e abracei-o contra o peito. O calor do estômago espalhou-se até aos dedos dos pés e das mãos. Segurei-o à minha frente. Era velho e puído, faltava-lhe um olho, estava manchado e cheio de remendos, mas fez-me sentir tão... não sei bem, alguma coisa. Apertei-o outra vez, confusa. Porque teria aquele efeito sobre mim? Porque fiquei imediatamente confortada assim que o vi? Porque é que estava a chamá-lo pelo nome mentalmente?

— *Toby* — disse eu. Ele não respondeu.

Remexi a caixa toda, procurando uma carta ou postal. Num *post-it* amarelo estava escrito:

Achei que gostarias de o ter de volta.

S.

Eu conhecia aquele urso. Sabia que se chamava *Toby*. Foi a mãe que mo deu? Tenho uma excelente memória. Porque não me lembrava? Ele cheirava a mofo e a bolor, mas também a outra coisa que me era familiar. Fui invadida por emoções que não compreendia. Ria-me, empolgada e agitada. Queria encontrar o ou a «S» e pedir-lhe que se explicasse. Queria muito telefonar à Angela, mas lembrei-me do conselho do pai. Com quem poderia falar sobre isto? O pai disse que explicaria mais na próxima carta, mas eu não podia abri-la antes de terça-feira. Era uma daquelas situações em que eu precisava de ser aconselhada. Era tarde. O pai sempre disse que não era correto telefonar a ninguém depois das nove da noite.

Levantei-me e cambaleei para o meu quarto, sentindo-me agradavelmente tonta. Preparei-me para me deitar sem deixar o *Toby*. Falei com ele, explicando-lhe o que estava a fazer, dando-lhe as boas-vindas à sua nova casa. Esperava que fosse feliz ali. Imaginei as suas respostas. Abracei-o e senti a cabeça tão leve que não sei se desmaiei ou adormeci.

Nessa noite tive sonhos, vívidos, de uma mulher magra com cabelo comprido. Eu estava sentada no colo dela. Era estranho, porque nunca me sentei no colo de ninguém. Duplamente estranho, pois nunca havia sonhado até então.

No dia seguinte, telefonei à minha tia Christine.

— Oh, minha querida — disse ela —, é tão bom saber de ti, temos estado tão preocupados contigo.

— Ainda tens aquele casaco vermelho? — perguntei.

— O quê? Oh... Foi há tanto tempo. Fico encantada por te lembrares. Devem ter passado uns vinte anos desde que te vi.

— Parecias uma estrela de cinema. Eu adorava aquele casaco. Tia Christine, lembras-te de alguma coisa antes dos 7 anos?

Houve uma pausa.

— Bem, sim, tenho algumas recordações... Receber um cone de gelado do meu pai, o teu avô...

— Que idade tinhas?

— Talvez 3 ou 4 anos?

— Eu pensava que as recordações das pessoas só começavam aos 7 anos.

— Bem, é diferente de pessoa para pessoa.

— Acho que me aconteceu alguma coisa má antes dos 7 anos.

Outra pausa.

— Sally, posso ir visitar-te?

— Porquê?

— Acho que seria melhor se eu pudesse falar contigo cara a cara.

— A ideia de a ver outra vez aqueceu-me o coração. — Eu podia estar aí à hora de almoço hoje.

— Vais querer almoçar?

— Não, uma chávena de chá...

— Posso fazer sanduíches de fiambre.

— Seria ótimo.

— Não tragas o Donald, está bem?

— Está bem. Ele está a recuperar de uma operação, mas porque não queres vê-lo?

— O pai disse que ele era um palerma preguiçoso que se casou contigo pelo teu dinheiro.

Ela riu-se.

— Porque te estás a rir?

— O teu pai. Diz o roto ao nu...

— Não compreendo. Não gosto quando as pessoas se riem de mim.

— Valha-me Deus, Sally, não me estou a rir de ti! Olha, não te preocupes, não levo o Donald.

Desliguei o telefone pouco depois daquela coisa das despedidas que me aborrecem: «Adeus», «chau», «adeus», «até logo», «está bem, adeus», «então vá, adeus». Que tédio.

Duas horas mais tarde, fui para a cozinha fazer as sanduíches. Fiz uma faixa porta-bebés de um velho cachecol do pai para transportar o Toby o mais próximo possível do coração. Falei-lhe da visita que esperávamos. Voltei a perguntar-lhe quem era o «S». Não esperava resposta, mas era bom falar com ele. Não me sentia só.

Quando bateram à porta, fui abrir e lá estava a tia Christine, com um grande ramo de flores.

— Querida! Oh, meu Deus, já lá vai tanto tempo. Estás tão alta! E linda!

A tia Christine parecia a versão elegante da minha mãe. Mas agora estava decepcionantemente velha. Eu quase o disse. A pele da cara tinha descaído, embora tivesse os olhos brilhantes com sombra dourada e pestanas com rímel. Fazia sentido. A mãe tinha morrido há muito tempo. Senti-me confortável com ela até ela estender a mão para me tocar. Dei um passo atrás.

— Desculpa! — disse ela, erguendo as mãos como quem está a ser detida. — Costumavas deixar-me segurar-te a mão, sabes?

Era verdade, mas eu estava destreinada.

Fomos para a cozinha e pus água a ferver para fazer chá. Observei-a. Ela olhou para mim e sorriu.

— Como estás? Estou a ver que não puseste decorações de Natal.

— Não, eu e o pai acordámos que isso era para crianças.

A tia Christine franziu o sobrolho.

— Recebi uma série de cartas — disse eu. — Algumas pessoas querem ser minhas amigas. Outras odeiam-me. Escreveram que eu tinha sido engendrada pelo diabo.

— Posso ver?

Mostrei-lhe a correspondência.

— Bem, estas podem ir diretamente para o lixo — disse ela, levantando os bilhetes maldosos e as cartas dos jornalistas. Concordei. Eu não queria ficar com nenhuma, exceto a da Stella, a minha colega de escola, e o bilhete do «S».

— Como te sentes?

— Estou bem. O pai disse que eu devia ir viver para a aldeia. Diz que viver aqui sozinha não me vai fazer bem.

— Não te sentes só aqui?

— Tenho o *Toby* — disse eu, apontando para o meu urso.

— O *Toby* não é uma pessoa, querida.

— Eu sei. Não sou estúpida.

Ela não disse nada. Ficámos a olhar uma para a outra. Ela tinha a cabeça inclinada para um lado e o olhar era suave.

— O que me aconteceu antes de ser adotada?

Ela desviou o olhar para a janela, para o chão e depois para a minha cara outra vez. Perguntou:

— Posso pegar-te na mão?

— Porquê?

— O toque pode ser reconfortante, sabes? E a história não é bonita. Deixei-a pegar-me na mão e ela pô-la entre as suas.

— A Jean disse-me que tu... foste medicada, que não te lembras mesmo de nada.

Abanei a cabeça.

— A tua mãe, a tua mãe biológica, ela... morreu.

— De quê?

— Foi raptada por um homem, quando era jovem, quando era... criança.

Eu já tinha visto filmes e peças de teatro sobre homens que raptavam jovens mulheres.

— Ele fechou-a numa cave?

— Não era propriamente uma cave, era um anexo atrás da casa

dele. Ele vivia numa casa grande em meio hectare de terra no sul de Dublin. Manteve-a lá durante catorze anos.

A cabeça começou a zunir-me.

— Para de falar, por favor.

Ela acariciou-me a mão.

Virei-me para voltar a encher o bule. Peguei numa sandes e comi-a. A tia Christine ficou sentada em silêncio.

— Queres uma?

— Desculpa?

— Queres uma sandes?

— Não. Querida, lamento imenso. É uma história terrível. Tens uma amiga a quem eu possa telefonar? Que tal a Angela?

— Sim, vou telefonar-lhe.

Peguei no telefone. A Angela não trabalhava aos fins de semana, por isso achei que não a estaria a incomodar.

— Angela? A minha tia Christine está aqui. Ela disse-me que a minha mãe verdadeira foi raptada...

— Merda.

— O quê?

— Eu queria estar contigo quando abrisses a última carta do teu pai. Explica tudo... Bem, a maior parte das coisas. Posso falar com a Christine?

A tia Christine levou o telefone para o *hall* de entrada. Eu não conseguia ouvir bem o que estava a dizer, mas ouvi a voz a ficar mais aguda. E depois ouvi-a pousar o telefone. Quando regressou à mesa da cozinha, tinha os olhos húmidos de chorar.

— Sally, fiz asneira ao abordar este assunto contigo. A Angela vem a caminho. Vamos falar de outras coisas até ela chegar.

— Achas que ela me amava? A minha mãe verdadeira?

Ela pegou numa sandes.

— Acho que te amava de todo o coração.

— Como é que sabes?

— Estas sandes estão deliciosas. Vamos esperar pela Angela, está bem? Queres que faça mais sandes para ela?

— Eu faço. É uma sorte o *Toby* não comer, senão ficávamos sem pão.

— Que idade tens agora, Sally?

— Quarenta e três. Que idade tens tu?

— Sessenta e sete.

— A minha mãe verdadeira casou-se?

— Não... Vamos esperar pela Angela.

— Está bem. Queres pegar no *Toby*?

Ela não o tinha visto e eu queria exibi-lo.

— Céus, está um bocadinho maltratado, não está?

— Está, vai para o banho comigo esta noite.

— Oh, metê-lo na água pode não ser boa ideia. Pode acabar com ele. Ele está velhinho. E se o lavássemos agora? Damos-lhe um banho delicado, enquanto esperamos pela Angela.

A tia Christine encheu o lavatório com água e espuma e escovou-o delicadamente com uma escova das unhas enquanto eu o segurava pelas pernas e pelos braços. A água rodopiava com espuma castanha.

— Onde terá ele estado? — disse ela.

— Não sei. Chegou no correio ontem com aquele bilhete, assinado «S», mas soube imediatamente que era meu e que o nome era *Toby*. Mas não sei onde o arranjei. Talvez a mãe mo tivesse dado, mas não me lembro, e a minha memória costuma ser excelente.

— «S»? — disse ela, e eu fui buscar o bilhete outra vez.

— Sabes quem é o «S»?

A tia Christine quase deixou cair o *Toby* na água, e eu apanhei-o no momento exato.

— Oh, céus. Não lhe devíamos ter tocado nem lavado!

— Porquê? Ele estava sujo. Estava a precisar.

Comecei eu a lavá-lo com cuidado, esfregando-lhe a carinha e o nariz castanho e macio com um toalhete. A tia Christine começou a andar para trás e para a frente, torcendo as mãos.

Quando a campainha da porta voltou a tocar, a tia Christine deu um salto para a ir abrir. Eu ouvia-as sussurrar no corredor ao mesmo tempo que a Angela a abraçava. Que facilidade pareciam ter em se abraçar, embora não se vissem há anos.

A Angela entrou solenemente na cozinha.

— Sally, acho que não devias tocar nesse urso.

— Porquê?

— Pousa-o, por favor. — A voz era firme.

— É meu. Chama-se *Toby*.

— Como é que sabes?

— Não sei. Só sei que sei. Adoro-o.

Assustei-me com a intensidade das minhas palavras. Sentia que tinha de proteger aquele boneco e tê-lo perto de mim. Vi que a Angela ficou surpreendida.

— Não lhe devias ter tocado. — Olhou para o urso esfregado. — Acho que já é demasiado tarde. Já foi manuseado e lavado.

A voz da tia Christine elevou-se.

— Desculpa, eu só soube depois de começarmos a lavá-lo. Há mais de vinte anos que não via a Sally. Pensei que era dela.

Comecei a ficar ansiosa.

— É meu. Sinto que é meu. Vou ficar com ele.

Apertei o boneco molhado contra mim e senti a humidade no

peito.

— Pode ser uma prova — disse a Angela. — Tens o papel de embrulho em que veio?

— Não compreendo! — guinchei. — Vocês não estão a fazer sentido.

Sentia-me completamente perdida e não havia maneira de o zunido da minha cabeça ceder. Comecei a puxar pelo cabelo, ao mesmo tempo que a Angela me perguntava baixinho como e quando a encomenda fora entregue.

— Posso abraçar-te, Sally?

Eu assenti com a cabeça, e soube-me bem ter o braço à volta dos meus ombros enquanto segurava o *Toby* com força. Ficámos assim durante algum tempo até a minha fúria acalmar.

— Devíamos ir para a sala de estar e relaxar um pouco. Foi um choque e temos mais coisas para te dizer — disse a tia Christine.

— Primeiro, preciso do papel de embrulho — disse a Angela.

— Também havia uma caixa — disse eu.

Fui buscar a caixa e o papel.

— Os selos são da Nova Zelândia. Correio expresso — disse a Angela. — A caixa é de uma sapataria. A polícia terá finalmente uma pista.

— De que estão a falar?

— Acho que primeiro deves ler a carta do teu pai. Depois responderei às perguntas a que souber responder, está bem?

Fomos todas para a sala de estar. Eu estava tonta. A tia Christine perguntou à Angela se ela teria alguma medicação que me acalmasse.

— A Sally tem de estar completamente lúcida para absorver estas informações.

Fui buscar a carta do pai ao escritório dele.

— Eu devia esperar até...

— O teu pai não se importaria, Sally, a sério — disse a tia Christine.

Conduziram-me para o sofá e sentaram-se comigo no meio. Pedi-lhes que se sentassem nas outras cadeiras.

Parte II

Peter, 1974

Lembro-me de, quando era pequeno, estar numa sala imponente com vista para o mar. Havia uma parede de livros atrás de mim e eu estava sentado a uma longa mesa de jantar em frente ao meu pai. Antes de ir trabalhar todos os dias, o pai tomava o pequeno-almoço comigo e ouvíamos rádio. Depois, ele dava-me bolachas, fruta e um livro de colorir com lápis de cera. Dava-me instruções para os trabalhos de casa e depois trancava-me num quarto de dormir branco, no anexo. Havia uma grande janela que dava para o jardim das traseiras, e um penico debaixo da cama, uma prateleira com os meus quatro livros e um armário com a minha roupa.

Os dias pareciam-me intermináveis, mas quando ele chegava a casa, destrancava a porta, pegava-me ao colo e levava-me para a casa principal. Fazia-me uma refeição quente e depois verificava o meu trabalho, a leitura, a escrita e as contas, e a seguir víamos televisão até à hora de ir para a cama, mas nunca me conseguiu explicar como aquelas pessoas minúsculas entravam na caixa da televisão. Ouvia-o muitas vezes a tocar piano, ou às vezes acordava com ele a destrancar o quarto ao lado.

Aos sábados e domingos, quando estava bom tempo, deixava-me ir para o jardim, onde eu o ajudava a arrancar as ervas daninhas. Eu fazia pequenos montes com a erva cortada, ou ninhos de passarinho, para que depois ele lhes pudesse deitar fogo.

O anexo era um edifício com uma forma esquisita ao lado da casa. Havia uma porta que lhe dava acesso pelas escadas da despensa. Havia outra porta ao lado da do meu quarto. De vez em quando, eu ouvia barulho vindo de trás da outra porta. Muitas vezes, o som de choro ou prantos. O pai dizia que era ali que tinha a alma penada e que eu não me devia preocupar, porque ela nunca poderia sair. E tinha razão, porque nunca saiu mesmo. Mas o barulho, às vezes, era assustador. Quando a coisa ficava mesmo má, o pai dizia-me para ficar debaixo dos cobertores com as mãos nos ouvidos, e acho que ele devia ir ao quarto ao lado para dizer à alma penada que ficasse calada,

porque depois disso, durante dias, não se ouvia mais nada.

À hora de ir para a cama, o pai lia-me uma história, dava-me um beijo na testa, dizia-me que me amava e rezávamos juntos. Depois ele voltava a trancar a porta para me manter em segurança até de manhã.

Todos os anos no meu aniversário, dia 7 de agosto, tínhamos um Dia Especial. O pai não ia trabalhar. No primeiro de que tenho memória, o pai trouxe uma tenda para casa e montámo-la no jardim. Ele fez uma fogueira e assámos salsichas. Dormimos em sacos-cama na tenda. E depois, mais tarde, ele acordou-me e estava escuro. Levou-me para fora da tenda, acendeu foguetes e o céu de verão explodiu de cor e barulho. Foi a coisa mais empolgante que alguma vez me aconteceu.

O aniversário seguinte foi assustador. Tinha 7 anos, acho eu. Tive medo quando passámos pelos portões ao fundo do jardim no carro do pai e entrámos na estrada. Estava zonzo, nunca tinha andado no carro, embora o ajudasse a lavá-lo aos domingos. Ele tinha posto almofadas no banco da frente para eu poder ver a paisagem pela janela. E deu-me um saco para vomitar, caso ficasse maldisposto. Mas as tonturas passaram depressa. Fora dos portões, havia pessoas — do mesmo tamanho que o pai e eu — e havia mulheres. Só tinha visto mulheres na televisão e nos livros, mas estas eram de tamanho real.

Fizemos uma longa viagem de carro até ao jardim zoológico. Tinha receio de que não conseguíssemos encontrar o caminho para casa, mas o pai disse que conseguiria sempre encontrar a nossa casa.

Tinha muito medo de largar a mão do pai. Estava mais intrigado com as pessoas do que com os animais. Andavam em grupos, mães com filhos e bebés e carrinhos de bebé, mães e pais a caminhar de braço dado. Grupos de crianças, raparigas e rapazes, a correrem por todo o lado juntos. O pai tentava que eu prestasse atenção aos chimpanzés e aos elefantes, mas eu ficava a ouvir as pessoas a falarem umas com as outras. O pai comprou-me um gelado de gelo e disse-me para não olhar para as outras pessoas, mas eu não conseguia evitar. Um homem intercetou o pai e falou com ele. Eu escondi-me atrás das pernas do pai. O pai disse ao homem que eu era afilhado dele. Percebi que ele não queria falar com o outro homem, e continuámos a andar rapidamente, e depois o pai disse que estava na hora de ir para casa. Fiquei contente.

Tinha muitas perguntas. Perguntei-lhe qual era a diferença entre um filho e um afilhado e ele disse que um afilhado era uma criança que acreditava em Deus. E eu acreditava, isso era certo.

Perguntei ao pai se as mulheres eram más. Ele disse que a maior parte era. Eu disse que havia algumas simpáticas na televisão e nos meus livros, mas ele disse que a televisão e os meus livros eram de faz de conta. Perguntei se eu tinha uma mãe e ele disse que sim, mas que era um fantasma. A porta do quarto ao lado do meu no anexo tinha

um grande cadeado. Depois, perguntei se a minha mãe era o fantasma que vivia naquele quarto, se o pranto era dela, e ele disse que era, mas que não devia preocupar-me, porque nunca teria de a ver.

Sally

Abri a carta com as mãos a tremer.

Querida Sally,

Espero que já te tenhas recomposto um pouco da minha morte.

Estas são coisas que há muito te devia ter dito gradualmente, talvez ao longo de um amplo período de tempo. Não quero que fiques perturbada com esta notícia. Está tudo no passado e nada vai mudar para ti agora, a não ser que assim o queiras, mas acho que és uma criatura de hábitos e vais continuar a ser como sempre tens sido.

O nome que te deram à nascença é Mary Norton. Norton é o apelido da tua mãe biológica. Pensamos que ela não terá querido usar o apelido do teu pai biológico. Todos os relatórios médicos originais e alguns recortes de jornal estão na caixa debaixo da minha secretária numa pasta onde está escrito PRIVADO. Quando vieste viver connosco, decidimos que eras uma pessoa nova. Eras a nossa Sally Diamond.

A razão pela qual és um pouco diferente não é por haver alguma coisa errada com o teu cérebro, mas porque foste criada em circunstâncias perturbadoras, até seres descoberta.

Aos 11 anos, em 1966, a tua mãe, Denise Norton, foi raptada por Conor Geary. Ele abusou dela mental e sexualmente nos catorze anos seguintes. Tanto quanto sabemos, nasceste oito anos depois do rapto. A tua mãe biológica não tinha a certeza da data nem sequer do ano, mas era o que ela calculava, e os meus colegas médicos concordaram que provavelmente nasceste na segunda metade do ano de 1974. O teu nascimento não foi registado, por razões óbvias, por isso a data de nascimento que consta no teu certificado de adoção pode não estar correta. Lamento dizer-te que Conor Geary, o raptor, é o teu pai biológico.

A família da Denise Norton procurou-a durante anos. Só foi

encontrada em março de 1980, depois de uma denúncia anónima à polícia. Tu e a tua mãe biológica foram encontradas poucos dias depois disso. Estavam as duas em condições pavorosas num anexo mal-amanhado nas traseiras da casa do Connor Geary em Killiney, Dublin. A janela do quarto da tua mãe estava tapada com tábuas. Era um quarto escuro e húmido e tinha uma placa elétrica e um frigorífico. No chão do quarto principal havia um colchão com uma sanita e um lavatório adjacentes. O teu pequeno quarto ao lado era luminoso e arejado com uma grande janela que dava para o jardim. Estavam as duas terrivelmente macilentas e, embora tu estivesses quase completamente em silêncio e obviamente angustiada na altura da tua libertação, a Denise sofria de problemas de saúde mental graves. Não tenho a certeza se te fará bem tentar imaginar o estado de espírito dela. Ao princípio era agressiva e tentava atacar quem se aproximasse dela. Tiveram de ser as duas anestesiadas para os médicos vos examinarem fisicamente. Os calmantes normais não foram suficientemente fortes. Inicialmente, a ideia não era ficarem permanentemente separadas.

A tua mãe era muito qualificada. A Jean tinha feito uma especialização adicional em psiquiatria infantil e adolescente antes de terminar o estágio de medicina geral e familiar na altura da vossa descoberta. Tu e a tua mãe biológica foram internadas no Hospital Psiquiátrico de St. Mary, onde eu era o diretor clínico. Foi montada uma unidade especial e eu nomeei uma equipa especializada para tomar conta de vocês. Dadas as preocupações com o teu desenvolvimento e saúde física, pedi que a Jean fosse destacada para trabalhar comigo em St. Mary e, como éramos um casal, isso era conveniente para toda a gente. Trabalhávamos como equipa vinte e quatro horas por dia, vivendo na unidade convosco, juntamente com o pessoal auxiliar.

Nunca ganhei a confiança da Denise, embora, em minha defesa, me tivesse esforçado muito, mas se tivesse tido mais tempo com ela, tenho a certeza de que podia tê-la ajudado a ajustar-se. No entanto, acho que ela nunca poderia ter vivido uma vida «normal», dados todos os horrores que viveu. O meu objetivo inicial era levá-la para um lugar onde pudesse viver em instalações abertas com acesso ao mundo exterior e assistência médica e psiquiátrica vinte e quatro horas por dia. Contudo, tais instalações não teriam sido um lugar apropriado para ti a longo prazo, e sugeri fortemente que fosses separada da tua mãe quando a Denise estivesse preparada. Tu ainda eras amamentada pela tua mãe biológica, o que era inusitado para uma criança de 5 anos. A Jean ensinou a Denise a dar-te o biberão, mas a tua mãe biológica resistiu fortemente. Falhámos, e tu gritavas e arrancavas o cabelo, mas por fim tivemos de tomar uma

decisão drástica. Uma decisão que sempre lamentarei, mas não em todos os aspetos.

Sinto agora que foi uma coisa brutal e talvez cruel de se fazer, mas estávamos preocupados com o teu futuro. Eu estava convencido de que eras suficientemente nova para ser reeducada, por assim dizer, e que podias ter hipótese de ter uma vida normal. Tu e a tua mãe ficaram juntas na unidade durante catorze meses, e nesse tempo nunca conseguimos separar-te da Denise. Foi um tempo doloroso e ninguém que tratasse qualquer uma das duas passou por ele sem ser afetado.

Eu via-te com a tua mãe biológica quase todos os dias. Ela recusava-se a falar sobre o Conor Geary, mas negava categoricamente que ele algum dia te tivesse importunado sexualmente, ou que tu tivesses assistido a algum abuso. Ficavas trancada na casa de banho quando os abusos aconteciam. Os exames médicos também indiciavam que ele não abusou de ti e eu acho que tens de partir do princípio de que foi esse o caso. No entanto, não podemos excluir a possibilidade de ele te ter fisicamente magoado, porque ele deixou a tua mãe com cicatrizes físicas e emocionais permanentes. Ele tirou-lhe os dentes como castigo. O Conor Geary era dentista.

A tua mãe suicidou-se em 1981 depois de passares uma noite num quarto separado com a Jean. Cometemos erros terríveis, mas não tivemos a intenção de prejudicar nenhuma das duas. Até ao dia da minha morte, que chegará em breve, sentir-me-ei responsável pela morte da tua mãe. Houve um pequeno inquérito no hospital e fui ilibado de qualquer negligência médica, mas sinto-me responsável, Sally. Devia ter feito as coisas de forma diferente.

Eu e a Jean abordámos juntos a Comissão de Adoção e o Ministério da Saúde. Não tínhamos conseguido ter filhos nossos. Eles concordaram que um lar com um psiquiatra e uma médica de família que tencionavam sair de Dublin era o melhor. Sentimos que te podíamos dar um lar seguro e estável, e espero que o tenhamos feito e que sempre te tenhas sentido segura connosco. Perder a Jean tão nova foi uma tragédia, mas acho que conseguimos superar isso juntos, tu e eu, não conseguimos?

É por causa das tuas primeiras experiências que às vezes és social e emocionalmente desligada. A tua tendência para lebares as coisas à letra é uma herança dos teus primeiros anos de isolamento em cativeiro. É uma sorte não te lembrares desse tempo antes de te trazermos para casa. Aconselho-te vivamente a não fazer nada para reavivar essas recordações, porque sei que só poderão ser traumatizantes.

Agora já sabes. Foi uma agonia escrever-te esta carta.

Questionava-me se não seria melhor para ti nunca vires a saber estes detalhes. Ninguém em Carricksheedy sabe do teu passado, nem sequer a Angela. A Jean contou à família dela, mas toda a gente teve de jurar guardar segredo para toda a vida. A tua descoberta em 1980 foi muito noticiada, como podes imaginar, e fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para te manter longe do turbilhão da imprensa. Felizmente, o meu nome não foi mencionado na cobertura noticiosa. O departamento concordou em emitir um comunicado público a dizer que tinhas sido adotada no Reino Unido. Saímos de Dublin assim que pudeste sair da unidade.

Despeço-me finalmente, meu amor, deixando-te com muita coisa em que pensar. Não tens obrigação de fazer absolutamente nada com esta informação. Mas se precisares de falar com alguém, podes mostrar esta carta à Angela. Ela vai ficar chocada, mas será um apoio prático ou emocional, se precisares.

Desejo-te saúde e felicidade e uma vida em paz.

O teu pai que te ama

Quando finalmente parei de ler, reparei que a Angela e a tia Christine estavam a cochichar.

— Tens alguma pergunta que nos queiras fazer?

Eu tinha tantas perguntas que nem sabia por onde começar.

— Posso beber *whisky*, por favor?

A tia Christine olhou para a Angela e a Angela disse que sim com a cabeça. Sorriu-me.

— Acho que devíamos todas beber um *whisky*.

— Este era o trauma de que o pai falava quando mencionou TSPT.

— Sally, achas que posso cá ficar a dormir hoje à noite? Não te importas? — perguntou a tia Christine.

— Acho uma ótima ideia. Devias voltar a relacionar-te com a tua família, Sally — disse a Angela. — A Christine pode ficar no quarto do teu pai. Eu vou fazer a cama.

— Não é preciso — disse eu. — Mudei a cama depois de a polícia vir cá daquela vez. Sim, podes ficar. Mas, Angela, a tia Christine não é a minha verdadeira família. — Eu já tinha feito as contas mentalmente. — Se a minha mãe biológica tinha 19 anos quando nasci, onde estão a mãe e o pai dela, os meus avós? Estarão vivos? Terei tias e tios biológicos? E primos?

A Angela olhou para a tia Christine.

— Eu também gostaria de saber as respostas a essas perguntas. Não acredito que trabalhei ao lado da Jean durante oito anos e ela nunca me falou de nada disto. Disse-me que se tinha especializado em psiquiatria infantil como parte da sua formação como médica de família, mas nunca me contou que esteve envolvida no caso Denise

Norton. Eu sabia que o Tom era psiquiatra, mas ele já não exercia. Parti do princípio de que escrevia artigos académicos e colaborava com revistas médicas. De vez em quando, a Jean trazia-o para falar com um doente, mas apenas para os avaliar com vista a um possível encaminhamento. — Suspirou antes de continuar. — Sally, eu não sabia de nada disto até ler as cartas no dia... no dia em que a polícia veio cá a casa. Tive de as fotocopiar e entregar as cópias à polícia. Naquele tempo, o caso Denise Norton foi muito falado, mas a tua identidade foi mantida confidencial. A polícia leu as cartas do teu pai e tem cópias dos ficheiros dele, por isso alguém de lá vazou a informação de que tu és a Mary Norton. Foi por essa razão que a imprensa e os fotógrafos estavam lá no funeral e que encontraram a casa e o teu número de telefone. A Christine disse-me que também te têm escrito.

— Publicaram fotografias tuas nos jornais, no dia do funeral do teu pai. Por isso é que tenho estado tão preocupada contigo — disse a tia Christine. — Eu sempre soube a verdade. Mas a Jean e o Tom estavam desesperados por proteger a tua privacidade. A Jean queria dizer-te quando fizeste 18 anos, mas o Tom... discordava. E depois ela morreu pouco tempo a seguir a isso.

— Não responderam à minha pergunta sobre os outros parentes.

Olhei fixamente para a tia Christine enquanto bebia o *whisky*, e ela bebeu um grande gole do dela.

— Os pais da Denise estavam ansiosos por voltar a estabelecer laços com ela. Mas, pelo que a Jean me disse, o reencontro não correu bem. Quando os teus avós biológicos, o Sam e a Jacqueline Norton, se encontraram pela primeira vez com a Denise, ela atacou-os, especialmente o pai. A raiva acumulada de catorze anos saiu toda em catadupa na forma de ressentimento contra as pessoas que mais a amavam. Há outra coisa, e isto pode ser perturbador para ti: queriam levar a Denise para casa depois do tratamento, mas não queriam levar-te a ti. Tu eras filha dele. Tens de ver isto do ponto de vista deles. Se te levassem para casa deles, estariam também a levar parte do Conor Geary.

Pensei na carta maldosa que dizia que eu fora engendrada pelo diabo.

— Depois da morte da Denise na unidade psiquiátrica, eles ficaram desfeitos. Mudaram-se para França.

— Nunca tentaram entrar em contacto para descobrir o que me tinha acontecido, tia Christine?

— Presumo que tenham pensado nisso muitas vezes, mas talvez apenas lhes trouxesses a penosa recordação da filha que tinham perdido. Sally, tens a certeza absoluta de que reconheces esse urso? De certeza que é teu?

— É meu — disse eu, apertando-o.

Elas estavam sempre a mudar de assunto, saltando de uma coisa para outra. Servi-me de mais *whisky*. A tia Christine também. Ofereceu à Angela, mas a Angela abanou a cabeça.

— Querida — disse a tia Christine com uma voz suave —, o teu pai biológico fugiu dias antes de a polícia te encontrar e à Denise. Fechou a conta bancária e abandonou o carro no Cais Leste em Dún Laoghaire. Pode ter-se afogado, mas nunca encontraram o corpo. Eles acham que se meteu num *ferry* para Holyhead. Deixou o país, com certeza. Não tinha passaporte, naquela altura não era preciso passaporte para ir para o Reino Unido, mas tinha dinheiro. Porque haveria de levantar todo o dinheiro das contas se tencionasse suicidar-se? Ninguém sabe para onde foi. Nunca o apanharam.

— Eu acho que foi ele que te mandou o urso — disse a Angela.

As minhas mãos voaram imediatamente para o cabelo, mas depois voltaram para o *Toby*. Não o podia soltar.

Peter, 1974

O pai estava enganado quanto a eu nunca ter de ver o fantasma do quarto ao lado. Em meados de setembro, o pai disse que tinha de sair durante o fim de semana e que eu ia ter de ficar no quarto dela enquanto ele estivesse fora.

— Com o fantasma?

— Sim, mas ela não te faz mal. É a tua mãe.

Fiquei aterrorizado com a ideia.

— Não te preocupes — disse ele —, são só dois dias, e quem manda és tu. Ela tem de fazer o que tu disseres. Se não fizer, podes tirar-lhe a comida. Se fizer alguma coisa de que não gostes, tens a minha autorização para lhe dar um pontapé. Não respondas a nenhuma das perguntas dela. Essa é a única regra.

— Pensei que dar pontapés às pessoas era uma coisa má.

— Ela não é uma pessoa, é um fantasma. Não faz mal.

Fiquei aflito.

— Não quero ficar com o fantasma — chorei.

— És demasiado pequeno para ficares sozinho o fim de semana inteiro. Além disso, o fantasma quer ver-te. Tem andado a suplicar-me por te ver há... anos.

— Porquê?

— Porque é a tua mãe.

— Ela vai tentar fazer-me mal?

— Claro que não.

— Está morta?

Eu tinha a vaga ideia de que os fantasmas eram pessoas mortas.

— Não propriamente.

— Mas porque é que está naquele quarto?

— És muito novo para compreender certas coisas. Já chega de perguntas. Vou pôr uma cama de campanha lá dentro e podes levar o teu cobertor preferido e dois livros. Também podes levar o candeeiro da tua mesinha de cabeceira.

Nada daquilo contribuiu para dissipar os meus medos.

Na sexta-feira, depois do jantar, o pai levou-me para o quarto dela. Estava escuro e silencioso, até ele ligar o meu candeeiro numa tomada ao lado da porta. Depois ouvi o fantasma.

— Peter? És tu?

A voz tremia-lhe, e ela emergiu de baixo de um cobertor e estendeu-me os braços. O pai avançou imediatamente para ela e deu-lhe uma bofetada.

— Estás a ver? É isto que fazes se ela fizer alguma coisa de que não gostes. Ela não te faz mal. Ela sabe o que lhe acontece se fizer alguma coisa que te aborreça.

A voz dele era leve e reconfortante para mim.

Ele pousou um grande saco de papel cheio de comida ao meu lado.

— Isto é para ti, não é para ela, está bem? Ela tem a comida dela.

Ela meteu-se debaixo do cobertor outra vez e eu não consegui ver-lhe bem a cara. Ele indicou a cama de campanha, que ficava mesmo ao lado da porta por onde tínhamos entrado. Mostrou-me o interruptor da luz para a casa de banho com a sanita e o lavatório e recomendou-me que lavasse os dentes e o rosto todas as noites. Mostrou-me o frigorífico e o fogão no canto do quarto e disse-me que ela ia fazer puré de batata e ervilhas com *bacon* para o meu jantar do dia seguinte. Ele voltaria domingo de manhã.

— Não gosto de estar aqui — disse eu.

Cheirava mal e estava escuro e abafado. O pai pegou-me ao colo.

— Não tens nada com que te preocupar, garanto-te. — Deu-me um beijo no cocuruto, foi até à porta e ouvi a tranca correr quando ele já estava do lado de fora. Corri imediatamente para a porta e bati com os punhos contra ela.

— Por favor, não me deixes aqui. Tenho medo do fantasma! — gritei.

Mas não ouvia nada do outro lado. Ele fora-se embora.

Ela levantou a cabeça para fora do cobertor outra vez. Sentou-se.

— Peter, não tenhas medo. Tive tantas saudades tuas — disse ela. Tinha o cabelo comprido e emaranhado, e faltavam-lhe alguns dentes, mas os olhos brilhavam. Uma nódoa negra cobria-lhe a metade inferior de um dos lados da cara. — Sou a tua mamã, não te lembras de mim?

Encolhi-me contra a porta. Havia qualquer coisa familiar nela, mas aterrorizava-me.

— Vívias aqui comigo até que ele te levou embora quando começaste a andar e falar e já sabias pedir para ir à casa de banho. Ele acabou por me forçar a desmamar-te, mas eu não fazia ideia de que te ia tirar de mim. Não saio deste quarto há... nem sei quantos anos...

Ela falava tão depressa que as palavras se atropelavam umas às outras. Levantou-se e vi que um dos seus tornozelos estava preso com

correntes a uma cavilha na parede. Conseguiu ir à casa de banho e à zona da cozinha, mas não chegava até mim. Os braços e as pernas eram magros, mas a barriga era grande, e ela baixou os braços e colocou as duas mãos sob a barriga. Vestia uma camisa que era grande demais para ela e uma saia que subia à frente. Estava com meias de lã.

— Que dia é hoje?

Eu não queria falar com ela. Corri para a casa de banho, acendi a luz, deixei a porta aberta e fiz chichi para dentro da sanita. Quando saí, ela estava a uma distância em que me podia tocar. Estendeu a mão para mim.

— Quis chamar-te Sam, o nome do meu pai, mas ele disse que tinha de ser Peter. Dei-te à luz, aqui mesmo, neste quarto.

Afastei-lhe a mão bruscamente. O pai tinha dito que eu lhe podia dar pontapés. Dei-lhe um biqueiro com o pé direito e acertei-lhe na canela.

— Ai — disse ela, mas não chorou.

— Abre as cortinas — disse eu.

Ela olhou para mim com os olhos muito abertos.

— Não há cortinas. Não há janela.

Dei-lhe uma bofetada como o pai fez.

— Por favor, não me batas — disse ela. — Ele não te ensinou que bater nas pessoas é uma coisa feia?

— O pai disse que te podia bater. Porque é que não há janela? Eu tenho uma janela no meu quarto.

— Ele gosta de me manter no escuro. Havia uma janela no dia em que cheguei, mas ele fechou-a com tábuas da parte de fora.

Eu sabia onde a janela estava tapada do lado de fora, mas não conseguia perceber onde estava agora na escuridão. A única luz vinha da casa de banho e do candeeiro da minha mesinha de cabeceira.

— Porque é que ele fez isso?

— Como castigo.

— O que é que fizeste?

— Não me lembro.

— Deve ter sido mau.

— Tentei fugir e ele apanhou-me, por isso mordi-o!

— Oh. — Voltei rapidamente para o meu lado do quarto.

— Eu nunca te morderia. Eu amo-te.

Não respondi.

— Está tão quente aqui agora. Ainda bem que ele não te trouxe no inverno. É verão agora, não é?

Contive a resposta. Era setembro.

— Não te lembras de nada de mim? Sabes que ano é? Ou o mês?

— Sim.

— Dizes-me?

— Não.

— Por favor. É importante. Estou aqui desde junho de 1966. Eu tinha 11 anos. Acho que nasceste um ano depois, mas não sei há quanto tempo foi.

— O pai disse-me para não te dizer nada.

— Que idade tens?

— Onde estavas antes?

— Eu tinha uma família, escola, amigos e o meu próprio quarto com janelas. Ele diz que é imaginação minha, mas eu lembro-me.

— Quem diz?

— O homem.

— O meu pai?

Ela disse que sim com a cabeça.

— Como é que ele se chama?

Eu sabia que era Conor Geary, mas não lhe ia dizer.

— Não sei.

— Podes chamar-me mamã. Adorava abraçar-te, dar-te a mão. Estavas a aprender a falar quando ele te levou. Já dizias algumas palavras: mamã, cama, bolacha e leite. Foi nessa altura que ele te levou. Não te lembras?

Eu lembrava-me vagamente. Costumava dormir ao lado dela naquele colchão.

— Cala-te.

Ficou calada durante algum tempo, mas olhava fixamente para mim no escuro.

— Podes trazer aquele candeeiro mais para aqui? Para eu te ver melhor?

— Não.

— Quero mostrar-te uma coisa. — Pegou num urso de peluche da prateleira atrás dela. — Lembras-te do *Toby*? — Era um ursinho bonito com um laço vermelho à volta do pescoço. — Era meu — disse ela — e, depois de nasceres, passou para ti. Queres brincar com ele?

Eu lembrava-me do *Toby* mais do que me lembrava dela. Ele estava todo sujo agora e faltava-lhe um olho. Perturbava-me olhar para ele. Queria muito pegar nele, mas isso implicava chegar perto dela.

— Não, obrigado.

— Pensei que nunca mais te voltava a ver.

— Porque é que tens uma barriga tão grande?

— Acho que vou ter outro bebé. Tu já estiveste na minha barriga, tal como este. Vais ter um irmão ou uma irmã.

— Como é que o bebé entrou aí?

— Foi ele que o pôs lá.

— Como?

Ela ficou calada.

— O pai tranca-me no meu quarto durante o dia nos dias de semana.

— Então estamos no fim de semana?

— É sexta-feira.

Pus imediatamente a mão na boca; tinha quebrado a regra do pai ao responder à pergunta.

— Ou pode ser terça-feira — disse eu.

— Não importa. Eu nunca lhe diria nada do que tu me disseses. Espero que ele nunca te castigue. Tenho pena que ele também te tranque.

Eu tinha de ser o chefe, como o pai disse.

— Ele não me tranca num sítio assim. Tenho uma grande janela, vejo o jardim e tenho livros e brinquedos.

— Estamos perto do mar? Às vezes parece-me que oiço o mar.

Era difícil não responder a todas aquelas perguntas. Percebi que não se ouvia o mar naquele quarto. Tinha muitas tábuas pregadas nas paredes.

— Se me continuas a perguntar coisas, dou-te outro pontapé.

— Está bem. Queres fazer-me perguntas?

— Não. Quero que fiques calada. Não quero estar aqui dentro. Quem me dera estar no meu quarto outra vez.

Ela chegou-se para trás no colchão e gemeu alto.

— Para de fazer esse barulho.

— Não consigo evitar. Estar grávida às vezes é doloroso. É o bebé, o teu irmão ou a tua irmã.

— Qual deles é?

— Não sei.

— Porque não?

— Não se sabe se é rapaz ou rapariga até nascer.

— Não quero uma irmã.

— Queria tanto ficar contigo.

— Aqui?

— Não. Em casa com a minha família.

Eu não disse nada. Não queria que ela fosse a minha mãe.

Tirei uma maçã do meu saco. O pai dizia sempre que eu tinha de comer as coisas saudáveis primeiro e só depois as doces. Dei uma dentada na maçã e mastiguei. Ela estava a olhar fixamente para mim.

— Volta para debaixo do cobertor.

Foi o que fez, mas havia uma pequena abertura e eu sabia que ela estava a olhar para mim por baixo do cobertor. Fui lá e dei-lhe um pontapé. Ouvi-a arquejar e ela voltou a levantar-se, mas desta vez tinha sangue na cara.

— Desculpa, desculpa — disse ela e começou a chorar.

Não gostei de ver a cara sangrenta dela.

— Volta para debaixo do cobertor e não olhes para mim. Mulher estúpida.

Sally

— Acho que temos de levar o urso com o bilhete, a caixa e o papel de embrulho à polícia. Podem conseguir extrair ADN de lá — disse a tia Christine.

— É improvável — disse a Angela. — Vocês as duas devem ter eliminado quaisquer vestígios quando o lavaram. Mexemos as três na caixa e no papel de embrulho. Os trabalhadores dos correios na Nova Zelândia e na Irlanda também, e toda a gente lá pelo meio, mas talvez consigam obter alguma informação.

A tia Christine disse:

— Pela estética e idade do urso, é capaz de ser da Denise. Parece ser do estilo de bonecos que se usavam há cinquenta ou sessenta anos. Partes dele parecem ter sido comidas pela traça.

A Angela concordou.

— O que dizia a nota?

— «Achei que gostarias de o ter de volta.» Sem assinatura, apenas a letra «S».

— Talvez a Sally tivesse um diminutivo para o pai... Lembras-te, Sally?

A Angela levantou a mão.

— Acho que a Sally não precisa de perguntas dessas, Christine.

— Desculpa, tens razão.

— Quero ir para a cama descansar um pouco — disse eu. — Com o Toby.

Eram já cinco da tarde e estava escuro como breu. As duas mulheres começaram a pedir desculpa, dizendo que devia ser um choque terrível, que me devia sentir esmagada com todas aquelas revelações. A tia Christine disse que ia dar um salto à aldeia para fazer umas compras e que me acordava para jantar. Fui para o meu quarto e deixei-as a falar sobre mim e o meu trágico passado. Levei o *Toby* comigo. Estava farta da conversa delas e queria tempo e espaço para pensar.

No quarto, com o velho papel de parede florido que a mãe

escolhera há tantos anos, tentei pensar no que deveria fazer. Tinha muitas perguntas na cabeça.

Mais tarde, acordei e vinha um cheiro delicioso da cozinha. Fui à casa de banho e lavei a cara.

A tia Christine recebeu-me na cozinha.

— Querida, dormiste bem? A Angela vai ficar para jantar. Espero que não te importes. Tenho frango no forno.

— Para nós as três?

— Sim, podes aproveitar o que sobrar para fazeres sandes ou sopa, se quiseres.

Também tinha feito puré de batata, cenoura e pastinaga: parecia uma refeição de um programa de culinária da televisão.

— Queres pôr a mesa, querida?

Afastei a mesa da parede e levantei a aba para a deixar do tamanho que tinha quando a mãe estava viva. Eu e o pai jantávamos sempre em frente à televisão em tabuleiros. Mas almoçávamos sempre na cozinha. Devia ser ao contrário.

Embora me deixasse um pouco nervosa, a tia Christine falava de uma maneira calma, descrevendo como preparara o jantar, recordando o dia em que ela e a Jean foram às compras ao Arnotts e tinham comprado o mesmo conjunto de pratos, e como estava contente por ver que ainda andavam a uso. Parecia a mãe a falar, e, se fechasse os olhos, quase conseguia imaginar que a mãe tinha voltado, embora soubesse que isso não era possível. Era agradável pensar nisso.

— Onde está a Angela?

— Teve de dar um salto a casa para dar de comer aos cães e fazer umas coisas. Mas volta já.

— Vou buscar vinho ao armário?

— Acho que já bebemos álcool que chegue há pouco. Tens água com gás? — Tinha.

Quando ia a sair da sala de estar para ir buscar a água, parei bruscamente e depois corri para o meu quarto. Abri a cama. Corri de volta para a cozinha.

— Onde está o *Toby*? — gritei-lhe.

— Querida, eu...

— Onde está?

Comecei a ficar corada. Sentia a cabeça a andar à roda.

A campainha da porta tocou.

— Deve ser a Angela. Ela pode explicar.

Deixei a Angela entrar.

— Onde está o *Toby*?

— Acalma-te, Sally, inspira durante quatro...

— Tiraste-o enquanto eu estava a dormir?

— Tirei. O *Toby* é um boneco, Sally, mas pode ser que consigam descobrir de onde veio. Fui à esquadra de Roscommon com o urso, a caixa e todo o papel de embrulho. Vão mandá-lo para um laboratório em Dublin e uma equipa forense vai...

— Ele era meu!

— Sally, tens de ser razoável, tu...

Atirei-me à Angela, batendo-lhe com os punhos fechados, esmurrando-a na cara, no estômago, nos braços. Ela dobrou o corpo numa bola, pondo as mãos sobre a cabeça e os cotovelos a cobrir-lhe a cara. A tia Christine arrastou-me para longe dela.

— Sally! Para já com isso — disse a tia Christine com o tom zangado da minha mãe.

A minha irritação acalmou tão depressa como tinha aparecido. Sentei-me numa cadeira no corredor. A tia Christine levou a Angela para a cozinha. Ouvi as duas a sussurrar. Eu tinha feito uma coisa má. Outra vez. Mesmo má. Embalei-me para trás e para a frente na cadeira. Não conseguia controlar as minhas emoções. Talvez me mandassem prender.

— Angela, desculpa, desculpa. Perdi a cabeça.

Ela estava com um saco de ervilhas congeladas encostado ao maxilar. A tia Christine estava junto dela. Ainda bem que não havia sangue.

A Angela levantou a mão para eu deixar de falar, abanou a cabeça e gemeu de dor.

— Céus, Sally! Perdeste o controlo. Não fazia ideia de que conseguias ser tão violenta. Esse tipo de comportamento é completamente inaceitável.

Percebi que a tia Christine estava zangada, e, quando me dirigi para ela, ela deu um passo atrás. Também estava com medo.

— Não sei porque fiz aquilo, não entendo.

Senti o calor a subir-me ao rosto outra vez.

— Algo no urso desencadeou essa reação em ti — disse a Angela.
— É por isso que tem de ser investigado. Se foi o teu pai biológico quem to mandou, pode ser possível localizá-lo. Não sabemos, mas temos de tentar. Pensa nos danos que ele te causou, a ti e à tua mãe biológica. Eu vou ficar bem, mas podias ter-me magoado a sério. Quantas vezes já tiveste surtos violentos como este?

Descrevi os sete incidentes com detalhe, três quando tinha 7 anos, um aos 8, um aos 9: a mãe disse, mais tarde, que eram birras de criança. Uma vez, quando tinha 14 anos, com o homem na paragem de autocarro, e da última vez na escola, um ano mais tarde, quando a rapariga da carteira atrás da minha cortou uma das minhas tranças. Quase fui expulsa, mas safei-me com uma suspensão de uma semana.

Parti-lhe o braço. Tive de lhe escrever uma carta a dizer que estava arrependida.

— E não aconteceu mais nada do género entre aquela altura e hoje?

— Não, juro. Por favor, podemos ir buscar o *Toby*?

— Não — disse a Angela —, nem pensar. Olha para o efeito que teve em ti.

— Não é boa ideia — concordou a tia Christine.

— Vou para a cadeia?

— Não. Mas tens de compreender como isto é grave, Sally. És uma mulher adulta. Se eu fizesse queixa à polícia, podiam prender-te. Nunca deves bater noutra pessoa. Estás a entender?

— Estou, Angela, mas...

— Compreendes?

— Compreendo.

— Dadas as circunstâncias, Christine, acho que não posso ficar para jantar. Preciso de me ir deitar em casa. Importas-te de me levar? Vim a pé da aldeia até aqui.

— Claro, sem problema.

— Obrigada. São só uns minutos.

Ignoraram-me. Chegou um som sibilante do forno quando a porta da frente se fechou. Desliguei-o. O frango estava ligeiramente queimado na parte de cima.

Tentei relativizar as coisas. Eu não ia para a cadeia. A Angela ia ficar bem. A tia Christine agora tinha medo de mim. Porque me teria eu descontrolado daquela maneira?

Cortei o frango, servi os vegetais em dois pratos e abri uma garrafa de água com gás. Estava a deitar um pouco de água no copo da tia Christine quando ela regressou.

— Não sei o que te dizer, Sally. Acho que a Jean tinha razão em estar preocupada com certas decisões que o Tom tomou quanto ao teu desenvolvimento. Mas a Angela acha que não é demasiado tarde.

— O que é que não é demasiado tarde?

— Precisas de muita terapia, querida, porque não podes continuar assim. Não é normal.

— A minha vida é normal para mim.

— É esse o problema. O Tom nunca te pressionou para fazeres... correções. Devias ter amigos, vida social, um emprego, um companheiro, se quisesses. Já perdeste muita coisa na vida e nem sequer te dás conta.

— O pai disse isso na última carta, que tinha cometido erros, mas não há nada de mal comigo, a não ser o facto de ser um pouco diferente.

— Acabaste de atacar fisicamente uma pessoa que sempre te

ajudou. Tens de a compensar. Como pensas fazê-lo?

— Podia comprar-lhe flores e escrever-lhe uma carta.

— É um bom começo, mas como garantes que não voltas a atacar ninguém? Precisas de ajuda.

Eu sabia que ela estava a referir-se a psicoterapia. Era isso que a mãe queria que eu fizesse quando andava na escola.

— Talvez eu pudesse tentar ver um terapeuta.

— A Angela vai ficar aliviada por ouvir isso. Não te esqueças de o referir na carta.

Naquela noite fui para a cama e pensei no *Toby* e onde ele estaria.

O dia seguinte era véspera de Natal e eu só queria estar sozinha. Deixei a tia Christine abraçar-me quando se despediu. Voltei a pedir desculpa. Ela disse que iríamos manter-nos em contacto e que eu devia ir visitá-los em Dublin. Depois do Natal, depois de ter tido algumas sessões de terapia. Não estava muito certa disso.

Sentei-me para escrever uma carta de desculpas à Angela. Acrescentei que concordava fazer terapia se ela achasse que isso me impediria de magoar as pessoas de quem gostava. Disse-lhe que não se preocupasse com o saco das ervilhas. Podia comprar mais na Texaco. Desejei-lhe, a ela e à Nadine, um feliz Natal e disse-lhe que ia passar o Dia de Natal sozinha.

Fui à aldeia a pé. Havia barulho, pessoas e luzes de Natal a brilhar por todo o lado. Enfiei os tampões nos ouvidos e fui comprar flores na Texaco. Saí de lá assim que pude e fui a pé até à casa da Angela. Empurrei o cartão pela porta, pus as flores no tapete e saí de lá à pressa. Compreendia bem o que era a vergonha. Era uma das emoções com que estava familiarizada.

Peter, 1974

«Mulher estúpida», dizia frequentemente o pai quando estávamos a ver televisão. As mães na televisão eram geralmente bonitas, limpas e bem vestidas, faziam tartes para os filhos e tratavam os cortes que eles faziam nos joelhos. Este fantasma era inútil. Era uma mãe horrível, tão má que tinha de ser acorrentada como um cão selvagem.

Não falámos durante muito tempo, mas havia coisas que eu queria saber. Ela pôs a cabeça de fora pouco a pouco, mas não olhou para mim. Limpou o sangue do olho com o cobertor. Não sangrou muito depois disso.

— Como é que o bebé vai sair da tua barriga?

— Da última vez, tu saíste por aqui. — Apontou para a zona entre as pernas. — Foi rápido e doloroso. Tinhas uma espécie de cordão à volta do pescoço, mas ele tirou-o.

— O pai?

— Sim. Ele ficou contente contigo. Tratou-me bem durante algum tempo depois disso. Mas eu não sabia, na altura, que ele te ia roubar de mim. Eu tinha 12 anos, na altura, acho eu, mas não sei quantos anos tenho agora. Perdi a noção.

— Não sabes que idade tens? És estúpida.

— Suponho que estejas na escola agora. Eu diria que és esperto.

— Não estou na escola. O pai ensina-me aqui.

— Ah, aposto que os teus amigos têm saudades tuas.

— Não tenho amigos. O pai é o meu melhor amigo.

— Não sentes falta de ter outras crianças da tua idade para brincar?

Lembrei-me do dia em que fomos ao jardim zoológico. Muitos grupos de crianças a falar umas com as outras.

— Não podes fazer perguntas. Mulher estúpida.

Tirei a minha garrafa de leite e deitei-o num copo no tabuleiro que o pai tinha preparado. Ela olhava para a garrafa de uma maneira muito estranha.

— Nunca viste leite?

— Desde que tu eras bebé que não vejo. Ele dava-me leite nessa altura para eu poder amamentar-te, mas depois de te ter levado, não me voltou a dar leite.

Voltei a encher o copo com leite e entreguei-lho com cuidado. As mãos tremiam-lhe tanto que tive medo de que ela o derramasse, mas ela pôs a boca firmemente no copo e bebeu-o de um trago, como um porco ávido.

Começou a chorar.

— Obrigada, muito obrigada. Sei que és um bom menino. Metade de ti sou eu. A metade boa.

Arranquei-lhe o copo da mão.

— Não tens maneiras — disse eu. — Não se bebe dessa maneira.

Ela olhou para o chão.

— Desculpa, já lá vai... tanto tempo.

Fui ao frigorífico e guardei lá o *bacon* juntamente com o resto do leite, a manteiga e o queijo. Deixei a batata, o pão, a banana, os flocos de milho e a lata de ervilhas por cima com o chocolate e as batatas fritas, que guardei para o sábado à noite.

Havia quatro garrafas de líquido transparente no frigorífico.

— O que é aquilo?

— A minha água.

— Onde está a tua comida? — perguntei-lhe.

Ela remexeu debaixo do cobertor e tirou meio pacote de bolachas com creme.

— É só isto que ele me dá. Posso... posso comer o caroço da tua maçã?

— Deitei-o no lixo.

— Não me importo.

Ela foi ao caixote do lixo e tirou o caroço da maçã.

— Que nojo, comer do caixote do lixo.

— Tenho fome. A comida que tens... Dá para comermos os dois?

— Ele disse que a comida era para mim.

— Mas se for demasiada para ti, posso ficar com os restos? Por favor?

Os olhos estavam a encher-se-lhe de lágrimas outra vez e eu não sabia o que sentir.

— Não — disse eu —, é contra as regras.

Tentei ignorá-la, lendo os meus livros, mas ela quis vê-los. Não deixei, por isso pedi-me que lesse em voz alta para ela. Li cinco páginas de *As Viagens de Gulliver* e ela disse que eu era um excelente leitor, que estava orgulhosa de mim e que a história era maravilhosa.

Fiquei desconfiado. Comecei a chorar.

— Quero o meu pai.

— Oh, meu querido. Ele é mau. Achas bem que ele me tenha aqui

trancada quase sem comida, às escuras, sem livros?

— E também não há televisão.

— Os nossos vizinhos tinham uma televisão. Tu tens? Aqui em casa?

Eu disse que sim com a cabeça. Se não dissesse nada, não contava como se estivesse a responder.

— Uau. A casa é grande?

Pensei na questão. Talvez fosse. Tinha muitos quartos. No dia em que fomos ao jardim zoológico passámos por muitas casas, mas eram quase todas muito juntas umas das outras. Na televisão, eu via casas grandes e pequenas. Decidi que a nossa casa era grande, mas não lho ia dizer.

Fui até ao monte de roupa que o pai tinha deixado na única cadeira ao lado da minha cama e encontrei o pijama.

— Queres ajuda para te despices? — perguntou ela.

Ignorei-a e tirei a roupa. Olhei para o meu relógio. O ponteiro pequeno estava entre o sete e o oito. Já devia ter ido para a cama.

— Ah, tens um relógio! Que horas são?

— Horas de dormir.

Passavam vinte e cinco minutos das sete. Tinha acabado de aprender a ver as horas, e queria exhibir-me, mas não valia a pena exhibir-me perante alguém tão estúpido como ela. O pai estava um pouco farto das minhas exhibições. Dizia que eu não precisava de lhe dizer as horas a cada cinco minutos.

— Está bem.

— Tenho de lavar os dentes.

Passei por ela para chegar à casa de banho e, desta vez, fechei a porta.

Fiz outro chichi e lavei os dentes. Não havia espelho e apenas uma toalha fina. Quando abri a porta ela estava ajoelhada à frente dela. Tinha os braços muito abertos. Tentei passar por ela com um salto, mas ela depressa me abraçou, encostando a cara com força contra a minha cabeça e beijando-a. Lutei violentamente.

— Larga-me, larga-me!

— Amo-te tanto, não o posso evitar. Às vezes, parecia que te ouvia pela porta, mas ele isolou estas paredes todas e eu não sabia se era a minha imaginação. Ele nunca me disse nada sobre ti. Disse que se eu tentasse falar contigo através da parede, que te castigaria. Estou tão contente por estares aqui.

O abraço apertou-se e eu gritei para a axila dela. Depois, ela soltou-me e eu corri para o meu canto.

— Desculpa, Peter, desculpa. Só quis abraçar-te por instantes.

— Vou dizer ao pai. Ele vai castigar-te muito.

— Preciso...

— Não quero saber. Cala-te. Não digas mais nada. És má e perversa.

Meti-me na cama de campanha e apaguei a luz.

Tinha medo de adormecer, mas devia estar cansado, porque quando acordei vi finos raios de luz a entrar pelas janelas tapadas. Por instantes, não sabia onde estava, mas depois o horror da situação voltou. Liguei o candeeiro da mesinha de cabeceira e vi que ela estava tão perto de mim quanto conseguia estar, olhando-me fixamente outra vez.

— Peter? Desculpa. Podemos começar de novo? Lamento muito.

— Tenho fome.

— Deixas-me fazer-te flocos de milho?

Olhei para a prateleira por cima do frigorífico. O chocolate tinha desaparecido. Eu estava a poupá-lo para essa noite, como o pai tinha dito. O pão estava comido até meio também. A banana desaparecera. E só já havia meia cenoura.

— Tu comeste a minha comida! Comeste o meu chocolate.

— Comi. Tive de comer. Não vês? Ele mata-me à fome. Ainda há que chegue para o teu jantar.

Eu não disse nada, mas vesti-me rapidamente e apertei os sapatos, antes de ir dar-lhe um pontapé com toda a força que consegui com os meus sapatos de couro, repetidamente, na cara, na cabeça, na barriga gorda. Ela enrolou-se numa bola, gemendo e chorando. O pai tinha razão. Agora ela já sabia que quem mandava era eu. Não tentou falar comigo outra vez durante muito tempo. Meteu-se debaixo do cobertor e chorou, e de vez em quando chorava alto com dores.

Gritei-lhe para se calar.

Preparei os meus flocos de milho e sentei-me na cama de campanha. Tentei não chorar. Odiava o fantasma. Abanei a porta e olhei para onde houvera uma janela. Não tinha vidro. Apenas tábuas de madeira. Via os raios de luz que as atravessavam, mas não conseguia ver o jardim. Li o meu livro, brinquei com os meus carrinhos e tentei esquecer onde estava. Sentia falta da televisão. Questionava-me se o pai me tinha mandado para ali de castigo. O que teria eu feito para merecer aquilo?

Sally

No Dia de Natal, levantei-me cedo e acendi a lareira na sala de estar. Os nossos Dias de Natal depois da morte da mãe costumavam ser sempre iguais: o almoço era peru, geralmente preparado por mim. Bebia dois ou três copos de vinho tinto, o que me fazia sentir quente e zozna, e depois dava-me o sono. Comíamos em frente à televisão, porque havia muita coisa para ver. Ambos gostávamos de *Os Salteadores da Arca Perdida*, costumava passar quase todos os anos num canal qualquer. O Indiana Jones era bonito, e, quando eu pensava nele, sentia um formigueiro nas cuecas. Perguntei ao pai o que queria dizer, e ele disse que queria dizer que eu era heterossexual, em teoria.

Nesta primeira manhã de Natal sem o pai, estava a dar um velho filme de Abbott e Costello na televisão. Tomei o meu chá e torradas em frente à televisão. O pai costumava rir-se alto com estes filmes e eu fazia o mesmo, embora achasse as fantochadas dos dois homens estúpidas, mas o pai gostava quando eu me ria. Às vezes, ria-me espontaneamente. Havia um programa chamado *You've Been Framed*^[2] com vídeos curtos de pessoas a caírem de maneiras estúpidas e a magoarem-se. Era engraçado.

Mas percebi que, sozinha, nada daquilo me parecia engraçado.

Às onze da manhã, tocou o telefone. Era a Nadine.

— Foste convidada para o almoço de Natal e o convite mantém-se, mas se voltares a bater na Angela, eu bato-te com tanta força que nem vais saber que dia é.

— Acho justo — disse eu.

— E outra coisa — disse ela. — Aquele urso estúpido não pode ser mencionado nesta casa.

— Está bem.

— Consegues pôr-te aqui dentro de meia hora?

— Consigo, obrigada.

Quando a Nadine abriu a porta, estendi a mão para apertar a dela, ela aceitou-a e eu apertei muito firmemente para mostrar que estava

mesmo muito arrependida.

— Deixa lá — disse ela. — És uma maluquinha, mas és a nossa maluquinha.

Riu-se e eu ri-me também, porque ela tinha razão e era bom sentir que alguém gostava de mim. Voltei a pedir desculpa à Angela. As ervilhas congeladas tinham dado resultado, porque ela não tinha marcas na cara.

Fiz muitas perguntas naquele dia, mas não obtive muitas respostas. A Angela não sabia muito mais além do facto de que eu tinha sido adotada. Tinha pesquisado a minha história na Internet e apurado alguns dados factuais. A data em que a minha mãe biológica foi raptada e a data em que fomos encontradas. A data de nascimento do Conor Geary e as circunstâncias familiares (tinha uma irmã com quem não se relacionava). A data da morte da minha mãe. Não sabia como é que ela tinha morrido ao certo, mas foi registado como suicídio. Os relatos de que eu tinha sido adotada no estrangeiro.

Fora isso, passámos um bom dia. Não tinha pensado em comprar-lhes prendas, mas a Angela e a Nadine tinham-me comprado uma camisola roxa que era macia e lustrosa. Fiquei surpreendida por elas nem ligarem a televisão. Ligaram o Spotify e tentaram pôr-me a dançar com elas. Beberam muito. Eu bebi três copos de vinho: é o meu limite. Mesmo assim, estava a sentir-me sonolenta, mas gostei de ir a pé para casa.

Assim que entrei, liguei o aquecimento central e a televisão. Fiquei desiludida por não ter obtido respostas da Angela sobre o que me acontecera. Fui ao escritório do pai e abri a caixa que dizia PRIVADO. Havia polaroides velhas com a etiqueta «Denise e Mary Norton». A minha mãe biológica era muito jovem e frágil, e na maior parte das fotografias parecia aterrorizada. Nas fotos em que tinha a boca aberta, vi que não se lhe viam dentes. Na maior parte delas, abraçava uma criança pequena. Na cama, sentada numa cadeira de escritório, de pé junto ao radiador. Usava roupa descasada que parecia fazer desaparecer o seu corpo macilento. Demorei algum tempo a perceber que a criança era eu, apesar da legenda. Não me parecia, nem pareço, com a Denise, embora ela devesse ser jovem quando morreu. Comparei fotografias minhas quando estava no fim da minha adolescência, a entrar na casa dos 20 anos. Não havia nenhuma semelhança. Nas fotografias em que ela aparecia sozinha, estava a chorar e tinha os braços estendidos. Para mim?

Não a reconhecia, mas olhando bem de perto, reconheci-me a mim. Tinha as maçãs do rosto a ver-se e encovadas, ao contrário das fotografias do meu sétimo aniversário, onde tinha o aspeto de estar bem alimentada, embora infeliz. A Denise parecia cadavérica. Em algumas fotos, estamos a sorrir uma para a outra, e ela parece estar a

falar comigo. Eu não estou a olhar para a câmara. Apesar das circunstâncias, dá a ideia de que o meu sorriso é genuíno e voluntário. Os meus olhos encovados brilham. O *Toby* não está em nenhuma das fotos.

Fui até ao espelho e tentei imitar o sorriso, mas sou uma mulher adulta. É estúpido tentar sorrir como uma criança.

Na caixa também havia pequenas cassetes e um Dictafone. As cassetes estavam numeradas e datadas. Inseri a primeira casete numerada, com data de 11/04/1980, na ranhura e carreguei no botão de reprodução. Reconheci de imediato a voz do pai.

Tom: Denise, entra, não precisas de ter medo, este é um lugar seguro. Ninguém te vai magoar aqui. E esta é a tua menina, a Mary?

Eu!

Denise: [*a gritar*] Deixe a porta aberta, por favor, abra a porta.

Criança: [*a choramingar*]

Tom: Desculpa. Jean, deixas a porta toda aberta, por favor?

Denise: Para onde é que ela vai? Não quero que ela se vá embora!

Jean: Tom, não é melhor eu ficar?

A voz da minha mãe!

Tom: Tens razão. Pronto, Denise, assim está melhor? A Jean fica e a porta fica aberta. Queres sentar-te além, e a Mary pode sentar-se... Oh, compreendo, bem, podem sentar-se juntas. Onde te sentires mais confortável.

Denise: [*murmura algo*]

Tom: Dormiste bem a noite passada, Denise? Sei que tudo te parece estranho depois de estares... afastada durante tanto tempo.

Denise: [*faz uma pergunta baixinho*]

Criança: [*sussurra uma resposta*]

Tom: Já não precisas de sussurrar, Mary.

Denise: Não fale com ela!

Jean: Queres que leve a Mary para aqui, para a zona de brincar?

Denise: Não!

Tom: Fica apenas a alguns passos de ti. Podes vê-la.

Denise: Não, já disse que não!

[*Um longo silêncio. A Jean tosse*]

Tom: Viste os teus pais ontem à noite, Denise. Como te

sentiste?

Denise: Estão velhos.

Tom: Já lá vão catorze anos. As pessoas envelhecem. Passaram-se catorze anos: achas que mudaste muito?

Denise: Talvez.

Tom: Jean, podes ir à pasta ver se há fotografias da Denise antes de...

Jean: Há. Estão aqui.

Tom: Denise, queres ver como eras há catorze anos?

Tom: Estás a dizer que sim ou que não com a cabeça?

Denise: Quero ver.

[*Sons de movimentos*]

Parece que a cassete parou, mas é apenas um longo silêncio. Depois ouve-se o som de algo a ser rasgado, desordem e a criança, eu, a choramingar. O pai está calmo.

Tom: Porque é que rasgaste as fotografias, Denise?

Denise: Eles querem-na a ela. Não me querem a mim.

Tom: Quem?

Denise: A mamã e o papá. Querem aquela miúda de volta.

Tom: Aquela miúda és tu, Denise.

Denise: Não a conheço.

Tom: A Jean disse-me que foi uma visita stressante, Denise.

Agora tens 25 anos, não é verdade? Consegues imaginar como foi para os teus pais, terem saudades tuas todos estes anos, interrogando-se o que te teria acontecido?

Denise: Porque não continuaram a procurar-me?

Tom: Bem, é...

Jean: Eles nunca perderam a esperança de que estivesse viva.

Não foi isso que a tua mãe te disse ontem à noite?

Denise: Não se esforçaram o suficiente.

Tom: Bem, Denise, infelizmente não é possível continuar a procurar uma pessoa para sempre.

[*O som de uma criança a sussurrar*]

Jean: O que disseste, Mary?

Denise: Não fale com ela.

Jean: Desculpa.

Denise: Dá cá isso.

Tom: A boneca?

Denise: Dá-me isso.

[*Som de movimentos*]

Tom: A Mary talvez goste de brincar com uma boneca. Ela já viu alguma?

Jean: O que estás a fazer com a boneca, Denise?

Denise: Estou a apertar-lhe os botões. Não devia estar descascada como uma prostituta.

Parei a fita. Eu sabia o que acontecera à Denise. Como me protegera. Não me lembrava da voz nem da cara dela nas fotografias, mas estava surpreendentemente triste por esta desconhecida. O pai costumava dizer que eu tinha muita empatia, mas que não a usava o suficiente.

Virei-me para as notas do pai e tirei uma pasta ao acaso.

Denise Norton, nascida no dia 05/04/1955

26/09/1980 SEMANA 24

É difícil dizer se estou a fazer progressos com a Denise. A sua capacidade mental está gravemente diminuída e estimaria a sua idade mental num nível um pouco acima de quando foi raptada: 11 anos. A contradição é que é uma mãe superprotetora. A Mary sabe andar e falar, embora nunca use toda a sua capacidade vocal e apenas sussurre. A Jean diz que não há qualquer razão fisiológica para tal. Está habituada a ir à casa de banho, mas só vai quando a mãe está presente. Segundo os médicos, a Mary tem aproximadamente 5 ou 6 anos e nunca esteve na presença de outras crianças. A Denise segura-lhe a mão e tem de estar em permanente contacto físico com ela. Experimentámos um berço ao lado da cama da Denise, mas ela recusa-se a soltar a criança. A Mary, sentindo o medo da mãe, também não está disposta a afastar-se. Havia um colchão num quarto e um quarto de criança no anexo onde estavam fechadas, embora talvez dormissem sempre juntas no colchão. Pelas fotos, o pequeno quarto parecia desabitado. A Denise raramente responde a perguntas sobre as circunstâncias em que vivia em Killiney. A Jean tem algumas teorias, mas não tem provas de nada.

A Mary e a Denise liam os mesmos livros. A Denise não mostra qualquer interesse em livros para adultos ou jornais (o que pode ser uma bênção!), mas isso significa que a leitura da Mary está avançada para a idade dela. A caligrafia da Denise é a mesma desde o ano em

que foi raptada. A capacidade de leitura da Mary está muito à frente da das crianças da sua idade, com as quais nunca contactou.

Ontem tentámos novamente uma sessão de terapia familiar com a Denise e os pais. A Denise estava taciturna e bateu no pai quando ele a beijou na cabeça ao ir-se embora. A medicação apenas diminuiu um pouco a sua raiva e volatilidade. O Sr. e a Sra. Norton estão desalentados e perguntaram repetidamente quando poderemos «reparar» a Denise. Achem que seremos capazes de, por artes mágicas, devolvê-la ao seu estado normal e que poderão, então, levá-la para casa. Tal como nós, acreditam que o melhor é separar mãe e filha. Querem ver como reage a filha sem a responsabilidade de tratar da Mary. Após uma conversa com os pais, concordámos todos em dizer à Denise que o Conor Geary está morto e que ela nunca mais voltará a vê-lo. A segurança nestas instalações é grande, e está neste momento em curso uma caça ao psicopata que destruiu, pelo menos, uma vida. Já foram reportados avistamentos e há videntes a explorar o caso, mas não apareceram ainda pistas concretas.

A Denise não reagiu quando lhe dissemos que ele estava morto e que não voltaria a fazer-lhe mal. Não confia em nenhum de nós. Tanto eu como a Jean já tentámos iniciar conversas sobre ele, mas somos recebidos por gritos que a perturbam a ela e à filha. Não sei como poderemos abordar o assunto do que ele lhe pode ter feito. A minha convicção é que a Denise está tão afetada e foi tão brutalizada durante tanto tempo que qualquer tipo de vida normal será extremamente improvável.

Às vezes, ela fala com a Jean quando saem para caminhar pelos jardins. Já deixou a Jean pegar na outra mão da Mary quando caminham. Por isso, de certa forma, a Jean já fez mais progressos do que eu. A Denise quer saber o nome de cada flor e ensina os nomes e a respetiva ortografia à pequena Mary. A Jean relata que a Mary está constantemente a

perguntar pelo *Toby*. A Denise disse à Jean que o *Toby* é um urso de peluche. Os pais da Denise confirmaram que, quando a Denise foi raptada do jardim deles em 1966, estava com um urso de peluche a que chamava *Toby*.

A Denise só me atacou fisicamente uma vez na semana passada. A criança estava a chorar, por isso instintivamente estendi a mão para a consolar. A Denise atirou-se a mim como um *pit bull* e mordeu-me o braço, sempre sem soltar a criança. Mais uma vez, tivemos de terminar a sessão mais cedo e a Jean levou-as de volta para o quarto.

As boas notícias são que a Denise e a Mary melhoraram fisicamente. Ambas ganharam peso. A Denise come tudo o que se lhe põe à frente e a Mary imita tudo o que a mãe faz. A Denise é uma jovem extraordinariamente atraente, não obstante os dentes que lhe faltam, mas tem a mente de uma criança. Ambas gostam da hora do banho e choram quando têm de sair da banheira. Mas estão com melhor aspeto. Cortámos o cabelo da Denise mais curto, para a impedir de o arrancar, mas ela continua a tentar, várias vezes ao dia, e a Mary imita-a.

Mantemo-las em completo isolamento. Eu e a Jean somos da opinião de que ainda é cedo para apresentar a Denise a outras pessoas.

Quanto a nós, estamos um pouco fartos de viver nas instalações. Há quatro enfermeiras e uma pediatra que tratam da Denise e da Mary na nossa unidade, mas eu e a Jean precisaremos de descansar em breve. É cansativo dedicar tanto esforço a um só caso com tão pouco retorno.

A questão é que há esperança para a pequena, se conseguirmos que ela e a mãe permitam alguma separação gradual. Vamos continuar a tentar. Mas este é o caso mais difícil em que já trabalhei e o mesmo se passa com a Jean. Se não tivermos algum sucesso com a Denise brevemente, ela pode destroçar-nos a todos.

O *Toby* era o meu urso, e o urso da minha mãe. A minha mãe também arrancava o cabelo quando estava angustiada.

[2] Conhecido programa de televisão do Reino Unido que seria equivalente aos *Apanhados* em Portugal. [N. T.]

Peter, 1974

Passou o tempo e ela adormeceu, acho eu. Abri pão e barrei-o com manteiga para o meu almoço. Peguei no resto da comida e meti-a debaixo da cadeira ao lado da minha cama de campanha.

Quando o meu relógio marcou as cinco horas, gritei-lhe para a acordar. Tinha de me fazer o jantar. *Bacon*, puré de batata e ervilhas.

Ela levantou a cabeça e disse:

— Sinto que alguma coisa não está bem com o bebé.

— Não quero saber. Faz-me o jantar.

Pôs-se de pé com dificuldade e tinha a cara vermelha e suada. As pernas tremiam-lhe.

— Magoaste-me. Acho que magoaste o bebé.

— O pai disse-me que podia.

O pai não tinha dito nada sobre o bebé. Ela podia estar a inventar toda aquela história do bebé. Fosse como fosse, era uma ladra. Eu estava zangado por causa do chocolate. Ela começou a falar outra vez, mas estava sempre a parar para respirar fundo.

— Há uns anos, ele costumava fazer-me batatas. Agora só as como de dois em dois meses ou mais... Não me lembro da última vez que comi uma cenoura. — Guinchou outra vez e agarrou-se à barriga. — Ainda não chegou a altura. Ele disse que ainda faltavam seis semanas, mas quando é que isso foi? É difícil ter a noção do tempo aqui.

Eu não sabia do que ela estava a falar, mas senti-me mal por a ter pontapeado tanto.

— Desculpa — disse eu.

Ela olhou para mim e estava simultaneamente a chorar e a sorrir.

— A culpa não é tua, querido. Vives com um monstro. Como podias ser normal? Que tipo de homem te diria que não faz mal pontapear e esmurrar uma mulher grávida?

— O pai não é um monstro! Ele é o melhor!

— Mas vives trancado num quarto. Não tens amigos, não vais à escola. Já alguma vez sequer conheceste outras crianças?

— Não, e nunca conheci uma mulher, e ainda bem.

— Mas e quando fores às lojas? Ou se ficares doente? Nunca foste ao médico?

— O pai sabe como me pôr bom. Ele é dentista.

Ela dobrou-se com dores.

— É? Não sabia... Eu devia ter...

Pôs os dedos no espaço onde deviam estar os dentes. Claramente, não lavava os dentes.

— Tens de me fazer o jantar. Tenho fome!

Tinha a cara reluzente de suor. Endireitou-se, pegou numa frigideira e fritou umas fatias de *bacon*. O cheiro era delicioso. Esmagou as batatas com um garfo, abriu a lata das ervilhas e deitou-as noutra panela com gordura para as aquecer. Deitou tudo num prato e empurrou-o pelo chão para mim, gemendo e lamuriando-se.

— Para de fazer esses barulhos.

— Eu não estaria a fazer barulhos se não me tivesses feito mal. Pensava que estavas arrependido.

— Já não estou. És uma ladra, roubaste-me a comida e o *bacon* nem sequer está crocante como eu gosto.

Ela parou, respirou sonoramente durante algum tempo e apoiou-se contra o lava-loiça.

— Oh, meu Deus. És tal e qual ele. Ele vai fazer de ti um monstro também se não fugires.

Caiu contra a parede e deslizou até ao chão. Adormeceu outra vez, ali mesmo.

Comi o jantar e depois as batatas fritas.

A determinada altura, ela gatinhou pelo chão para o colchão, cobriu-se com o cobertor e chorou.

E eu também chorei. Que mãe horrível, a minha. Parecia que estava a viver um pesadelo.

Não falámos o resto da tarde, nem sequer quando passei por ela para me lavar, escovar os dentes e fazer o meu chichi.

A meio da noite, acordou-me a gritar:

— Socorro. Por favor, Deus, ajuda-me. — Mas eu não queria ajudá-la e não sabia como.

— Chiu! — disse-lhe eu.

De manhã foi à casa de banho. Ouvi-a a fazer chichi e depois a encher o lavatório de água. Ouvi o som de água a salpicar e gemidos.

Vesti-me e comi os flocos de milho enquanto ela estava lá dentro.

Saiu da casa de banho completamente molhada da cabeça aos pés. Estava nua. Ainda estava a tremer. Fiquei a olhar para o corpo nu, a barriga redonda, e os dois seios, como sacos de carne descaídos por cima dela. Nunca tinha pensado em como eram as senhoras nuas. O traseiro era mais ou menos normal, mas largo, e tinha pelos entre as

pernas e debaixo dos braços. Não conseguia deixar de olhar. Ela viu-me a observá-la.

— Estou cheia de febre. Não consigo vestir a roupa, está muito calor.

— Cobre-te, mulher estúpida.

— Aahhhhhh! — gritou ela, agarrando a barriga e, antes de cair em cima do colchão, vi sangue a escorrer-lhe pelas pernas abaixo.

Fiquei aterrorizado. Não sabia como ajudá-la, mas queria que parasse.

— Para com isso — ordenei-lhe, mas agora estava a lamuriar-se. O pai tinha dito que ia chegar a casa às onze esta manhã. Eram nove e meia.

— Acho que o bebé está a morrer. Talvez eu morra também. — Arfava e respirava fundo. — É isso que queres? Tens de dizer a alguém que estou aqui... O meu nome é Denise Norton. Por favor, lembra-te disso... Dantes pensava que as pessoas viriam à minha procura, mas acho que já desistiram. És a única pessoa que sabe que estou aqui. Por favor, assim que saíres hoje, tens de dizer a alguém que estou aqui. Denise Norton. Denise Norton. Tu és meu filho.

— A quem é que eu diria?

Nessa altura ela deu um soluço.

— Podias correr lá para fora e dizer à primeira pessoa que visses.

— Não posso sair do jardim.

— Não percebes? Se ao menos tivesses idade suficiente para compreender. Somo ambos prisioneiros.

A respiração dela estava a ficar mais fraca. Adormeceu outra vez. Vi o sangue a espalhar-se pelo cobertor. E se ela morresse? O pai ia ficar zangado comigo? Fui ao frigorífico e enchi um copo de leite. Fui até junto dela e pus-lho à frente da cara.

— O leite vai fazer-te bem — disse eu e tentei levantar-lhe a cabeça. Ela despertou ligeiramente e tentou beber o leite, mas a maior parte entornou-se sobre o colchão. — Queres o meu queijo?

Rasguei a embalagem, e ela mastigou-o.

— Denise Norton — dizia ela repetidamente. — Tens de dizer a alguém. Se eu morrer aqui, não saberão quem eu era.

— Para de dizer essas coisas.

— Alguém sabe que tu existes? Não é normal estares trancado. Ele é um monstro. Não vês isso?

Nessa altura gritei e afastei-me dela.

— Não é. Tu é que és um monstro e eu odeio-te!

Tentei dar-lhe outro pontapé, mas bati na esquina da parede.

— Sabes que mais? Também te odeio — disse ela. — Tenho vergonha do que ele fez de ti.

O pai chegou quando faltavam cinco minutos para as onze. Quando viu o caos e o sangue, disse-me que fosse para o meu quarto e que ficasse lá.

— Mas é domingo — protestei eu.

— Vai para o teu quarto — rosnou-me ele e eu corri para o quarto ao lado.

Ele nem sequer disse olá nem me abraçou. E se me pusesse no quarto dela como castigo por a ter matado? E se me acorrentasse à cavilha na parede? Fiquei no quarto durante horas e horas, com medo de sair, embora a porta não estivesse trancada e eu tivesse fome. Tapei os ouvidos quando ouvi, ou pensei ouvir, gritos abafados.

A determinada altura, o pai entrou e eu tentei perceber, pela maneira como cerrava o maxilar, se estava zangado ou não. Ele abriu a porta e ajoelhou-se à minha altura.

— Lamento muito, meu homenzinho, não te devia ter feito passar por aquilo. Prometo que nunca mais te deixo lá. Achei que não seria justo deixar-te sozinho durante duas noites, mas talvez tivesses ficado melhor.

— Ela morreu?

— O quê? Não. Teve um bebé.

— Um irmão ou irmã?

— É uma rapariga. — Enrolou o lábio.

— Elas estão bem?

— Sim. Deste-lhe pontapés?

— Tu disseste que podia.

— Pois disse. Não sabia que eras capaz de dar pontapés com tanta força. Ela vai acabar por ficar bem. Vamos comer qualquer coisa, está bem?

Fiquei a ver televisão enquanto o pai preparava o jantar na cozinha.

Não conseguia deixar de pensar na Denise Norton e na minha irmã bebé.

— Pai, ela disse que vivi com ela nos primeiros anos e que depois me levaste. É verdade?

— Não totalmente. Eu precisava que ela te amamentasse. Sabes o que é, não sabes?

Assenti com a cabeça. O pai tinha revistas da *National Geographic*. Eu já tinha visto fotografias.

— Mas assim que foi possível, trouxe-te aqui para fora para passares tempo comigo. Ela já não te servia de nada depois disso. Depois ensinei-te a ler e a escrever.

— Ela não tem livros. Queres dar-lhe alguns dos meus?

O pai não disse nada e percebi pela maneira como cerrou os

maxilares que não gostou que eu lhe perguntasse aquilo. Mas eu não conseguia deixar de pensar. Quando o pai me apresentou um prato com bife de vaca e tarte de cebola, eu disse:

— Pai, o que é que ela fez?

Ele percebeu o que eu quis dizer.

— Coisas terríveis. Digo-te quando fores mais velho.

— Acho que lhe devias dar cobertores novos.

Ele estendeu a mão e tomou a minha.

— Peter, ela é uma cabra maldosa e agora acabou de parir outra cabra maldosa. Elas não merecem a tua consideração. Quem me dera que tivesses uma mãe melhor.

Eu assenti com entusiasmo.

— Também eu. — E depois: — O que é uma cabra?

— É a fêmea do bode — disse ele, e riu-se. Depois fez-me cócegas e eu ri-me também.

— Ela disse que eu era um prisioneiro, tal como ela. É verdade, pai?

— Claro que não. Tu és precioso para mim. Quero proteger-te.

— E a ela, também a queres proteger?

— Vá lá, Peter, tu viste como ela é. Ias querê-la a andar pela casa connosco?

— Nem pensar!

— Exatamente. Agora esquece-a. Lamento que tivesses de passar por aquilo. Não volta a acontecer.

Fui para o meu quarto e escrevi a data na parede por trás da minha cama com um lápis de cera. *15 de setembro de 1974*. Não sei porque o fiz, mas é uma data de que nunca me esqueci.

Nas semanas que se seguiram, tentei esquecer-me da cabra e da bebé. Às vezes, à noite, quando tudo estava em silêncio, eu ouvia a bebé a chorar no quarto ao lado. Ouvia o meu pai a ir lá para lhes dar comida e outras coisas.

Tinha muitas mais perguntas a fazer ao pai, sobre por que razão não ia à escola, porque não podia ter amigos e porque não podia ir até ao portão da frente, mas ele ficava triste quando eu lhe fazia essas perguntas. Ele dizia que era doloroso para ele e que estava a fazer o seu melhor.

Meses mais tarde, levantei a questão outra vez:

— Eu gostava de ir à escola e de conhecer outras crianças. Na televisão, as crianças estão sempre a brincar juntas. No jardim zoológico, daquela vez, havia muitas crianças e famílias, tal como na televisão.

Daquela vez, ele abanou a cabeça e chamou-me para me ir sentar ao lado dele.

— Eu não queria dizer-te isto até seres mais velho, Peter, mas tu tens uma doença.

— Como assim?

— Chama-se contágio hominoide necrótico. Se tocassem noutra pessoa, ficavas doente e podias morrer. Seria uma morte lenta e dolorosa. Lembras-te de quando fomos ao jardim zoológico? Nunca te soltei a mão. É demasiado perigoso para ti. Nunca te debes misturar com outras pessoas. É a única maneira de eu te salvar a vida. Foi por isso que tive de te deixar com ela quando saí em trabalho. Não apanhas a doença com os teus pais. Não há mais ninguém com quem te possa deixar. Podem matar-te.

— Mas e quando eu crescer?

— Não sei. Espero que já haja algum tratamento, mas não há muita investigação sobre a doença neste momento.

— O que aconteceria se eu tocassem noutra pessoa?

— Transformavas-te pouco a pouco em pedra, como na história da Medusa. Lembras-te? A mulher que tinha cobras em vez de cabelo na cabeça? É uma morte agonizante. As pessoas para quem ela olhava transformavam-se em pedra. As mulheres e as raparigas são particularmente perigosas, mas tocar em quem quer que fosse seria um grande risco para ti.

Estava explicado porque é que o pai ficava tão triste quando lhe fazia aquelas perguntas.

— Isso quer dizer que vou ficar aqui o resto da minha vida?

— Meu querido filho, teremos saídas em dias especiais, como no teu aniversário, mas temos de ter muito cuidado. És feliz aqui, não és?

— Às vezes, sinto-me só.

— E é por isso que tens livros especialmente escolhidos para ti no teu quarto. Podes viver aventuras extravagantes com Homero, ou escalar montanhas com Sir Edmund Hillary, ou pilotar um avião como o Biggles.

— Os meus livros preferidos são aqueles que falam de crianças que são amigas umas das outras.

Ele despenteou-me o cabelo afetuosamente.

— A tua leitura é muito avançada para a tua idade. Infelizmente o teu gosto não.

— Então... Vou ficar aqui contigo o resto da minha vida?

— Vamos com calma, um dia de cada vez. Nunca se sabe quando aparece uma cura.

— E a minha irmã bebé?

Ele tirou as mãos das minhas.

— O que tem ela?

— Eu morria se lhe tocassem? Ela não podia viver connosco?

— De maneira nenhuma. Todas as mulheres são perigosas.

— Mesmo as bebés?

Ele não respondeu. Eu não disse mais nada.

Sally

Enquanto um ano acabava e o seguinte começava, li todas as pastas e ouvi todas as gravações. Alguns dos textos do pai eram registos médicos, mas outros eram diários pessoais. Não havia mais nenhuma referência ao *Toby*. Os registos confirmaram que a mãe e o pai estavam a viver com a Denise e comigo numa unidade especializada nos terrenos do hospital de St. Mary, e estavam de serviço vinte e quatro horas por dia. Éramos um enigma psiquiátrico. Nunca houvera um caso como o nosso na Irlanda. O pai correspondia-se com psiquiatras dos Estados Unidos, mas nenhum dos casos deles correspondia exatamente ao meu e da minha mãe biológica. O pai foi avisado de que podia levar anos de trabalho a reverter os danos e aconselhado a ir devagar.

A Denise era sedada à noite, mas, mesmo sob sedação, não me soltava a mão. A determinada altura tornou-se mais faladora e depressa aprendeu a ler palavras mais compridas, juntamente comigo. Um psicólogo da área educacional entrou para a equipa de apoio, mas admitiu que era difícil ensinar mãe e filha ao mesmo tempo, já que eram «uma distração constante uma para a outra».

A certa altura, a mãe e o pai tiraram uma semana de férias da unidade. Quando voltaram, passaram três semanas até que eu e a Denise voltássemos a falar com eles.

O pai tentou «tudo o que se pode imaginar» para conseguir que a Denise falasse com ele ou com a mãe sobre o Conor Geary, mas ela ou chorava, o que me fazia chorar a mim, ou ficava em silêncio e arrancava o cabelo. O pai chegou a perguntar-lhe se mais do que um homem a atacara ou a forçara a fazer coisas de que ela não gostava com o corpo. Nessa altura, ficou completamente em silêncio, embora a gravação sugerisse que abanou a cabeça.

Através dos canais oficiais, o meu nascimento tinha de ser registado, e a mãe e o pai é que decidiram em que dia eu tinha nascido. Escolheram 13 de dezembro de 1974. Tentaram dar uma pequena festa no meu sexto aniversário com todo o pessoal, mas a

Denise não gostou que cantassem e eu não compreendia o conceito de apagar as velas em cima de um bolo. O pai imaginava que o Conor Geary deve ter-nos ameaçado em algum momento com fogo. A Denise gritou e atirou o bolo à parede. Ainda bem que não me lembro desse dia de aniversário.

Ler sobre a minha mãe biológica era... estranho. Ela era revoltada, agressiva e violenta. Era incapaz de articular, ou não queria, qualquer das experiências terríveis que sofrêramos. Era patente que o pai estava frustrado com ela. Ela não conseguia compreender que ele estava lá para a ajudar. Ela não demonstrava qualquer sinal de afeto ou gentileza, exceto comigo. Concluí pelas notas dele que quanto mais tempo o pai passava com a Denise, menos gostava dela.

A determinada altura, o pai decidiu que eu e a Denise tínhamos de ser separadas. Eu começara a fazer progressos e já não sussurrava. Começava a mostrar «sinais normais de curiosidade» compatíveis com a minha idade. Nessa fase, a Denise já tinha ocasionalmente soltado a minha mão, e nas sessões no consultório do pai, ela deixava-me brincar com brinquedos no canto, mas nunca tirava os olhos de mim. Em concertação com a equipa, o pai concluiu que eu nunca poderia desenvolver-me naturalmente na sombra da Denise. Eu imitava muitas vezes a violência e a agressividade dela. O plano era uma separação à experiência, à noite, quando estávamos a dormir. Os pais da Denise deram o seu consentimento, embora, tecnicamente, não fosse necessário. Ela estava sob custódia do tribunal.

A Denise foi sedada no dia 15 de maio de 1981. Nessa altura já estávamos na unidade há mais de um ano. Ela acabara de fazer 26 anos. Fui colocada num quarto ao lado do dela com a Jean, e uma enfermeira ficou numa cama rebatível no quarto da Denise. O pai dormiu no andar de cima. A enfermeira Crawley estava preparada para dar mais calmantes à Denise se fosse necessário naquela noite, mas não devia, em nenhuma circunstância, voltar a juntar-nos.

Toda a gente da unidade estava em alerta máximo, mas o pai disse que ninguém podia ter previsto o que aconteceu. A mãe e o pai ficaram acordados a maior parte da noite, mas o pai acabou por adormecer cerca das cinco da manhã. Às cinco e meia, começaram os gritos da Denise. O pai não interveio. Vinte minutos mais tarde, a enfermeira começou a gritar. Quando ele entrou no quarto, a Denise já estava meio morta. Tinha batido com a cabeça repetidamente na parede com tal ferocidade que sofreu uma hemorragia cerebral. Morreu mais tarde nessa manhã, no hospital, sem voltar a si. A enfermeira tentara detê-la de todas as maneiras possíveis, mas a Denise tinha uma força anormal. A enfermeira Crawley estava destrocada, tal como a mãe e o pai.

Foi feito um inquérito. O pai foi ilibado, embora manifestasse um sentimento de culpa terrível. Escreveu que os pais da Denise, embora devastados, talvez tenham ficado aliviados. As suas visitas nos últimos catorze meses tinham sido extremamente difíceis para eles e tinham escasseado cada vez mais à medida que o tempo passava. O pai da Denise já tinha desistido de ir vê-la. A Denise via todos os homens adultos como uma ameaça. Tinham perdido a filha muito antes de morrer. Ela nunca permitira que a mãe a abraçasse. Recuava quando o pai se tentava aproximar dela. O meu pai era o único homem que ela aceitava. Em retrospectiva, ele achava que devia ter sido designada uma psiquiatra para ficar com o caso Norton, mas, naquela altura, ele era a única pessoa com a experiência adequada para lidar com pacientes traumatizados e desenvolveu um projeto especial connosco. A tia Christine disse que naquele tempo os homens tomavam todas as decisões.

A Jean assumiu o meu desenvolvimento e cuidados básicos. Na manhã da morte da minha mãe, também eu forcara a entrada no quarto da Denise ao acordar sozinha. Vi o corpo inconsciente dela e a cabeça ensanguentada. A Jean agarrou-me e abraçou-me, tentando acalmar-me, mas eu debati-me, gritei, lutei, fugi-lhe das mãos e enrosquei-me ao lado da minha mãe moribunda até que a ambulância a levou.

Pouco comi ou falei nos primeiros três meses depois da morte da Denise. Os pais dela deixaram de fazer visitas. Não queriam ver-me. Declararam oficialmente que não iam levar-me para casa se me fosse dada alta. Eu estava à guarda do tribunal. Gradualmente, fiquei mais ligada à Jean, não num sentido físico, mas contava-lhe as minhas preocupações. Disse-lhe que a mamã tinha ido com o *Toby* e que eu tinha medo de ficar sozinha. O pai tomou nota das sessões individuais comigo e, com o tempo, «apesar das deficiências da Mary», achou que eu podia ser reabilitada.

O Conselho de Saúde do Leste emitiu um comunicado a anunciar que a Denise Norton tinha tragicamente cometido suicídio. Não foram dados detalhes das circunstâncias. Os nomes da mãe e do pai também não foram revelados. A imprensa disse que o Conor Geary tinha agora as mãos manchadas de sangue. Era como se tivesse ele próprio assassinado a Denise.

Embora o pai tivesse sido ilibado pelo inquérito, sabia que a sua reputação no campo restrito da psiquiatria irlandesa estava irreparavelmente prejudicada. Por mútuo acordo, apresentou a demissão do cargo que ocupava.

A ideia de me adotar foi da mãe. Estavam casados há cinco anos nessa altura e a mãe tinha problemas de fertilidade. Não podia ter filhos. O pai viu ali uma oportunidade de se redimir comigo. Disse nas

suas notas que criar-me poderia contribuir para «atenuar a vergonha» que sentia pela morte da Denise. Em concertação com o Conselho de Saúde do Leste e o Conselho de Adoção, foi acordado que a mãe e o pai podiam adotar-me formalmente. «Era empurrar uma porta», escreveu o pai. «Eu e a Jean éramos os únicos adultos a que a Mary tinha reagido, e apesar da maneira como lidei com o caso da mãe dela, eu continuava a ser psiquiatra e mantive a licença. A Jean era médica de família. Quem melhor para lidar com uma criança destroçada?» Era assim que ele me chamava. Uma criança destroçada.

A mãe tinha-se candidatado a uma vaga em Roscommon e o pai renunciou ao exercício da profissão e optaria por trabalhar em investigação a partir de casa. Os papéis da adoção foram assinados no dia 30 de novembro de 1981. Foi-me dado um novo nome: Sally Diamond. Renasci e fui viver para a cidade de Roscommon com os meus novos pais.

Quem me dera ter as notas da mãe daquele tempo. Vasculhei a casa à procura de qualquer coisa que ela tivesse escrito, mas lembro-me de o pai ter destruído muitas coisas no incinerador depois da morte da mãe.

Dei as notas do pai à Angela para ela ler também, depois de eu as ter lido. Ela disse que as achou profundamente perturbadoras. Eu fiquei fascinada com elas. Era como ler ou ver um documentário sobre a vida de uma pessoa num lugar e tempo distantes.

Eu queria saber onde estava o Conor Geary. O «S» tinha de ser ele. O «S» sabia quem eu era e onde estava, e fizera parte da minha vida desde o meu nascimento até aos 5 anos. A polícia tinha comparado a caligrafia do bilhete curto assinado «S» com a caligrafia do Conor Geary nas pastas que tinham de quase quarenta anos antes e não encontraram termo de comparação, mas quem mais podia ser? Eu sabia que ele devia estar vivo.

Já não queria saber do *Toby*.

Em fevereiro de 2018, comecei a fazer terapia intensiva com a Tina, uma psicoterapeuta em Roscommon. Era um pouco mais velha do que eu, com cabelo a ficar ligeiramente branco nas têmporas. Usava batom cor de laranja e verniz branco. Sentávamo-nos em cadeiras a condizer. Desde a primeira sessão, insistiu que a olhasse nos olhos quando falasse com ela. As primeiras sessões foram difíceis. O que sentia sobre isto, aquilo e aqueloutro?

— Bem — disse eu.

— Bem não é uma emoção.

Comecei a explorar as minhas emoções. Descobri que ficava zangada, ofendida, magoada e ansiosa, bem como agradecida, afetuosa, bondosa, solícita e sozinha. A Tina disse que o meu maior

problema era a confiança, mas que, dado o meu historial, tal era perfeitamente razoável. Gostei. Eu era razoável.

A determinada altura, em março, a polícia contactou-me. O procurador do Ministério Público não ia avançar com uma acusação por causa do meu descarte ilegal de restos mortais humanos. Não ia ser acusada de nada. Não estava preocupada com o assunto. A inspetora Howard ficou chocada quando lhe disse isso.

— Não estava preocupada por poder ser alvo de uma acusação penal?

— Na verdade, não. Quer dizer, era um simples mal-entendido. Muito obrigada.

— A decisão não foi minha. Devia agradecer ao seu advogado.

— Vou escrever-lhe esta tarde.

A inspetora Howard também me informou de que o urso fora submetido a análise forense. Apesar da nossa limpeza, conseguiram encontrar-lhe esporos de pólen na costura das costas. Descobriram que o pólen provinha de flores que só existiam na Ilha Norte da Nova Zelândia. A caixa de sapatos era de uma loja de Wellington. Tinha entre oito e dez anos. A polícia ia reabrir o antigo caso do desaparecimento do Conor Geary e a Interpol estava agora envolvida na busca. Uma fotografia com quarenta e três anos do meu pai biológico foi posta a circular e publicada em jornais na Nova Zelândia e na Irlanda.

As pastas e gravações do meu pai foram-me tiradas, embora me tivessem dado cópias de tudo.

Começou um novo turbilhão de atividade nos meios de comunicação social. Mais chamadas e cartas de jornalistas internacionais. Eu desligava ou fechava-lhes a porta na cara. A Martha organizou um grupo local de WhatsApp para impedir os jornalistas de me encontrarem. E para lhes dar pistas falsas quanto ao sítio onde eu estava e o que estava a fazer.

Acabei o meu curso de informática no final de junho de 2018. Havia cinco pessoas na minha turma. Sabiam todas quem eu era, mas eram muito mais velhas do que eu. Quando me faziam perguntas, eu ficava ansiosa. A Tina sugeriu que lhes dissesse a verdade: não tinha memória do rapto nem de nada daquele tempo. Funcionou. Os meus colegas perderam o interesse e tratavam-me normalmente. Levávamos bolo à vez todas as semanas. Eu fazia *brownies* do meu livro de receitas da Delia Smith. Toda a gente dizia que eram deliciosos.

Seguindo uma sugestão da Tina, tentei ter conversas com eles antes e depois das aulas. Surpreendeu-me o quanto eles queriam falar, sobre

os netos viciados em droga, as unhas encravadas, as pechinchas do Lidl dessa semana. Eu não tinha assim tanto para dizer, mas eles não pareciam notar e eu não me importava de ouvir. Riam-se muito. Eu raramente sabia de que se estavam a rir, mas acho que não era de mim.

Agora já tinha um endereço de *e-mail* e podia pesquisar no Google o que quisesse. Via as notícias todas as noites e inscrevi-me para votar. Acabei com o telefone fixo e aprendi a usar um *smartphone*.

Através dos serviços da biblioteca, encontrei vários artigos sobre o Conor Geary ao longo dos anos em arquivos de jornais. Era comparado com Lord Lucan, um aristocrata que assassinara uma ama e depois desaparecera da face da Terra. Havia *websites* de crimes da vida real que especulavam quanto ao lugar para onde ele fora e o que me acontecera, tudo atualizado recentemente com a notícia da incineração do meu pai e fotografias minhas no funeral.

Havia fotografias antigas a preto-e-branco do pequeno anexo onde vivíamos. Os ferrolhos da parte de fora das portas, a janela entaipada. A casa de banho e o lavatório de aspeto sombrio. O colchão com os cobertores finos. O meu quarto pequeno e vazio. Nada daquilo me parecia familiar. Antigos pacientes do Conor Geary descreviam-no como calado e antissocial. «Era reservado», diziam eles.

Peter, 1980

Os anos passaram. Eu perguntava regularmente ao pai se já havia cura para a minha doença, mas, invariavelmente, ele abanava a cabeça com tristeza. Como tinha agora 12 anos, ele explicou-me mais detalhadamente. Eu não me tornaria uma pedra, mas o toque humano de alguém que não fosse parente apodreceria a minha pele até aos ossos e o tecido necrótico espalhar-se-ia rapidamente pelo meu corpo até me chegar aos órgãos. Ia simplesmente apodrecer de fora para dentro e a dor seria atroz. O pai imaginava que seria rápido, mas quando perguntei se ele queria dizer cinco minutos ou dez horas, ele disse que eu não devia pensar nisso.

Tive outras saídas de Dias Especiais, mas fiquei aterrorizado quando fomos ao circo, não com os leões, mas com as crianças e os pais que se sentaram ao meu lado. Passei para o colo do pai, embora já fosse demasiado crescido para isso, e ele embrulhou-me no casaco. As outras crianças riram-se de mim.

Saber da minha doença dava-me pesadelos. Supliquei ao pai que tivéssemos os nossos Dias Especiais sozinhos, e ele alugou um projetor e víamos filmes de *cowboys* num ecrã gigante. Noutra ocasião, ele trouxe-me um catálogo de livros e disse-me para escolher os que quisesse. Escolhi livros sobre Neil Armstrong e a Segunda Guerra Mundial, e uma enciclopédia ilustrada de dinossauros. O pai achou que eram ótimas escolhas. O melhor Dia Especial de sempre foi quando saímos de casa a pé e caminhámos por uma avenida serpenteante até uma linha de comboio. Por baixo da linha passava um túnel que conduzia a uma praia e ao mar. O pai tinha-me comprado uns calções de banho. Sentámo-nos numa toalha na areia grossa até que ele sugeriu que me podia ensinar a nadar. Reparei que tinha marcas estranhas na barriga e nos ombros, mas quando lhe perguntei o que eram, ele limitou-se a abanar a cabeça e eu sabia que isso significava que não queria falar sobre aquilo.

Guinchei quando os meus dedos dos pés entraram na água fria. Então, o pai levou-me aos ombros e depois submergiu-me pouco a

pouco, enquanto eu gritava de pavor e excitação.

— Peter! Não grites como uma menina.

Aquele era sempre o pior insulto que o pai me podia dirigir e, por instantes, chorei, mas a água salgada disfarçou-me as lágrimas e pouco depois já estávamos a chapinhar água um contra o outro e eu estava imerso até ao pescoço, rindo-me com o meu pai. Naquele dia, aprendi a nadar. Consegui flutuar de costas e olhar para as nuvens a metamorfosearem-se no céu azul. Depois disso, voltámos para a areia, secámo-nos e sentámo-nos nas toalhas. Ninguém se aproximou de nós, e pareceu-me normal. Perguntei se podíamos fazer aquilo todos os anos, ele disse «com certeza que podemos» e eu senti-me o rapaz mais sortudo à face da Terra.

Pouco depois de eu fazer 8 anos, o pai deixou de me trancar no quarto quando ia trabalhar. Comecei a ajudar a preparar as refeições. O pai substituía os meus livros com frequência, de maneira a só ter dois ou três de cada vez. Dizia que já não tinha idade para brinquedos, e quando eles desapareceram juntamente com a roupa que tinha deixado de me servir, questionei-me se a minha irmã os teria no quarto ao lado. O pai era rigoroso quanto a eu manter tudo o que era meu no meu quarto. Não tinha muita coisa, apenas livros, roupa e cadernos, e alguns soldados de brincar que eu tinha escondido porque tinha medo de que o pai dissesse que já não tinha idade para eles.

Comecei a perceber que minha vida e a do meu pai estavam longe de serem normais, bem como a das duas do quarto ao lado. Por vezes, ouvia-as, a andar por lá. Ouvia o meu pai a ir ter com elas à noite. O som era sempre abafado e eu nunca conseguia perceber as palavras. O fantasma guinchava frequentemente e a criança também chorava muitas vezes. Li centenas de livros e ninguém, nesses livros, vivia como nós, ou como a minha mãe e irmã. Questionei o pai sobre isto. Porque é que eu não podia dormir num dos quartos do andar de cima? Porque tinha de dormir no quarto do anexo ao lado do quarto dela? Porque é que ele não tinha amigos? Porque não tínhamos telefone? Ele disse que tinha muitos amigos que via todos os dias no trabalho. Perguntei-lhe sobre o trabalho de dentista, o que fazia exatamente, e ele explicou-me coisas como restaurações e próteses. Os meus dentes estavam em excelentes condições, porque eu escovava-os logo de manhã, depois de jantar e antes de ir para a cama. Perguntei-lhe se não queria ir ao *pub* com os amigos depois do trabalho. Respondeu que não bebia álcool e que preferia não me deixar sozinho em casa mais tempo do que o estritamente necessário. Interroguei-me porque não havia outras mulheres malucas e perigosas trancadas e ele deu-me um livro chamado *Jane Eyre* para ler.

— Foi escrito por uma mulher, mas vais perceber o que quero dizer.

De facto, a Bertha Mason era aterradora, mas a Jane era simpática. Eu nunca tinha lido livros sobre mulheres.

— A Denise Norton não tentou fazer-me mal — disse eu, e depois o pai disse:

— Não queria ter de te contar isto, mas... — Levantou a camisola e havia uma cicatriz de um lado ao outro do estômago. — Ela esfaqueou-me.

Fez-me lembrar as nódoas negras e os olhos negros que ele, às vezes, tinha de manhã. Tinha-me dito que eram por ele ser desastrado, mas agora admitia que era ela que lhe infligia os ferimentos. Baixou o colarinho da camisa e mostrou-me a última, uma marca de dentada no ombro. Ele era como o pobre Sr. Rochester do livro. Fiquei chocado e com maior convicção de que nunca mais queria voltar a ver a minha mãe.

Mais tarde, ele deu-me dois livros para ler: *Medeia* e *Macbeth*.

— Estás a ver o que ela o fez fazer? Ele era um homem fraco. É por isso que um homem tem de ter o controlo. Temos de mostrar a nossa superioridade.

Perguntei ao pai porque não mandava prender a minha mãe. Ela podia ir para a cadeia ou para um hospital psiquiátrico. Ele ficou a olhar para mim durante longos instantes e depois disse:

— Eu não era capaz de mandar a minha própria mulher para a cadeia. Seria demasiado cruel. Não fazes ideia do que se passa em lugares como aqueles.

Se a Denise não servia para nada, porque é que o pai não a soltava?

— Um homem tem necessidades — foi só o que disse em resposta.

— Pai, ela disse que está aqui desde os 11 anos. É verdade? Casaste-te com ela quando ela tinha 11 anos?

Ele deitou a cabeça para trás e riu-se.

— É tão estúpida que não sabe que idade tem.

— Que idade tem? Já não tem dentes, por isso imagino que seja velha.

— Exatamente. — E riu-se para mim.

Eu começava a descobrir por mim próprio quais podiam ser as necessidades de um homem. Tinha uma certa reação quando via raparigas bonitas na televisão e sabia que tinha que ver com o meu pénis, porque, quando pensava naquelas raparigas sozinho na cama, não conseguia evitar brincar comigo próprio, resultando naquilo a que uma das enciclopédias chamava «ejaculação». Até o fazia a dormir. Tinha medo de fazer perguntas ao pai sobre isso. Não sabia qual seria a sua reação. Ele mencionara de passagem, meses antes, que a masturbação era contra as leis de Deus. Naquela altura, eu não sabia o

que a palavra queria dizer, mas agora já sei.

Guardei a minha nova descoberta para mim próprio, mas na biblioteca do meu pai descobri livros sobre anatomia humana com desenhos de homens e mulheres nus, com setas apontadas para as várias partes do corpo. Eu estava a atravessar a puberdade. A única mulher nua que tinha visto fora a minha estúpida mãe. Vulva e vagina foram as palavras que me ficaram na cabeça. Aprendi como eram feitos os bebés. O pai pôs o pénis na vagina e na vulva dela e empurrou a sua semente para dentro dela. Porque é que ele havia de fazer aquilo se a detestava e ela o odiava tanto? Ele deve tê-lo feito duas vezes. «Um homem tem as suas necessidades», dissera ele. Agora eu compreendia.

Essa não foi a única coisa que mudou nesse ano. Mudou tudo. Numa tarde de primavera, estava eu à minha secretária na sala de estar a estudar textos gregos quando, da minha janela, vi um homem escalar pela vegetação ao fundo do muro alto, do lado esquerdo do jardim. Fiquei sobressaltado. Nunca vira ninguém entrar na nossa propriedade sem estar combinado previamente. De vez em quando, os homens do gasóleo vinham encher o depósito ao fundo do jardim, e o pai avisava-me para ficar dentro do meu quarto. Nesses dias, ele dizia que tinha de amordaçar a Denise Norton e a criança, para que não fizessem barulho. Ele dizia que era constrangedor ter uma mulher maluca e uma filha estúpida. Elas eram «o nosso segredo». Era estranho. A quem é que eu podia dizer?

O homem de cabelo comprido, calças de ganga e casaco preto avançou furtivamente a coberto das árvores altas na extremidade da nossa propriedade, e depois atravessou a correr, agachado junto ao chão, até às traseiras da casa. Um ladrão!

Saí cautelosamente do meu quarto a tempo de ouvir um vidro a ser partido. Corri para o anexo para me trancar no quarto, mas, antes de lá chegar, ouvi-a guinchar, mais alto do que antes. Ela devia estar deitada no chão a gritar pela minúscula fenda ao fundo da porta.

— O meu nome é Denise Norton, fui raptada! Estou trancada. Chamo-mo Denise Norton. Por favor, arrombe esta porta! Deixe-me sair!

Ouvi uma agitação na cozinha e depois corri para a janela da sala de estar outra vez. O homem deve ter voltado a saltar para fora de casa pela janela, e vi sangue a escorrer-lhe da mão enquanto atravessava o relvado a correr, se adentrava na sebe e saltava por cima do muro. Corri de volta para o anexo. Ela continuava a guinchar o seu nome. Nessa altura, já eu sabia onde o pai guardava a chave e estiquei-me até à prateleira da cozinha e tirei a chave da caneca. Ao abrir a porta, vi-a a tentar aproximar-se, ainda acorrentada pelo

tornozelo, com a criança pequena pela mão.

— Oh, graças a Deus! — disse ela, soluçando, e depois parando abruptamente. — És tu? Peter? Pensei que eram passos diferentes. Estás tão alto.

A cara enrugou-se-lhe e lágrimas silenciosas escorreram-lhe pelo rosto. Olhei para a menina ao lado dela, que me olhava fixamente por trás da anca da mãe. Estava calada e era magra, com enormes olhos, mas mais pálida do que alguma criança que eu já tivesse visto. A pele tinha uma tonalidade quase azul. Tinha o *Toby*, o meu ursinho, debaixo do outro braço. A Denise estava mais limpa do que na última vez que a vira. Ainda magra, mas sem a barriga grande. Estava com um velho robe do pai. O cabelo, embora limpo, caía-lhe pelas costas, preso com um trapo. Olhei à volta do quarto. Tinha agora uma lâmpada mais potente e, em cima do frigorífico, havia algumas batatas e maçãs. Tinha três cobertores, e o colchão atrás dela parecia um pouco mais fresco do que aquele de que me lembrava. Desta vez não havia nódoas negras visíveis.

— Peter — o peito arfava ao tentar falar —, ele está aqui? De quem eram aqueles passos? Não eram teus nem dele. E ouvi vidro a partir. O que aconteceu?

Dei um passo atrás. Ela estendeu os braços para mim.

— Por favor, fica, por favor. Devias conhecer a tua irmã, a Mary. — Parei e olhei para trás, para a menina. A mãe dela continuava a arengar. — Prometo que não faço perguntas, devo ter-me confundido com os passos. Desculpa. Não volto a fazê-lo. Não lhe digas.

Dei um salto em frente e arranquei o urso das mãos da miúda. Ela começou a guinchar e a chorar. A mãe dela levantou a voz.

— Esse é o único brinquedo que ela tem. É a única coisa que possui, Peter!

Recuei de costas para a porta.

— Por favor, não lhe digas! Ele mata-me desta vez. Ele mata a tua irmã!

Pôs-se de joelhos. Eu era agora mais forte do que da última vez que nos encontrámos. Dei-lhe um pontapé em cheio na cara.

— Não fales comigo.

— Meu Deus — arquejou ela, e eu vi o sangue começar a escorrer-lhe do nariz. — És igual a ele. Ele vai matar-me e tu nem te importas.

Fiquei chocado com o sangue e com o que fizera. Virei-me e fui-me embora, trancando a porta atrás de mim.

Peguei no urso, passei por cima do vidro partido e voltei para o meu quarto, enfiei o urso debaixo da almofada e fiquei de olho na sebe até o pai chegar a casa.

O pai teve uma fúria quando lhe contei o que acontecera. Fez-me

repetir cada parte do incidente, palavra por palavra.

— Ela disse mesmo o nome?

— Disse, várias vezes, estava sempre a gritá-lo.

— Achas que ele ouviu?

— Com certeza.

Nunca o tinha visto tão irritado.

— Estou fodido! Aquela cabra estúpida. O ladrão vai dizer a alguém. — E depois correu para o andar de cima e gritou-me que fizesse a mala. Nunca o tinha ouvido usar a palavra começada por «f». Não tinha mala. Segui-o para o seu quarto, onde ele estava freneticamente a dar volta às gavetas.

— Para onde vamos? — perguntei, com a voz a tremer.

— Não interessa.

— O que levo?

Atirou-me com um saco de viagem velho. Bateu e fez ricochete na minha cabeça.

— Para de choramingar como uma miúda. Leva o que precisares... Não, espera, leva tudo o que tens. Não deixes nada para trás. Não fiques aí especado. Despacha-te!

Corri para o meu quarto.

— Por quanto tempo vamos? — gritei.

— Muito tempo.

Eu não fazia ideia de quanto tempo aquilo era. O saco era pequeno. Corri pelo quarto. Tinha três mudas de roupa, quatro livros e três cadernos. Hesitei e depois fui buscar o *Toby* debaixo da minha almofada e enfiei-o no fundo do saco. Tinha omitido o facto de ter tirado o *Toby*. Algo me dizia que ele não ia ficar contente com isso. Já não havia nada no meu quarto. Desejei que, para onde quer que fôssemos, houvesse uma cama maior, porque os meus pés já me ficavam de fora desta.

— Depressa! — disse o pai. — Entra no carro.

Abri a porta da frente e, ao entrar, vi o pai passar pelo corredor para o anexo. A seguir ouvi-a gritar, ele a falar alto e a criança a chorar.

Sally

O Conor Geary tinha 45 anos quando fugiu da Irlanda em 1980. Tinha 31 anos quando raptou a minha mãe, então com 11 anos, em 1966, e 39 quando eu nasci, em 1974. Teria agora 83 anos. Tinha uma irmã, Margaret, que era tecnicamente minha tia. A polícia disse-me que ela vivia na casa de Killiney, onde eu e a Denise estivemos presas.

Eu queria falar com ela. Escrevi-lhe para aquela infame morada em junho de 2018.

Ela respondeu imediatamente. Queria encontrar-se comigo, para se explicar e pedir desculpa. A Margaret veio almoçar comigo e com a tia Christine em Roscommon, num dia de agosto.

Éramos parecidas. Tal como eu, também cerrava os punhos.

Chorou irritantemente durante todo o almoço. Eu estava sempre a pedir-lhe que repetisse o que acabara de dizer enquanto ela assoava o nariz. A tia Christine sussurrou-me que eu devia ter paciência.

— Desculpe — disse eu para a Margaret. — Tenho problemas de desenvolvimento emocional por causa dele. A propósito, não posso chamar-lhe tia Margaret. Não me sinto bem se o fizer.

— Compreendo. Não tens de te explicar.

A Margaret disse que tinha muita vergonha do irmão. Admitiu que tiveram uma educação estranha.

— A nossa mãe era dura com o Conor. Não o estou a desculpar, mas não foi fácil para ele. O nosso pai morreu quando éramos crianças, e era como se ela esperasse que ele ocupasse o lugar do pai... de todas as maneiras. E ele virou-se contra mim. Era... agressivo comigo, da mesma maneira que ela era com ele. Só quando saí de casa é que percebi como a nossa educação tinha sido errada... perversa. Nunca compreendi porque é que ele não se foi embora também. Passei alguns anos no Canadá a trabalhar como ama e raramente vinha a casa. Costumava escrever, mas nenhum dos dois respondia, até que o Conor me escreveu para me dizer que a mãe tinha morrido. Eu só tinha 27 anos.

O Conor herdara a casa de família e a Margaret ficara sem nada.

Recusara-se a vender a casa e a partilhar os proventos com ela. Ela voltou para o Canadá depois do funeral da mãe, com muito pouco. Não se falavam há muitos anos até o seu crime ser descoberto.

— Deixei a casa vazia durante muito tempo depois de o Conor fugir. Tinha medo de voltar para casa por causa da atenção mediática. Acabei por voltar para a Irlanda definitivamente em 1990 e arranjei emprego a gerir um lar de idosos perto de casa. Tinha poupado algum dinheiro no Canadá. Não era o suficiente para renovar toda a casa, mas chegava para mandar demolir o anexo onde tu e a tua mãe estiveram presas. A minha vida estava arruinada. Como podia fazer amigos, ter relações sociais? Assim que descobrissem quem o meu irmão era, as pessoas fugiriam de mim como o Diabo da cruz.

— Então porque voltou para casa? Porque não ficou no Canadá?

— Não sei, o chamamento da terra sempre foi forte. Só quando fiz as malas e vim para cá é que me apercebi de que não havia aqui nada para mim.

— É tão triste ver quantas vidas o seu irmão destruiu — disse a tia Christine.

— Mas se ele não tivesse existido, eu nunca teria nascido — disse eu.

A tia Christine e a Margaret olharam uma para a outra e sorriram.

— Porque estão a sorrir?

— Esse é um ponto de vista único — disse a tia Christine. Este era o tipo de resposta que me incomodava.

A Margaret disse que se refugiara na religião e que encontrara conforto em Deus. Tinha agora amigos num grupo de oração. Disse-me que se quisesse visitar a velha casa seria bem-vinda, mas só de pensar nisso dava-me ânsias de vomitar. Soube que o Conor Geary tinha ganhado muito dinheiro como dentista. Nunca teve de pagar uma renda ou hipoteca na vida, e tinha bastante dinheiro na conta bancária antes de a fechar e fugir para começar de novo onde quisesse. Eu era mais parecida com o lado dele da família, disso não havia dúvida. Também era antissocial e tinha pouco amigos. Talvez tivesse herdado esses traços dele.

A tia Christine era extremamente bondosa. Vinha ficar comigo com frequência, e por duas vezes levou-me para a sua grande casa vitoriana em Dublin, e eu fiquei com ela e com o tio Donald. Ele era reservado e frágil, e embora ela dissesse que eram da mesma idade, ele parecia muito mais velho.

Tinham um piano lá em casa. Pelo pó, via-se que não era usado há muito tempo, mas eles gostavam que eu tocasse. O Donald ficava mais animado e dizia que era «relaxante».

Eu fazia o que podia para desenvolver as minhas competências sociais

em Carricksheedy. Ia ao *pub* com a Stella, a minha antiga companheira de escola, e fui ao cinema em Roscommon no outono, mas mesmo com tampões nos ouvidos, senti-me esmagada pelo barulho e a agitação. Tive de sair mais cedo. A Stella não se importou. Já quase não se notava a gaguez. Mostrou-me fotografias dos filhos, do marido e do cão. Sugeriu que eu arranjasse um cão para me fazer companhia. Eu não tinha a certeza de querer um companheiro que fazia cocó onde lhe apetecia e que depois não limpava a porcaria. A Stella diz-me que sou engraçada. Eu também a acho engraçada. Ela mandou-me romances para ler. Eram histórias bem escritas, mas tive dificuldade em rever-me nelas. A Stella acha que eu devia começar a namorar. Lá está, ela é mesmo engraçada. No meu aniversário, mandou-me um postal de parabéns, um cachecol de lã e um chapéu. Eram macios e quentes. Fiz 44 anos.

A Martha também era simpática. Era sempre direta comigo quando eu dizia coisas inadequadas. Fui eu que lhe pedi que me chamasse a atenção para essas coisas. A Tina achou que era boa ideia. Eu já não partia do princípio de que as pessoas queriam mesmo dizer o que as palavras diziam. Comecei a pôr em prática todos os dias uma técnica que era «ler nas entrelinhas».

Fui jantar a casa da Martha algumas vezes, e sempre que via o Udo ele ensinava-me Igbo, a sua língua materna. Ele cozinha comida nigeriana maravilhosa. Tomei conta do Maduka e da Abebi algumas vezes e são os meus amigos preferidos. São sempre sinceros. Nesse ano, convidaram-me para o jantar de Natal. A tia Christine convidou-me dias mais tarde, mas eu disse-lhe que os Adebayo eram mais divertidos.

A Tina estava encantada com os meus progressos e encorajou-me a escolher prendas adequadas para a família. Perguntei às crianças o que queriam e foi fácil. Para o Udo e para a Martha, comprei um cestinho de queijos num grande supermercado em Roscommon. Acima de tudo, consegui enfrentar a multidão. Ainda bem que tinha os tampões nos ouvidos.

Peter, 1980

Quando saímos pelo portão da frente, o pai disse:

— Pronto, acalma-te e pensa. Pensa! — Estava a falar consigo próprio. Quinze minutos mais tarde, estacionámos à frente do Allied Irish Bank. Eu já tinha visto anúncios daquele banco na televisão. — Espera aqui — ordenou-me. Eu não tinha intenção de ir a lado nenhum. O pai demorou muito tempo e quando voltou para o carro, disse: — Cabra! Tive de chamar o gerente. O dinheiro é meu. Tenho o direito de o levantar se quiser, e não era uma cabra insignificante e empertigada que me iria impedir de o fazer.

A seguir, seguimos por uma rua paralela e parámos ao lado de um edifício. Havia uma porta na rua e, ao lado da porta, havia uma placa de latão que dizia:

CONSULTÓRIO DENTÁRIO DE GLENDALE

TEL.: 809915

CONOR GEARY

CIRURGIÃO DENTISTA

Era aqui que o meu pai trabalhava. Quis entrar com ele, mas ele mandou-me ficar no carro. Minutos mais tarde, saiu com algumas pastas e um certificado emoldurado. Desfez a moldura, atirou-a para o jardim de uma casa ao lado e enrolou o certificado, abriu a bagageira do carro e pô-lo dentro da mala. Não me atrevi a fazer perguntas.

Arrancámos e saímos daquela rua principal para uma estrada ao longo da costa. Ele estacionou o carro no cais e saímos. As gaiivotas faziam voos rasos sobre as nossas cabeças. Ele tirou um boné do bolso e pôs óculos. Eu nunca tinha visto nenhum dos dois adereços.

— Vamos para Inglaterra — disse ele — e depois pensamos em como arranjar passaportes.

Caminhámos juntos e ele sorria e acenava com a cabeça às pessoas com quem nos cruzávamos, mesmo às mulheres, puxando o boné cada vez mais para baixo. Em dez minutos chegámos ao terminal de *ferries*

e pusemo-nos na fila. Eu afastei-me, com medo de tocar em alguém, mas ele puxou-me para junto dele e agarrou-me na mão. Quando chegou à bilheteira, comprou dois bilhetes de segunda classe para Holyhead. Pelos livros de Geografia, eu sabia que Holyhead ficava no País de Gales. Mas não ia questionar o pai sobre nada. Ele estava muito tenso. Magoava-me a mão e tinha o maxilar cerrado.

Eu devia estar empolgado. Íamos para o estrangeiro, pela primeira vez. Mas decididamente não me dava a sensação de férias. Estávamos a fugir. Mas por quanto tempo? E de quem estávamos a fugir? O pai não queria fazer queixa à polícia do assalto à casa? Ele bufava sempre que os via na televisão. Víamos *Garda Patrol* todas as semanas. Ele ria-se deles e chamava-lhe «idiotas preguiçosos e incompetentes». Tentei compreender, mas não conseguia pensar direito. Entrámos para o barco e subimos o que pareceu um lanço de escadas sem fim até chegarmos a um convés ao ar livre.

— Como se chama esta cidade, pai?

— Dún Laoghaire. Olha bem para a Irlanda, rapaz, vai passar muito tempo até a voltarmos a ver.

A raiva tinha desaparecido e vi-lhe os olhos a brilhar por trás das lentes dos óculos. Iria o pai chorar? Como uma menina?

Estava muito frio no convés, estávamos em meados de março. As outras pessoas estavam protegidas do frio lá dentro. Finalmente a sirene tocou e o barco afastou-se do porto, lentamente no início e depois ganhando velocidade ao deixarmos para trás os molhes de granito de cada lado, como braços estendidos, empurrando-nos para fora, para o mar.

— Vamos na nossa própria odisseia — disse ele, com tristeza na voz.

— Pai. — Sentia-me preparado para lhe perguntar, agora que a ira tinha diminuído. — Não compreendo o que está a acontecer. Por que estamos a ir embora tão subitamente?

Ele pôs a cabeça entre as mãos.

— Tem de ser. É tão simples quanto isso. Aquele ladrão. Se ele dissesse o nome dela a alguém, as pessoas vinham e levavam-te. Punham-te as mãos em cima e morrerias. Estou a fazer isto por ti.

— Mas porque é que haviam de me levar embora?

— Ela é tão louca que pensa que te raptei. Achas que aquele ladrão não vai dizer a ninguém? A polícia pode acreditar nela ou acreditar em mim, mas uma coisa é certa: eu não poderia impedi-los de te pôr as mãos em cima, e não quero correr esse risco. Vamos embora para te poder salvar a vida. A tua doença é tão rara que a maior parte das pessoas não acredita nela nem a compreende. Lembras-te de quando te mostrei fotografias do Menino da Bolha? Era assim que ias acabar, se tivesses sorte, se não te matassem primeiro.

Baixou os óculos e olhou-me nos olhos.

— Estás a compreender?

— Compreendo — disse eu solenemente.

Lembrava-me do Menino da Bolha. Era mais novo do que eu alguns anos e a doença dele era tão grave que até o ar o podia matar, por isso passou toda a vida isolado num quarto de hospital. O pai disse-me que a minha doença era semelhante, só que a minha morte seria pior se eu fosse infetado. O meu pai amava-me o suficiente para fugir de tudo para me proteger.

— Mas depois de descobrirem que ela é louca e perigosa, podemos voltar para casa?

— Talvez esteja na hora de alargarmos os nossos horizontes. Não queres ver o mundo?

Eu disse que sim com a cabeça, cheio de entusiasmo.

— É assim mesmo, rapaz. Ora bem, vamos lá para baixo comer qualquer coisa? Ainda não jantámos. Não te afastes de mim.

Não me lembro de quanto tempo levou a travessia. Três horas, talvez? Eu estava cansado quando chegámos, mas o pai disse que tínhamos de apanhar um autocarro para Londres. Esperámos numa central de autocarros fria, batendo os pés para nos aquecermos. Eu estava demasiado cansado para me sentir empolgado. Nunca tinha andado de autocarro. Despertei um pouco quando subimos umas escadas íngremes. Encontrámos lugar no meio do autocarro. Estava demasiado escuro para ver alguma coisa lá fora. Adormeci assim que começámos a andar e mal vi o que estava à minha volta quando parámos para ir à casa de banho. Entrámos em Londres quase ao romper do dia, mas a cidade era tão grande que passou quase uma hora até o autocarro virar para um edifício enorme e de aspeto sujo. A placa à entrada dizia «Euston Station».

— Este é o centro da cidade? — perguntei, mas ele não respondeu. Tinha o maxilar cerrado e olhava atentamente pela janela.

Quando saímos do autocarro, uma mulher chocou contra mim. Gritei e o pai puxou-me para ele, ao mesmo tempo que a mulher dizia de forma belicosa:

— Mal lhe toquei, porque está tão histérico?

E eu estava mesmo histérico, à espera de que a dor chegasse, mas o pai arrastou-me para um canto e disse:

— Está tudo bem, ela não te tocou na pele, só na parte de trás do casaco. Vais ficar bem.

Mas eu tinha a certeza de que me tinha tocado atrás da cabeça também. Estava aterrorizado, à espera de que a dor chegasse, mas não chegou.

— Peter, para com isso. Não podes chamar a atenção para nós

desta maneira.

Por entre soluços, disse-lhe que ela me tinha tocado na cabeça. Ele garantiu-me que o cabelo me protegera. Um pequeno grupo estava a olhar para nós. Abracei o pai e aninhei-me no ombro dele. Ouvia-o dizer às pessoas:

— Já está bem. Acabou de acordar, desorientado, sabe? Já está bem. Não é nada de preocupante.

— Já tem idade para não fazer esta fita, não acha? — disse a mulher, fuzilando-nos com os olhos.

As pessoas, atarefadas e com pressa de chegar aos seus destinos, depressa dispersaram. Continuei agarrado a ele até me acalmar.

— Não faças caso daquela cabra estúpida — disse ele.

— Pai — disse eu —, lembras-te que disste que a doença me podia passar? Quando é que isso vai acontecer?

— Ainda não consegui descobrir se isso é sequer possível. Mas não quero que te preocupes. Eu vou proteger-te.

— Então, desde que não esteja em contacto com a pele das pessoas, não acontece nada?

— Sim, foi isso que descobri nas minhas pesquisas.

Dadas as centenas de pessoas que eu via a passarem à minha volta, continuava preocupado.

— Pai, não vamos viver aqui, pois não?

— Não. Precisamos de ir para um sítio mais sossegado. Em princípio, só ficaremos aqui uns dias.

Tirou um pequeno livro de mapas e começámos a andar. Uma hora depois, eu tinha o estômago a dar horas e perguntei:

— Ainda é muito longe? Podemos tomar o pequeno-almoço?

Parámos num pequeno café bafiento com mesas sujas e pegadas de lama por todo o chão. O pai sentou-me numa mesa longe da janela e foi ao balcão pedir a nossa comida. Eu só queria ir para casa. Um homem levantou os olhos e acenou-me com a cabeça. Eu desviei o olhar. Entraram duas mulheres de saia curta, botas altas e blusas brilhantes sem mangas e gritaram o seu pedido para o homem que estava atrás do balcão, antes de se sentarem junto da janela. Vi o *soutien* da de cabelo escuro: era vermelho. Nunca vira mulheres assim. Será que não tinham frio, vestidas daquela maneira? Tinham os lábios pintados com batom vermelho brilhante e as pálpebras pintadas de preto. Sopravam novelos de fumo para o ar. Quando comecei a sentir uma ereção a agitar-se-me nas calças, o pai pegou-me na cabeça e virou-me para ele ao mesmo tempo que colocava uma sandes de *bacon* e uma chávena de chá à minha frente.

— Não olhes para elas. São rameiras — sibilou. — Fazem sexo com os homens a troco de dinheiro. Estão provavelmente a sair do turno da noite.

— Os homens pagam para ter sexo? Porque não se casam? Mesmo que se casassem com uma louca, podiam fazer sexo com ela, como tu fizeste.

Ele olhou fixamente para mim e eu senti-me imediatamente embaraçado.

— De que estás a falar, pirralho? — Vi a fúria crescer dentro dele.

— Está nos livros de biologia que me deste e nas enciclopédias. Deves ter tido sexo com ela duas vezes. Se não, como é que eu estaria aqui? Ou aquela miúda?

Ele pegou no chá e beberricou devagar. Ficámos em silêncio durante algum tempo e depois ele disse:

— A miúda foi um erro.

Eu sabia que não deveria continuar com a conversa. Mas não compreendia como ele poderia ter feito sexo por acidente. Comemos as sandes e bebemos o chá em silêncio, e não me atrevi a virar-me para olhar para aquelas mulheres outra vez, embora lhes ouvisse os risos e sentisse o cheiro dos cigarros e do perfume.

Eu também andava a pensar noutra coisa.

— Pai, como vais ganhar dinheiro agora? Vais deixar o teu trabalho para sempre?

A testa franziu-se-lhe.

— Temos dinheiro suficiente para algum tempo, mas vamos ter de viver frugalmente por enquanto. Nada de luxos. Está bem? Só até eu ter um plano.

Fiquei alarmado.

— Não tens um plano?

— Ainda não, mas até à noite já devo ter.

Sáímos do café e começámos a andar. As ruas foram ficando mais sujas e as casas pareciam mais decadentes. A determinada altura, parámos numa que tinha um aviso na janela a anunciar «Temos vagas».

O pai bateu à porta. Apareceu um homem pequeno, vestido com calças de ganga e uma *t-shirt*. A *t-shirt* tinha nódoas e a carpete por trás dele estava surrenta.

— Olá — disse o pai. — Estou à procura de um quarto para o meu filho e para mim durante duas noites, por favor.

— É irlandês? — perguntou o homem, mas antes que o pai conseguisse responder, o homem disse: — Vá para a sua terra e leve as suas bombas consigo. — E bateu com a porta na cara do pai. O pai ficou furioso.

— Deve ter pensado que sou do IRA — disse ele. — Eu? Um terrorista?

Sally

No princípio de 2019, as minhas sessões de terapia com a Tina estavam a ir bem. Estava a trabalhar em terapia de dessensibilização comigo, para a ansiedade e a PSPT. Quando as pessoas me apertavam a mão ou me davam palmadinhas no braço ou até me abraçavam, eu tentava não recuar. Também estava a ter terapia sonora para me habituar aos níveis de som «normais». Ainda achava esta difícil. A Tina achava que as aulas de yoga da Martha me estavam a ajudar a relaxar. A Martha só me tocava suavemente durante as aulas para me orientar nas posições corretas. Ao princípio, sentia que esticar-me e dobrar-me não era natural, mas habituei-me. Eu sabia que centrar-me e estar em sintonia com o meu corpo me acalmava quando enfrentava situações difíceis.

A Tina era da opinião que eu devia arranjar um emprego. Dizia que eu devia ter um objetivo na vida. Expliquei-lhe que já fora rejeitada como ama. Mas ela pediu-me que pensasse no que gosto de fazer mais do que tudo na vida. Acho que gosto muito de tocar piano. A Tina quis então saber se eu era capaz de ponderar dar aulas de piano. Perguntou-me se eu era paciente. Disse-lhe que achava que não era. Fizemos duas sessões sobre paciência.

Eu era boa a pesquisar no Google e descobri uma coisa chamada terapia de regressão, que talvez me ajudasse a lembrar-me das coisas. A Tina era totalmente contra e, depois de me explicar o porquê da sua posição, eu compreendi. Qual seria o propósito de me lembrar de uma coisa tão traumática? E que probabilidade havia de que alguma coisa de que me lembrasse me ajudasse a capturar o Conor Geary agora?

Um dia, em fevereiro, estava a falar com o Udo na loja da Texaco e ele disse-me que as crianças estavam ansiosas pelas férias do Carnaval. Eu apontei para o meu guarda-chuva e disse que esperava que o tempo melhorasse, porque a Abebi me tinha dito que queria ir acampar. Ele agradeceu-me pela informação e respondeu que ia ter de a dececionar,

porque morreriam de frio numa tenda. Falei-lhe do trabalho da Stella com os sem-abrigo.

— Um jovem morreu de frio na semana passada. Podia dizer-lhe isso — sugeri.

— Sally, não se pode falar de coisas dessas com crianças pequenas. Ficam com pesadelos. Devia dar pesadelos era aos políticos.

— Obrigada por me dizer, Udo, vou acrescentar isso à minha lista. — Eu tinha uma lista de coisas a não falar com crianças, escrita pela Martha. Aceitei um abraço leve e ele saiu da loja.

Era a Caroline que estava ao balcão. Tínhamos trocado uma série de receitas e o meu relatório de refeições tinha melhorado muito. Depois de o Udo sair, ela disse:

— Primeiro as lésbicas e agora os pretos.

Na cara tinha uma expressão cheia de desaprovação.

— Qual é o problema? — perguntei-lhe.

— Estão a tomar conta disto — disse ela. — Outras três famílias de estrangeiros vieram viver para a aldeia no mês passado. Tudo por causa daquela maldita fábrica de carne em Mervyn Park.

— É bom. Mais clientes para ti — disse eu.

— Não são o tipo de clientes que eu quero.

— Porquê?

— Não sou racista, mas a Irlanda é para os irlandeses.

— Mas a Abebi e o Maduka são irlandeses. Nasceram aqui.

— Nunca serão irlandeses — disse ela.

— Não é bom ser racista, Caroline — disse eu.

— Tu não compreendes muitas coisas, Sally, e esta é uma delas.

— Eu compreendo o racismo.

— Para de me chamar racista.

— Deixa de o ser.

A cara dela estava a ficar cada vez mais vermelha.

— Olha, sua anormal de merda, ao princípio senti pena de ti, mesmo depois do que fizeste ao teu pobre pai, porque estavas sozinha, mas agora toda a gente tem pena de ti por causa do que te aconteceu quando eras miúda. Como sabemos que não és como o teu pai biológico? Psicopata de merda. Desanda daqui e não voltes cá!

Estava a gritar. Os outros dois clientes estavam a olhar para nós. Saí o mais depressa que pude, sem levar nem pagar as minhas compras. Fiz os meus exercícios de respiração e mantive-me calma. Mas aquilo era muito inconveniente. A partir de então, teria de fazer compras no supermercado Gala e ia ter de memorizar as prateleiras de lá.

Enquanto caminhava para casa, um carro parou ao meu lado e o condutor abriu a janela.

— Ei, está bem? Vi o que aconteceu na Texaco. Que vaca. Eu disse-

lhe o que pensava depois de você sair. Devia fazer queixa dela ao gerente.

— O gerente é ela.

— Posso dar-lhe boleia? Sally, não é? Eu sou o Mark. Acabei de me mudar para cá. Que sorte eu ser branco, hã?

— Isso é uma piada?

— O quê? Claro que é!

Ele abriu-me a porta do passageiro. Parecia ter olhos bondosos e a cara era agradável. Estava a começar a perder o cabelo. O carro era velho. Vi que estava de calças de ganga, camisa e gravata. Não lhe via os sapatos. Mas não se pode julgar um livro pela capa, nem um racista sequestrador pelo sorriso que tem na cara.

— Não, obrigada. Não aceito boleias de estranhos.

— Céus. Que estúpido eu sequer pensar... Olhe, desculpe. Eu não sou... tipo... um predador.

— É precisamente isso que um predador diria. — Estuguei o passo um pouco. O carro ficou onde estava durante muito tempo. Subi a pequena lomba, desci a minha rua e o carro não passou. Talvez não fosse um sequestrador, mas se havia uma coisa com que o pai fora rigoroso quando eu era pequena era a regra de não entrar em carros de estranhos. Agora, obviamente, eu sabia porquê. Fora isso que a minha mãe biológica fizera, e enquanto o Conor Geary continuasse à solta, ele podia voltar para me vir buscar. Mas aquele homem, o Mark, não era o Conor Geary. Estava talvez na casa dos 50.

Apesar de continuar a fazer exercícios de respiração, estava um pouco abalada pelas experiências do dia quando cheguei a casa. Apetecia-me contar a alguém o que tinha acontecido. Pensei em telefonar à Stella, mas ela estava a trabalhar e eu estava precisamente a telefonar à Martha quando me lembrei do que a Tina me dissera sobre empatia. Talvez a Martha ficasse magoada ao saber que a Caroline era racista. Mas podia contar-lhe sobre o homem. Ou não? Como explicaria a forma como ele me abordara sem mencionar o que a Caroline me havia dito? Interrompi a chamada. Precisava de mais amigos.

Foi nesse dia que decidi mudar de casa. Não gostava de me sentir desestabilizada sozinha. Pela primeira vez na vida, queria estar com pessoas à minha volta.

Telefonei ao Geoff Barrington, o advogado, que me disse que telefonasse a um agente imobiliário. Deu-me o número de telefone de um e falou-me de um *website* onde podia ver propriedades à venda. Também me disse que devia começar a procurar casa de preferência antes de pôr a minha à venda. Disse-me que aquela era uma decisão muito importante e que eu devia procurar aconselhar-me com alguém.

Eu pensava que estava a aconselhar-me com ele. Mas ele disse que trataria da parte do negócio.

Acho que ele queria dizer que eu devia telefonar à Angela. Decidi esperar pelo fim de semana, quando ela estivesse livre. Entretanto, entrei no *website* e passei umas poucas horas a analisar casas na zona. Não queria um apartamento, embora houvesse um à venda na aldeia. Queria estar no meio das coisas, mas não queria partilhar um corredor. A maioria das casas disponíveis tinha três quartos, mas eu só precisava de um, talvez dois.

No sábado à tarde, fui a casa da Angela e da Nadine e discuti as minhas opções. A Nadine sugeriu imediatamente uma vivenda degradada e abandonada em Bracken Lane, em frente ao estúdio de yoga da Martha.

— Está à venda há anos.

— Não consigo viver lá — disse eu.

— Usa a tua imaginação — disse ela. — Pensa em como podia ficar.

— Não vês aqueles programas sobre renovação de casas na televisão? — perguntou a Angela.

— Vejo. Adoro-os, mas quero um chuveiro como o vosso. Ocuparia metade daquela casa.

— Mas podias ampliar a casa e deixá-la com o dobro ou o triplo da área de implantação do imóvel. Aposto que conseguirias comprar aquilo por tuta-e-meia. Ias precisar de um topógrafo e de um arquiteto. Olha para a nossa cozinha. Achas que foi construída com o resto da casa em 1904? Achas que o nosso chuveiro maravilhoso é da era vitoriana?

A Nadine começou a desenhar nas costas de uma carta. Desenhou a frente da casa.

— Até onde vai a propriedade para trás? Talvez quinze metros? Queres um jardim? Ou talvez um pequeno pátio? Com pouca manutenção? Já muitas vezes pensei que aquele sítio podia ser lindo, com claraboias nos sítios certos. Mas precisavas de ver como está o saneamento. Alguma razão deve haver para ninguém lhe ter pegado em vinte anos ou mais.

A Nadine estava animada.

— Deixa-me telefonar para a Câmara na segunda-feira. A ver o que dizem. Fazias-lhes um favor. A única razão por que ainda não foi deitada abaixo é porque fica numa ruela e fora da vista. Mas ias ficar no meio de Carricksheedy. Quem será o proprietário?

A Angela riu-se.

— Pronto — disse ela —, agora a Nadine ficou obcecada. Eu sempre disse que o *design* de mobiliário era coisa pouca para ela.

— Desculpem, desculpem! Estou a ficar empolgada. A casa tem

muito potencial. As outras opções são pequenas casas em banda com três quartos na rua principal ou então as monótonas casas geminadas na urbanização perto de Mervyn Park. Mas ouvi dizer que vão construir mais, uma vez que o parque industrial está a expandir-se. A tua casa pode valer bastante dinheiro, Sally. Tens alguns hectares, não tens?

Agradei-lhes e expliquei que tinha de ir à festa da Martha.

— Uma festa?

— Sim. Não vou a uma festa desde criança. Estou nervosa.

— Não fiques nervosa. Diverte-te!

— Mas não conheço lá ninguém senão o Udo, a Martha e as crianças. A festa é para receber os novos trabalhadores de Mervyn Park.

— Vais ficar bem. Bebe um copo de vinho ou uma chávena de chá com açúcar antes de saíres de casa, para relaxares. E lembra-te de que a maior parte daquelas pessoas são novas por aqui. Tu fazes parte da comissão de boas-vindas. Faz um esforço por falar com os recém-chegados. Eles não sabem nada de ti. Todos os outros na aldeia conhecem a tua história.

— A maior parte da história. Ninguém a sabe toda. Nem eu.

A Angela olhou para a Nadine, que estava concentrada a cortar vegetais.

— Como é que vais vestida? — quis saber a Angela. Olhei para a minha saia preta e aponte para a camisola que elas me tinham dado no Natal do ano anterior.

— Pede a uma das tuas amigas que vá às compras contigo um dia destes. O teu pai era forreta, mas tu não precisas de andar à cata de roupa em lojas de segunda mão. Tu estás bem na vida. A Jean adorava ir às compras e talvez tu também gostes.

— Não me parece.

— Achas? Fala com a Tina sobre isso. Podes descobrir que é terapêutico.

— Posso descobrir que é infernal.

— Não necessariamente. Só vais saber se experimentares.

A Martha e o Udo viviam na nova urbanização na ponta da aldeia. No princípio da festa, fiquei sozinha num canto da cozinha, fingindo interesse nas plantas que estavam no parapeito da janela. Pouco a pouco, as pessoas começaram a apresentar-se. Conheci as pessoas de quem a Caroline tinha falado. Um casal era brasileiro, o Rodrigo e a Fernanda. Havia uma divorciada indiana, a Anubha, e os seus dois filhos, e um casal negro inglês, a Sue e o Kenneth, e os seus três filhos. O jardim era grande e, apesar do mau tempo, as crianças brincaram todas juntas numa ponta do jardim, numa casa da árvore que o Udo

tinha construído. Eram extremamente barulhentas. Como solução de meio-termo, inseri apenas um tampão no ouvido.

Lembrando-me de todas as dicas que a Tina me dera sobre socialização antes desta festa, disse-lhes um ou dois factos sobre mim: que vivo sozinha e gosto de tocar piano. Que Debussy é o meu compositor preferido. E que ando à procura de emprego.

O outro desafio era perguntar-lhes alguma coisa sobre eles próprios. Perguntei ao Rodrigo e à Fernanda se tencionavam ter filhos. A Martha interrompeu-me, chamou-me à parte e, baixinho, explicou-me que não devia fazer perguntas pessoais. Quem me dera que a Tina tivesse escrito algumas regras para eu memorizar. A Fernanda mais tarde disse-me que estavam a tentar constituir família. Eu sabia que aquilo queria dizer que andavam a fazer muito sexo e percebi porque é que a pergunta era tão pessoal. O Rodrigo perguntou-me qual era a minha experiência de trabalho. Eu disse-lhe que nunca tinha trabalhado.

— A minha mãe morreu quando eu era jovem e tomei conta do meu pai até à sua morte, há quinze meses.

Eles expressaram as suas condolências. O pai do Rodrigo também tinha morrido no ano anterior. Perguntei como tinha sido o funeral e o Rodrigo descreveu as tradições fúnebres brasileiras, que eram muito parecidas com as irlandesas. Contudo, para ele fora uma surpresa ver que as pessoas na Irlanda traziam comida para as famílias enlutadas.

— Quem consegue comer numa altura dessas?

— Eu consigo comer a toda a hora — disse eu.

Houve uma espécie de pausa, e achei que devia avançar para falar com a Anubha, a indiana pequena e bonita. Depois da minha apresentação, ela disse que adorava aprender a tocar piano, mas que não ia ter tempo, sendo mãe solteira com dois filhos pequenos.

— O que aconteceu ao pai? — perguntei. A Martha estava atrás da Anubha, acho que a vigiar a conversa. Levou as mãos à cara e eu achei que tinha feito outra vez uma pergunta inconveniente.

— Deixou-me pela amante em Dublin — disse a Anubha.

— Ele vê as crianças muitas vezes?

— Sim, ele é bom para elas, *shukar hai*.

Entrámos, então, numa conversa sobre línguas. *Shukar hai* era o equivalente hindi de «graças a Deus».

— Disse que estava à procura de emprego, não foi? Mervyn Park está a expandir-se. Não há apenas a fábrica de processamento de carne. No mês que vem vai abrir também uma empresa farmacêutica. Se tiver competências informáticas básicas, pode arranjar um trabalho administrativo. Mas o salário provavelmente não é grande coisa.

— Não tem que ver com dinheiro — expliquei. — A minha terapeuta acha que seria boa ideia. — A Anubha franziu a testa

ligeiramente. Não consegui perceber o que estava a pensar, mas depois sorrii-me.

Chegou então um homem com uma garrafa de cerveja na mão.

O Udo disse:

— Já conhecem o Mark? Ele começou agora a trabalhar no departamento de contabilidade. — Seguiram-se vários cumprimentos. O Mark era o homem que parara o carro junto a mim no dia anterior e que tinha testemunhado a minha discussão com a Caroline. Era irlandês. Apertou a mão à maior parte das pessoas, mas abeirou-se de mim desajeitadamente.

— Sou o Mark Butler. Conhecemo-nos ontem.

— Tentou meter-me no seu carro — disse eu.

— Eu sei — disse ele —, não paro de pensar como isso foi estúpido da minha parte. Não admira que pensasse que eu era um predador. Quer dizer... Eu estou a par da sua história. Uma pessoa da aldeia contou-ma. Sinto-me um idiota. Por favor, aceite as minhas desculpas.

Suspirei. Ele já não me parecia assustador.

— Posso ir buscar-lhe outro copo de vinho? — perguntou ele.

— Sim, por favor.

Afastei-me e fui abordada pela Sue e pelo Kenneth. A Sue era a nova professora primária da aldeia e o Kenneth era controlador de qualidade da sala de desossa em Mervyn Park e era vegetariano. Achei engraçado que um vegetariano trabalhasse numa fábrica de processamento de carne. Perguntei-lhes se podíamos trocar receitas. Eu tinha gostado de trocar receitas com a Caroline, mas agora que ela já não era minha amiga e me tinha proibido de entrar na Texaco, eu precisava de alguém que a substituísse. A Sue ofereceu-se para me emprestar um livro inteiro de receitas. Combinámos encontrar-nos para tomar café na semana seguinte. O Kenneth era calado. Acho que falei mais do que ele. Já tinha constatado que o vinho me tornava tagarela.

Fiz notar que os filhos deles eram os mais barulhentos do grupo que estava no jardim. A Sue disse que viver num apartamento lhes tolhia a personalidade e que estava encantada por os ver tão animados a brincar no jardim. Pedi desculpa se o meu comentário tinha parecido indelicado. Expliquei que nem sempre dizia o que era mais conveniente devido ao meu desenvolvimento mental. A Sue garantiu-me que não se tinha sentido desconfortável.

O Mark chegou, sentou-se no lugar que ela deixara vazio e apresentou-me o meu terceiro copo de vinho do dia.

— Quero que saibas — disse ele em voz baixa — que fiz queixa da gerente da Texaco à sede da empresa. Ela não devia estar naquele emprego com aquela atitude. Pode ser que entrem em contacto contigo para verificar o incidente.

— Obrigada. Eu ia fazer a mesma coisa na segunda-feira.

Tentei pensar em qualquer coisa para dizer.

— Vou pôr a minha casa à venda.

— Essa é uma decisão importante. Para onde vais?

— Ainda não sei, mas o sítio onde vivo é um pouco isolado e tanto a minha médica como a minha terapeuta dizem que eu devia ser mais sociável e estar mais perto das pessoas, por isso, talvez vá para a aldeia.

— Estás a ser sociável hoje — disse ele a sorrir. Tinha os dentes brancos e direitinhos.

Fiquei encantada com o cumprimento, mas admiti que achava a socialização um grande esforço.

— Muitas vezes ofendo as pessoas sem intenção. Porque digo o que penso. Gosto dos teus dentes. — Ele olhou para mim de forma estranha. — Estás a ver? Aí tens um exemplo. Eu não deveria fazer comentários sobre a aparência das pessoas.

— Mas não é ofensivo. Talvez não devesse comentar negativamente a aparência das pessoas.

— Não é isso que a Tina diz. Se, por exemplo, eu dissesse que era bom seres magro, isso podia querer dizer que eu não aprovaria que engordasses. E se depois engordasses, poderias ficar desgostoso contigo próprio.

Ele riu-se.

— Ah, sim, há muito que aprendi a nunca felicitar ninguém pela gravidez até me mostrarem uma ecografia.

Ri-me espontaneamente com aquela.

— É incorreto dizer que tens um riso bonito? — disse ele.

— É o meu riso verdadeiro. O meu pai dizia sempre que, quando as pessoas se riem, eu devia rir-me com elas, e é isso que faço quando tenho a certeza de que não se estão a rir de mim, mas às vezes é difícil distinguir.

— És sincera.

— Sou. Acho que isso se deve à minha inexperiência social e ao isolamento. Embora creia que é uma coisa boa.

— E então, ainda pensas que sou um predador?

— Não consigo saber ao certo, pois não?

— É verdade. Acho a tua sinceridade revigorante.

— Onde vivias antes de vires para Carricksheedy?

— Dublin. Ando à procura de uma desculpa para vir para esta parte do país há mais de um ano.

— Porquê?

Ele virou-se e olhou para a casa da árvore.

— Ar fresco. Uma vida calma.

A pergunta pareceu deixá-lo desconfortável, por isso tentei outra

coisa.

— Tens filhos?

— Não. Só uma ex-mulher, a Elaine.

— Traíste-a?

Ele fitou-me por instantes e acho que ficou zangado.

— Sim. Traí-a. Deitei fora um bom casamento por um caso com uma rapariga com metade da minha idade.

— Também és sincero.

— A tua... vulnerabilidade faz-me sentir que tenho de ser honesto contigo.

— A tua mulher vai perdoar-te?

— Ela já avançou. Tem um filho com o novo marido.

— E a rapariga por quem a deixaste?

— Acabou comigo. Não estava pronta para assentar. Fim de história.

— Mereceste.

— Talvez tenhas razão. E tu? Do que li e ouvi, nunca tiveste uma relação, certo?

— Certo.

— Não queres? Não gostavas de te apaixonar?

— Não sei. Teoricamente sou heterossexual. Mas decididamente não quero sexo.

Por esta altura, o barulho das conversas já tinha diminuído. A Martha pegou no Mark pelo braço e levou-o para o jardim. A Sue voltou a sentar-se ao pé de mim.

— Aquilo parecia uma conversa pessoal, Sally. Tens a certeza de que queres partilhar detalhes daqueles?

Senti-me outra vez desanimada. Tinha dito novamente o que não devia e percebi que as pessoas estavam a olhar para mim. Ouvi a Anubha perguntar à Fernanda:

— O que é que ela disse?

E o Udo disse ao Kenneth:

— Não tenho a certeza quanto ao Mark.

O Kenneth assentiu com a cabeça, com ar confuso. Fui ter com o Udo.

— Tenho de ir andando. Obrigada pela tarde maravilhosa.

— O Mark disse alguma coisa que te aborreceu?

— Hoje não. Acho que eu disse uma coisa que devia ser privada. — Estava com um zunido na cabeça. — Talvez tenha bebido demais. Podes fazer o favor de explicar a toda a gente a minha deficiência e agradecer à Martha?

Fui rapidamente para o corredor e peguei no casaco.

Tinha falhado o teste de ir a uma festa. Tomei nota mental para falar sobre isso com a Tina na nossa sessão seguinte.

Peter, 1980

Tivemos mais sorte na nossa terceira tentativa de encontrar alojamento. A casa era limpa, embora localizada numa rua nojenta, e a senhoria era animada, simpática e de pele escura. Apresentou-se como Mona.

— Estão de férias? Vão conhecer a cidade?

— Andamos à procura de uma propriedade nesta zona — respondeu o pai com um sorriso caloroso.

— Vão mudar-se para Londres? Da Irlanda? Ora aí está uma decisão corajosa.

O pai não disse nada.

— Que lindo menino aqui tem. Como te chamas, filho?

— Steve — disse o pai antes que eu conseguisse responder. Ela inclinou-se para a frente e não sei se ia apertar-me a mão ou pôr-me a mão na cabeça, mas eu dei um passo para trás.

— Não faça caso — disse o pai —, está na idade do armário. O Steve não gosta que lhe toquem. — Piscou-lhe o olho.

— Ora, isso vai mudar depressa, não vai? — disse ela, a rir-se, ao mesmo tempo que olhava para o pai. Steve?

— Pago já e em dinheiro, se não se importa.

— Perfeito, você é o meu tipo de hóspede preferido. Não me importo nada. Quantas noites?

— Duas, até ver.

— Cama e pequeno-almoço, ou também quer jantar?

— Quanto custa? — perguntou o pai.

— Dez libras por noite, querido, doze se também quiser jantar. Não encontra mais barato.

— E então, Steve? — disse o pai. — Também jantamos?

Eu disse que sim com a cabeça.

O pai contou as notas.

— Nesse caso, pago já duas noites, por favor, e amanhã digo-lhe se precisamos de prolongar a nossa estadia.

— Muito bem. A casa de banho é ao fundo do corredor à esquerda

e têm um duche no vosso quarto. Podem bater-me à porta se precisarem de alguma coisa. O jantar é às sete.

Entregou as chaves e disse-nos que podíamos entrar e sair quando quiséssemos.

Uma vez dentro do quarto, vimos que havia um beliche e um cubículo de plástico no canto para tomar duche. Eu sempre quisera dormir na cama de cima de um beliche.

— Pai! Posso ficar em cima? Por favor, pai?

— Podes. — Pôs o dedo nos lábios. Ficámos em silêncio por instantes e ouvimos a Mona a cantar baixinho. O pai baixou a voz.

— As paredes são finas, vamos ter de sussurrar.

— Porquê?

— Não queremos que saibam da nossa vida.

— Quem?

— As mulheres — disse ele.

— Foi por isso que lhe disseste que o meu nome era Steve?

Ele riu-se.

— Acho que condiz contigo. Como o Steve Austin. O Homem de Seis Milhões de Dólares. Vamos chamar-te Steve a partir de agora?

— Vamos!

— E qual vai ser o meu nome? Estou farto de Conor Geary.

— James? Como o capitão James Cook?

— James, sim, gosto. E o apelido?

— Armstrong, como o Neil Armstrong.

— James e Steven Armstrong. Gosto.

Pela primeira vez desde que vi o ladrão, senti-me relaxado. O pai estava a sorrir para mim.

— Bem, tu devias ficar aqui, por segurança. Eu vou dar uma vista de olhos por aí e saber o que descubro.

— Onde estamos, pai?

— Em Whitechapel, na zona oriental de Londres.

— Estamos em segurança aqui?

— Vou sempre manter-te seguro, Steve.

Sorrimos um para o outro. Deu voltas à mala e tirou uns envelopes.

— Tenho de ir falar com um homem para tentar arranjar os passaportes.

— Que homem?

— Ainda não sei.

— Pai?

— Diz, Steve. — Ao princípio, eu ria-me baixinho sempre que ele o dizia.

— A minha doença é um segredo?

— É contigo, mas eu teria medo de que, se tu dissesses às pessoas, elas pudessem querer pôr-te à prova. Todas as outras pessoas que a

têm vivem num hospital. Eu consegui manter-te fora dos hospitais todos estes anos.

— O sítio para onde vamos viver pode ser longe da cidade?

Ele sorriu.

— Era exatamente o que eu estava a pensar.

Foi-se embora, avisando-me para trancar a porta.

Ficámos treze noites naquela pensão. O pai saía todos os dias. Já não fazia a barba de manhã. Disse que estava a deixá-la crescer. Punha sempre os óculos e o boné quando saía de casa. A Mona perguntou porque é que eu não o acompanhava, e eu disse-lhe que se metesse na sua vida. Depois disso, nunca mais perguntou. O pai disse-lhe qualquer coisa sobre as minhas hormonas. Mostrava-se sempre bem-disposto e sorridente com ela. Eu ficava no quarto sozinho e o pai às vezes trazia sandes. O jantar em casa da Mona era sempre estranho. Guisados de carne condimentada e arroz. Era preciso algum tempo para nos habituarmos, concordámos eu e o pai, mas ao fim da nossa estadia, descobrimos que gostávamos de caril. A Mona até nos disse que era ela que os fazia e que especiarias usava.

— Pai — disse eu uma noite, inclinando-me na minha cama para o ver em baixo, de testa franzida —, gostas da Mona?

— De quem?

— Da senhoria.

— Não sejas ridículo.

Eu gostava, mas acho que o pai não ia aprovar.

O pai chegava muitas vezes a casa cansado e exaurido. Uma noite não pude deixar de ver nódoas negras nas costelas quando ele se estava a vestir para ir para a cama. Explicou que tinha tropeçado num caixote do lixo, e gemeu quando enfiou o braço no pijama.

Um dia, fez-me ir com ele. Eu estava com medo e empolgado. Havia muitas pessoas à nossa volta e eu estava nervoso por poder ir contra uma delas, por isso o pai como que me conduziu, ficando atrás de mim e pondo-me as mãos nos ombros. Gostei. Era uma espécie de jogo. Não fomos longe. Ele levou-me até à entrada da estação do metro de Whitehall. Eu sabia muitas coisas sobre os comboios que circulavam debaixo de terra, mas não queria entrar num. Já os vira na televisão, as pessoas pareciam sardinhas enlatadas, agarradas a corrimões que saíam do teto. Não consegui evitar que me viessem lágrimas aos olhos. Parámos antes das barreiras e virámos à esquerda. O pai olhou para mim.

— O que foi?

— Não quero andar de metro.

— Nem eu, por isso não sejas menina e limpa-me essas lágrimas, porque temos de ir tirar as fotografias.

Fiquei confuso e limpei os olhos com a manga, mas ele levou-me a uma pequena cabina no canto da estação. Mal havia espaço para os dois lá dentro, e ele disse que tínhamos de entrar um de cada vez. Esperei lá fora enquanto ele entrava. Vi clarões de luz azul por baixo da meia cortina amarela. Esperámos três minutos e uma sequência de quatro fotos saiu de uma ranhura na lateral da cabina. Inicialmente estavam em branco, mas depois, como que por magia, a imagem do pai começou a aparecer, a sua nova barba aparada primeiro e depois o resto da cara. Depois foi a minha vez. Ele ajustou o banco giratório e eu olhei para um espelho que ia tirar-me a fotografia.

— Não feches os olhos quando aparecer o clarão — disse ele e correu a cortina. Abri os olhos o mais que pude quando o clarão apareceu, mas mesmo assim, tinha os olhos fechados em duas das quatro fotografias.

— Não faz mal, só precisávamos de uma boa.

Levou-me de volta à pensão e eu fiquei sentado a ler o *Tom Sawyer*, já aborrecido com a história que lera tantas vezes.

No dia 31 de março, o pai voltou vitorioso com dois passaportes em nome de Steven Armstrong e James Armstrong. Eram livrinhos azul-escuros com as nossas fotografias e datas de nascimento. A data de nascimento do pai estava errada no dele, mas ele disse que não fazia diferença. No topo diziam PASSAPORTE BRITÂNICO e depois, em baixo, sob um brasão real, em letra mais pequena, NOVA ZELÂNDIA.

— Depois de amanhã, Steve, vamos embarcar na viagem mais épica das nossas vidas. Vamos navegar para o outro lado do mundo, para a Nova Zelândia. O nosso novo lar.

Eu lembrava-me da Nova Zelândia no nosso globo. Duas ilhas compridas que pareciam ter caído da parte de baixo da Austrália. Eu sabia que era onde viviam as aves quiuí e a equipa de rãguebi dos All Blacks, que tinha montanhas e glaciares e que o clima não era muito diferente do da Irlanda. Também sabia que a população da Nova Zelândia era mais ou menos a mesma da Irlanda, embora o país fosse três vezes maior. Haveria muito espaço para nós.

— Não vai demorar muito tempo?

— Conto que sim, mas não fazes ideia de como estes passaportes foram caros e difíceis de arranjar. Tive de lidar com homens rudes, mas acabei por lhes dar a volta. A viagem de avião é demasiado arriscada e acho que não seria segura para ti, com todo aquele ar em recirculação e respirado por todos os outros passageiros. Vamos ter de comprar uma casa e um carro quando lá chegarmos. — O entusiasmo dele era contagioso.

— Olha, comprei-te alguns presentes.

Comprara-me um par de luvas e um chapéu com abas para as orelhas que quase me cobriam a cabeça toda, para me resguardar de

toques acidentais de outras pessoas. Presenteou-me com três livros novos em folha. *A Flora e Fauna da Nova Zelândia*, *Nova Zelândia: História e Cultura de uma Grande Nação* e *Heróis da Nova Zelândia*.

— Já não somos irlandeses?

— Não, Steve, somos neozelandeses de gema, nascidos e criados na Nova Zelândia, membros da Commonwealth Britânica. Tenho parentes na Irlanda e fui lá de férias depois de acabar a escola. Foi lá que conheci a tua mãe e me casei com ela. Fiquei lá e licenciiei-me como dentista. Tu nasceste quando voltámos para a Nova Zelândia um ano mais tarde. A tua mãe morreu de cancro no Natal passado e nós levámo-la para casa para o funeral no jazigo da família. Estamos agora a regressar a casa. Esta é a nossa história. Vamos mudar a história, meu rapaz. — Os seus olhos cintilavam de alegria. — Mais uma coisa: a polícia já encontrou a Denise e a filha. Há um mandado de captura contra mim. Andam à procura, aqui, em Inglaterra, de um irlandês que viaja sozinho, mas para já são só os jornais irlandeses que dão a notícia. Os jornais daqui ainda não pegaram na história. A estúpida da tua mãe parece ter-se esquecido de ti. Parece que não sabem que existes e, quando souberem, estaremos do outro lado do mundo.

Sally

Em março de 2019, recebi finalmente notícias da Nova Zelândia. O inspetor Baskin, de Dublin, era o responsável pelo caso, mas mandou a inspetora Andrea Howard a minha casa com a informação. Ela disse-me que a polícia da Nova Zelândia não encontrava qualquer pista que conduzisse ao Conor Geary. Interroguei-me porque demorara tanto tempo, mais de um ano.

— Havia muitas pistas inicialmente, quando se pôs a fotografia a circular. Tiveram de ser todas examinadas e eliminadas, e todas acabaram por se revelar falsas. Havia pistas que pareciam promissoras. Um imigrante pedófilo irlandês conhecido, mas tinha vinte anos a menos, por isso, foi descartado. Um dentista que tinha passado anos na Irlanda e tinha vivido a pouca distância de onde uma jovem foi raptada na Nova Zelândia em 1983. Mas era cidadão neozelandês e morreu há décadas. Tinha um filho, mais velho do que a Sally. Outro beco sem saída. E, por fim, um dentista que foi acusado de molestar uma jovem paciente há vinte anos, mas a mulher em questão acabou por se revelar uma testemunha pouco credível. Já acusou muitos homens ao longo dos anos, alguns dos quais nem estavam vivos na altura dos alegados incidentes. Houve muitos outros nomes alvitados. As pessoas muitas vezes pensam que estão a ajudar, mas na realidade estão a obstruir a investigação.

— Essa informação é toda inútil — disse eu.

— Pois, só quis que estivesse a par. O remetente pode ter colocado a caixa no correio na Nova Zelândia, mas podia estar só de passagem. Não havia muito com que trabalhar.

— Vai continuar a procurar? E eles? Na Nova Zelândia?

— Bem, como disse, explorámos todas as possibilidades.

Fiquei insatisfeita com aquele resultado. Afinal, não haver notícias não é uma boa notícia, como se costuma dizer. Não haver notícias era não haver notícias.

— Não sei quem lhe mandou esse urso, Sally, mas é possível que seja um urso diferente, algum idiota a tentar confundi-la. Há toda a

espécie de tarados por aí. Na altura em que a sua mãe foi raptada, foi relatado nos jornais que ela tinha consigo um urso de peluche.

— Era o meu urso — esclareci eu, irritada.

— Se assim o diz.

— Eu não minto.

Eu sabia que era. Tinha a certeza absoluta, mas tentei fazer os meus exercícios respiratórios e ver a questão do ponto de vista da inspetora Howard. Eu entendia as reticências dela, mas já há um ano que eu estava à espera e ela aparecia-me ali de mãos a abanar.

Perguntou-me novamente se me lembrava de alguma coisa do período em que estive em cativeiro. Por esta altura já eu sabia porque não me lembrava de absolutamente nada. Os ficheiros do meu pai incluíam toda a medicação que me havia sido dada, tanto na unidade de psiquiatria com a minha mãe, como no ano ou dois seguintes à minha adoção. A Angela disse que a dosagem era muito irregular e que eu devia ter ficado quase *zombie* durante o primeiro ano, pelo menos, até me fazerem o desmame das drogas. Não me lembro de me terem dado comprimidos. Talvez tivessem sido misturados com a comida. Como se atreveu o pai a fazer-me aquilo?

Quando voltei a estar com a Tina, estava a ferver. Como de costume, ela ajudou-me a racionalizar as minhas emoções. Não estava errado eu sentir-me irritada. Era uma reação perfeitamente normal. Mas fez-me ver as coisas do ponto de vista do pai. Se eu me tivesse deparado com uma criança que tivesse vivido uma situação terrível, não tentaria tirar-lhe aquelas recordações? Ouvi a Tina até ao fim, mas fiquei com receio de que aqueles sentimentos recalcados pudessem emergir um dia e que não os conseguisse controlar. Na maior parte do tempo, eu conseguia varrer tudo para o fundo da minha mente, mas aquela raiva em lume brando estava a tornar-se cada vez mais incandescente, especialmente desde a visita da inspetora Howard. A Tina quis saber se eu me sentia ameaçada pelas notícias e se tinha medo de que o Conor Geary voltasse para me vir buscar, mas não era isso que me assustava. Era pensar o que ele podia ter feito depois. Os pedófilos deixam de ser pedófilos se não forem apanhados? Eu não tinha medo dele, mas detestava que soubesse onde eu estava. O «S» andava por aí algures.

— Mandar-me o *Toby* foi a maneira dele de me dizer que ainda pensava em mim e que ainda é ele que manda.

Odiava-o. Disse à Tina que gostava de o matar. Ele cometera um crime terrível e safou-se. O que o impediria de o voltar a fazer e de aparecer na Irlanda?

— Depois da visita da inspetora Howard, saí pela porta das traseiras e parti um vaso no quintal. Nunca tinha feito nada assim. A minha raiva assustou-me.

A Tina disse-me para me concentrar nos exercícios de respiração e perguntou-me se continuava com os meus treinos de yoga em casa.

Disse-lhe que tinha decidido vender a casa. Era ainda mais urgente agora, porque não me sentia segura lá sozinha. Eu sabia que era impossível esconder-me numa aldeia pequena, mas também tinha medo de mudar para um lugar maior e desconhecido; até Roscommon era demasiado grande e barulhenta para mim.

— Ele vai conseguir encontrar-me, se voltar.

— Acho que ele não tem muito interesse em mulheres adultas, Sally. Ele agora tem uns 84 anos. Deve estar fragilizado. Duvido que corresse perigo físico com ele. E continuamos a não ter a certeza de que foi ele que lhe mandou o urso, embora pareça provável. Há mais alguma coisa que o preocupe quanto a ele?

Lembrei-me da conversa com o Mark na festa do Udo e da Martha.

— O meu medo do sexo e das relações. Isso deve ser o resultado de ter visto coisas. Tenho achado o Google bastante útil, Tina, e sei que não vai aprovar, mas não acho que eu seja socialmente deficiente. Emocionalmente, sou uma criança. Quem diz sempre o que pensa? As crianças. Quem não pensa de todo em sexo e relacionamentos? As crianças.

— Sally, nunca é boa ideia fazermos um autodiagnóstico, mas pode haver um fundo de verdade no que está a dizer. Embora seja certo que não é socialmente deficiente nem acriançada.

Contei-lhe da festa e da conversa com o Mark.

Ela ficou calada por instantes.

— Esse Mark, ele sabe da sua história, certo?

— Tanto quanto toda a gente que usa o Google.

— Acha que ele pode ter estado a sondá-la porque estava interessado em si? De um modo romântico, quero eu dizer?

— Não.

— Porque não?

— Ora, não é óbvio? Eu estou destroçada.

— Isso não é nada óbvio, Sally. Se eu a visse num bar ou numa festa, acharia que era uma mulher bonita. E desde que começou a fazer yoga, move-se com leveza.

— Estou mais consciente do meu *core*^[3], tenho andado a trabalhar nisso.

— Tem uma cara muito bonita. Parece muito mais nova do que é. Nem um cabelo branco.

Encolhi-me.

— Sim, como uma criança.

— Não, como uma adulta com boa aparência.

— Mas eu disse-lhe, à frente de toda a gente na sala, que nunca na vida quererei fazer sexo. E acho que as pessoas ficaram chocadas.

Ela fez uma pausa e pediu-me para respirar fundo durante um minuto.

— Parece estar confortável com a sua assexualidade. Acha agora que isso é uma coisa de que deva ter vergonha?

Nunca tinha pensado nisso. Assexual.

— Mas, Tina, eu já imaginei fazer sexo com o Harrison Ford, bastantes vezes.

Ela sorriu.

— Acho que isso já aconteceu com todas nós. Sally, não sou terapeuta sexual, mas...

— Não faz mal. Não preciso de sexo, não o quero, nem me faz falta. Nem sequer me masturbo. Acho que tem razão. Sou assexual. É um alívio.

— Porque é que se sente aliviada?

— Gosto de rótulos. Socialmente deficiente. Assexual.

— A Sally não é deficiente. Mas talvez não deva falar sobre a sua sexualidade com pessoas que não conhece bem. É uma coisa pessoal.

— A Tina faz muito sexo? — Eu estava curiosa.

— Não vou responder a isso. É pessoal e privado.

— Está bem. Já entendi.

Depois daquilo, fizemos terapia do toque. Permitted que a Tina me escovasse o cabelo. Era surpreendentemente relaxante. Ela ficou chocada por eu nunca ter ido a um cabeleireiro. Sempre fui eu que cortei o meu cabelo e apanho-o num puxo atrás. Era mais fácil assim. Depois massajou-me os ombros por instantes. Não vi a utilidade.

Quando saí, ela voltou a lembrar-me de que fizesse os exercícios de respiração e gerisse a minha raiva.

— É mais fácil dizer do que fazer — disse eu.

— Não parta coisas. Não bata em ninguém, a não ser que representem um perigo para si. Respire fundo. Toque piano.

Já tínhamos esgotado o nosso tempo, mas eu tinha de lhe perguntar.

— Acha que eu posso ser professora de piano, mesmo não tendo qualificações?

— Acho que sim, mas provavelmente teria de ter primeiro autorização da polícia para trabalhar com crianças. Ensinar exige muita paciência, mas a Sally tem melhorado e aprendido sobre isso nesta sala. Dito isso, a autorização da polícia pode ser difícil por causa do incidente com os restos mortais do seu pai. O que diz de esperarmos um pouco?

Nessa tarde, encontrei-me com a Sue e o Mark para tomar café. A empregada ouviu os nossos pedidos e não os anotou. Eu era capaz de fazer aquilo, mas não podia trabalhar num sítio com música tão

horrível. Ela sorria para toda a gente com quem falava. Risquei o trabalho de empregada de mesa da minha lista mental de possíveis empregos.

O Mark chegou primeiro e, ao sentar-se, a Sue entrou. Houve muito daquilo que eu agora sei chamar-se «conversa de circunstância» antes de a empregada sorridente nos trazer os menus. A Sue entregou-me um livro de receitas do Jamie Oliver, e eu dei-lhe um monte de folhas com receitas que eu tinha imprimido do *website* de comida da BBC, mais as que tinha copiado da Caroline da Texaco.

— Então, gostas de cozinhar?

— Bem, ajuda a passar o tempo, mas era melhor quando o meu pai estava vivo, porque havia alguém para apreciar a comida.

— Devias fazer um jantar na tua casa! — disse o Mark.

Não sabia o que dizer àquilo, por isso mudei de assunto.

— Como estão as coisas em Mervyn Park? — perguntei.

O Kenneth, marido da Sue, e o Mark trabalhavam lá. O Mark era responsável pelos sistemas de gestão de salários.

— Estou sempre a pedir-lhe que aumente o salário do Kenneth — disse a Sue.

— Sabes que aumentava se pudesse. Imagino que a empresa só vai ter lucros no quinto ano de operação, se tivermos sorte.

— Estou a brincar, Mark — disse a Sue.

— Como vai a tua procura de emprego? Tens alguma coisa em vista? — perguntou-me o Mark.

— É difícil — disse eu. — Tenho 44 anos e não sei o que quero ser quando for grande. — Aquela era a minha piadinha, mas nenhum dos dois se riu.

— Quando eu tinha 10 anos queria ser detetive — disse o Mark.

— Eu queria trabalhar em moda — disse a Sue.

— Eu acho que só quero tocar piano. Toco bem.

— A sério? — disse o Mark. — Compões ou só tocas?

— Às vezes improviso pequenas peças, mas prefiro tocar. Debussy, Bach, John Field.

— Talvez possas tocar para nós no teu jantar — disse o Mark, piscando o olho à Sue.

— Isso seria uma maravilha — disse a Sue.

— Não sei. Nunca tive um jantar desses.

— Nunca? Nem quando eras criança?

O Mark pestanejou lentamente e a Sue pôs a mão na boca.

— Oh, desculpa, não foi minha intenção... Não sei onde tinha a cabeça. Ouvi falar sobre o que aconteceu quando eras criança.

— Eu sei. Pedi à Martha que explicasse quando saí da festa dela no sábado.

O Mark olhou para mim seriamente.

— Gostava que não tivesses saído à pressa daquela maneira. Não tens motivo algum para ficares embaraçada.

— Mark, estás interessado em mim de um modo romântico?

Duas manchas vermelhas apareceram nas faces pálidas do Mark.

— Alto lá — disse a Sue. — Querem que eu me vá embora?

— Não, por favor, preciso de saber. Falei sobre isso com a minha terapeuta. E acho que estás a namoriscar comigo. Mas não tenho a certeza. Nunca recebi esse tipo de atenção por parte de um homem.

Antes que o Mark pudesse responder, a Caroline da Texaco estava a bater com o punho no vidro e a gritar-me qualquer coisa.

— Que diabo? — disse a Sue quando a Caroline irrompeu pela porta e se dirigiu imediatamente para a nossa mesa.

— Sua cabra! — gritou ela. — Fui despedida do meu emprego, porque a mulher que incinerou o próprio pai disse à sede da minha empresa que eu era racista.

— Fui eu que falei com a sua sede — disse o Mark. — Eu estava lá quando você disse aquelas coisas sobre os nossos amigos. Não acuse a Sally. Fui eu.

— Eu telefonei-lhes a confirmar os pormenores — disse eu.

A Sue parecia desconfortável. A Caroline fulminou-a com o olhar.

— Estou a ver que já arranjaste outra — disse a Caroline, cuspidando as palavras para mim. A empregada sorridente já não estava a sorrir. Apareceu por trás da Caroline.

— Caroline — disse ela —, vou ter de te pedir que vás embora. Não toleramos comportamentos abusivos aqui.

— Ah, sim? Mas serves aquela? — disse ela, apontando para a Sue. O Mark levantou-se de um salto, mas a empregada, que já não sorria, pôs-lhe a mão no ombro e falou calmamente.

— Sai daqui, Caroline, estás proibida de entrar aqui.

— Não te preocupes — guinchou ela. — Tanto me faz, vou-me embora desta aldeia. Não vou ficar aqui com estas aberrações. Estou farta deste lugar. Vou voltar para Knocktoom. E, a propósito, Valerie — disse ela ao chegar à porta —, a tua quiche é uma bosta.

Fez-se silêncio depois de ela fechar a porta com estrondo. E todos os olhos iam e vinham entre a Caroline a marchar colina abaixo e nós os três. Depois, todos olharam para a Valerie e começaram a bater palmas, incluindo o Mark e a Sue, e depois eu. O ambiente tornou-se festivo num instante. Ouviram-se risos. Algumas pessoas vieram à nossa mesa e garantiram à Sue que era muito bem-vinda a Carricksheedy. Um idoso disse que precisavam de misturar o património genético, porque a tez dos habitantes de Carricksheedy era azul-clara. Quando se foi embora uns momentos depois, gritou:

— A melhor quiche da Irlanda! — E seguiram-se aplausos e risos dos restantes clientes. O Mark perguntou à Sue:

— Estás bem?

Ela limpou as lágrimas dos olhos.

— Acho que esperava que isto não acontecesse aqui.

Estava abalada. A empregada, cujo nome era claramente Valerie, aproximou-se de nós.

— Lamento que isto tenha acontecido no meu café. As vossas refeições são por conta da casa.

O Mark e a Sue protestaram e insistiram que nada daquilo era culpa da Valerie. Ela foi imensamente gentil. Agradecemos-lhe e pagámos a conta, dividindo-a por três (como a Tina tinha sugerido). O Mark e a Sue tiveram de voltar para o trabalho e saíram à pressa. Quando eu saí, agradei à Valerie. O Mark não respondera à minha pergunta.

A tia Christine telefonou e disse-me que o tio Donald estava muito doente.

— Vai morrer? — perguntei.

— Acho que sim — respondeu ela e desatou a chorar.

Pensei no que seria adequado dizer.

— Lamento. Espero que ele não esteja a sofrer.

Tentei sentir-me triste pelo tio Donald. Não funcionou. Mas senti-me triste pela tia Christine.

— Estão a mantê-lo confortável, por enquanto, mas ele está a decair muito depressa.

Pensei que aquela não seria a altura certa para lhe falar dos meus problemas de raiva.

— Espero que ele morra em paz enquanto dorme, como o meu pai.

— Acho que é o melhor que podemos esperar.

— Há quanto tempo estão casados?

— Quase quarenta anos.

— É muito tempo.

Queria perguntar-lhe quantas vezes faziam sexo, se ela gostava, se ia mandar cremá-lo, se esperava que eu fosse ao funeral, mas não perguntei.

— Não imagino a vida sem ele. É cancro do estômago, com metástases nos pulmões e no fígado. Não há esperança. Sempre pensei que teríamos mais tempo juntos.

— É triste.

Cá para os meus botões, pensei que quarenta anos era muito tempo.

— Obrigada, minha querida. É melhor voltar para o quarto dele. O tempo é precioso. Telefono-te se houver notícias, está bem?

Eu sabia que ela se referia a notícias sobre a morte dele.

— Lamento — disse eu outra vez.

— Obrigada, és uma boa menina. Adeus.

A voz tremia-lhe antes de desligar.

Geri bem aquela conversa. Embora eu seja uma mulher e não uma menina. Senti um pequeno momento de triunfo do qual poderia falar à Tina no mês seguinte. Empatia! Senti-a e expressei-a.

[3] Conjunto de grupos musculares na zona central do corpo que funciona como centro gravitacional e é responsável pelo equilíbrio. [N. T.]

Peter, 1982

No dia 2 de abril de 1980, eu e o pai partimos de Inglaterra. Conseguimos ir de Dover para Calais no *ferry* como passageiros sem veículo e depois para Génova, em Itália, mas a seguir veio a viagem horrível de um mês desde Port Said, no Egito, pelo Canal de Suez até Colombo, e depois para Singapura, e para Sidney e finalmente para Auckland, por vezes escondidos em navios cargueiros graças aos subornos generosos e, às vezes, como passageiros sem veículo. O pai parecia estar a gostar da expedição, «vendo o mundo» dizia ele, mas eu estava com medo e/ou doente o tempo todo. Escondia-me no camarote que nos fosse atribuído e raramente ia ao convés.

Quando chegámos à Nova Zelândia, o pai tinha bigode e barba completos. Não voltara a fazer a barba, embora a mantivesse bem aparada, como «Sigmund Freud», dizia ele. Também passou a usar óculos de armação grossa com lentes claras daí para a frente. Apenas pessoas que o conhecessem bem o reconheceriam como Conor Geary, e eu era a única pessoa que o conhecia bem.

Ficámos numa pequena casa arrendada em Auckland durante dois meses. O pai mudara o nome nos certificados de dentista para James Armstrong e inscrevera-se na Associação de Dentistas da Nova Zelândia com esse nome usando uma carta que conseguira forjar da Ordem dos Dentistas Irlandeses. Também teve de fazer um exame qualquer, mas passou-o com facilidade.

Depois mudámo-nos para Wellington e o pai arranjou trabalho como dentista substituto. Apanhou o sotaque local depressa e instou-me a fazer o mesmo. Mas para mim foi mais difícil, já que eu não via muitas pessoas.

A grande mudança foi que eu deixei de ser segredo. O pai tinha orgulho em me apresentar às pessoas que conhecíamos. Embora às vezes tivesse de explicar a minha doença, não a valorizava, dizendo-me mais tarde que não queria que as pessoas tivessem pena de mim. Mas eu comecei a falar com outras pessoas pela primeira vez. Foi muito difícil. Nunca sabia o que dizer.

O pai contava a nossa triste história sobre a pobre mãe e mulher morta. Isto desencadeava muita compaixão e felicitações ao meu pai por me criar sozinho.

Fomos convidados para almoçar em casa de outro dentista. Usei o chapéu e as luvas, e o pai fez a explicação habitual da minha doença rara, mas eu não conseguia tirar os olhos da mulher do colega do meu pai e das filhas. As raparigas eram um pouco mais velhas do que eu e comportavam-se de maneira completamente normal. A mãe também era normal. Ela tinha feito um bolo e frango assado e disse às filhas que nos mostrassem as camisolas que tinham tricotado à mão. Eu falei pouco. O pai explicou que eu era envergonhado, porque tivera de fazer a escola em casa, na Irlanda.

Mais tarde, em casa, expressei a minha admiração pela mãe e pelas filhas. O pai olhou para mim de forma estranha e disse que estava na hora de seguir em frente e montar o seu próprio consultório.

Mudámo-nos para Rotorua, um sítio onde era barato comprar casa. Estávamos em 1982 e eu tinha 14 anos. O sítio cheirava a ovos podres por causa do sulfureto de hidrogénio que pairava sobre a água termal. A nossa casa ficava numa rua secundária a cinco quilómetros da cidade. Havia uma casa pequena e decrepita ao lado, mas, fora isso, o nosso vizinho mais próximo vivia a quilómetros dali. Camiões carregados de madeira passavam pela nossa casa com regularidade, mas de resto quase não havia mais trânsito.

A casa tinha dois quartos, uma cozinha funcional e uma sala de estar comprida e escura, com um celeiro a dez metros na parte de atrás. A casa era de madeira e nada tinha que ver com a grandiosidade da nossa casa da Irlanda, com o seu jardim tratado, o caminho de acesso amplo e pilares de pedra. O pai dizia que era uma aventura, um novo começo. Nenhum de nós acreditava naquilo. Ele ia e vinha de carro para o seu novo consultório todos os dias. Comprara-o à viúva de um dentista recentemente falecido. Tinha um jovem rececionista chamado Danny. Encontrava-o poucas vezes. Acho que ele pensava que havia qualquer coisa errada comigo a nível mental, porque eu não conseguia conversar com ele. Eu estava ansioso por conviver, mas a minha incapacidade de articular complicava muito as coisas. Quando o disse ao pai, ele desaconselhou-me a falar com outras pessoas. Podiam matar-me inadvertidamente, disse ele.

Durante os longos dias, enquanto ele estava a trabalhar, eu explorava o nosso novo território. A nossa propriedade era vedada nas traseiras e só ao fim de três semanas é que descobri que havia uma nascente de água quente a cerca de três quilómetros, no sopé de um penhasco íngreme. Estava nervoso quanto a testar a minha pele em tal água, mas quando disse ao pai, ele ficou tão empolgado como eu. Pusemo-nos a caminho, num dia frio de maio, e nadámos na piscina

de pedra com água quente para depois nos refrescarmos no lago de água fria ao lado. Aquilo era muito melhor do que a praia na Irlanda. A água não teve nenhum efeito prejudicial na minha pele. A partir daí, eu e o pai íamos lá muitas vezes aos fins de semana, tanto no verão como no inverno.

Na propriedade contígua à nossa, havia um rapaz que parecia alguns anos mais velho do que eu. Conduzia a sua própria carrinha. Eu estava fascinado. Via-o da minha janela e, quando o pai estava a trabalhar, ia para junto da vedação, ansioso por alguma comunicação. Tanto quanto me era dado a perceber, ele vivia com a mãe. Saíam de manhã cedo, ele voltava para casa à tarde e depois uma carrinha deixava-a cerca das nove da noite, mais tarde aos fins de semana. Quando chegava da escola, ele chutava uma bola de rãguebi pelo quintal e dava de comer às galinhas que eu ouvia numa capoeira do outro lado da propriedade.

Observei o meu vizinho e cheguei à conclusão de que havia algo de bom nele. Era pobre, a julgar pela roupa e pela casa, mas ouvia-o falar com a mãe. E era respeitador para com ela. Ela parecia idosa. Depois comecei a pensar se seria a avó.

Agora que era mais velho, começava a questionar a maneira como o pai falava das mulheres. A Nova Zelândia tinha sido o primeiro país do mundo a dar o direito de voto às mulheres, um facto que deixara o pai enfurecido quando eu lho disse. Quando eu falava da senhora idosa do lado, ele fechava os olhos até eu deixar de falar dela. Havia certos assuntos que eram tabu para o pai, e era assim que ele o expressava. Fechava os olhos para encerrar o assunto.

Pensei na minha mãe e na minha irmã no quarto ao lado, anos antes. Lembrei-me de a pontapear na barriga grávida. Aquilo não podia estar certo, mesmo que o pai me tivesse encorajado a fazê-lo. Se ele tinha razão sobre tudo, porque estávamos a viver com novas histórias e novos nomes do outro lado do mundo?

No entanto, o problema deve ter sido a minha mãe. Ele era meu pai, tomava conta de mim, nunca me levantou a mão. Eu vira provas da loucura e agressividade da minha mãe. Uma vez perguntei-lhe, quando a minha irmã era bebé, porque é que ele não a levava e a deixava nas escadas da igreja, mas ele disse que era um ato de caridade deixá-la ficar com a Denise.

— É a única coisa que ela tem — disse ele. — Não sou assim tão cruel a ponto de as separar. Já foi suficientemente mau quando te tirei dela, não poderia fazer-lhe o mesmo outra vez.

O pai tinha, obviamente, um coração bondoso.

Sally

O Mark telefonou-me alguns dias depois do episódio do café. Lembrei-o de que lhe tinha feito uma pergunta antes da interrupção da Caroline.

— Porque estás tão interessado em mim?

— Bem, é um bocado complicado, mas gostaria de ser teu amigo, de olhar por ti. Não sinto pena de ti, mas também não te quero dar a impressão errada.

— O que é que tem de complicado? — perguntei, desconfiada. — És jornalista?

— Céus, não. Sou contabilista e sou novo por aqui. Acho a tua história fascinante. Fiz ou disse alguma coisa errada?

— Perguntaste-me sobre os meus relacionamentos. A minha terapeuta achou que podias estar interessado em mim.

— Há uma pessoa em quem estou interessado, mas ainda estou a ver se percebo bem o que sinto e receio que possa estragar tudo. Lembras-te da Anubha?

Suspirei de alívio.

— Acho a Anubha encantadora e vocês os dois estão divorciados. Devias convidá-la para sair.

— Gostava de o fazer, mas sou o chefe dela, por isso poderia parecer assédio laboral.

— Talvez ela esteja à espera de que a convides a sair. Tem dois filhos, por isso, provavelmente gosta de sexo.

Ele riu-se. Eu fiquei irritada.

— Não estava a brincar. Ela parece simpática.

— E é.

— Mas porque é que me convidaste para tomar café?

— Queria que soubesses que eu não fiquei incomodado com a nossa conversa na festa da Martha. Podemos ser amigos?

Concordei em tentar.

— Acho que devias ter cuidado, Mark. Mesmo que ela goste de ti, os filhos podem não gostar.

— Eras boa para escrever naquelas colunas de conselhos sentimentais das revistas.

— Ganha-se bem?

— Nem por isso.

— Continuo à procura de emprego.

— Tem de haver qualquer coisa que saibas fazer. Queres que eu pergunte em Mervyn Park?

— Sim, por favor. Mark?

— Diz.

— Estou zangada por causa do meu pai biológico. A polícia não encontra qualquer vestígio dele na Nova Zelândia. Ninguém sabe onde está.

Houve uma pausa.

— Posso ir a tua casa? — pediu ele.

— Porquê?

— É mais fácil falar cara a cara, especialmente sobre ele.

— Está bem. Vem jantar. Vou fazer empadão de borrego. Pelas seis?

— Perfeito.

— Mas não é um jantar com outras pessoas, está bem?

Ele riu-se.

— E também não é um encontro amoroso, está bem?

Eu ri-me.

O Mark chegou depois de acabar o trabalho e eu contei-lhe como o *Toby* nos conduzira até à Nova Zelândia.

— O *Toby*? — disse ele, atento.

Expliquei-lhe sobre o urso. Ele perguntou-me se podíamos usar o computador do meu pai para pesquisar a cobertura que os jornais da Nova Zelândia tinham feito do caso. Examinámos página a página, retratos e modelos 3D de como o Conor Geary poderia ser agora. Não havia nada nos artigos de jornal que a inspetora Howard não me tivesse já dito. O Mark ficou soturno.

— Eu vi o apelo reiterado naquela altura, mas não sabia que estava ligado ao *Toby*. Tens a certeza de que não te lembras de nada sobre ele, sobre aquele tempo em cativeiro?

— Não. Achas que eu não ajudaria a apanhá-lo se pudesse? A Denise também mal falava dele.

— Como é que sabes?

— Está tudo nas notas do meu pai.

— Que notas?

Expliquei-lhe sobre os diários do pai e as notas médicas.

— Posso vê-las?

— Porquê?

— Quero ajudar-te, Sally.

— Não acho apropriado. Não preciso da tua ajuda. Sei ler muito bem. São os meus registos médicos privados e os da minha mãe biológica.

— Mas sabes que um olhar novo pode ver alguma coisa que te escapou. Eu podia olhar para eles mais objetivamente.

— Não há quase nada sobre o Conor Geary.

— Mas pode haver pistas.

— Não há pistas.

— Mas como sabes? Tens uma mente literal. Eu posso ver alguma subtilidade que te escapou.

A persistência dele deixou-me furiosa.

— A polícia tem cópias. Já as investigaram exaustivamente. A Angela, a minha médica e amiga, já lhes deu volta comigo. Mark, podes ir embora, por favor? O teu comportamento está a deixar-me desconfortável.

A sua atitude sorridente desapareceu. Ele abriu a boca, prestes a dizer alguma coisa, mas pareceu controlar-se. Estava agora subitamente arrependido.

— Céus, desculpa. Fiquei empolgado. Este caso foi muito noticiado na minha infância.

— Toda a gente diz isso.

Ele olhou para mim e eu não consegui distinguir se estava triste, irritado ou feliz. Eu, decididamente, não me sentia nada confortável.

— Mark, podes ir embora, por favor?

— Sim, eu não devia...

Não acabou a frase, mas pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e saiu. Não conseguia decidir se queria ser amiga do Mark ou não. Ele parecia ter um lado obscuro.

No dia seguinte, ele voltou a pedir desculpa por «ter sido tão intenso». A Tina disse que eu devia aceitar desculpas se fossem sinceras. Foi o que fiz.

A distração da casa soube-me bem. Eu e a Nadine já tínhamos visitado três vezes o edifício abandonado em Bracken Lane. Só tinha as paredes, que estavam intactas, mas o telhado abatera do lado esquerdo. A Nadine fez esboços da maneira que ela achava que devia ficar. O seu entusiasmo era contagioso.

Os resultados da inspeção mostraram uma série de problemas, o mais grave dos quais era que passava por lá um curso de água subterrâneo que tendia a aumentar no inverno. Isso explicava porque é que o soalho estava todo podre. A Nadine viu aquilo como uma oportunidade de elevar o interior e expor o ribeiro, colocando-o em destaque através de um painel de vidro grosso que atravessaria a sala

de estar com luzes por baixo que o iluminariam à noite.

A Nadine disse que, se eu a comprasse, ela faria a gestão de todo o projeto por dez por cento do custo. Estava vazia há vinte anos. Após três dias de negociações, os donos aceitaram a minha oferta no dia 2 de abril de 2019. A Nadine achava que ficaria pronta a habitar no fim do outono.

Agora havia o pequeno pormenor de vender a minha casa e a propriedade. A casa já estava limpa, por isso não tive de fazer grande coisa, mas o agente imobiliário sugeriu que o local tinha mais valor do que a casa e que não me devia dar ao trabalho de a pintar. Eu tinha medo de mudanças. A Tina disse que era um progresso: aceitar a mudança.

Eu e o Mark encontrámo-nos para tomar café algumas vezes com o Udo e a Martha, ou a Anubha, a Sue e o Kenneth, e uma vez num churrasco no apartamento do Mark no domingo de Páscoa, dia 21 de abril. O churrasco foi na varanda. Ele vivia no mesmo bloco de apartamentos do Kenneth e da Sue. Foi um perfeito cavalheiro em todas as ocasiões, embora, irritantemente, nunca deixasse de me perguntar se havia mais desenvolvimentos nas buscas do Conor Geary.

Gostei da maneira como brincava com as crianças e fazia truques de magia para os entreter. Ele e a Anubha pareciam manter alguma distância um do outro. O Mark confidenciou-me que achava que ela não estava interessada.

Eu comecei a fazer compras no pequeno supermercado Gala na rua principal da aldeia. Demorei algum tempo até me orientar e habituar à localização das coisas nos diferentes corredores. Tinham uma surpreendente gama de produtos, e quando perguntei se tinham folhas de caril frescas (para uma das receitas do Jamie Oliver), a senhora simpática disse que mandariam vir de propósito para mim.

— Acho que precisamos de alargar a nossa oferta de ingredientes étnicos. Não queremos perder os nossos clientes para o supermercado de Roscommon.

Mostrei-lhe outra receita, ela tomou nota de todos os ingredientes e assegurou-me que iriam, de certeza, tê-los em *stock* no futuro. O crachá dizia Laura. Comecei a apresentar-me.

— Oh, nós sabemos quem você é! — disse ela. — Você é muito conhecida por aqui.

— Espero que não seja pelos piores motivos — disse eu. Achei que era uma boa piada e ela também, porque se riu.

Contei-lhe do meu apego às rotinas.

— Veja qual é a sua rotina e o seu percurso normal aqui e eu tratarei de a avisar se houver alguma mudança. Que tal? — disse ela.

Saí da loja sentindo-me mais leve e feliz. Senti que tinha feito uma nova amiga.

Peter, 1982

O rapaz que era meu vizinho chamava-se Rangi. Ouvi a senhora idosa chamá-lo por esse nome. Ele não me prestava qualquer atenção até que, um dia, chutou mal a bola e foi parar ao meu lado da vedação. Corri do nosso alpendre para a apanhar, mas, em vez de a atirar de volta, fiquei com ela, de pé junto da vedação, à espera de que ele se aproximasse. Após me fulminar com os olhos durante algum tempo, aproximou-se.

— O que é que se passa contigo? Porque é que não atiraste a bola de volta?

— Eu sou o Steve — disse eu.

— Rangi.

— Eu sei.

— Dás-me a bola?

Atirei-a na direção dele e, apesar de me ter atrapalhado com o lançamento, ele apanhou-a habilmente com uma mão debaixo da perna.

Não me agradeceu e começou a afastar-se. Tinha de o fazer parar.

— Andas na escola? É para lá que vais todas as manhãs?

— Sim, e depois? — disse ele como se a minha pergunta tivesse sido uma acusação.

— Tens sorte — disse eu. — Eu tenho um problema de saúde que me impede de estar com outras crianças. Se me tocarem, posso morrer.

— Ai, sim? Como é que apanhaste isso? Eu adorava não ter de ir à escola.

— É difícil — disse eu, com a autocomiseração a tomar conta de mim. — Não tenho amigos.

— Tens televisão? — disse ele.

— Tenho. Podes vir ver se quiseses, antes de o meu pai chegar a casa.

— De onde é o teu sotaque? — perguntou ele.

Pensava que não tinha sotaque.

— Sou irlandês — disse eu, antes de me corrigir a mim próprio para corroborar a nossa história. — Bem, nasci aqui, mas vivi na Irlanda desde que era bebé. Voltei para cá há dois anos.

— Ai, sim? Têm uma equipa de rãguebi, não têm? E também têm por lá uma guerra. Já foste bombardeado?

Ele pareceu desiludido quando admiti que nunca tinha visto uma bomba nem uma arma e que a guerra estava confinada a uma pequena parte da Irlanda que estava sob domínio britânico. Vi que ele estava a perder o interesse, por isso mudei o rumo à conversa.

— Quantos anos tens? — perguntei.

— Quinze. E tu?

— Catorze. Tu podes conduzir aquela carrinha?

— Mais ou menos. A polícia não pergunta. Porquê? O teu pai é polícia?

O Rangi estava desconfiado.

— Não. É dentista. Vives com a tua mãe?

— Não. É a minha tia Georgia. Onde está a tua mãe?

— Morta. — Houve uma pausa. Esperava que ele expressasse condolências, mas não disse nada. Continuei. — Queres entrar e ver televisão? Não me podes tocar.

— Não, seu tarado. Porque havia de te querer tocar?

Estava tudo a descarrilar. Ele estava a afastar-se.

— Vemo-nos mais tarde, talvez? — gritei-lhe, tentando que a minha voz não revelasse o desespero que sentia por dentro.

Ele não olhou para trás.

Ao jantar, nessa noite, contei, apreensivo, ao pai que tinha estado a falar com o nosso vizinho.

— O rapaz castanho? — disse ele, franzindo o nariz em desagrado.

— Sim, bem, a tia é branca, por isso acho que é mestiço. Não foi muito simpático.

— Não te debes misturar com eles. Quase desisti de comprar esta casa quando vi quem vivia na casa ao lado. Acho que foi por isso que foi tão barata.

— Mas eu gostava de ter um amigo, alguém da minha idade.

Ele pousou a faca e o garfo.

— Tenho andado a pensar nisso — disse ele. — Deixa isso comigo.

Fiquei animado. Nas semanas que se seguiram, o pai começou a arranjar o celeiro. Ajudei-o a puxar a eletricidade da casa principal numa vala subterrânea que abrimos. Estudámos livros de *bricolage* para percebermos como trazer os tubos da canalização principal para o canto do celeiro. O pai instalou um grande lavatório, uma sanita e um chuveiro moderno. E depois comprou um fogão e um frigorífico. Forrou as paredes com caixas de ovos.

— À prova de som — disse ele. — Vão querer ter privacidade. Vou

procurar um inquilino, uma pessoa jovem que possa trabalhar em casa e fazer-te companhia.

Fiquei encantado com a ideia, mas depois dececionado quando, meses mais tarde, o jovem não se materializou.

— É difícil encontrar a pessoa certa — disse o pai —, mas não te preocupes, vou continuar a procurar.

Um mês depois de eu ter falado com ele, o Rangi Parata apareceu à nossa porta.

— Posso ver a tua televisão?

O pai só voltava para casa duas horas mais tarde.

— Claro — disse eu, escancarando a porta e ficando bem longe dele. Liguei a televisão. Estava a dar uma telenovela.

— Podemos ver *râguebi*? — disse o Rangi.

Mudei para o outro canal.

— Pode ser este?

— Sim.

— A Irlanda não é tão boa como os All Blacks, mas...

— Ah, pois, eu sei. Ninguém é.

Ao intervalo, durante os anúncios, ele perguntou:

— Tens uma cerveja?

— Temos *Fanta*. Queres?

— O teu velhote não bebe?

— Não.

O Rangi ficou a ver o jogo e eu fiquei a observá-lo.

— Para de olhar para mim, seu tarado — disse ele. — És larilas?

— Não! — O pai já me explicara sobre gays e lésbicas e eu aprendera outras palavras para eles nos livros e na televisão. — Raramente vejo pessoas da minha idade.

— Ai, sim? Mas então para com isso.

— Desculpa.

— Tens uma sanita cá dentro de casa?

— Tu não?

— Não. Só tenho um buraco.

Já me tinha questionado sobre a cabana por trás da casa dele. Já tinha visto ele e a tia a entrar e a sair de lá com recipientes e pensei que era alguma espécie de poço.

— Queres usá-la?

— Quero, mais tarde.

— Como é a escola?

— Uma merda. É uma merda se fores como eu, quero dizer. Não gostam do meu tipo lá.

Eu sabia que ele queria dizer de raça mestiça, mas não sabia qual era a mistura.

- És meio maori?
- Sou. O meu pai era mesmo maori.
- Que fixe.
- Estás a gozar?
- Não. Acho exótico.
- O que é que isso quer dizer?
- Diferente, mas no bom sentido, não no sentido de ser estranho.
- Invulgar?
- Sim.
- Gosto. Exótico.

Ele olhou para mim e sorriu pela primeira vez.

Quando voltou a minha casa, trouxe o trabalho de casa. Era extremamente simples. As equações de matemática eram do tipo que eu já sabia resolver quando tinha 10 anos. O material de leitura era *O Hobbit*. Eu já o lera aos 7 anos. Vi trabalhos de casa corrigidos pela primeira vez, e os comentários críticos do professor escritos a esferográfica vermelha. A caligrafia do Rangi era má e as letras praticamente sem ligação entre elas. Pediu-me para fazer o trabalho de casa dele e senti-me tentado, para ganhar a sua amizade, mas em vez disso ofereci-me para o ajudar. O Rangi ia sair da escola em breve para começar uma formação na área da construção. Tinha de passar os testes que lhe assegurariam o certificado de escolaridade.

Sentámo-nos em lados opostos da nossa mesa de cozinha, enquanto eu lhe explicava os testes de compreensão de inglês e os problemas de matemática. Ele era rápido a aprender.

- Porque não aprendes isto na escola? — perguntei.
- Estou sempre demasiado ocupado a ver se não me fazem mal.

Explicou-me que havia uma guerra de gangues noutras partes de Rotorua e que ele estava a tentar não se envolver. Mesmo sendo só meio maori, os estudantes brancos esperavam que ele se envolvesse e os estudantes maori odiavam-no por se manter neutro no conflito. Mostrou-me nódoas recentes no braço onde fora agredido. A escola já não parecia assim tão apelativa.

— Chego às aulas, não falo com ninguém e depois venho-me embora. Costumava ir à leitaria com uma rapariga de quem gostava — a leitaria era o que eles chamavam à loja da esquina, eu já tinha visto adolescentes sentados por lá —, mas o irmão dela foi à minha procura na escola e bateu-me.

— Acho que nunca vou conseguir ter uma namorada ou uma mulher.

- Nunca vais pinar? Que chato, meu.
 - Então, tu também não tens amigos?
 - Acho que não.
- Sorri para ele.

O pai não sabia nada da nossa nova amizade. Eu certificava-me de que não havia vestígios da visita do Randi, até puxava o autoclismo de cada vez que ele lá ia, uma vez que se esquecia sempre de o fazer. Eu já lhe tinha dito que o meu pai não o queria dentro da nossa casa. Não se mostrou surpreendido, mas ficou contente por eu, mesmo assim, querer que ele viesse.

Na sexta-feira, 10 de dezembro de 1982, o Rangi foi dispensado das aulas a meio do dia para assinalar o fim da sua escolaridade. Tinha alguns dias de férias antes de começarem os exames para o certificado de escolaridade. O Natal com sol ainda era um conceito estranho para mim, mas que me agradava. O Rangi estacionou na rampa de acesso à sua casa e depois saltou a cerca. Mostrou-me uma nota da professora. «Grandes melhorias», escrevera ela. «O Rangi aplicou-se este ano. O futuro deste rapaz é brilhante.»

Ele gritava e berrava como um *cowboy*, dando pontapés na terra e levantando pó com os pés descalços. O Rangi não usava sapatos no verão. Pelo que vi na cidade, muitos miúdos não usavam.

— Obrigado, meu, olha o que fizeste por mim! A professora diz que vou passar tranquilamente nos exames.

— Conseguieste, Rangi, conseguiste. — E conseguira. Tive uma ideia. — Vamos nadar no lago, para celebrar.

Ele também teve uma ideia.

— Não sou grande nadador, mas tenho umas cervejas. Vamos lá dar um mergulho.

Ele ia agarrar-me o ombro num gesto de afeto, acho eu, mas retrai-me no último minuto.

— Não me toques!

— Desculpa, meu. Esqueci-me.

A ida ao lago foi um erro. Toda a amizade foi um erro, e foi tudo culpa minha, mas quando saí naquele dia, senti-me mais feliz do que nunca na vida. Tinha um amigo genuíno que me estava grato pela ajuda. Íamos divertir-nos e agir como adultos e beber cerveja. Eu fizera 15 anos poucos meses antes e sabia que era ilegal beber álcool antes dos 20. O pai ia passar-se se soubesse de tudo isto, mas, naquele momento, não me importava.

Quando chegámos às piscinas termais, vestimos a nossa roupa de banho, de costas um para o outro, para mostrarmos a nós próprios e um ao outro que não éramos gays, embora eu não tivesse deixado de reparar no físico do Rangi. Tinha a estrutura de um homem. Em comparação com ele, eu era magro, esquelético e pálido. Ele não só tinha nódoas negras nos braços, como também muitas cicatrizes circulares no peito. Não pude evitar apontar para elas.

— O que aconteceu?

— A minha mãe é uma cabra — disse ele. — É por isso que não sei nadar. Não podia tirar a roupa na escola sem que me fizessem perguntas. Queimaduras de cigarro.

— Ela queimava-te?

— Queimava, a cabra doida, quando eu era pequeno. Nem sequer sei onde ela está agora, provavelmente na cadeia. Não digas a ninguém. Acho que posso confiar em ti, Pākehā.

Acho que Pākehā queria dizer pessoa branca. Fiquei contente por ele confiar em mim.

— A quem é que eu ia dizer? De qualquer maneira, ela parece igual à minha mãe! — disse eu, encantado por termos isto em comum, mães loucas e perigosas.

— Ai, sim? Pensei que tinhas dito que ela estava morta.

Eu não pensava nela há meses. O Rangi era o meu melhor amigo, o meu único amigo. Tinha-me contado um segredo. Eu podia dizer-lhe, não?

— Quem me dera que estivesse. Tivemos de sair da Irlanda, porque ela disse mentiras sobre o meu pai.

Contei toda a história ao Rangi enquanto ele abria duas latas. Bebi um grande gole, partindo do princípio que ia saber a algo como sumo de maçã, mas o sabor era desagradável, como eu imaginava que os pés dos velhos haviam de saber. Cuspi o líquido para as ervas.

O Rangi riu-se de mim.

— A sério? Nunca bebeste cerveja?

Abanei a cabeça, mas depois tentei outro gole.

— Boa, mano! — disse ele. Eu não queria mais cerveja, por isso deixei as outras cinco latas para ele.

— Isso não me parece bem — disse ele, quando eu lhe contei o que acontecera quando eu ficara com a minha mãe durante o fim de semana. — Não devias ter dado um pontapé na tua mãe, especialmente estando ela grávida.

Encolhi os ombros.

— O pai disse que podia.

— Não me parece bem — repetiu ele, e eu senti-me desconfortável. Arrependi-me de lhe ter contado aquilo. — A minha tia Georgina diz que nunca se bate numa mulher.

Pensei na velha tia dele e nos seus longos dias a limpar as casas dos outros e depois no seu trabalho no bar à noite. Suspeito que o pai não daria grande importância às opiniões da tia Georgina. Porque é que o Rangi achava as mulheres tão especiais? A tia dele trabalhava como uma escrava. A mãe era violenta. Mudei de assunto e depressa estávamos a falar entusiasticamente sobre rāguebi, já que a Lions Tour vinha à Nova Zelândia outra vez naquele inverno. Eu começara a interessar-me mais pelo rāguebi desde que conhecera o Rangi. Ele

teria adorado jogar pela equipa da escola, mas não valia a pena devido aos problemas que ia ter com os outros miúdos.

Entrei nas piscinas termais, que eram baixas. No ponto mais fundo, a água dava-me pelo pescoço. O Rangi também entrou e ficámos por lá a chapinhar durante um bocado.

— Muito fixe — disse ele.

Quando saímos, as pedras em volta estavam quentes por causa do sol.

— Temos de nos refrescar — disse eu. — Vamos para ali, para o lago de água fria.

— Nã, Stevie, eu fico aqui — disse o Rangi.

Ele estava visivelmente desconfortável com o calor, o suor a escorrer-lhe pelo tronco.

— Anda lá — disse eu. — Se ficares aqui cozes.

— Não sei nadar, esqueceste-te?

Tinha a voz ligeiramente arrastada pela cerveja.

Eu sentia-me especial por o Rangi me ter mostrado aquelas cicatrizes. Éramos amigos.

— OK — disse eu —, tu não consegues nadar e eu não consigo beber cerveja. Estamos quites, mas pelo menos eu tentei.

Ele seguiu-me para o lado da água fria do rochedo. Desci cuidadosamente por umas pedras e deslizei para dentro da água. Ele seguiu-me e sentou-se na beira, com os pés a balançar no lago.

— Ena, sabe mesmo bem — disse ele.

— Salta cá para dentro! — encorajei-o. — Podes segurar-te à erva dos lados.

— É muito fundo?

— Não sei, mas não tenho pé.

Mergulhei, nadei alguns segundos e depois vi e ouvi as bolhas quando o Rangi entrou na água, demasiado perto de mim. Nadei para longe.

Não tenho a certeza do que aconteceu a seguir. Talvez a cerveja o tenha tornado destemido quando ele tentou nadar para longe da segurança do rochedo para ir ao meu encontro, mas eu estava nervoso por ele estar a aproximar-se demasiado de mim e nadei para mais longe dele. Depois notei que ele estava com dificuldades. Estava a menos de três metros de mim, sem pé e a começar a entrar em pânico. Eu via-o debaixo de água. A cabeça a esticar-se para a superfície, mas não conseguia subir mais. Vim à superfície e tentei gritar-lhe e apontar-lhe para as rochas a apenas uns dois metros dele, mas ele não conseguia voltar à superfície. Se tivesse esticado o corpo na horizontal, podia ter tocado nas rochas e sentir-se seguro, mas tinha os olhos fechados com força. Eu queria ajudá-lo. Queria orientá-lo até onde ficasse em segurança. Teria sido tão fácil ajudá-lo, agarrar-lhe o

braço, mas tocar-lhe teria significado a minha morte, a minha putrefação agonizante, e tive medo. Não havia ninguém por perto para ajudar. Ele esbracejou, bebendo mais água em vez do ar a que não conseguia chegar. Eu subia à superfície e mergulhava, subia e mergulhava, gritando a plenos pulmões, enquanto os dele se enchiam de água. Vi o meu amigo afogar-se.

Mais tarde, pensei em todas as coisas que poderia ter feito para o salvar. Podia ter partido um ramo de uma árvore próxima e empurrá-lo para as mãos dele. Podia ter usado uma das nossas toalhas e tê-lo puxado com ela. Não sei quanto tempo demorou o afogamento. Pareceram anos. Pareceram segundos. Pareceu o inferno.

Sally

O tio Donald morreu no dia 29 de junho. A tia Christine pediu-me para ir ao funeral, em Dublin. Eu e ela mantínhamos o contacto. Eu mantinha-a a par de todas as notícias, a minha terapia, os meus novos amigos, a Nova Zelândia, vender a casa, etc. Ela era tão parecida com a minha mãe que eu quase sentia que a tinha de volta à minha vida. Mas eu não conhecia o Donald e não tinha vontade nenhuma de ir ao funeral.

Obviamente, eu vivera em Dublin em cativo nos primeiros anos da minha vida e tinha ido a Dublin uma ou duas vezes quando a mãe era viva, e mais algumas vezes para ver a tia Christine nos meses mais recentes, mas quando ia com a mãe e era adolescente, eu ficava completamente esmagada pelo tamanho da cidade, o barulho e a quantidade de pessoas. Vira muitos programas de televisão que se desenrolavam em grandes cidades em todo o mundo, e embora Dublin seja uma cidade pequena em comparação com Londres ou Nova Iorque, a sua dimensão assustava-me. Não imaginava andar lá de carro ou autocarro.

A Tina e a Angela disseram-me que eu devia ir ao funeral, num ato de bondade, depois de tudo o que a tia Christine fizera por mim. A Angela sugeriu que eu pedisse a uma amiga que fosse comigo. A Tina achou que era a oportunidade perfeita para eu pôr em prática todas as coisas em que tinha estado a trabalhar: o toque, a empatia, a paciência, a diplomacia, o autocontrolo, etc.

Pedi à Sue para vir comigo. Ela ofereceu-se para conduzir. Estava nas férias de verão e passar uma noite em Dublin era exatamente aquilo de que precisava. Disse que me deixava na igreja e depois ia ver a prima. No dia depois do funeral, apanhar-me-ia em casa da tia Christine e iríamos a Dundrum às compras, como tínhamos falado. Ela disse que podíamos almoçar por lá e depois entrar diretamente na autoestrada para voltar para casa. Eu podia levar os tampões para os ouvidos por causa do barulho e podíamos ir ao centro comercial logo de manhã, antes que começasse a ficar cheio de gente.

A Sue foi buscar-me a casa cedo, na segunda-feira de manhã, dia do funeral. Eu estava com a roupa dos funerais, a mesma que usei no funeral do pai.

— Sally, por favor não me leves a mal, mas não me parece que esse chapéu vermelho brilhante seja apropriado — disse a Sue.

— Como assim? O meu pai disse que o devia usar em ocasiões especiais.

— Acho que ele se referia a ocasiões festivas, como casamentos e festas. Não é o tom correto para um funeral.

— Mas várias pessoas disseram que tinham gostado dele no funeral do meu pai. Estavam todos a mentir-me? Porque haviam de mentir?

— Ninguém quer aborrecer a pessoa que está de luto. Com o que tinha acontecido com a incineração, talvez toda a gente estivesse encantada que o chapéu fosse uma distração. Tanto quanto sei, poucas pessoas te conheciam suficientemente bem para dizer alguma coisa.

Senti um rubor a subir-me pelo pescoço.

— Achas que as pessoas se estavam a rir de mim?

— Não, mas é um pouco estranho.

— Eu sou um pouco estranha.

— Quando formos às compras amanhã, vamos escolher roupa para ti de forma criteriosa.

— Criteriosa?

— Sim — disse ela.

A Sue acompanhou-me até à igreja. Chegámos um pouco atrasadas. Estava a metade da capacidade. Ela aconselhou-me a não olhar para ninguém e ir diretamente para o banco da frente e ficar ao lado da tia Christine. Depois saiu, dizendo que me ia buscar a casa da tia Christine de manhã. Eu tinha tomado um comprimido para enfrentar os desconhecidos. A Angela avisou-me que, naquela ocasião, eu não devia fazer nada para afligir a tia Christine. Era melhor eu ser contida. Naquela fase, só muito raramente me dava comprimidos.

A tia Christine recebeu-me com um abraço caloroso, que consegui retribuir. Apresentou-me à irmã do Donald, a Lorraine. A tia Christine e a Lorraine estavam a chorar. O caixão estava no altar com uma fotografia do Donald em cima. Era um homem idoso com duplo queixo. Não me virei para ver as pessoas atrás de mim e fiquei a ouvir o padre falar sobre a vida do Donald entre todas as orações ditas entre dentes.

Animeei-me um pouco quando o vigário disse que ele gostava de tocar piano em músicas *jazz*. A tia Christine nunca me tinha dito que ele tocava piano, mas eles tinham um em casa. Eu já tinha tocado nele.

Nessa altura, voltei a desconcentrar-me. A Lorraine estava rígida

no seu casaco preto de aspeto dispendioso. A tia Christine assoava repetidamente o nariz com o lenço e, a certa altura, parecia estar quase a engasgar-se com as lágrimas. Fiz o que tinha visto na televisão fazerem e pus a minha mão na dela e ela agarrou-a. Permiti que o fizesse.

No final da cerimónia, o vigário disse que todos estavam convidados a ir a casa da Christine depois do enterro. Eu, a tia Christine e a Lorraine seguimos o caixão pelo corredor central até às portas, onde os cangalheiros o colocaram num carro funerário que aguardava lá fora. Mantive os olhos no chão. Havia demasiadas pessoas. Lá fora, a tia Christine e a Lorraine estavam rodeadas por outras pessoas de luto. Senti-me sufocada, recuei para a porta da igreja e fiquei surpreendida ao ver o Mark, de fato preto e gravata.

— Olá, Sally.

— O que é que estás aqui a fazer?

— A Anubha disse-me que vinhas ao funeral. Pensei que podias precisar de algum apoio.

— Mas... faltaste ao trabalho? A Sue deu-me boleia até aqui.

— Podias ter-me pedido.

— Porquê?

— Não sei... Eu... queria estar aqui para te apoiar.

Fiquei confusa, mas grata, naquele mar de estranhos. A tia Christine chamou-me para me apresentar a algumas pessoas.

O Mark agarrou-me na mão.

— Queres que vá contigo?

— Quero, por favor.

Apresentei o Mark à tia Christine, mas na confusão de pessoas que lhe tentavam dar as condolências, não foi possível explicar corretamente quem ele era.

— Queres que eu vá lá a casa depois? — disse o Mark, enquanto eu era metida à pressa no carro com a tia Christine e a Lorraine para irmos para o cemitério. Dei-lhe a morada e ele disse que iria lá ter comigo dentro de uma hora. Ele tinha vindo de tão longe que achei por bem dizer que sim.

Poucas pessoas foram até à campa, o que, para mim, era mais fácil de gerir. No carro funerário, a caminho de casa, a tia Christine perguntou-me quem era o meu amigo.

— É o Mark. Mudou-se para Carricksheedy há uns meses, acho eu. Espero que não haja problema em convidá-lo para ir a tua casa.

— Tudo bem. Vocês estão numa relação?

— Não, de todo, ele é um amigo.

A Lorraine fungou.

— Deve ser um grande amigo para vir de tão longe para o funeral de alguém de quem provavelmente nunca ouviu falar.

Dava para perceber que a Lorraine não gostava de mim. Não sei porquê. Tentei pôr-me no lugar dela. Quem era eu para ela? A sobrinha adotada da cunhada que não tinha qualquer relação com o falecido irmão. Provavelmente até sabia de todo o meu passado. Provavelmente sabia que eu tentara cremar o meu pai.

— Lorraine, sei que pensa que eu não devia estar aqui. Eu não conhecia bem o Donald, mas foi a tia Christine que me convidou a vir e a minha terapeuta está sempre a dizer-me que devia tentar conviver mais com as pessoas.

— Oh... Eu não quis... Desculpe. Foi uma cerimónia bonita, não foi?

— Eu não sabia que o tio Donald tocava piano.

A Lorraine tornou-se mais faladora a partir daí e falou do tempo em que o Donald tocava piano em clubes de jazz no Soho quando eram jovens. Ela também era viúva e vivia numa pequena aldeia em Sussex. Tinha uma filha que não pôde ir ao funeral, porque a sua filha dela acabara de ter um bebé.

— Então é bisavó?

— Sou. É um privilégio viver o suficiente para conviver com os nossos bisnetos. Gostaria que a minha neta se tivesse casado primeiro, mas já não é como no nosso tempo, não é, Christine?

A tia Christine disse que ela e o Donald gostariam de ter podido ter filhos e a Lorraine pediu desculpa por ter sido insensível.

— Eu estou sempre a ser insensível— disse eu. — Não consigo evitar. É por causa da maneira como fui criada.

A Lorraine olhou lá para fora pela janela e a tia Christine pôs-me a mão no braço. Acho que ninguém queria falar da maneira como eu tinha sido criada.

Quando chegámos à casa, ajudei a dispor os tabuleiros de sandes, tartes de maçã e folhados de salsicha que os vizinhos e amigos tinham trazido. Os que tinham estado no cemitério entraram e depressa se lhe juntaram outros. Fiquei encantada por ver o Mark.

— Estás bem? — perguntou ele.

— Estou melhor agora que estás aqui.

Apresentei-o como deve ser à tia Christine e à Lorraine.

— Tenho a certeza de que a Sally está grata por estar cá um amigo. Então, contem lá, como é que se conheceram?

— Ele parou o carro e tentou que eu entrasse.

— O quê?

— Foi um mal-entendido — disse o Mark rapidamente —, mas eu tinha acabado de chegar a Carricksheedy e a Sally foi uma das minhas primeiras amigas. A senhora é a irmã da mãe dela, não é?

A tia Christine falou um pouco sobre a Jean. O Mark deu-lhe os pêsames pela morte do Donald.

— A senhora e a Jean eram próximas? Deve ter sido um grande apoio para a Jean quando ela adotou a Sally — disse ele.

— Ah, sim — disse ela, distraída. A tia Christine pediu-me para me certificar de que todos tomavam chá ou café e para distribuir as sandes. Engoli o nervosismo. Ninguém ali me conhecia. Nenhum deles me tinha visto antes. Mantive os olhos no chão ao circular com os bules de chá e de café, e depois com as travessas de comida. Vi que o Mark ainda estava à conversa com a tia Christine.

A determinada altura, fui para a sala de jantar e comecei a tocar piano. Escolhi algumas sonatas de Mozart. Nada demasiado triste nem demasiado animado. As pessoas entravam e saíam da sala e elogiavam a minha forma de tocar.

Pouco tempo depois, o Mark entrou, um pouco agitado.

— Vou-me embora. Queres boleia para Carricksheedy?

— Não, obrigada, vou ficar cá esta noite e depois vou às compras com a Sue de manhã.

Ele pareceu desapontado.

— Certo. Vemo-nos na aldeia. Telefone-te um dia destes.

— Obrigada, Mark.

— Alguma notícia da Nova Zelândia?

— Não.

Ele inclinou-se e deu-me um beijo na face.

— Fica bem, Sally.

Senti-me bem. Voltei a encher os pratos e a oferecer chá, café e vinho aos que estavam a beber.

No final, só restavam a Lorraine, a tia Christine e eu. Enquanto recolhíamos os pratos, copos, chávenas, pires e guardanapos, elas falavam do Donald.

Eu estava cansada. O dia não tinha sido o tormento que eu temia, mas o comprimido tinha-me afetado os níveis de energia.

— Sally, preciso de falar contigo de manhã, antes de ires — disse a tia Christine. — Obrigada por teres estado aqui hoje. Foste uma grande ajuda, não foi, Lorraine?

A Lorraine acenou com a cabeça.

— Será que não te importas de ficar no quarto pequeno, Sally? A Lorraine está a dormir no quarto de hóspedes principal.

Importava-me. Um quarto novo perturbava-me sempre.

— Vai ter uma casa completamente nova em breve, não vai? — disse a Lorraine, e não era um argumento despropositado.

Fui para a cama num quarto com um colchão com altos e baixos, mas dormi bem.

Acordei cedo, como de costume, desci as escadas e encontrei a tia Christine já à mesa da cozinha. Enquanto eu enchia o bule de chá, ela

fez-me sinal para me sentar com ela.

— Este sujeito, o Mark... Conhece-lo bem?

Expliquei que nos tínhamos tornado amigos através da Martha.

— Sabes alguma coisa sobre o passado dele?

— É divorciado. Teve um caso com uma mulher mais nova, mas não resultou.

— Compreendo. Não disseste nada sobre convidá-lo para o funeral.

— Desculpa. Não o convidei. Ele apareceu na igreja.

— Ele... Desculpa perguntar isto, mas qual é exatamente a tua relação com ele?

— É um amigo. É contabilista em Mervyn Park, a fábrica de processamento de carne.

— Tens a certeza de que ele não quer ser mais do que teu amigo?

— Tenho. Eu já lhe disse que algo que não fosse uma amizade estava fora de questão. Por causa do sexo, da intimidade e tudo isso. Além disso, ele diz que gosta da minha amiga Anubha. Trabalham juntos, mas ele é o chefe dela, por isso é um pouco complicado.

— Sally, ele fez-me muitas perguntas sobre ti, sobre quando eras nova, sobre o que a Jean disse do teu tempo em cativeiro. Achei estranho e, tenho de admitir, inapropriado no funeral do meu marido.

— Desculpa. Mas devo dizer que gosto um pouco quando os outros são inconvenientes — disse eu a rir. A tia Christine não sorriu.

— Qual é o último nome dele?

— Butler.

— Confias nele?

— Confio. A Tina diz que devo confiar mais nas pessoas e não partir do princípio de que toda a gente é um predador.

— Não achas estranho aparecer num funeral sem ser convidado?

— Bem, fui eu que o convidei para vir cá a casa.

— Mas não para a igreja?

— Não. Ele soube pela Anubha. Ele diz que foi ver os pormenores online. Não queria que eu estivesse sozinha. Ele sabe que tenho dificuldade com desconhecidos.

— Mark Butler. — Apontou o nome dele. — Contabilista. E onde vivia antes de ir para Carricksheedy?

— Dublin, penso eu.

— Não sabes em que zona?

— Não. Porque é que estás a fazer-me todas estas perguntas?

Ela animou-se e sorriu-me.

— Provavelmente não é nada. Talvez ele goste de ti mais do que pensas.

Fiquei a pensar naquilo.

— A propósito, Sally — disse ela —, tocaste piano maravilhosamente bem. Toda a gente ficou impressionada. Tocas

muito bem, e sem partitura!

— Acalma-me.

— Bem, ontem teve o mesmo efeito na Lorraine e em mim. Foi muito delicado da tua parte.

— Eu estava a fazê-lo por mim.

— Tens de aprender a aceitar um elogio — disse ela. — O Donald teria tocado *ragtime* se estivesse aqui.

— Tenho a certeza de que preferias que tivesse sido ele a tocar em vez de mim.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Dei desajeitadamente um passo em frente para a abraçar como a Tina tinha sugerido. Ela apertou-me com força antes de me soltar. Não me importei.

Estava ansiosa por contar à Tina que tinha passado naquele teste social com distinção.

Peter, 1982

Depois de o Rangi morrer afogado, peguei nas minhas coisas e voltei para casa à espera do pai. Porque é que não tínhamos telefone? Eu sabia que o Rangi não tinha, mas nós não éramos pobres. Devíamos ter telefone. Eu sabia que a tia Georgia só chegava a casa mais tarde. Fiquei deitado na cama incapaz de deixar de tremer.

Devo ter adormecido, porque, quando dei por ela, estava a ouvir a voz do meu pai.

— Quem quer *fish and chips*?

Era o nosso mimo das noites de sexta-feira e o pai gostava de o dizer com sotaque neozelandês.

Saí do meu quarto, embrulhado nos cobertores, e desatei imediatamente a chorar.

— O que aconteceu?

Contei-lhe a história toda, começando com eu e o Rangi nos termos tornado amigos, ele ter visto televisão regularmente em nossa casa, eu o ter ajudado no trabalho de casa e tudo o que se passara até ao afogamento.

O pai fulminou-me com os olhos.

— O que é que eu te disse? Não te disse para não te envolveres com ele? De seguida, perguntou: — O que é que levaste para o lago?

Falei-lhe das toalhas e da geleira das latas de cerveja do Rangi.

— Bebeste álcool? — perguntou aos gritos. — Deixaste alguma coisa tua lá?

— Pai, tens de chamar a polícia, uma ambulância, tens de ir à cidade e dizer à tia dele, a tia Georgia. Ela trabalha no The Pig and Whistle.

— Responde à pergunta. Deixaste alguma coisa lá?

— Não.

— Deixa de chorar como uma menina. Não vamos fazer absolutamente nada. Ouviste? Queres ser acusado de afogar o teu «amigo»? — perguntou ele, dizendo a palavra de forma sarcástica.

— Mas, pai, se ele me tivesse tocado, eu teria morrido. Era ele ou

eu! Eu não sabia o que fazer.

A voz dele suavizou-se.

— Eu sei disso, mas a polícia vai ver as coisas de maneira diferente. Acreditaram naquela cabra da Denise, não acreditaram? Não se pode confiar neles. E a tua doença é tão rara que a maior parte das pessoas nem sequer acredita que existe. Se te prendessem, morrias no espaço de poucas horas.

— Mas, pai...

— Já chega. Vai buscar os pratos. A comida está a ficar fria.

Fiquei a olhar para ele, estático.

— Já! — bradou ele.

Dirigi-me mecanicamente para o aparador e tirei pratos, facas e garfos, tirei sal e vinagre do armário ao lado do lava-loiças e coloquei tudo sobre a mesa da cozinha.

Ele abriu o jornal e foi diretamente para a página da programação da televisão.

— O que é que verias normalmente numa sexta-feira à tarde?

Olhei para o jornal e escolhi os programas que costumava ver.

— Muito bem. Se alguém te perguntar, ficaste em casa hoje porque estava demasiado calor. Viste estes programas. Deste conta de o Rangi chegar a casa dele por volta da hora do almoço e não o voltaste a ver. Está bem? Onde estão as latas de cerveja vazias?

— Deixámo-las ao lado do lago. A *t-shirt* dele ainda lá está.

— Ótimo. Afogamento acidental porque o estúpido do moço estava bêbedo.

— E a tia Georgia?

— O que é que tem? Vai viver para outro sítio, porque não sabe conduzir. Para nós, é conveniente. Eu compro-lhe a casa. É perigoso ter vizinhos assim tão perto. É só uma barraca. Talvez ainda lhe dê mais do que vale... Ou talvez não, não ia parecer bem.

Não compreendi de que estava ele a falar. Tentei fazê-lo compreender.

— Pai, o meu amigo morreu. O único amigo que tive na vida.

Ele estendeu a mão e agarrou a minha.

— Eu sei que é difícil, neste momento, mas tens-me a mim. Ter-me-ás sempre a mim.

As minhas lágrimas misturaram-se com o vinagre no prato. Ele não entendia.

Fui para a cama às nove da noite, como de costume. Ainda era de dia, mas eu estava ansioso pelo olvido que o sono traz. Por vezes, um empregado do bar onde a tia Georgia trabalhava deixava-a em casa por volta das nove e meia, onze o mais tardar. Apesar do meu cansaço, não conseguia dormir.

Às dez e quinze da noite, houve um bater leve à nossa porta. Ouvi o pai sair para o alpendre.

— Desculpe incomodá-lo, senhor, mas o meu rapaz não está em casa e estava a pensar se o Stevie o teria visto.

— O meu filho, o Steven, está na cama, onde deve estar.

— Oh, eu sei que ele é um bom menino, mas importa-se que eu fale com ele?

— Quer que acorde o meu filho a esta hora?

— Sim, é que estou preocupada. Não é hábito do Rangi andar por aí sozinho.

— Rangi?

— Sim. É o nome do meu rapaz. Ele e o Stevie são amigos.

— O Steven e o Rangi não são amigos. O Steven queixou-se muitas vezes de que o seu filho veio para aqui sem ser convidado. Instou o meu filho a beber cerveja. O Steven é uma criança calma e é facilmente intimidado. Quando o Rangi vier para casa, por favor diga-lhe para não voltar a incomodar o Steven.

Eu não acreditava no que ouvia. Como podia o meu pai ser tão cruel? Ele sabia que o Rangi estava morto e, mesmo assim, estava a induzir a tia do Rangi a pensar que ele era um rufia que me intimidava?

A tia Georgia voltou para casa com passos apressados.

Saí do meu quarto, furioso.

— Pai!

— Baixa a voz.

— Porque lhe disseste aquelas coisas?

— É o que eu penso. Ele tinha uma má influência sobre ti. Que vá com Deus. Vão passar alguns dias até que ela faça alguma coisa. Gente como ela não vai à polícia. Quando o corpo aparecer, podem andar por aí a fazer perguntas, mas tu manténs aquela história, está bem? Agora vai para a cama outra vez.

Fiz o que me mandavam, mas não gostei. Ele não conhecia o Rangi. Nunca tinha falado com ele. Mentira sobre ele.

Na manhã seguinte, a tia Georgia apanhou o pequeno autocarro como de costume. Meteu um bilhete debaixo da nossa porta, pedindo-nos que telefonássemos para o chefe dela se o Rangi aparecesse. Partiu do princípio de que tínhamos um telefone.

Naquele sábado à noite, quando acabou o seu turno da noite, bateu à porta outra vez, perguntando ao pai se tínhamos visto o Rangi e depois pedindo-lhe se podia usar o nosso telefone.

O pai fingiu um pouco mais de preocupação desta vez.

— Lamento, Sra. Sisterson, mas perguntei ao Steven e ele não viu o Rangi ontem, embora tivesse ouvido a carrinha dele a entrar no

caminho de acesso à vossa casa por volta da hora de almoço. Ele lamenta saber que o seu rapaz está desaparecido. Vamos estar atentos a ver se o vemos, mas não temos telefone. A quem queria telefonar?

— À polícia! O Rangi está desaparecido há mais de um dia. Não é nada dele. Nem sequer deixou um bilhete.

— As crianças não entraram de férias ontem? Será que foi acampar com amigos?

— Sem a carrinha? Sem a mochila? Ele não tem amigos. Ele acha que o seu Stevie é amigo dele. Está sempre a falar dele.

— Bem, lamento que o Steven não sinta o mesmo. Boa noite, Sra. Sisterson.

O pai estava sempre a chamar-me Steven em frente à tia Georgia, embora me chamasse Steve e, às vezes, Stevie. Não me lembrava da última vez que me chamou Peter. «Steven» era uma maneira de me distanciar do Rangi, como se o nome que ele me chamava fosse, de algum modo, ilícito.

O pai veio ao meu quarto outra vez.

— Ela é capaz de chamar a polícia amanhã. Lembra-te. Manténs a nossa história. Fica em casa. Ela não trabalha ao domingo, não é? Fica fora da vista.

No dia seguinte, bem cedo, ela voltou a bater à nossa porta.

— Lamento incomodá-lo, Sr. Armstrong, mas pode levar-me à cidade, por favor? É que não sei conduzir, está a ver? E tenho de participar à polícia o desaparecimento do meu rapaz.

O pai fingiu ser um bom vizinho. Disse-me para ficar quieto enquanto levava a tia Georgia à esquadra. Voltaram três horas mais tarde. Da minha janela, vi que ela estava lavada em lágrimas. Enxugava os olhos com o lenço do meu pai.

O pai disse-me que, quando a polícia percebeu pelo nome que o Rangi era um rapaz meio maori, disseram-lhe que provavelmente ele andava com algum gangue, a fazer das deles, ou que provavelmente andava a tentar evitar os exames que se aproximavam. A tia Georgia mostrou-lhes o bilhete da professora que ele tinha deixado na mesa da cozinha, para provar que o Rangi não era membro de gangue nenhum. Era um rapaz solitário, disse ela. A polícia perguntou onde estava a mãe, porque é que era a tia a participar o seu desaparecimento. Quando foi obrigada a revelar o nome da mãe do Rangi, Celia Parata, os agentes olharam uns para os outros. O pai pensou que ela talvez fosse prostituta por causa da maneira como os polícias sorriram maliciosamente. Sugeriram que o Rangi Parata acabaria por aparecer. O pai diz que eles não levaram o assunto a sério. Nem sequer tomaram notas ou pediram uma descrição.

O pai relatava-me isto deleitado. Eu estava indignado com ele, comigo próprio. Queria dizer à tia Georgia que o Rangi estava morto,

que devia deixar de ter esperança de que ele voltasse a casa. Ele nunca viria para casa.

Antes de a semana terminar, o corpo inchado do Rangi foi encontrado do outro lado do lago, mais próximo da cidade. Nunca fui interrogado. O *Daily Post* deu a notícia do trágico afogamento. A tia Georgia não me olhava nos olhos quando saía e voltava para casa. Um carro da polícia veio pô-la a casa duas vezes, uma vez no dia 18 de dezembro e outra vez no dia seguinte. Do meu quarto, eu ouvia-a a gemer alto de noite e queria consolá-la, confessar e explicar que tinha sido um acidente, que era a minha vida ou a dele e que eu tivera de escolher a minha, e que ele tinha sido o meu melhor amigo.

O Dia de Natal na nossa casa foi estranho. O pai fingia que estava tudo normal. Comemos lá fora, no alpendre, brindando ao dia com *Coca-Cola*. O pai comprou-me um gira-discos e eu tinha-lhe comprado um livro sobre a cultura maori. Dias mais tarde dei com ele no caixote do lixo.

Sally

A minha ida às compras no dia depois do funeral do tio Donald não foi o que se pode chamar um sucesso. A Sue estacionou num vasto parque subterrâneo e emergimos num edifício estonteantemente alto e imponente, ofuscante de tão luminoso, com letreiros de néon por todo o lado, música ambiente e, para uma terça-feira de manhã, inúmeros clientes. Eu já tinha visto centros comerciais na televisão, mas não estava à espera desta escala de grandeza.

— Não gosto disto, Sue. Posso ir embora e esperar no carro?

— Mas o objetivo é arranjar-te um guarda-roupa novo em folha!

— Não gosto disto.

— Olha, dá-me a mão — disse ela. — Tenho uma ideia. Vamos a uma loja com uma enorme variedade de coisas. Podes ir diretamente para o provador e eu vou-te levando uma seleção de coisas para experimentares.

Eu descobrira recentemente que abraçar ou dar a mão a alguém era reconfortante. Permiti que a Sue me conduzisse para dentro de uma loja chamada Zara. Ela falou com uma assistente enquanto eu fiquei de pé à espera, tentando não tremer, enquanto as pessoas escolhiam freneticamente peças dos cabides, descartando-as em cima da mesa, sem as pendurar de volta, puxando camisolas de uma pilha delicadamente dobrada e atirando-as outra vez para cima da mesa. Em tempos pensei em trabalhar numa loja de roupa, mas doía-me o maxilar de tanto cerrar os dentes. Não conseguiria suportar aquilo.

A Sue voltou com uma assistente jovem e bonita. Levaram-me para um grande provador, com espelhos a todo o comprimento dos dois lados. Sentei-me obedientemente e esperei. A Sue voltou dez minutos depois, com os braços cheios de roupa. Agradei-lhe outra vez e comecei a experimentar camisolas, saias-calça, casacos, botas, joias, coletes, blusas, casacos compridos, *t-shirts*, saias compridas e curtas, sapatilhas, calças de ganga, camisolas de malha. A Sue vinha ver como eu ficava a cada passo, trocava os tamanhos das coisas de que eu gostava, mas que não me serviam, e devolvia coisas de que eu não

gostava. Havia seis vezes mais roupa no provador do que eu tinha em casa. A assistente levou algumas coisas diretamente para a caixa. Eu estava atordoada com tanta escolha, as sedas e algodões e camurças e ganga e acetinados e pele. Eu gostava do que via no espelho. As diferentes versões de mim mesma.

Comprei tudo aquilo de que gostei. Passei o cartão bancário enquanto a Sue fazia piruetas de tão empolgada.

— Só tenho de te levar a mais um sítio — disse ela. Eu estava exausta e os sacos das compras eram pesados. Saímos do elevador no andar de cima e a Sue levou-me na direção do que fiquei a saber ser um salão de beleza.

— Cabelo, unhas, tratamentos de rosto, pestanas, sobrancelhas, maquilhagem... acho que devias fazer tudo.

Estávamos do lado de fora da porta. Parei.

— Porquê?

— Não me interpretes mal, és linda, mas não gostavas de ver como ficas com um corte de cabelo diferente, umas madeixas louras ou um *brushing* com caracóis? Nem sequer sei como ficas de cabelo solto. É muito comprido? O tratamento de rosto é tão relaxante. Esta é uma maneira de te mimares.

— Não, obrigada, Sue. Não me importo de mudar a roupa, mas não quero mudar de penteado.

— Não tens curiosidade?

— Não.

— Oh, Sally, por favor! Deixa que te façam um penteado. Se não gostares, podes voltar a pô-lo liso. Mima-te.

Eu sentia-me a ficar agitada. O meu tom de voz subiu.

— Já disse que não.

A Sue corou. Estava zangada.

— Reservei tratamentos para as duas. Eu vou entrar para fazer um tratamento de rosto e pôr pestanas. Queres esperar no carro?

— Quero.

Atirou-me as chaves do carro.

— Piso um no elevador. Estacionamento A.

Abriu a porta do salão com força e desapareceu por trás dos vidros fumados.

Não consegui perceber o que é que eu tinha feito de mal naquela ocasião. Nunca tínhamos falado de cabelo e maquilhagem, nem de pintar as sobrancelhas, quando planeámos a viagem. Era apenas uma ida às compras. O que é que a Sue quis dizer com «mimo»? Como é que é um mimo se eu não quero nem nunca me perguntaram nada? Será que ela achava que o meu cabelo era horrível? Será que a cor das minhas sobrancelhas era feia? Eu gostava delas como eram. A Tina

dissera que eu era bonita e elegante. A Sue tinha acabado de dizer que eu era linda. Eu sabia que era cheiinha, mas não me importava. Porque haveria eu de querer mudar a minha aparência?

Quando a Sue voltou ao carro, eu já tinha uma explicação pronta, mas antes que eu pudesse começar, reparei nas pestanas dela.

— Uau — disse eu. — Estão fantásticas!

— Tu podias ter...

— Olha, Sue, desculpa, mas acho que houve um mal-entendido entre nós. Adoro as tuas pestanas e fico contente por te sentires bem assim, mas eu sou diferente. Toda esta roupa já é uma grande mudança para mim. Gosto do meu cabelo tal como é. Não quero mudar a minha cara, nem o cabelo nem as unhas. Espero que compreendas. Foi muita bondade tua pensares em mim, mas não sou igual a ti. Nunca serei.

— Tudo bem — disse ela, mas o tom de voz denunciava que não estava nada bem. — Suponho que também não vais querer almoçar aqui?

Cerrei os dentes e, por instantes, arrependi-me da decisão de deixar de ser surda. Não havia mal-entendidos quando as pessoas pensavam que eu não as conseguia ouvir.

— Preferia não almoçar aqui, se te não importares. Há aqui perto algum sítio mais sossegado e com menos luzes?

— Sei de um sítio — disse ela, fazendo marcha-atrás para fora do lugar de estacionamento.

Cinco minutos mais tarde, estávamos num café de uma quinta urbana, a Airfield House. Era um local luminoso, mas com luz natural, não era luz estroboscópica nem néon. Os outros clientes ou eram pessoas idosas ou mães com carrinhos de bebé e crianças pequenas. Eu escolhi a mesa lá atrás.

A Sue ainda tinha uma expressão fechada. Eu não sabia bem como poderia remediar a situação, e não queria perder outra amiga, embora a Caroline da Texaco não fosse uma grande perda.

Por instantes, comemos em silêncio, e depois a Sue suspirou alto.

— Tens razão — disse ela. — Não compreendo e estou a ser injusta ao culpar-te. Acho que a culpa é minha por esperar que queiras mudar e fazer experiências. Às vezes, tenho dificuldade em compreender-te e ver as coisas da forma como tu as vês.

— O mesmo se passa comigo — disse eu, concordando com a cabeça entusiasticamente, e rimo-nos juntas, uma gargalhada espontânea, porque sabíamos que tentar ser a outra era tonto e não fazia sentido.

Conversámos sobre a roupa que ambas tínhamos comprado e as ocasiões para as quais seriam mais adequadas.

— Aquela minissaia e o *top* reluzente são para quando quiseres namoriscar com alguém.

— Sue, tu sabes que não vou fazer isso.

— Tens de te abrir a essa possibilidade! O Mark está claramente interessado.

— Bem, já deixei bem claro que não irá acontecer nada.

— E, no entanto, ele veio de Carricksheedy até Dublin e voltou para trás no mesmo dia para que não te sentisses desconfortável num funeral. Vá lá! Ele gosta de ti.

Eu já tinha confidenciado à Sue a minha convicção de que eu era assexual. Fiquei calada.

— Como vai a terapia do toque?

— Bem. Já consigo dar e receber abraços. Apertar a mão, em geral, é tranquilo, mas gostava que as pessoas não o fizessem imediatamente após assoarem o nariz.

— Mas por esta altura, no ano passado, pensavas que era impossível. A tua terapeuta já falou contigo sobre masturbação?

— Já falou nisso. A Tina quer que eu passe dez minutos a olhar para mim num espelho de corpo inteiro todas as noites, e depois, na próxima semana, acho que é para começar a acariciar todas as partes do meu corpo, desde que me sinta confortável com isso.

— É uma pena que sejas assexual.

— Não, não é. Já vi cenas de sexo na televisão. Os gemidos e gritos são dissuasores. Já notaste que nas comédias as mulheres gritam sempre e os homens grunhem, e nos filmes românticos as mulheres gemem e os homens têm uma respiração pesada. Qual é que está certo?

— Oh, céus, não estou habilitada para ter esta conversa, mas posso garantir-te que não há uma maneira certa nem errada. Quando acontece, deixas-te levar.

— Nunca vai acontecer, Sue.

— Pobre Mark.

— Ele está interessado noutra pessoa.

— Que pena.

— Para mim, não.

A Sue voltou a rir-se. Pensei em como estariam a dar-se o Mark e a Anubha. Nunca os tinha visto juntos e a Anubha raramente falava dele quando nos encontrávamos.

Paguei o almoço, o combustível e o chocolate quando parámos no caminho de regresso a casa. A Sue pôs música *pop* e ensinou-me a letra de algumas canções da Adele e do Hozier. Pensei para comigo que provavelmente conseguiria reproduzir a música no piano mais tarde. Não eram Bach, mas eram agradáveis.

— Cantas muito bem — disse a Sue.

— A mãe encorajava-me a cantar quando eu era adolescente, mas estou destreinada.

— Podias ter aulas de canto ou entrar para um coro.

— Para te dizer a verdade, entre a terapia, o yoga e aprender a acariciar-me, já tenho bastante com que me entreter.

— Há um excelente coro em Roscommon. É outra maneira de conhecer pessoas. Achas que terias medo de cantar à frente de outras pessoas?

— Não. Acho que não. É mais fácil cantar do que falar sobre mim.

— Fala nisso à Tina, aposto que ela te encoraja.

— Talvez o faça.

A Sue estendeu o braço e apertou-me a mão.

— O teu futuro é tão empolgante.

Eu também lhe apertei a mão e rimo-nos uma para a outra por instantes, antes de ela focar os olhos na estrada à frente.

O agente imobiliário telefonou.

— Ótimas notícias — disse ele. — Temos tido muitos interessados na sua propriedade, ou, tal como eu suspeitava, na sua localização. Há três concorrentes neste momento: uma construtora, a Morgan Homes, que quer construir cinquenta moradias. O laboratório farmacêutico que se vai instalar em Mervyn Park e quer construir uma urbanização com uma densidade de habitação menor para os seus executivos e trabalhadores, e um supermercado alemão que também está interessado. Tem quase meio hectare de terreno virado para a estrada. Nunca vi tanto interesse em Carricksheedy em toda a minha vida!

— Isso é bom — disse eu.

— Bom? É absolutamente fantástico — disse ele.

— Está bem.

— Desculpe se pareço estar nas nuvens, mas acho que a Sally não está a ver bem o dinheiro que pode fazer.

As obras na casa da aldeia estavam prestes a começar. Eu só queria o suficiente para a deixar o mais bonita possível.

— Mas o que vou fazer com ele?

— Com o dinheiro? Pode fazer o que quiser. Abrir o seu próprio negócio. Investir em ações. O seu futuro está assegurado. Nós próprios temos algumas oportunidades de investimento que poderão ser do seu interesse.

— Posso escolher a empresa que vai comprar a terra?

— Perdão?

— Acho que um supermercado alemão não seria boa ideia aqui. E uma urbanização? Vão todos ter jardins?

Houve uma pausa.

— Normalmente, vendemos a quem dá mais dinheiro. É assim que

funciona.

Ele alvitrou alguns números que francamente me chocaram. A casa ia decididamente ser demolida, fosse quem fosse que a comprasse.

— Acho que gostaria de falar com os potenciais compradores.

— Porquê? Eu é que sou o agente imobiliário. Eu e o advogado tratamos do negócio para que não tenha de falar com eles.

— Mas e se eu quiser? É ilegal?

— Sra. Diamond, não sei o que lhe diga. Não é ilegal, mas... Olhe, porque não pensa nisso? Não deve atrasar o processo. São compradores sérios.

— Vou pensar nisso. Pode enviar-me um *e-mail* com as informações de todos os compradores e eu volto a falar consigo assim que puder?

Ele suspirou profundamente.

A Angela disse:

— Tens toda a razão. Um supermercado alemão arruinaria o supermercado Gala.

Pensei na Laura do supermercado e no facto de ela comprar raiz de gengibre, *garam masala*, folhas de caril e sementes de feno-grego, e em como se esforçava por se ajustar à nova comunidade que chegava à aldeia. Além disso, tinha acabado de pedir autorização para ampliar a loja.

— Bem — disse a Angela —, és louca se não aceitares o melhor preço, mas se puderes dar-te ao luxo de ser ética, devias, sem dúvida, apoiá-los. Admiro-te por isso.

O exasperado agente imobiliário tinha pedido às três partes interessadas para me enviarem as suas ideias. O último era o melhor. O plano da Morgan Homes era construir uma mistura de habitação social e acessível e de casas privadas. Também tinham projetos para um parque central no meio da propriedade, que incluiria um parque infantil. Muitos dos trabalhadores de Mervyn Park tinham salários baixos, e o mesmo poderia vir a acontecer no laboratório farmacêutico, que estava a meio da construção.

O agente imobiliário não ficou muito triste quando lhe disse que ia vender à Morgan Homes. O preço continuava a ser muito acima do que eu imaginava. Senti-me mal pelo nosso vizinho agricultor, o Ger McCarthy, que tinha feito uma oferta baixíssima em comparação com os outros, para usar a terra para pastagens, mas consegui negociar de maneira que ele ficasse com o campo de trás por uma quantia simbólica, e ele ficou agradecido. A construtora Morgan Homes ficou aliviada por não ser responsável por esse terreno. O ribeiro que corria por baixo do meu novo chalé emergia no campo de trás, e a Morgan Homes teria de o tapar de alguma maneira. Era inútil para eles, mas de grande benefício para o Ger McCarthy.

A Nadine andava atarefada com o chalé. Mandava-me *e-mails* com esquemas de cores e azulejos, modelos de cozinhas, conjuntos de quarto, acessórios de roupeiros, revestimentos de pavimento, conjuntos de sofás, portadas e cortinas, prateleiras, portas e janelas. Mais uma vez, fiquei zonha com tanta escolha e, no fim, pedi-lhe que fosse ela a escolher tudo. A casa delas era linda e eu confiava mais no gosto dela do que no meu. Eu estava finalmente prestes a sair de casa.

Peter, 1983

A tia do Rangi mudou-se para a cidade. Não podia viver tão longe sem saber conduzir. O Rangi é que fazia as compras. Muitas vezes era ele que a levava e trazia dos seus vários empregos. O pai comprou o casebre e o terreno por uma ninharia. No último dia na casa, semanas depois da descoberta do corpo do Rangi, vi-a ir para o lado do barracão com um machado e, uma a uma, as galinhas ficaram em silêncio. Deixou duas galinhas depenadas no nosso alpendre, em agradecimento por o meu pai a ter ajudado com a polícia e por lhe ter ficado com a propriedade, disse ela num bilhete.

Desde que nos mudáramos para Rotorua, só tinha ido ao supermercado com o pai um punhado de vezes, mas ia à biblioteca e à livraria mais regularmente. No verão, podia usar um boné de baseball e camisas compridas e largueironas com mangas que me caíam sobre as mãos para evitar tocar nas pessoas. Também não usava calções. Disse ao pai que já tinha idade para conduzir, mas ele disse que não tinha paciência para me ensinar. Arrependi-me de não ter pedido ao Rangi. Tenho a certeza de que me ensinaria.

Umhas semanas depois de a tia Georgia se mudar, o pai sugeriu que fôssemos a um parque de vida selvagem local perto do Lago Rotorua. Estávamos em janeiro de 1983, ainda fazia calor, e a época de férias estava no auge. O pai disse que devíamos aproveitar. Apesar da tragédia, eu estava ansioso por sair outra vez e ver pessoas.

Fomos de carro até à parte norte do Lago Rotorua. Havia famílias acampadas junto ao lago. O pai não parecia muito interessado em entrar na floresta nem em explorar a vida selvagem. Tal como eu, ele observava as pessoas. A determinada altura, dirigimo-nos para um trilho na floresta. Uma pequena rapariga loira e magra estava a subir a uma árvore. O pai parou para ver. Ficámos, por instantes, impressionados. Ela chegou ao topo e depois voltou a olhar para baixo, preocupada.

O pai gritou-lhe:

— Estás bem?

— Acho que não consigo descer. Está aqui um gambá, mesmo ao meu lado. Tenho medo — disse ela.

De baixo, conseguíamos ver o animal gordo a dormir a metro e meio da cara dela no mesmo ramo.

Olhei para ela outra vez, desolado por não haver nada que eu pudesse fazer para a ajudar. O mais fácil seria subir, pegar-lhe na mão e conduzi-la de ramo em ramo. Os gambás eram inofensivos, mas também eram autênticas pestes. Podiam sibilar e cuspir quando eram incomodados e tinham garras muito afiadas. O Rangi disse-me que toda a gente os detestava.

— Porque não saltas? Eu apanho-te — disse o pai.

— Tenho medo — repetiu ela, com a voz embargada de lágrimas.

— Pai, não podemos deixá-la.

— Tens razão — disse ele. — Onde está a tua família? — gritou-lhe ele.

— Estão do outro lado do lago. A minha mãe disse-me para desaparecer até às seis.

— Bem, isso não me parece nada certo. E se eu for aí acima buscar-te?

O pai mostrou ser surpreendentemente ágil a escalar a árvore; um pouco inseguro com o local onde apoiava o pé, por vezes, mas chegou até ela sem problemas. Pegou-lhe na mão e conduziu-a de ramo em ramo, como eu faria se pudesse. O gambá não chegou a acordar.

A determinada altura, quando já estava a menos de dois metros do chão, saltou de um ramo e aterrou mesmo à minha frente.

— Este é o meu filho, Steve. Como te chamas, querida? — perguntou-lhe o pai.

— Lindy Weston. Olá, Steve.

Era tímida e a cara tinha marcas de lágrimas, que limpou com o braço.

— O meu nome é Sr. Armstrong, mas podes chamar-me James, se quiseres.

— Olá, Lindy — disse eu.

— De onde és? — perguntou ela.

— Sou de Dunedin, mas vivi na Irlanda durante alguns anos.

Era aquela a nossa história.

O pai caminhava à frente enquanto eu falava com a Lindy. Eu estava nervoso, embora não tivesse razão para isso. Não nessa altura.

— A minha vizinha é da Irlanda, não me perguntes de onde. Ela fala como tu.

Não me ocorria nada para dizer.

— Vives por aqui ou estás de férias?

— Não, não estamos de férias. Vivemos em Rotorua.

— Não andas na minha escola?

— Não. Não vou à escola. Estudo em casa, mas acho que já quase acabei. Já fiz todos os manuais escolares até ao 10.º ano em todas as disciplinas, mas agora o pai deixa-me estudar o que eu quero.

— Tu estudas quando não és obrigado?

— Claro que estuda — disse o pai, desacelerando o passo para se juntar a nós. — Agora está a estudar botânica e horticultura, não estás, filho?

— Estou. Quero cultivar vegetais e vendê-los. O solo da nossa propriedade é bom.

— Talvez por causa da chuva aqui — disse ela. — Está sempre a chover.

— Também chove muito na Irlanda — disse o pai.

— Tens irmãos ou irmãs? Eu tenho dois irmãos, que estão sempre a brigar. Têm 17 e 18 anos.

— Não, sou filho único. Que idade tens? — perguntei.

— Tenho 14.

— A sério? — perguntou o pai, e vi uma sombra passar-lhe pelo semblante. — Pensei que eras mais nova.

— Não. Tenho 14. E tu, quantos anos tens? — perguntou-me ela.

— Tenho 15 — disse eu. E ela olhou para mim.

— Gosto do teu cabelo. A minha mãe não quer que os meus irmãos deixem o cabelo crescer.

Senti-me a corar.

— O pobre Steve tem uma doença rara — interrompeu o pai. — Não pode tocar noutros humanos, a não ser que sejam parentes de sangue.

Eu percebi de imediato que o pai estava a avisar a Lindy para não tentar tocar-me. Tal não me ocorrera até ele o dizer. Ela inclinou a cabeça para o pai como se ele tivesse um parafuso a menos.

— A sério? Nunca ouvi tal coisa. — Voltou a virar-se para ficar de frente para mim. — E se quisesses ter uma namorada?

— Acho que não posso ter namorada.

— A sério? Nunca?

— Não. Não pode — disse o pai com firmeza.

— Que estranho. Nunca ouvi tal coisa.

— Nem a maior parte das pessoas. É uma doença rara.

— Como se chama, essa doença? Vou perguntar ao meu pai. Ele é médico.

— Contágio hominoide necrótico — disse o pai. — Tenho a certeza de que o teu pai a conhecerá bem, mas aposto que nunca viu um caso. Só uma em seis milhões de pessoas tem esta doença. Só consegui alguma informação sobre ela numas revistas médicas alemãs e traduzi-a.

— Caramba, que sinistro. E, no entanto, podes andar por aí, com

um ar totalmente normal. E animais de estimação? Podes ter cães ou gatos?

— Não gostaria de arriscar com o Stevie. É um rapaz precioso.

— É a coisa mais triste que já ouvi.

Ouvir aquilo da parte daquela rapariga desconhecida fez-me sentir triste também. Nunca pensara no que as outras pessoas podiam pensar de mim. Talvez o Rangi também tivesse pena de mim.

Naquela altura já nos tínhamos embrenhado na floresta, seguindo o mapa de trilhos do pai.

— Céus, tenho de voltar para junto dos meus pais, vou chegar atrasada — disse ela, olhando para o relógio.

— Bem, este trilho leva-nos de volta a onde estacionámos o carro, podemos dar-te boleia para o outro lado do lago, se quiseres. Estamos bem perto.

— Seria bom, obrigada, Sr. Armst... James. A minha mãe não gosta que eu trate os adultos pelo primeiro nome. Porque será?

— Talvez seja um pouco antiquada?

— Vou dizer-lhe que você disse isso.

Todos nos rimos. A Lindy era uma lufada de ar fresco.

Quando chegámos ao carro, o pai puxou o banco para a frente, para a Lindy se sentar atrás. Arrancámos e a Lindy conversou amavelmente com os dois. Sentou-se cuidadosamente atrás do pai para evitar tocar-me por acidente. Agradou-me o cuidado dela. Depois chegámos à estrada principal.

A Lindy disse:

— Tenho a certeza de que não estamos no caminho certo, James. Devia ter virado à esquerda lá atrás. Quer que eu saia aqui?

— Acho que devias vir jantar connosco. O que achas, Stevie? — disse o pai, acelerando.

— Eu adorava, mas é melhor dizer aos meus pais primeiro. Vão ficar furiosos se me for embora com dois estranhos sem lhes dizer nada.

O pai ficou em silêncio. Saiu da estrada principal e começámos a ir pelas estradas secundárias em direção à nossa casa.

— James, Sr. Armstrong, o que está a fazer?

— Não te preocupes, Lindy, deixamos-te em casa dentro de uma hora, está bem?

A Lindy ficou em silêncio. Virei-me para olhar para ela e sorri.

— Vai ser divertido — disse eu, embora estivesse a pensar que o pai ficaria furioso se eu o deixasse à espera num sítio qualquer durante uma hora... Não que algum dia tivesse ido a algum lado sem ele.

Mas quando chegámos a casa, em vez de se dirigir para o alpendre,

o pai pôs as mãos nos ombros da Lindy e conduziu-a para o barracão. Ela esquivou-se ao seu toque.

— Não gosto disto. Quero ir para casa. Quero a minha mãe — protestou ela, começando a chorar.

— Pai, talvez devêssemos levá-la de volta. Ela está assustada. Não é justo para ela.

Ele empurrou-a para a porta do barracão, abriu-a e enfiou-a lá dentro. Depois voltou a fechar a porta e virou uma chave num cadeado que eu nunca tinha visto.

— Querias um amigo, arranjei-te uma amiga. Agora para com a choradeira.

Eu ouvia-a, mas muito vagamente, a bater na porta. A última coisa que tínhamos feito fora selar o revestimento de caixas de ovos com outra camada de gesso cartonado, mesmo na porta. Se ela estava a gritar, não a conseguia ouvir.

Sally

Uma semana depois de a minha casa ser vendida, soube por um advogado que a irmã do Conor Geary, a Margaret, morrera há dois meses. Ela parece ter conseguido não dar nas vistas todos estes anos. A morte dela não foi noticiada, tampouco a sua relação com o Conor Geary. O seu advogado tinha-me contactado para dizer que ela me deixara a sua casa em testamento. Era uma grande moradia numa parte luxuosa de Dublin. A casa onde eu tinha estado em cativeiro com a minha mãe. Era a minha herança natural.

A documentação foi tratada rapidamente e depressa pus a casa à venda. Ninguém sabia que a vendedora era eu. O Geoff Barrington tratou da parte legal. Eu não disse a ninguém, exceto à Tina. Desta feita, não quis saber da ética de quem a comprou, queria que aquela casa fosse demolida. Aceitei a primeira oferta. Era uma quantia muito significativa. O que iria fazer com tanto dinheiro?

Quando a venda da minha casa de Carricksheedy se confirmou, decidi fazer uma festa. Todos os meus amigos me encorajaram. Quem diria, no ano passado, que eu viria a ter tantos amigos? A Tina também me convenceu de que era boa ideia. Eu podia pedir a toda a gente que trouxesse qualquer coisa para comer e, em troca, podia oferecer-lhes uma peça de mobiliário ou objetos de uso doméstico de que já não precisasse. As únicas coisas que queria guardar eram o meu piano, a minha cama e talvez a secretária do escritório do meu pai.

A festa estava marcada para sábado, dia 14 de setembro. A lista de convidados era longa: a Angela e a Nadine, a tia Christine (que ia passar a noite lá em casa), o Mark, a Stella e o marido, Kieran, o Kenneth e a Sue, a Anubha, a Martha e o Udo, a Laura do supermercado Gala, a Fernanda e o Rodrigo, a Valerie do café e o Ger McCarthy, bem como todos os filhos deles. Dezasseis adultos e sete crianças ao todo.

Também convidei o Geoff Barrington, o advogado, por boa educação, que declinou e agradeceu, e a Tina, que disse que era melhor mantermos a nossa relação a um nível profissional.

Aluguei uma tenda e um castelo insuflável para as crianças. Também contratei um segurança. Uma senhora. Falei com ela ao telefone e procurei-a na Internet. Era alta e de aspeto forte, com muitas tatuagens. Quando disse à Sue e à Martha, ficaram espantadas, mas recordei-lhes que a minha mãe biológica tinha sido raptada de um jardim num dia de sol. Lá bem no fundo, embora tentasse não pensar nisso, também sabia que o Conor Geary ainda andava à solta algures. Ele sabia onde eu vivia. Não quis arriscar que ele ou alguém como ele raptasse crianças do meu jardim.

Não satisfeita com projetar a minha nova casa, a Nadine apareceu lá em casa no dia antes da festa com grinaldas de bandeirinhas e luzes, que pendurou de árvore em árvore. Ajudou-me a esvaziar os armários de todas as coisas que não queria levar comigo para o chalé da aldeia. Tínhamos marcado tudo o que estava disponível para levar com *post-its* amarelos. Os convidados podiam levar o que quisessem. A Nadine sugeriu que provássemos o vinho para termos a certeza de que era bom. Ela era uma companhia muito boa e eu adorava falar com ela sobre a casa nova. Poderia mudar-me em meados de outubro.

— Ainda precisa de uns toques finais — disse ela —, mas será o teu novo lar.

Embora não esperasse, dormi bem na noite antes da festa. Acordei com a boca seca e uma ligeira dor de cabeça. Acho que não devíamos ter provado o vinho tinto, o branco e o rosé. Não me apetecia sair da cama.

A Sue chegou cedo para me ajudar, com vários recipientes com saladas, arroz aromatizado e empadas. Dois homens vieram numa carrinha e demoraram meia hora para encher o castelo insuflável gigante no local que a Nadine lhe tinha destinado. Foram simpáticos e desejaram que nos divertíssemos. Voltariam para o recolher na segunda-feira.

Quando a carrinha desapareceu pela rua lateral até à rua principal, a Sue olhou para mim e para o castelo. Tirou os sapatos e gritou-me:

— Vamos lá! — Correu para ele e atirou-se lá para dentro, ressaltando quase até ao cimo. Parecia mesmo divertido. Tirei as sapatilhas, corri para ele e pouco depois já estávamos as duas a saltar para cima e para baixo, de mãos dadas, batendo nas paredes macias e uma na outra, guinchando de riso.

Dez minutos depois, estávamos de barriga para cima, ofegantes.

— Oh, meu Deus — disse ela —, tens isto até segunda-feira? Os meus filhos podem voltar amanhã? Por favor?

— Acho que todos os miúdos deviam aproveitá-lo enquanto puderem.

Ela sorriu para mim, radiante.

Mostrei-lhe o interior da tenda onde estavam os pratos, os guardanapos, os talheres e os copos ordenadamente empilhados, prontos para serem usados.

— Vai ser maravilhoso!

— Espero que sim.

A Sue foi a casa buscar o Kenneth e as crianças e disse-me que estaria de volta às duas da tarde.

Escolhi um elegante vestido de seda curto que se atava com um laço atrás. Tinha um decote em forma de coração. Quando o experimentei na Zara, a Sue disse que ia precisar de um bronzado falso nas pernas. Não tinha nenhum bronzado falso e as minhas pernas tinham a cor das minhas pernas, por isso sentia-me satisfeita. O vestido era confortável. O meu corpo estava confortável. O yoga tornara-me mais flexível. Consequia esticar-me e dobrar-me sem gemidos nem rangidos.

Naquele dia, gostei do que vi no espelho. A saia curta voltejava e alargava na bainha. Escovei o cabelo e deixei-o solto para ver como ficava. Mudava-me demasiado a cara. Não gostei da sensação nos ombros, por isso, torci-o e enrolei-o para o prender como era costume. Eu gostava da minha cara. Gostava das rugas leves e franzidas que me saíam do canto dos olhos quando sorria para mim mesma. Eu estava linda.

Às 13h45, para me acalmar enquanto esperava, toquei piano. Lembrei-me das canções da Adele que a Sue tinha posto a tocar no carro e cantei para mim própria, baixinho primeiro e depois mais alto para tentar igualar a voz poderosa dela. Bateram à porta da frente. Fui abrir e era a Lina, a segurança. Dei-lhe a lista de convidados e pedi-lhe para se assegurar de que mais ninguém passava por ela.

— Você é aquela rapariga, a Mary Norton, não é? Inicialmente não fazia sentido, mas depois procurei-a no Google.

— Sim, mas por favor chame-me Sally. Não quero discutir o passado.

— Está bem, com certeza, então onde quer que eu fique?

Mostrei-lhe o sítio onde queria que ela ficasse, para direcionar os carros para o fundo da rua, embora a maior parte das pessoas viesse a pé da aldeia, já que estava um dia tão bonito.

— Esteja especialmente atenta a homens idosos, por favor.

— Nunca o apanharam. Eu li sobre isso. Mas não acha que ele está na Irlanda, pois não?

— Sinceramente, não sei. Se alguma coisa estranha acontecer, quero que use este apito com força.

Dei-lhe um apito de alarme que a tia Christine me tinha dado meses antes, depois de o *Toby* ter chegado por correio. Dormia com

ele ao lado da minha cama. Não se ouvia a mais do que noventa metros da casa, mas conseguia assustar um intruso.

Os primeiros a chegar foram a Fernanda e o Rodrigo.

— Uau — disse a Fernanda —, estás linda!

O Rodrigo anuiu com a cabeça em concordância.

— Obrigada! Sinto-me linda hoje. Fernanda, tu estás... — contive-me.

O Rodrigo riu-se.

— Sim, acertou, a Fernanda está grávida — disse ele, e riram-se os dois. Felicitei-os e aceitei uma bandeja cheia de pãezinhos de queijo.

Conduzi-os pela casa, apontando para todas as peças que poderiam querer levar.

A seguir chegou a Valerie, que veio pela lateral da casa com um saco gigante de produtos de confeitaria especialmente confeccionados no café naquela manhã.

— Nem sequer sabia que havia uma casa aqui, e vivi nesta aldeia toda a vida.

— Bem, não vai estar aqui muito mais tempo.

— Já ouvi dizer! Que bom. Tu estás belíssima, já agora. Que lindo vestido! Tens uma cervejinha? A caminhada da aldeia até aqui deu-me sede.

— É para isso que aqui a pus. Há copos na tenda, se quiseres.

Abri-lhe a garrafa e ela bebeu diretamente de lá. O pai não aprovava que as pessoas não bebessem de copos de vidro, mas eu sabia agora que ele estava ultrapassado no tempo. Tentei imaginar o que ele pensaria de mim agora, de vestido curto, a dar uma festa.

O Ger McCarthy chegou com um saco de maçãs e batatas.

— Pode dá-las como presente quando as pessoas forem para casa — disse ele.

As pessoas chegavam umas atrás das outras, e depressa o jardim zunia de tagarelice. As crianças corriam para o castelo insuflável. Talvez mais tarde eu vestisse as calças de ganga e fosse também.

O Mark e a Anubha chegaram separados. Observei-os, mas não pareciam gravitar um para o outro, nem sequer mostravam interesse um no outro. A Abebi abraçou-me e sentou-se no meu joelho enquanto me colocava uma coroa de papel na cabeça. Toda a gente disse que eu estava linda, a Stella fez-me rodopiar com o vestido e todos bateram palmas. Havia muito mais comida do que éramos capazes de comer e eu sabia que ia pedir às pessoas que levassem alguma para casa.

A Martha trouxe uma pequena engenhoca com altifalantes que ligou ao telemóvel e em breve o ambiente se encheu de música, nem toda a meu gosto, mas algumas pessoas começaram a dançar. As pessoas azucrinaram a Fernanda e o Rodrigo para dançarem samba, mas eles admitiram que, apesar de serem brasileiros, não sabiam

dançar samba. A Stella e o Kieran chegaram-se à frente e ofereceram-se para lhes mostrar. A Sue, o Kenneth e os filhos juntaram-se-lhes, rodopiando uns com os outros, gritando e rindo. O barulho não me incomodou, naquele dia.

A tia Christine estava surpreendida por me ver rodeada de tantas pessoas.

— Mas de onde veio toda esta gente? — perguntou-me ela.

— São meus amigos — expliquei.

— Oh, querida, isso é maravilhoso. Estou tão orgulhosa de ti. — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e eu soube que ela estava a pensar no Donald. Dei-lhe um guardanapo. — Obrigada, é que... eu estava para não vir. Não me sinto bem a celebrar... Passou tão pouco tempo, e eu sou tão mais velha do que todas as outras pessoas.

O Mark apareceu ao nosso lado.

— Christine, que bom vê-la. Venha sentar-se aqui à sombra. Posso preparar-lhe um prato de comida ou quer vir escolher por si?

— Obrigada, Mark — disse eu, enquanto a tia Christine permitia que ele a conduzisse para a parte da tenda onde estava a comida. Achei simpático da parte dele dar-lhe tanta atenção. Ela parecia suspeitar um pouco dele depois do funeral, mas ouvi-os a rir-se juntos, na tenda. Ele arranjou-lhe uma cadeira e uma mesa e sentou-se com ela, enchendo-lhe o copo. O sol ia alto no céu. Eu bebia lentamente, diluindo o mais possível o vinho com água. Parecia um dia perfeito.

Mais tarde, abateu-se uma calma que condizia com o meu humor. O Rodrigo acendeu as velas de citronela próprias para o exterior. Ainda estava um tempo suave, mas com o fim do dia vinham já as melgas. O Mark veio ter comigo e ajudou-me a levar os copos para a cozinha.

— Antes que perguntes — disse eu —, não há desenvolvimentos em relação à Nova Zelândia. Acho que o Conor Geary já não está lá, ou nunca esteve, e talvez tenha pedido a alguém para mandar a encomenda de lá só para me atormentar.

— Sacana. E viveu em liberdade para raptar outras crianças, onde quer que estivesse.

— Tento não pensar nisso. Quero que deixes de falar sobre ele.

— Está bem. Desculpa.

— A propósito, se gostas da Anubha, vais ter de tentar ser um pouco mais insistente com ela.

— O quê?

— Não me disseste que gostavas dela?

Corou.

— Pois disse. Mas... é difícil quando trabalhamos juntos.

Eu não compreendo as relações românticas. Abandonei o assunto.

Ouvi risos lá fora e quando saí, a Angela e a Nadine estavam aos

pulos no castelo insuflável. A Sue piscou-me o olho.

— Sal! Eu sabia que isto ia acontecer!

A Angela voltou ofegante.

— Céus, eu devia ter mais juízo. Fazes ideia dos adultos bêbedos que me aparecem na consulta por causa de se porem na palhaçada em castelos insufláveis? — Deu-me uma palmada nas costas. — Bela festa, Sally. Nunca pensei ver este dia. Era isto que a Jean queria para ti. Amigos e diversão!

Seria isto a felicidade? O riso e os sorrisos eram-me fáceis naquele dia.

Até que ouvi o som agudo do apito.

Peter, 1985

O pai manteve a Lindy trancada no barracão, da mesma maneira que tinha trancado a minha mãe no anexo. Uma corrente, presa à parede, prendia-a pelo tornozelo. O seu desaparecimento esteve nas notícias da televisão durante semanas depois disso, mas ninguém falou de a ter visto entrar no nosso carro. O pai devia ter estacionado um pouco mais longe do parque de estacionamento principal por alguma razão e, se alguém nos viu, devíamos ter parecido uma família normal. A Lindy não foi forçada a entrar no carro. Não houve gritaria nem choro. Éramos banais. Nesse dia, o pai tinha-me dito para deixar o chapéu em casa, por isso nada tínhamos de invulgar.

A teoria da polícia era que ela caíra ao lago, mas, obviamente, os mergulhadores não tinham encontrado o corpo. Nas semanas seguintes, eu estava muito preocupado com o que tínhamos feito. O pai guardava sempre as chaves do barracão consigo. Disse-me que, se eu a deixasse fugir, iríamos os dois para a prisão. Recordou-me que eu não sobreviveria à detenção, porque a polícia iria agarrar-me e tratar-me de forma rude. Eu morreria numa agonia terrível. Ele agia como se tivesse raptado aquela rapariga para me fazer um enorme favor, para me dar uma amiga. Mas porquê uma rapariga?

Após as primeiras semanas, eu visitava a Lindy todos os dias depois de ele chegar a casa. Ele destrancava a porta e depois trancava-me lá dentro com ela durante uma hora ou duas. Ao princípio foi terrível, porque ela estava histérica e triste. Tentou escapar tantas vezes naquele primeiro ano. Atirou-nos com água a ferver. O pai ficou queimado com gravidade, mas eu desviei-me a tempo. Depois disso, o pai desligou-lhe o gás do fogão e ela ficou sem comida quente durante um mês, e, naquele ano, o inverno foi rigoroso. Mas de cada vez que o pai punha as coisas mais fora do alcance dela ou descobria um novo túnel e o tapava, eu tentava tornar-lhe as coisas mais fáceis. Andava a poupar para lhe comprar uma televisão. Via as novelas de que ela gostava para lhe contar o que se passava com as personagens. Instalei luzes novas para tornar o espaço mais luminoso. Dei-lhe vaselina para

lhe aliviar a escoriação que a corrente lhe deixava à volta do tornozelo.

Às vezes, o pai deixava-a ir lá fora algumas vezes, atrás da casa, mas ela tentava sempre fugir, embora ele estivesse a segurar numa das extremidades da corrente. Pensei que era melhor ela aceitar que o seu lugar era ali connosco. Era demasiado tarde, depois de dois anos, para a libertar. Estava presa a nós. Ela odiava-me a mim também, até que percebeu que eu não odiava as raparigas tanto como o pai. Suplicou-me que a libertasse e eu pedi ao pai, várias vezes, mas ele enfurecia-se de cada vez que eu o fazia, e aprendi a não abordar o assunto.

Quanto mais velho eu ficava, mais sentia o meu isolamento. Como se sentiria a Lindy? Eu estava a ganhar algum dinheiro com a horticultura. Eu e o pai tínhamos demolido a casa do Rangi e tratávamos a terra. Eu cultivava vegetais e fruta: batatas, cenouras, acelgas, feijão-verde, favas, pastinaga, morangos, couves e alface. Vendia-os ao Kai, o gerente do pequeno minimercado Clayburn da cidade. O melhor era ir cultivando o máximo possível de vegetais. Significava que, se uma plantação falhasse por alguma razão, eu teria sempre outra para vender. Queria ter o meu próprio dinheiro e mantinha-me ocupado enquanto o pai estava a trabalhar.

O pai tinha finalmente cedido e ensinou-me a conduzir. Eu aprendi depressa e não tardei muito a tirar a carta de condução. Tive de explicar ao examinador porque usava luvas no verão e ele foi compreensivo, embora tenha ficado muito curioso com a minha doença. Encostou-se à porta do lado do passageiro do carro de maneira a não me tocar. Passei no exame com facilidade. Após a obtenção da carta, o pai pareceu ficar contente por eu ser independente. Depois disso, raramente íamos a algum lado juntos. Eu fazia recados para ele aos fins de semana. Muitas vezes era eu que fazia as compras para os três. De vez em quando, levava-o ao consultório e ia buscá-lo mais tarde. Eu queria comprar coisas de que o pai não sabia. Coisas para a Lindy.

Encontrei aquele velho urso de peluche quando decidi voltar a pintar o meu quarto. E voltei a pensar na Denise e naquela menina. Eu era tão pequeno quando passei aquelas duas noites com ela há tantos anos. Porque é que ela tinha o *Toby*, um brinquedo? Se tinha casado com o pai, o que levava ela para o casamento, além de um velho urso de peluche? O pai sempre dissera que ela não tinha família.

Tentei lembrar-me da idade que ela teria. Era com certeza adulta, uma adulta grávida quando a conheci, mas que idade teria quando eu nasci? Ela e o pai seriam mesmo casados? Ela não estaria melhor num

hospital psiquiátrico? O pai parecia desprezá-la. Não lhe dava roupa nova nem muita comida. Era claro que não gostava dela, mas fazia sexo com ela. Ela queria? A minha mãe também o parecia odiar. E se ela não quisesse fazer sexo, ele forçava-a? Nem queria pensar nisso. O pai era um homem tão bom de tantas maneiras. Mas então, como explicar o que fizera à Lindy?

Eu comprava à Lindy produtos básicos de mercearia que ela pudesse preparar e trazia-lhe livros da biblioteca. O pai insistia que não lhe desse material de escrita nem de desenho: canetas, lápis ou lápis de cor. Mas eu comprava-lhe presentes, chocolate ou roupa de lojas de artigos em segunda mão, sabonete e champô, toalhas novas. O pai disse que não valia a pena ser gentil com ela, porque eu nunca iria poder tocar-lhe. Eu sabia disso. Mas quanto mais vulnerável e assustada ela estava, mais eu gostava dela. Sepultei os meus desejos físicos por ela. Questionei-me se o pai andaria a fazer sexo com a Lindy. Tinha receio de lhe perguntar, porque tinha medo da resposta. Uma vez, de manhã, o pai tinha arranhões na cara. Disse que tinha tropeçado e caído nas silvas quando regressava de levar o pequeno-almoço à Lindy. Era mentira, porque a Lindy fazia o seu próprio pequeno-almoço. Doutra vez, vi-lhe sangue seco na orelha. Porque demorei tanto tempo a perceber que o meu pai era um pedófilo?

Houve uma altura em que eu estava com ela, à noite, e ela estava particularmente submissa. Pousei o saco da mercearia ao alcance dela, e depois recuei para o canto e comecei a falar sobre aquele dia. Ela tinha sangue na parte da frente da *t-shirt*. Enquanto ela arrumava as coisas em silêncio, reparei que lhe faltava um dos dentes da frente.

A Lindy teve de mo dizer com todas as letras, e as palavras ecoaram em mim, levando-me até à minha infância. Estávamos em março de 1985. Não fiz comentários sobre o dente dela, nem sobre o sangue. Tentei fingir que não tinha reparado. Ela esperou que me sentasse na única cadeira e sentou-se no chão, à minha frente, e olhou para cima, para mim.

— Steve, ele disse que me matava se te contasse, mas o teu pai não me tem aqui para eu ser tua amiga. Tens 17 anos e não podes ser assim tão inocente. O teu pai é um pulha violador. Tem andado a violar-me duas vezes por semana desde que aqui cheguei. E se resisto, castiga-me.

Puxou as mangas para cima para eu lhe ver as nódoas negras nos pulsos.

Eu disse-lhe que se calasse.

— Achas que o meu dente caiu? — disse ela, e lembrei-me das gengivas da minha mãe. A Lindy estava apenas a dizer em voz alta aquilo de que eu há muito suspeitava. Eu já tinha chegado à mesma

conclusão e ela percebeu.

— Sabes, Steve, tu sempre soubeste. Se não fosse a tua doença, também andarias a violar-me.

Fiquei horrorizado com aquelas palavras.

— Juro que nunca te magoaria. Eu não sabia de nada.

— Não acredito. Tu sabias de certeza. O que vais fazer quanto a isso?

Eu não conseguia olhar para ela, não conseguia pensar em nada para dizer. Tranquei a porta como de costume, e ignorei as suas lágrimas e frustração.

A minha mãe foi outra Lindy. Lembrei-me de todas as coisas que ela me tinha dito. Ela tinha 11 anos quando ele a raptou. Lembrei-me da minha irmã mais pequena, a Mary. O que lhes teria acontecido? Eu dera um pontapé à minha mãe quando ela estava grávida. À minha própria mãe. A Lindy estava a dizer a verdade.

Eu já vira programas de televisão suficientes, *reality shows* e não apenas ficção, para ver que as mulheres podiam ser inteligentes e engraçadas, doces e bondosas. Ocasionalmente, tinha estado com elas na cidade, a mulher e a irmã do Kai. Eram da Polinésia. O pai fizera comentários depreciativos sobre elas.

Nunca tinha confrontado o pai antes. Nunca precisei. Vivera sempre em negação. Ele sempre tinha sido cuidadoso e bom comigo e sempre me tinha protegido. Mas houve alturas em que discutimos. Por exemplo, eu tinha-lhe pedido que mandasse instalar um telefone, mas ele recusou, dizendo que era um desperdício de dinheiro. Eu disse-lhe que era teimoso.

A situação da Lindy era algo que eu não podia continuar a ignorar. Não dormi toda a noite, a minha cabeça não parava. Não tomei o pequeno-almoço com o pai na manhã seguinte. Fiquei lá fora, na horta. Nessa noite, era a minha vez de fazer o jantar. Quando ouvi o carro dele a chegar, o nó que tinha no estômago apertou-se. Deixei as costeletas de porco esturricar e as batatas ficaram demasiado cozidas. Pus-lhe o prato à frente e sentei-me na outra extremidade da mesa. Observei-o a deitar água do jarro para o copo. Estava demasiado nervoso e enjoado para comer.

— Sentes-te bem? Pareces um pouco pálido — disse ele, com preocupação na voz.

— Estava a pensar na minha mãe e em como a violavas — disse-lhe com a voz a faltar-me. Ele pousou a faca na mesa com força. — Tenho 17 anos, pai. Que idade tinha ela quando a engravidaste? Era mais velha ou mais nova do que a Lindy?

Ele bateu com o punho na mesa com tanta força que fez tudo saltar. O copo de água tombou.

— Não vou tolerar isto...

— Raptaste-a. Tiraste-a da família dela e prendeste-a naquele quarto ao lado do meu. Fizeste-a passar fome, espancaste-a, castigaste-a e violaste-a. Tu andas a bater e a violar a Lindy, a arrancar-lhe os dentes. Fizeste-o com fórceps de extração ou com um alicate?

O copo rolou sobre a mesa.

— Aquela cadela mentirosa! Não acredites numa palavra...

— Ela não me disse nada. Fui eu que deduzi. Acho que sempre soube, mas não queria que fosse verdade. Não acredito numa única palavra que tu digas, pai. Fugiste da Irlanda e arrastaste-me contigo e agora sou teu cúmplice no rapto da Lindy. — A água do copo estava a pingar para o chão.

Ele rosnou-me:

— E agora? O que queres que faça? Que a liberte? O que achas que te acontecia a ti? Quem te protege como eu te tenho protegido? Como bem dizes, és meu cúmplice.

Empurrou a cadeira para longe da mesa e levantou-se, virado para mim. O copo tombado rolou de lado e caiu da mesa, partindo-se em mil pedaços no chão de madeira debaixo dos nossos pés. Eu estava aterrorizado com a ideia de ser preso, estava aterrorizado com a ideia de ficar sozinho. Estava aterrorizado com a ideia de ter uma morte agonizante. Mas achava que sabia distinguir o bem do mal.

— Pai, tens de a deixar em paz. És um pedófilo e essa é que é a verdade.

— E tu, o que fazes com ela todas as noites, hã? Ficas a falar e a ler?

— Sim! O que estás a insinuar? Sabes que não lhe posso tocar.

A cor desvaneceu-se-lhe da cara. Agarrou-se à mesa com ambas as mãos. Abanou a cabeça como se tivesse água nos ouvidos.

— Se eu for para a cadeia, tu também vais. Não és demasiado novo para ir para uma cadeia de adultos. Sabes o que te fariam lá?

Eu lera muitos livros sobre prisões ao longo dos anos. *Papillon* fora um dos que mais me marcaram. Saí a correr da cozinha e peguei nas chaves do carro que estavam penduradas. O pai veio atrás de mim, a gritar.

— Não podes fazer nada sem te matares, seu estúpido!

Naquela noite, levei o carro e conduzi durante várias horas, mas para onde poderia ir e a quem poderia contar tudo aquilo?

Sally

Assim que ouvi o apito, senti que ia vomitar. Ele estava lá. Eu tinha pedido ao Udo e à Nadine que corressem em socorro da Lina, a segurança, se ouvissem o apito, e ambos correram pela lateral da casa. Toda a gente parou, interrogando-se sobre o que se estava a passar, exceto as crianças, alheias a tudo no castelo insuflável. contei imediatamente as crianças presentes. Estavam lá todas. Suspirei, mas houve uma pausa na tagarelice. Pedi a toda a gente que ficasse onde estava. Atravessei a casa e peguei no atizador da lareira pelo caminho. Uma raiva fervia dentro de mim. Finalmente.

Ao abrir a porta da frente, ouvi a voz de uma mulher a guinchar.

— Aquela chanfrada matou o pai e você nem quer saber! — A Lina tinha-lhe a cabeça imobilizada entre o cotovelo e o corpo, mas eu não conseguia ver-lhe a cara.

O Udo chamou-me.

— Está tudo bem. É só a doida racista que trabalhava na Texaco. Recusa-se a ir embora. — A Caroline.

— Tu não és daqui. Porque não voltas para o teu país? — guinchou ela para o Udo.

A Lina estava a forçá-la a recuar pelo caminho abaixo.

— A minha mulher é médica — disse a Nadine —, devíamos interná-la.

— Lésbica!

A Lina tapou a boca da Caroline com a mão.

— Chamo a polícia, Sra. Diamond?

O atizador que eu tinha na mão pareceu ganhar vida. Eu estava tão enervada e furiosa com a ideia de que podia ser o Conor Geary, que não sabia o que fazer com a raiva. Corri para a Caroline com o atizador no ar. A Nadine agarrou-me pela cintura.

— Sally! Que raio...?

O Udo tirou-me o atizador da mão, apesar da minha resistência.

A Lina puxou a Caroline para fora do meu alcance. Tirou a mão da boca dela, mas manteve-a imobilizada pelo pescoço numa chave de

braços.

— Todos viram! Ela ia atacar-me com o atizador. Aquilo é tentativa de agressão. Vocês são testemunhas. Se alguém vai à polícia, sou eu! — gritou a Caroline.

— Eu não vi nada — disse a Nadine. Virou-se para o Udo e a Lina.
— Vocês viram a Sally atacar alguém?

— Não, de todo — disse o Udo, e a Lina abanou a cabeça de modo vigoroso.

— Está a ver? Está a imaginar coisas — disse a Nadine. — Devia ser internada. Agora, vai pôr-se a andar ou temos de chamar a polícia?

Toda a gente estava a mentir agora. Eu tinha a cabeça a zunir.

A Caroline correu pela rua acima, guinchando qualquer coisa sobre mentirosos e aberrações, enquanto o Udo e a Lina a observavam.

A Nadine levou-me para o escritório do pai, onde eu tinha colocado um aviso que dizia «Privado».

— Espera aqui — disse ela. — Vou chamar a Angela.

A Angela parecia ter sempre os comprimidos certos à mão dentro da mala.

— Toma isto e conta-me o que aconteceu — disse ela, passando-me um copo de água.

— Tu sabes porque contratei a Lina. Quando ouvi o apito, parti do princípio de que era ele. Senti uma fúria e não consegui controlar a minha raiva. Eu estava preparada para o matar, e embora fosse só a Caroline, eu...

— Tens de contar isto à Tina. Tens mesmo de aprender a gerir toda essa raiva, Sally. Agora fica aqui até te conseguires acalmar e depois volta para a festa. Ninguém lá atrás ouviu o que aconteceu. Tanto quanto eles sabem, a Caroline tentou entrar na festa sem ser convidada. Estão todos encantados por ela ter sido posta a andar. Ninguém gosta dela. A mulher está claramente um pouco transtornada.

— Como eu?

— Nada que se pareça contigo. Tira uns minutinhos e faz os exercícios de respiração. Depois desse comprimido já não podes beber álcool, está bem?

— Está. — Respirei fundo. — Angela? E se eu a tivesse matado?

— Não mataste. Não vale a pena criar cenários catastróficos. Queres que fique contigo?

— Não. Estou bem. Obrigada.

Esperei quinze minutos lá dentro e depois voltei. Apesar de a festa lá fora estar no auge, a alegria que eu tinha sentido desaparecera. Sentia-me entorpecida. Comi qualquer coisa e sentei-me um pouco com a tia Christine.

— Já soube da penetra — disse ela. — Que descaramento! E é aquela com quem já tiveste problemas antes.

— Sim, perdeu o emprego por minha causa.

— E, pelos vistos, foi um castigo merecido.

Eu sentia-me em baixo. Sem ânimo.

— Estás cansada? Meu Deus, já são sete e meia. A que horas achas que vai terminar a festa?

— Não quero impedir que as pessoas se divirtam.

— A festa está fabulosa, Sally, um sucesso. Conheci muitos dos teus amigos. Parece que gostam muito de ti aqui.

Interroguei-me se ainda gostariam de mim se soubessem que quase agredi a Caroline com um atizador. Interroguei-me se o Udo e a Nadine me viam de forma diferente agora. O Udo estava a observar-me. Não queria que ele dissesse à Martha o que eu tinha feito. A determinada altura, ele aproximou-se de mim.

— Estás bem? Aquilo foi intenso.

— Desculpa.

— Assustaste-a mesmo. Foste feroz. Assustaste-me a mim um pouco.

— Contratei uma segurança para o caso de o meu pai biológico aparecer. Quando ela fez soar o apito, pensei que era ele.

— Mas viste que não era.

— Eu sei, mas estava tão zangada. Não sabia o que fazer com tanta raiva. — Ele ficou em silêncio por instantes. — Ainda bem que estavas lá, Udo. Eu podia tê-la magoado. — Ele riu-se. — Não tem graça nenhuma. Sabes que ando a fazer terapia? Ainda tenho problemas por causa da minha infância.

— Olha, já passou. Não magoaste ninguém. E quem sabe do que a Caroline é capaz? Ela também é intimidante. Vai ter uma ressaca valente.

— Estava embriagada?

— Muito. A Lina não conseguia livrar-se dela. Não volta a incomodar-te. Imagino que a vergonha será muita.

— Eu também estou envergonhada.

— Olha, tu chocaste-nos, mas já passou. Relaxa.

O comprimido que a Angela me deu estava a fazer efeito. Comecei a sentir-me mais descontraída. Iria processar tudo aquilo na semana seguinte com a Tina.

Lá fora no jardim, o Ger McCarthy tirou um acordeão de uma mala com aspeto antigo e começou a tocar canções tradicionais de antigamente. A Valerie, a Angela, a Nadine, a Stella, o Kieran (que tinham deixado os filhos em casa do irmão dele) e a Laura juntaram-se a nós e fizemos um círculo com as cadeiras e os tapetes.

Nessa altura, a tia Christine tocou-me no ombro.

— Sally, não quero preocupar-te, mas acho que está alguém no escritório do teu pai. Ouvi barulhos lá dentro. Móvel a ser deslocado. Mas está um aviso na porta a dizer «Privado». Falta algum convidado? — Olhei à volta e contei as pessoas.

— O Mark.

— Vamos ver o que ele está a fazer.

Eu e a tia Christine pedimos licença. Percorremos o corredor pé ante pé e abri a porta de supetão. O Mark estava sentado à secretária com uma lanterna a ler os documentos antigos do pai.

— Mark! — disse a tia Christine. — O que está a fazer?

Ele pousou a pasta que tinha na mão e os papéis espalharam-se pelo chão. Aqueles ficheiros estavam prestes a ser armazenados. A polícia tinha os originais e aqueles eram cópias.

— Tu já querias ver esses ficheiros antes. Porquê? — exige saber.

Ele passou por nós, empurrando-me contra a secretária, e saiu pela porta da frente.

— Não gosto disto, Sally. Não gosto mesmo nada. Ele está demasiado interessado na tua história. Ele hoje não me disse nada, mas no funeral do Donald insistiu muito para saber o que tinha acontecido.

— Ele disse-me que estava fascinado com o caso.

— A mim disse-me o mesmo — disse a tia Christine. — Naquela altura eu quase tive a certeza de que era jornalista. Pesquisei sobre ele no Google, mas o passado dele é todo na contabilidade. Mas isto é de loucos, vasculhar os ficheiros antigos do Tom. Como se atreve? De que anda à procura?

Peguei no telefone e liguei-lhe. Foi diretamente para o correio de voz. Deixei uma mensagem irritada, exigindo saber o que estava ele ali a fazer.

Dei a festa por terminada. Alguns dos meus convidados estavam embriagados. A Stella abraçou-me e asseverou-me que eu era a sua melhor amiga. Eu disse-lhe que a Sue era a minha melhor amiga e ela achou hilariante. A Nadine e a Angela estavam ambas um pouco trêpegas. O Kieran, que estava sóbrio, disse que as levava a casa. Os outros todos quiseram ir a pé. Voltaram a agradecer-me pelo dia fabuloso.

A Valerie e a Laura saíram juntas, deixando-me a mim e à tia Christine sozinhas.

— Acho que não devias contactar o Mark outra vez. Se ele deixar uma mensagem de desculpa, muito bem, mas não respondas. Amanhã vou dizer à Angela — disse a tia Christine.

— Porquê a Angela?

— O comportamento dele é muito estranho. Ele está sempre a

observar-te e a falar de ti, e eu sei que tu me disseste que ele estava interessado naquela rapariga asiática, a Anubha, não é? Mas ele nem tentou falar com ela hoje. Ele está obcecado contigo, Sally. E não me parece que seja um interesse saudável. A Angela é a tua tutora não oficial na aldeia. Ela precisa de saber.

Fiquei emocionada. Disse à tia Christine o que tinha acontecido antes com a Caroline e a minha tentativa de a agredir.

— Nem consigo imaginar a raiva que deves sentir. Tiveste sorte por haver pessoas que te impediram. A tua experiência foi tão única, Sally, e, mesmo que não te lembres, tu sabes que o que ele fez foi horrível. Ainda assim, a Caroline é uma questão diferente.

— Tenho pena pelo Udo e pela Nadine. E pela Lina. Nem sequer pensei como as palavras da Caroline os afetariam. Vou telefonar-lhes amanhã para pedir desculpa.

— Linda menina.

— Tia Christine?

— Diz.

— Sou uma mulher, não uma menina.

— Desculpa, é porque te conheço desde que eras uma menina.

— Como é que eu era? Quando me conheceste?

— Eras calada. A Jean e o Tom tratavam-te como se nada tivesse acontecido. Não te matricularam na escola no primeiro ano. Dormias muito. A Jean e o Tom discutiam sobre isso. Ela achava que não devias ser sedada. Espero que não te importes que o diga, mas o Tom era arrogante, insistia sempre que era mais qualificado para tomar essas decisões. Tu não gostavas que o Donald viesse comigo quando eu vinha cá a casa visitar-vos. Isso aborrecia-o, sabes? Ele nunca magoaria ninguém na vida, mas tu fugias dele. A Jean era a única pessoa que te podia pegar ao colo ou abraçar-te, e mesmo assim, ainda rabiavas, embora eu ache que não seja assim tão invulgar em crianças de 6 anos.

— Eu nunca perguntava pela minha mãe? A minha verdadeira mãe?

— Não. O Tom estava determinado a que esquecesses que ela existiu.

— Funcionou.

— Talvez fosse melhor assim. Nunca saberemos.

Assenti com a cabeça, um pouco cansada.

— Vamos para a cama. Estamos ambas exaustas. E amanhã temos cá crianças outra vez.

As crianças chegaram pontualmente ao meio-dia. Eu tinha dito que podiam ficar do meio-dia às três. O Udo ofereceu-se para vigiar a parte da frente da casa e eu aceitei de bom grado. Avisei-o para

também não deixar o Mark entrar. Disse-lhe que tínhamos discutido e que não o queria ver. O Udo não fez mais perguntas. Tentei pedir desculpa pelas ofensas racistas da Caroline, mas ele disse que não lhe devia desculpas nenhuma.

Fiz limonada para as crianças e preparei uns pratos com sobras de bolo. A Angela chegou, admitindo estar de ressaca.

— Não tens comprimidos para isso?

— Tenho, mas não suprimem a vergonha. Cantei. À frente de pessoas. À frente de pacientes. Pus-me aos pulos no castelo insuflável, apesar de estar sempre a avisar as pessoas com uma certa idade, como eu, para não o fazerem.

— Pois, reparei nisso. — Ri-me.

— A Nadine ainda está na cama. Está pior do que eu.

Eu e a tia Christine contámos-lhe o que tinha acontecido com o Mark.

— Céus, o que é que se passa com ele? Sally, quando é que ele apareceu pela primeira vez aqui, em Carricksheedy?

— Por volta de fevereiro ou março, acho eu. Da primeira vez que o vi, ele tentou que eu entrasse no carro dele, mas depois disso mostrou-se sempre arrependido. E era tão educado e preocupado. Mas estava sempre a perguntar como corria a investigação do Conor Geary e sobre o que me lembrava da minha infância. Pedi-lhe para parar mais do que uma vez. Ele já tinha pedido para ver os ficheiros antes.

— Será um daqueles obcecados por crimes?

— Achas que arranjou emprego aqui de propósito para se aproximar da Sally?

— É possível.

— Onde é que ele vive?

— No mesmo bloco de apartamentos da Sue e do Kenneth.

— E a família dele?

— Tem uma ex-mulher, a Elaine. Nunca falou dos pais nem de irmãos. Nasceu em Dublin.

— Já pesquisaste por ele no Google?

— Eu já — disse a tia Christine. — Não encontrei nada suspeito. Trabalhou em várias empresas de contabilidade, mas parecia estar num cargo mais importante do que aquele que tem agora. Algumas fotografias aqui e ali, algumas antigas de há uns quinze anos, que incluíam a ex-mulher, a Elaine Beatty.

— E a escola?

— Não encontrei nada que fosse anterior a vinte anos atrás.

— Ele tem um perfil do LinkedIn?

Eu conhecia o LinkedIn. Registara-me quando andava à procura de emprego. Recebia notificações irritantes sobre empregos que eu não conseguiria ter ou nos quais não estava interessada.

— Sim, mas não tinha informações sobre a escola.

Fiquei confusa.

— Porque é que havia de importar a escola em que andou?

— Não sei — disse a Angela —, mas vou tentar saber mais sobre o assunto.

— Há mais uma coisa — disse eu. — Perguntei-lhe há séculos se estava romanticamente interessado em mim e ele disse que estava interessado na Anubha, mas ontem ela disse-me que ele praticamente a ignorava no trabalho.

— Estará a fazer-se difícil?

— Acho que nem sequer gostam um do outro.

— Isto é tudo muito estranho.

A Sue veio buscar os filhos e sentou-se connosco na sala de estar. Perguntou-me se eu sabia alguma coisa sobre o Mark ir de férias.

— Porquê?

— Vi-o a atirar malas e caixas para o carro. Perguntei-lhe para onde ia e ele respondeu que estava com pressa e foi-se embora.

— Tenho um mau pressentimento sobre isto — disse a tia Christine.

A Sue quis saber o que se passava. A Angela explicou calmamente que estávamos um pouco preocupadas com ele, dado que o seu comportamento tinha sido inusitado.

— Tenho a certeza de que há uma explicação para isso — disse a Sue. — Ele é sempre simpático connosco, mas hoje estava sem dúvida um pouco estranho — disse ela, saindo para chamar os filhos.

A Angela sugeriu que mantivéssemos aquilo entre nós. Não valia a pena causar agitação ou diabolizar o Mark, se ele fosse apenas um obcecado por crimes. Não era ilegal.

Saíram todas juntas. Senti-me estranha, sozinha em casa. Estava ansiosa por mudar de casa. Os episódios com a Caroline e depois com o Mark deixaram-me com uma sensação de insegurança.

O que aconteceu na manhã seguinte apavorou-me.

Não dormi bem. Vesti o robe por cima do pijama, desci para a cozinha para ligar a chaleira e fazer chá. Depois do pequeno-almoço, dei volta à casa, tomando nota dos nomes nos *post-its* e respetivas peças, para poder preparar a recolha. Ouvi a tampa da caixa do correio da porta da frente e saí para ir buscar o correio. Havia um envelope dirigido a Mary Norton, o meu nome de nascimento. Tinha um selo da Nova Zelândia. Abri-o com as mãos a tremer.

Era um postal de aniversário. Na frente tinha gatinhos fofos, algo apropriado para uma criança.

É o teu verdadeiro aniversário, Mary. Fazes 45 anos hoje, 15 de setembro. Não tenho a certeza se este cartão vai chegar no dia

certo, mas acho que é importante que saibas.

S

Chegou com um dia de atraso. Telefonei à Angela, mas foi diretamente para o correio de voz. Isto era uma urgência. Telefonei à inspetora Howard. Ela disse-me que não tocasse no postal. Ia mandar alguém lá a casa.

A campainha da porta tocou cinco minutos depois. Escondi-me na sala de estar, mas espreitei pela janela para ver se era um agente. Vi que eram os homens que tinham vindo buscar o castelo insuflável. Foram pelas traseiras e acondicionaram-no. Não saí para ir ter com eles. Foram-se embora na carrinha. Não precisavam de me ver. Eu já tinha feito o pagamento adiantado.

Meia hora mais tarde, a campainha tocou outra vez. Ouvi a voz da Angela.

— Sally, sou eu! — Abri-lhe a porta e, antes de conseguir mostrar-lhe o postal, ela disse: — Sally, o Mark Butler não é quem diz ser.

Peter, 1985

Depois do meu confronto com o pai, conduzi durante horas sem destino pela noite fora até perceber que não havia nada que eu pudesse fazer acerca da situação da Lindy sem arriscar a minha própria vida. Acabei por voltar para casa, chegando à hora do pequeno-almoço. O pai não disse nada. Ele sabia que eu não tinha ninguém nem outro sítio para onde ir, e que a minha doença me impediria de pedir ajuda.

Na noite seguinte, quando visitei a Lindy, contei-lhe sobre o confronto.

— Então, agora que sabes, porque não foste à polícia? — A voz dela era alta, histérica. — Podes deixar-me sair agora mesmo. O que te impede?

Tentei explicar que não havia nada que eu pudesse fazer e que o risco para mim era demasiado alto. Disse-lhe que o pai tinha insinuado que eu também fazia sexo com ela, o que não fazia sentido por causa da minha doença. Ela ficou calada por instantes e depois disse:

— Essa doença que tu tens, não sei quê necrótico, é muito conveniente, não é?

— Como assim? Não é conveniente para mim. Não tenho vida por causa disto.

— Ele mentiu-te sobre tudo o resto, tudo...

Poucos meses antes, tinha pedido ao meu pai para ver se encontrava novos artigos de investigação sobre a minha doença. Ele trouxe para casa publicações com fotografias de cadáveres deformados e de pessoas em camas de hospitais, mumificadas com ligaduras em salas de isolamento. Mencionava uma investigação numa clínica alemã, mas que o progresso era lento e subfinanciado por causa da raridade da doença. Não havia qualquer cura à vista.

— Aposto que não tens doença nenhuma. Ele usou-a para te manter afastado das pessoas. Nunca foste à escola. Nunca tiveste uma mãe na tua vida, pois não? O que lhe aconteceu?

Não quis contar-lhe sobre a minha mãe.

— Não sei.

— Então, toda a tua vida foste só tu e o teu pai. Estás a ver a loucura disso? Tira essas luvas estúpidas, vem cá e toca-me, só na minha mão ou no braço.

Ela esticou-se até onde a corrente lho permitia. Eu encolhi-me.

— Ele não me ia mentir sobre isso.

— Ele nem sequer te disse onde está a tua mãe. Sabes agora o que ele me faz. Eu nunca ouvi falar de tal doença. É, no mínimo, suspeita.

— Para! — gritei-lhe.

— Tens de me deixar sair daqui! Temos ambos de fugir — gritou ela enquanto eu a trancava lá dentro.

Pensei em toda a vida que eu perdera, se o que a Lindy dizia fosse verdade. E depois pensei no Rangi. Se eu não tinha contágio hominoide necrótico, eu era responsável pela morte dele.

Não disse nada sobre isso ao meu pai nessa noite. Ele agiu como se nada tivesse acontecido depois do nosso grande desentendimento do dia anterior. Ele cozinhou e eu pus a mesa. A determinada altura, quando estávamos os dois à mesa, ele começou a falar.

— Peter — disse ele, e era a primeira vez que me chamava assim desde que saíramos de Londres —, tu tens a tua doença e eu tenho a minha.

— O quê? — disse eu, taciturno.

— Deixa-me falar, por favor. Não me orgulho do que sou. Sei que é uma doença, esta atração por raparigas novas, mas é uma doença que não controlo. Como a tua doença. Somos o que somos e...

— Tu tens controlo — interrompi-o. Não estava preparado para o deixar fazer-se de vítima. — Tu escolheste levar a minha mãe do jardim quando era criança, escolheste raptar a Lindy no lago, e pior do que isso, fingiste que o estavas a fazer por mim.

Não o confrontei com a minha doença. Iria investigar isso por mim próprio.

— Sou doente, Peter, o que esperas que eu faça?

— Devias entregar-te à polícia. Diz-lhes quem és e o que fizeste na Irlanda.

— E o que seria de ti?

— Cá me arranjava. E a minha irmã?

— Quem?

— O bebé que nasceu na Irlanda, naquele quarto — respondi eu, levantando a voz.

— Não tinha qualquer utilidade para mim, Peter. Eu queria um filho, não uma filha, e não fui cruel. Podia ter tirado a criança à Denise, mas isso iria destroçá-la.

— Não achas que já estava destróçada? Acorrentada a um radiador durante sabe-se lá quantos anos? Disseste-me para lhe dar pontapés e lhe bater quando eu era demasiado novo para saber que não o devia fazer. E sabias que ela não retaliaria, porque me amava.

— Eu amo-te — disse ele, e vi-lhe lágrimas nos olhos.

Pôs a mão no meu braço, e eu deixei-a ficar lá, tão faminto estava de contacto humano. Sempre tínhamos tido uma relação de toque quando eu era mais novo, mas quando cheguei à adolescência, parecia menos apropriado. Eu inspirava-me na televisão, e os rapazes crescidos não andavam de mão dada com o pai. Não os abraçavam nem se chegavam muito perto. Afastei-me do meu pai fisicamente, embora sentisse muito a falta do seu toque. Senti pena dele, naquele momento. Mas não a ponto de não passar a semana seguinte na biblioteca.

Em casa, eu e o pai chegámos a um entendimento. Ele não sabia como eu passava os meus dias depois de o deixar no consultório. Pensava que eu trabalhava na horta. Não falávamos sobre a Lindy. Ele deixava a chave na mesa da cozinha. Eu podia visitá-la enquanto ele estava a trabalhar, mas custava-me encará-la. Levava-lhe os produtos de mercearia e ia-me embora.

Na biblioteca, pedi todas as publicações médicas que tinham, mas só tinham o seu próprio *New Zealand Medical Journal*. Passei a pente fino todas as edições dos últimos cinco anos. Não se falava da minha doença, mas pensei que talvez a Nova Zelândia fosse demasiado pequena. O pai dissera que era uma doença muito rara. A biblioteca concordou em pedir exemplares do *British Medical Journal*, do *The New England Journal of Medicine* e do *Journal of the American Medical Association*. Todas estas publicações tinham sido citadas no *New Zealand Medical Journal*. Lembrei-me do Rapaz da Bolha. Seria ele a única criança do mundo a ter imunodeficiência combinada grave? Em que medida é que a minha doença era diferente? Como é que o pai conseguira o meu diagnóstico num pequeno país como a Irlanda?

Desde que começara a ir às lojas, à biblioteca e a vender os meus vegetais, fazia todas as transações usando chapéus, com protetores de ouvidos, luvas e várias camadas de roupa a mais para me proteger, apesar do desconforto nos meses de verão, quando todos os outros rapazes andavam de calções e camisolas de alças. Deixava o cabelo deliberadamente comprido para me cobrir o pescoço. Planeava deixar crescer a barba, mas os pelos da cara ainda eram raros. Eu sabia que as pessoas com quem lidava achavam que eu tinha um aspeto estranho, mas o pai tinha-me dito que não valia a pena explicar nada, porque ninguém compreenderia. Tinham ido contra mim várias vezes, apesar do meu cuidado, e ficava aterrorizado de cada vez que isso acontecia, mas nunca houve contacto de pele com pele. O pai sempre

me tratara dos dentes, por isso estavam ótimos. Tinha recorrentemente amigdalites, mas o pai conseguia sempre arranjar-me antibióticos para as tratar. Nunca tinha ido ao médico. Talvez estivesse na hora de o fazer.

Sally

— Então, quem é o Mark Butler? — perguntei à Angela ao mesmo tempo que ela me fazia sentar à mesa da cozinha.

— Vamos esperar até teres uma chávena de chá na mão — disse ela, ligando a chaleira elétrica.

A campainha da porta tocou. Fui à porta, com a Angela logo atrás de mim, e abri. Era um polícia jovem com um uniforme que lhe ficava demasiado grande.

— Sou o agente Owen Reilly. Vim recolher uma prova — disse ele.

— Está ali, o postal e o envelope — disse eu, apontando para a mesa que tinha o *post-it* da Martha. Pus a Angela rapidamente a par do postal de aniversário. O agente pegou nele com uma pinça e pô-lo num saco de provas.

— Dizemos-lhe do Mark Butler? — perguntei-lhe. O agente Reilly olhou para nós, intrigado.

— Acho que não tem nada que ver com a investigação do agente — disse a Angela. — Vamos deixar o homem fazer aquilo que veio fazer.

— Se houver alguma coisa esquisita, devem dizer-me — disse ele.

— É um assunto privado de família — disse a Angela. Ele pareceu dececionado por não ser incluído na partilha do segredo.

Eu também estava aborrecida. Quando fechei a porta ao agente Reilly, virei-me para ela e disse:

— Diz-me!

Ela levou-me de volta para a cozinha, fez-me sentar numa cadeira e voltou à tarefa de encher o bule.

— Por amor de Deus, Angela, não sou uma criança. O que é que sabes?

Ela pousou as duas canecas na mesa e sentou-se à minha frente.

— Desculpa. A minha intenção não é assustar-te. Se eu achasse que ele era um perigo, teria dito ao agente, mas provavelmente não está minimamente relacionado.

— O quê? — Nunca me apercebera de que a Angela era assim tão

irritante. Os olhos dela não paravam, de um lado para o outro.

— Está bem. Por onde deverei começar?

— Começa, simplesmente! — Tentei não gritar.

— Encontrei a Elaine Beatty no Facebook.

Eu não tinha nenhuma rede social de propósito. A Tina sugerira que não seria bom para a minha saúde mental. Eu queria amigos da vida real e o meu nome era suficientemente conhecido naquela altura para atrair mirões e, eventualmente, o meu pai biológico.

— A ex-mulher do Mark?

— Enviei-lhe uma mensagem privada, pedindo para falar com ela sobre o Mark. Esperava que ela não respondesse ou que me ignorasse, mas ela respondeu em menos de uma hora. Trocámos números de telefone, por isso telefonei-lhe. Ela tem andado preocupada com ele.

Fez uma pausa dramática.

— O Mark Butler é um homem perturbado. Mudou de apelido antes de se casarem, e tinha boas razões para o fazer.

— Qual era o nome original?

— Mark Norton.

— Mas esse é o meu nome, ou antes, era o nome da minha mãe biológica.

— Sally, ele é teu tio.

Ainda bem que eu estava sentada, mas continuei agarrada à mesa.

— Tinha 4 anos quando a Denise foi raptada. Ele adorava-a. Aquilo destruiu-lhe a família — disse a Angela.

— Espera lá, como é que é? Nunca vi o nome dele em nenhum dos documentos. Nas gravações, a Denise nunca fala dele, acho eu.

— Talvez ela não conseguisse fazer a ligação à sua infância antes do Conor Geary. Ela foi raptada com 11 anos e libertada aos 25. Passou mais tempo em cativeiro do que em liberdade. É possível que nem sequer se lembrasse dele. E depois morreu no hospital um ano mais tarde.

— Cometeu suicídio.

— Sim. Os pais dele tiveram ambos colapsos nervosos, segundo a Elaine. O pai meteu-se na bebida. A mãe mal se aguentou. Depois disso, o Mark passou toda a infância e adolescência à caça de pistas. O desaparecimento da Denise pautou-lhes as vidas. Quando ele tinha 16 anos, os pais desistiram de a procurar, e ele nunca os perdoou por isso. Depois, quando tinha 18 anos, a Denise foi encontrada, contigo. E não o deixaram vê-la. Lembra-te, ela não queria ter adultos masculinos por perto naquela altura, incluindo o próprio pai. O teu pai, o Tom, quero eu dizer, era o único homem que ela vira.

— E a mulher disse-te isso tudo?

— Sim. Conheceram-se na universidade em Dublin. Assim que as pessoas ouviam o apelido dele, queriam saber se ele estava ligado às

então famosas Denise e Mary Norton. Os pais tinham-se mudado para França, a irmã estava morta. Ele era uma figura deplorável que bebia demasiado, mas a Elaine pensava que o podia salvar. A ideia de mudar de nome foi dela, para ele poder escapar às constantes perguntas. Casaram-se novos, aos 22 anos, e ela pensava que, quando assentassem e tivessem família, ela o poderia ajudar a recuperar e a viver uma vida normal. Mas ele continuava obcecado por encontrar o raptor da irmã e estava furioso com os pais por terem permitido que fosses adotada. Disseram-lhe, como a toda a gente, que tinhas sido adotada em Inglaterra.

— Vou telefonar-lhe. Porque é que ele não me contou nada disto? — perguntei eu.

— Não, espera, temos de pensar bem nisto. A Elaine disse que ele se recusou a ter filhos, porque tinha medo de que a história se repetisse, que o filho pudesse ser raptado e tratado como a Denise. Foi isso que acabou por pôr fim ao casamento deles após catorze anos. A sua obsessão. Tanto quanto é do seu conhecimento, não houve qualquer caso amoroso.

— Ele mentiu-me.

— Ele e a Elaine ainda se dão bem. Ela obrigou-o a recorrer a apoio psicológico e a tentar encontrar novos focos de interesse. E, durante algum tempo, ele esteve estável. Ela voltou a casar e está feliz com o novo marido e o filho, mas depois da morte do teu pai, quando tu andavas nas parangonas dos jornais e foste exposta como um bebé nascido em cativeiro...

— Fazes-me parecer um animal do jardim zoológico.

— Desculpa. Devia escolher as palavras com mais cuidado. Mas, Sally, foi então que a obsessão do Mark voltou. A Elaine disse que ele foi ao funeral do Tom. E depois, contra o conselho dela, começou a procurar emprego em Carricksheedy. Estava desesperado por entrar em contacto contigo. A Elaine até telefonou aos pais dele em França e descobriu que a mãe tinha morrido. O pai, o teu avô, ficou chocado com as notícias sobre ti, mas sentia que o facto de teres tratado o corpo do teu pai daquela maneira era prova de que eras tão perigosa como o Conor Geary. Telefonou ao Mark e disse-lhe que te deixasse em paz, mas nada o detinha. Então, o pai pediu à Elaine para intervir.

— Continua a não fazer sentido. Porque é que ele não me disse quem era?

— Não sei. Mas, Sally, tens de te questionar o que é que ele quer. Será que só quis conhecer-te? Ou descobrir mais sobre o que aconteceu à irmã, tentando ler os ficheiros do teu pai? Ou anda à procura de pistas para encontrar o Conor Geary? Ele conseguiu enganar-nos a todos.

— E se quisesse todas essas coisas? Se é irmão da Denise, meu tio

— a palavra soava estranha, dita por mim —, então, acho que ele tem direito a ver aqueles ficheiros.

— Ele poderia ficar magoado por descobrir que não é mencionado neles.

— Talvez. Mas tem direito à verdade, não tem? Vou telefonar-lhe e confrontá-lo com tudo isto.

— A Elaine está preocupada com ele. Ele também não lhe atende o telefone. Telefonei para Mervyn Park esta manhã. Ele meteu baixa.

— A Tina falou comigo sobre instinto e intuição. Acho que ele estava genuinamente preocupado comigo, mas houve tempos em que ele ficava tão intenso que me deixava nervosa. O que é que tu achas, como médica?

— Não te posso dizer o que penso enquanto médica, primeiro, porque ele nunca foi meu doente, e segundo, porque mesmo que fosse, não te podia dizer. Mas como observadora, e tendo tido longas conversas com a Elaine nas últimas vinte e quatro horas, acho que, no mínimo, precisa de ajuda profissional. Ele não cometeu qualquer crime. Tenho pena dele, na verdade.

— Vou enviar-lhe uma mensagem. Provavelmente não me vai atender a chamada.

Enviei-lhe uma mensagem.

Sei que és o meu tio. Precisamos de falar. Por favor, telefona-me.

— Angela, já não quero ficar nesta casa. Não me sinto segura. A Nadine disse que a casa da aldeia estaria pronta para o mês que vem. Achas que posso mudar-me mais cedo?

Peter, 1985

O contágio hominoide necrótico não existia. A médica a que fui em Auckland queria que eu fizesse uma avaliação psiquiátrica.

— A doutora está absolutamente segura de que não existe tal coisa?

— Onde é ouviu sequer falar disso? — perguntou-me a médica. — Os seus pais estão lá fora?

— É uma doença rara, pode não ter ouvido falar dela.

— Acredita que não pode tocar noutro ser humano? A sério, onde estão os seus pais?

— Estão a estacionar o carro.

— Eles disseram-lhe que...

— E o Rapaz da Bolha? — interrompi eu.

— Aquele pobre rapaz do Texas? Acho que ele tem uma doença autoimune. A sua pele parece-me ótima. Quer tirar o chapéu, as luvas e talvez o casaco, a camisola e a camisa, para eu ver?

— Não!

— Prometo que não lhe toco. Vou calçar luvas cirúrgicas para ser duplamente seguro.

Eu estava incrivelmente tenso quando tirei o chapéu e o cabelo comprido se soltou, e as luvas revelaram mãos transpiradas. Puxei a camisola interior pela cabeça e a médica andou à minha volta.

— Não vejo nenhum abcesso, lesão ou ferida. Não tem cicatrizes em lado nenhum. Importa-se que lhe veja o batimento cardíaco com um estetoscópio?

Ela encostou um disco metálico frio contra o meu peito e ficou à escuta.

— Um pouco acelerado, porque acho que está nervoso, mas totalmente dentro do normal.

Persisti:

— Mas pode ser que não tenha ouvido falar dela? Provavelmente referem-se à doença como CHN.

— Acredite que, na faculdade, quanto mais estranha era a doença,

mais interesse nos suscitava. Se esta coisa, necrótico não sei quê, existisse, toda a gente saberia. Peter — continuou, usando o meu nome antigo, que eu usara para fazer a marcação —, alguma vez foi visto por um psiquiatra?

— Quer dizer que não morro se tocar na pele de outra pessoa?

— Quero dizer que nada, *nada* acontecerá. Quer experimentar? — perguntou ela, tirando as luvas.

— E se a doutora estiver errada?

— Esperamos pelos seus pais? — propôs ela, fazendo um gesto para o estacionamento meio vazio do lado de fora da janela.

— Tenho esta doença desde que nasci — disse eu.

— Importa-se de me repetir a sua morada?

Eu tinha dado uma morada falsa em Auckland quando preenchi a ficha junto da rececionista. A Dra. Bergstrom estava com a ficha à frente. À pressa, voltei a vestir-me, coloquei o chapéu e calcei as luvas.

— Vou ter com os meus pais — disse eu, recuando na direção da porta. Ela tentou deter-me, dando um salto da cadeira.

— Por favor, espere — disse ela. — Acho que precisa mesmo de ajuda, mas não do tipo... — Estendeu a mão e tocou-me na cara com a mão sem luvas. Contive o grito e saí disparado pela sala de espera, correndo rua abaixo, tão desorientado que demorei dez minutos a encontrar o carro.

Fui ver imediatamente a cara no espelho retrovisor, esperando ver pele derretida. Sentia-a a arder, mas no espelho tudo parecia normal. Fiquei sentado no carro durante meia hora num turbilhão de terror e pânico, mas pouco a pouco percebi que a sensação de ardor era o que a minha mente me tinha dito que esperasse. Não tinha sensação alguma naquele sítio. Belisquei-me para ver se tinha, de algum modo, sido adormecida pelo toque dela, mas senti o beliscão. A contacto da mão dela na minha cara não teve qualquer efeito. Mal conseguia acreditar.

Conduzi até ao centro da cidade com a mente numa tal confusão que, ao chegar, não me lembrava de onde estava. Estacionei numa rua lateral e tirei o chapéu e as luvas, embora estivesse frio. Deixei-os no carro. Caminhei por uma rua movimentada e entrei na livraria Whitcoulls. O homem que estava atrás do balcão levantou os olhos e sorriu-me.

— Olá! — disse ele.

Eu não conseguia falar. Dirigi-me às prateleiras onde havia livros da escritora Ngaio Marsh, escolhi um livro para a Lindy e depois virei-me para o balcão. O homem perguntou:

— Está a ficar frio lá fora, não está?

Abanei a cabeça, ainda incapaz de falar, e estendi uma mão

tremula com uma nota de vinte dólares. Ele tirou-me a nota da mão sem me tocar e virou-se para a máquina registadora. Quando me passou o troco, colocou-mo na palma aberta, outra vez sem me tocar na mão. Guardei o troco no bolso e depois peguei-lhe na mão e apertei-lha.

— Muito obrigado — disse eu.

Ele pareceu surpreendido e, quando as lágrimas começaram a cair-me pela cara abaixo, ele segurou-me pelos ombros:

— Estás bem, filho? Aconteceu alguma coisa?

A mão formigava-me por causa do toque, mas não havia ardor, nem descoloração, apenas a impressão cálida que ficara da mão daquele homem. Apetecia-me encostar a cabeça no ombro daquele estranho, mas virei-me e saí da loja.

Voltei para Rotorua, com a raiva a crescer ao mesmo ritmo a que acelerava. Cheguei à cidade exatamente à hora de ir buscar o pai ao consultório.

Ele acenou da janela e saiu, trancando a porta. Sentou-se no banco do passageiro e atirou a pasta para trás. Arranquei antes de ele apertar o cinto.

— Qual é a pressa? — disse ele.

— Fala-me outra vez do contágio hominoide necrótico — disse eu, tentando que a minha voz não deixasse transparecer a fúria que sentia.

— É engraçado que fales disso. Telefonei a um imunologista em Melbourne hoje para ver se havia alguma novidade. Receio que não haja ainda tratamento algum à vista, mas acho que já estás habituado, Steve.

— Ai, sim? Como se chamava o imunologista? Talvez eu queira falar com ele.

— Acho melhor deixares a parte médica comigo.

— Como se chama?

— Dr. Sean Kelly.

— Um nome irlandês. Interessante. E em que hospital trabalha?

— St. Charles.

— Certo. E é um hospital geral ou um hospital especializado em doenças imunológicas?

Ele cofiou a barba, e, quando olhei de relance para ele, vi que me olhava nos olhos.

— É um hospital especializado. Todo o financiamento vai agora para a investigação dessa nova doença homossexual, a SIDA.

Não havia hesitação nenhuma, mas também é verdade que o pai era perito em mentir.

— E exatamente quando é que fui diagnosticado? Quer dizer, se nasci naquele anexo, como soubeste que eu a tinha?

— Aquela cabra anda a...?

Tirei os olhos da estrada e olhei fixamente para ele.

— Não lhe chames isso.

— Oh, por amor de Deus, Steve, não podes acreditar em nada do que a Lindy Weston te diz. Ela é uma delas.

— Não tenho doença nenhuma. Também me mentiste sobre isso.

— Bem, se queres correr o risco...

— E o Rangi? Eu estava a um metro dele. Podia facilmente tê-lo puxado para terra, mas para me salvar a mim próprio, deixei-o afogar-se.

— Ele era mestiço e uma má influência. Pôs-te a beber cerveja no teu...

— Ele era um miúdo inteligente e bondoso. Era meu amigo! — gritei-lhe.

— Olha para a estrada!

Tínhamos guinado para fora da estrada secundária que ia dar à nossa casa numa pequena encosta. Tentei corrigir o volante, mas virei demais e fomos para o outro lado da estrada, em direção a um penhasco. Entrei em pânico e carreguei no pedal do acelerador em vez do travão. O motor troou durante aquilo que pareceu quase um minuto e depois estávamos em pleno ar. Nunca vou esquecer o barulho enquanto rolávamos e voltávamos a rolar. Mais tarde, a polícia disse que só tínhamos caído quatro metros e meio, mas a sensação foi de rolar por um precipício vertical, batendo em todas as rochas pelo caminho, com a minha cabeça a fazer ricochete entre o tejadilho do carro e o para-brisas até que o vidro se estilhaçou.

Nunca tinha ouvido o pai gritar. Que som estranho. Abri a boca, mas, como num pesadelo, não saiu nenhum som. A visão toldou-se-me de sangue e ouvi o retorcer ruidoso do metal e o quebrar de ossos, ao rolarmos até pararmos. O carro caiu sobre o tejadilho. Limpei o sangue dos olhos com as mãos trémulas. A minha porta tinha sido arrancada. A porta do pai estava cravada na terra e a lama entrava pelo para-brisas estilhaçado para cima de nós. Desapertei o cinto de segurança, que estava enleado à volta dos meus joelhos, e caí para o tejadilho do carro antes de me arrastar para fora. Quando tentei pôr-me de pé e orientar-me, senti uma dor lancinante no tornozelo direito. Olhei para trás, para o pai. Ele continuava a gritar. Tinha a camisa manchada de sangue. O carro estava amolgado à sua volta e ele parecia estar esmagado contra a porta. Naquela posição, não a conseguia alcançar. O braço direito estava esmagado e partido. O cheiro de gasolina encheu-me as narinas e reparei numa pluma de chamas no mato junto à traseira do carro.

— Está a arder — disse eu com a voz a tremer.

O pai esticou-se para mim.

— Tira-me daqui!

Tinha a cabeça presa, de lado, contra o tejadilho do carro. Teria sido fácil desapertar-lhe o cinto de segurança. Tenho a certeza de que teria tido tempo para o fazer. Podia tê-lo puxado para fora. Mas subi a encosta com os cotovelos, arrastando o pé inutilizado, grunhindo de dor. O pai estava a gritar outra vez, implorando:

— Não me deixes aqui! Peter! Peter! Por favor! — E depois, numa fúria: — Eu sou o teu pai. Tira-me daqui!

Ouvi as chamas a ganhar terreno enquanto eu trepava pelo aterro acima. Ouvia os gritos do meu pai. Não olhei para trás.

Acordei numa maca à beira da estrada, já de noite, com um paramédico a levantar-me o pé direito. Outro segurava-me a cabeça com as mãos nuas. O choque foi intenso, mas não sabia se era o facto de ele estar a tocar-me ou se era a dor no tornozelo. A minha camisa e o meu casaco estavam em farrapos junto às ervas. Tinham-me cortado as calças. Não me atrevi a olhar para baixo, para o pé. Os paramédicos falavam comigo com vozes suaves e pesarosas.

— Como te chamas, miúdo?

O meu nome? Sentia-me exausto, demasiado cansado para falar.

Um dos homens disse:

— Acho que vai ficar bem. Não está a tossir sangue nem a apertar o estômago, por isso provavelmente não tem problemas internos. Achas que aquele era o pai dele?

Levantei a cabeça o tempo suficiente para dizer...

— Sim, era o meu pai.

Toda a gente me tocou no hospital: as enfermeiras, os médicos, a polícia, a assistente social, o capelão. No meio do atordoamento da medicação dos primeiros dois dias, cada toque era uma alegria. Apertava a mão a toda a gente, chorava e ria-me da loucura de tudo o que tinha acontecido. Fui imediatamente operado ao pé. Tinha partido o tornozelo. Disseram que era uma fratura simples. Seis semanas com gesso e a usar muletas e ficaria como novo.

Sempre que uma enfermeira ou médica me tocava abaixo do pescoço, eu ficava com uma ereção. A maior parte delas reparava e ignorava, mas algumas disseram-me delicadamente que não era nada de que me envergonhar e que era uma reacção totalmente normal, especialmente na minha idade. Sentia-me menos anormal a cada dia que passava.

Tinha uma laceração à frente, no couro cabeludo, onde tinha batido com a cabeça no espelho retrovisor. Nove pontos de um lado ao outro da cabeça davam-me vagamente ares do monstro de Frankenstein. A comida era normal e praticamente tão saudável como a que eu e o pai cozinhávamos. Eu partilhava uma enfermaria com

quatro homens, todos muito mais velhos do que eu. Nunca tinha partilhado um quarto com ninguém, desde aquelas duas noites quando tinha 7 anos. Os homens falavam comigo com compaixão. Uma enfermeira disse-me que tinha mandado embora um jornalista que me queria fazer perguntas sobre os últimos momentos do meu pai. Ficaram todos preocupados quando disse que não tinha parentes vivos. Chamavam-me o órfão.

Toda a gente no hospital tinha pena de mim. Deram-me tudo o que eu precisava, incluindo um corte de cabelo e roupa nova.

A polícia determinou que a morte do meu pai fora accidental. Eu disse que tinha guinado para evitar um cão. Não era invulgar ver cães por todo o lado em Rotorua, por isso era extremamente verosímil. A polícia foi simpática. Entregaram-me um saco com o que puderam recuperar do carro e do cadáver queimado do meu pai: o relógio partido com a correia derretida, a aliança de casamento falsa, o grande molho de chaves e uma pasta contendo formulários de imposto e o jornal do dia que fora cuspidor do carro.

O *Rotorua Daily Post* organizou uma angariação de fundos para mim. As pessoas de Rotorua foram excecionalmente generosas. Deixei que Jill Nicholas, a repórter local, me entrevistasse. A assistente social disse-me que, embora legalmente eu já tivesse idade para viver sozinho, ela me recomendava veementemente que ficasse com amigos durante uns tempos. Recusei a oferta, insistindo que vivia de forma independente há vários anos, que cozinhava, fazia compras e ganhava o meu próprio dinheiro com os meus vegetais. Ficou surpreendida por eu não ter ido à escola e por não ser seguido por um médico local. Diligenciou para que um advogado me telefonasse para o hospital para falar da herança do meu pai. Quando já estava suficientemente bem, pude ir ao escritório dele, mas, entretanto, os donativos generosos da boa gente de Rotorua haviam de me manter. Podia comprar outro carro, que era do que eu precisava com mais urgência.

Dez dias depois do acidente, deram-me alta com duas muletas e a recomendação de descansar o mais possível.

Uma enfermeira comunitária havia de me ir ver todos os dias às onze da manhã. A assistente social levou-me a casa depois de sair do hospital, parando para fazer compras para mim no caminho.

Viu a casa e ficou satisfeita por não haver degraus e por a disposição das coisas ser conveniente. Não se interessou por ver o barracão, mas deu uma volta à horta. Voltou a perguntar-me se havia alguém a quem eu quisesse telefonar. Pedi-lhe ajuda para instalar um telefone e ela mostrou-se surpreendida e dececionada por ainda não termos um. Disse que iria tratar do assunto «com a maior urgência». Foi com relutância que me deixou sozinho. A enfermeira viria de manhã. A assistente social deu-me uma palmadinha no braço e disse-

me que eu era um rapaz corajoso. Rejubilei com o toque dela.

Tinha sentido saudades da Lindy, mas sabia que ela tinha acesso a água. Talvez tivesse ficado sem comida, mas agora eu estava em casa. Ela iria ficar bem. E nunca mais voltaria a ver a cara do meu pai. Era por causa dele que ela se queria ir embora. Íamos ser só nós os dois. Ela iria sentir-se feliz por ficar comigo.

Assim que a assistente social se foi embora, tirei a chave do fecho da porta das traseiras e dirigi-me a custo para o barracão, com o saco de compras pendurado numa muleta.

Sally

Mudei-me para o chalé da aldeia na semana seguinte, a última de setembro. Todo o trabalho estrutural estava feito. Tinha uma casa de banho e uma cozinha funcionais, mas não tinha carpetes nem cortinas. As paredes estavam rebocadas, mas ainda não estavam pintadas. A área do pátio não estava acabada e ainda faltava assentar os mosaicos do chão do corredor. A maior parte da mobília ainda não fora entregue, mas pendurei lençóis a fazer de cortinas e trouxe o velho sofá e a mesa de cozinha da casa. Nenhum dos meus amigos os quisera. Comprei uns tapetes baratos para pôr no chão como solução temporária.

A Nadine apresentou-me a todos os profissionais que vinham acabar os vários trabalhos. Era desconfortável ter pessoas a entrar e sair a todas as horas do dia. Passava o máximo de tempo possível fora de casa.

Sentia muito a falta do meu piano, mas não o podia instalar na casa da aldeia enquanto os operários ainda andavam a trabalhar, por causa do pó que faziam, por isso, durante uma semana inteira, fui para casa da tia Christine em Dublin e toquei no dela todos os dias.

Ela ficou chocada por saber do Mark Butler/Norton. Mas tinha uma vaga lembrança de a mãe lhe dizer que a Denise tinha um irmão.

— A Jean estava muito mais em contacto com a família da Denise do que o Tom. Lembro-me de ela dizer qualquer coisa sobre o irmão ser demasiado velho, que a Denise não o teria reconhecido como sendo o menino de 4 anos que vira da última vez.

Porque é que o pai tinha deitado fora os ficheiros da mãe? A tia Christine suspirou.

— O teu pai não era perfeito, Sally.

Eu começava a compreender isso. Sempre fui teimosa quando era adolescente, mas a mãe forçava-me a fazer coisas que eu não queria fazer. Agora, após quase dois anos de terapia, eu entendia que a mãe estava a tentar integrar-me, encorajando-me a entrar para clubes e a ir a encontros e festas da escola. A opinião do pai prevalecia sobre a dela

e ele permitia que eu fizesse o que queria, tirando sempre notas. Lembro-me de uma vez ter ouvido uma discussão e a minha mãe a gritar com o meu pai:

— Ela não é um projeto teu ou um estudo de caso. É a nossa filha.

Entretanto, eu e a Tina trabalhámos especificamente na gestão da raiva. Quando lhe contei da raiva descontrolada que sentira relativamente à Caroline, ela ajudou-me a perceber que eu estava a assumir uma raiva que herdara da minha mãe biológica. Através dos ficheiros dela, especialmente daquelas gravações, e possivelmente de memórias reprimidas.

— Já me disseste muitas vezes, Sally, que não consegues ter um sentimento de ligação com ela, mas deves ter visto coisas ou, pelo menos, visto alguma repercussão daquele abuso emocional e físico extremo. Quando tu ou alguém ou alguma coisa que amas está sob ameaça — estava a referir-se àquela vez em que ataquei a Angela quando me tirou o *Toby* — queres atacar, como a Denise provavelmente fazia. A ira é uma emoção secundária. A fúria pode ser desencadeada pelo medo ou por qualquer emoção que nos faz sentir vulneráveis e indefesos. Mas agora és adulta, não estás trancada num quarto. Podes usar poderes diferentes. Podes usar a voz e podes afastar-te. Duas das ferramentas mais importantes que tens. Lembra-te, não és uma criança trancada num quarto. A violência quase nunca é uma resposta adequada.

Eu tinha muito em que pensar.

O Mark não chegou a responder à minha mensagem, e, quando a Angela me pôs em contacto com a Elaine, ela também não sabia dele.

— Estou preocupada — disse-me ela —, mas não é a primeira vez que ele desaparece durante semanas. Quando ficava stressado fazia o mesmo e depois aparecia outra vez, pedindo desculpa e cheio de promessas de não voltar a fazer o mesmo. É um padrão dele. Então, és a minha ex-sobrinha?

Era simpática e propôs que nos encontrássemos.

— Acho que não. Não somos propriamente parentes, nós as duas.

— Está bem, se é isso que sentes.

— Seria estranho, não acha? A única coisa que precisamos de fazer é trocar informações. Podemos fazer isso por telefone. A Elaine não é da minha família.

— Suponho que não.

— O Mark é meu tio e devia ter-mo dito.

— Estou totalmente de acordo.

A Sue perguntou-me se tinha acontecido alguma coisa depois da festa. O Kenneth dissera-lhe que o Mark era o tema quente das conversas em Mervyn Park. Parece que estava de baixa por stress e

não estava no apartamento. Especulava-se muito sobre o que teria acontecido. Eu disse-lhe, porque ela era a minha melhor amiga. A Sue ficou tão chocada como a Angela, a tia Christine e eu.

— A Anubha pensava que ele estava apanhadinho por ti. Falava muito de ti, sempre a fazer perguntas. Ela acabou por lhe dizer que se calasse, um dia no trabalho, quando ele especulava sobre o que deverias ter passado em criança. Ela disse que era sinistro, mas o resto das pessoas achava que ele tinha um fraquinho por ti, como se estivesse fascinado pela tua história ao estilo *Annie, A Pequena Órfã*. Céus, é tão estranho, Sally, e agora ninguém sabe onde ele está?

— Não. — Fiz uma pausa. — Detesto esse filme. O sol raramente se mostra em Carricksheedy^[4]. Principalmente no inverno. — A Sue riuse. — De que te estás a rir?

— Acho que as letras das canções não deviam ser levadas tão a sério.

Antes de os trabalhadores saírem do chalé da aldeia, mandei pôr trancas nas portas e nas janelas. E depois foram-se embora, na primeira semana de outubro, e eu fiquei com o meu belo espaço e a minha casa de banho de sonho. As linhas eram elegantes e direitas. Custava-me a acreditar que aquela casa magnífica fosse minha. O ribeiro atravessava a casa debaixo dos painéis de vidro e emergia numas rochas lá atrás no quintal. Toda a gente que vinha a minha casa o admirava como se tivesse sido trabalho meu. Dava-lhes sempre o cartão da Nadine. Quando trouxeram o piano, senti-me finalmente em casa. Sentia-me segura, suponho, mas triste e com medo.

Embora estivesse preocupada com o Mark, estava muito mais preocupada com o «S». A polícia não conseguiu descobrir nada sobre a origem do cartão senão que tinha sido processado na sede dos correios em Auckland, como todo o outro correio internacional da Nova Zelândia. Eu andava assustada. O Conor Geary ainda andava por aí.

^[4] Referência à canção intitulada *Tomorrow*, do filme *Annie, A Pequena Órfã*. [N. T.]

Peter, 1989

Demorei algum tempo a ultrapassar a morte do pai. Senti o peso da doença fantasma sair de cima de mim. Sentia saudades dele e odiava-o e amava-o, mas não o conseguia perdoar. Já não havia ninguém com quem estar zangado por causa dos anos perdidos, os anos em que eu podia ter ido à escola, os anos em que eu não precisava de ter estado tão fisicamente desconfortável com chapéus e luvas, anos de amizades, ligações, desporto e festas, e, em particular, as décadas da vida do Rangì que se perderam porque fui suficientemente ingénuo para acreditar no que o meu pai me dizia.

Mas sentia falta da sua companhia, cuidados e consideração.

A Jill, do *Daily Post*, incentivou-me a escrever uma carta aberta a agradecer às pessoas da zona pela sua generosidade e quis outra fotografia minha em casa. Concordei com a carta, mas recusei outra fotografia. Os anos que passei escondido não desapareciam da noite para o dia; a sensação de fugir e de me esconder nunca me abandonou. Queria voltar a ser anónimo, por isso, passei de celebridade local a recluso. Tinha finalmente telefone, mas não tinha ninguém a quem telefonar.

A logística de tratar dos bens do pai era imensa, e nomearam-me uma assistente social e um advogado que trataram de tudo. Não estava sozinho, mas toda a gente pensava que estava. Foi-me transferido dinheiro para uma conta bancária em meu nome. Eu não era rico e teria de trabalhar arduamente para pagar as contas, mas fiquei logo com uma casa. Perguntaram-me por que razão não andara na escola. Mas eu disse a verdade, que o meu pai acreditava que eu sofria de uma doença e que conviver podia pôr-me em risco. Tive de fazer exames de equivalência ao Certificado Nacional de Desempenho Educacional. As autoridades ficaram espantadas, acho eu, por ter resultados tão altos, e foi-me atribuído o certificado. A minha assistente social também me fez registar na Autoridade Tributária e explicou-me que o meu rendimento teria de ser tributado. Ela conseguiu convencer as autoridades a não me condenarem pelo

rendimento que já tinha obtido. As semanas de muletas foram difíceis. Estava dependente das assistentes sociais e das enfermeiras locais para me levarem e trazerem da fisioterapia e das compras. No minimercado, quando eu enchia o carrinho, comentavam que eu tinha um grande apetite. Não sabiam que estava a fazer compras para dois.

A Lindy estava a enlouquecer de fome quando destranquei a porta pela primeira vez, dez dias depois do acidente. Comeu queijo da embalagem e encheu a boca de batatas fritas enquanto gritava comigo por a deixar sozinha durante tanto tempo. Esperei que ela reparasse no meu cabelo curto, nos pontos na cabeça e nas muletas em que me apoiava, e quando o fez, recostou-se na cama e olhou para mim.

— O que aconteceu? Onde é que ele está?

Contei-lhe do acidente de carro, da discussão que estive na sua origem e de como deixara o meu pai morrer. Os olhos encheram-se-me de lágrimas e os olhos dela também brilharam. Quando acabei de explicar, ela inclinou a cabeça para trás e o cabelo caiu-lhe sobre os ombros, com a sua cara bonita virada para o teto. Mesmo sem um dente, era bela.

— Acabou — disse ela. — Posso ir para casa. — Mas depois olhou para mim, desconfiada. — Onde está a polícia? Porque é que não está aqui?

Fiquei a olhar fixamente para ela. Nunca me ocorrera que ela podia querer ir-se embora, agora que o pai já cá não estava. Ela era tudo o que eu tinha.

— Tu és minha, Lindy. Vou manter-te segura.

Jurei que nunca a violaria, nunca a magoaria. Disse-lhe que tinha deixado o pai morrer para que ele nunca mais lhe fizesse mal, e era verdade. Queria que fôssemos amigos, e isso nunca aconteceria se eu a deixasse ir embora. Ela virou a cara para a parede e uivou e gemeu como nunca a ouvira fazer antes.

— Lindy — disse eu baixinho —, é melhor assim. Agora o responsável sou eu. Vou tomar conta de ti.

— Vai à merda, Steve! — gritou ela a plenos pulmões. Ela odiava-me. Se um dia fugisse, ia dizer-lhes quem eu era e onde me encontrarem. Eu tinha sido cúmplice do rapto da Lindy durante dois anos, por isso havia duas razões fortes para ficar com ela: eu amava-a e não queria ir para a prisão. A primeira era mais importante para mim.

Um antigo paciente do pai deu-me um carro velho. A determinada altura, o consultório foi vendido, a minha herança caiu numa conta bancária em meu nome e consegui continuar a minha vida sem

assistentes sociais, advogados ou enfermeiras. Recuperei a minha independência.

Em 1989, já com 21 anos, por vezes via as raparigas da cidade a olharem para mim. Nunca tinha prestado muita atenção à minha aparência antes. A cicatriz tinha-se esbatido e tornara-se uma linha branca fina na testa. Não se notava, a não ser que se olhasse muito de perto, e ninguém se aproximava assim tanto de mim. Eu comia bem e fazia exercício regularmente. Inscrevi-me num ginásio e levantava pesos e fazia musculação. Arrendei uma pequena loja na cidade e estabeleci-me como vendedor de vegetais e fruta. Continuava a fornecer o minimercado, mas também outras lojas nas cidades próximas. Estudei o que os outros produtores cobravam e vendia mais barato. Cumprimentava alguns tipos do ginásio e nas lojas que eu fornecia, e alguns clientes. Mas agora que podia ter amigos, não os queria. Não queria que ninguém se familiarizasse muito, porque tinha a Lindy. Ela era o meu segredo. Não era a minha namorada, ainda, mas eu sabia que acabaria por ser. Estava preparado para esperar.

Eu era bom para ela. Deixava-a ler os jornais depois de eu os ler. Comprei-lhe uma cama como deve ser e uma televisão a cores. Comprava-lhe a comida preferida dela em vez da comida básica, como o pai fazia. Ela adorava bolachas *Shrewsbury* e *MallowPuff*, por isso eram o seu mimo dos fins de semana. Comprei-lhe um radiador para o inverno, porque ela sempre se queixara do frio que apanhava. Quando saía da cidade em viagem, comprava-lhe roupa nova e chinelos, revistas femininas e batom. O tamanho era por tentativa e erro, mas por fim já acertava. Quando me pediu pensos higiénicos e tampões, fiquei chocado por o pai nunca lhos ter comprado. Comprava-os por atacado duas vezes por ano depois disso, para que ela nunca voltasse a ter de pedir e não se lhe acabassem. Dei-lhe um relógio de parede e um calendário para saber que dia e horas eram. Comprei-lhe um giradiscos e um rádio. Tudo o que pude para a fazer feliz. E, mesmo assim, ela nunca estava feliz.

— Porque me manténs presa? Se não queres sexo, o que queres? Nunca serei tua «amiga» — disse ela com desprezo na voz. — Nunca vou sentir que és outra coisa que não o meu carcereiro, e és um idiota se pensas de outra forma.

Sally

Finalmente lá recebi uma mensagem do Mark: *Por favor, não contactes a minha ex-mulher. Isto não é da conta da Elaine.*

Fiquei furiosa. Só tinha falado duas vezes com a Elaine. Nunca me tinha encontrado com ela, embora ela o tivesse sugerido.

Enviei-lhe uma mensagem de volta imediatamente: *Está bem. O que querias de mim, Mark? É isso que não consigo compreender.* E depois, como reflexão subsequente, enviei outra mensagem. *A propósito, recebi outro postal do «S» no dia depois de te ires embora. Serias tu? Estás a fazer joguinhos comigo?*

O meu telefone tocou pouco depois.

— Mark?

— O que dizia o postal?

— Bom dia para ti também.

— Preciso de saber o que dizia.

— E eu preciso de saber porque é que o meu tio apareceu aqui em Carricksheedy, fingiu ser meu amigo e depois desapareceu sem dizer nada.

— Queria dizer-te, a sério que queria, mas precisava de ter a certeza. E estava para te dizer. Ia dizer-to, depois da festa. Queria dizer-te a ti e à tua tia Christine ao mesmo tempo. Mas pensei que serias como ela, a Denise — disse ele, com a voz a sumir-se-lhe.

— Mark?

Ouviu-se um som abafado e depois veio a voz dele, embargada pelas lágrimas.

— Pensei que serias como ela, mas és como ele.

— Do que é que estás a falar?

— Sally, tu és violenta e agressiva.

— O quê? Eu sei. Estou a tratar dessa minha faceta. Mark, preciso de te ver. Sinto-me magoada, confusa e zangada.

— Tenho medo da tua raiva.

— Também eu. Por favor, volta. Vamos falar.

Tive de argumentar muito para o persuadir. Ele estava relutante

em vir à aldeia, por isso combinei encontrar-me com ele no fim de semana em Farnley Manor, uma pousada rural nos arredores de Roscommon.

Farnley Manor era um belo castelo convertido, nas margens do rio Shannon. A primeira coisa que me saltou à vista, quando entrei no impressionante átrio de mármore, foi um belo piano de cauda a um canto entre os luxuosos sofás cor de champanhe.

O Mark levantou-se de um deles e acenou-me do outro lado. Aproximei-me como se fosse a primeira vez e, quando ficámos cara a cara, estendi os braços para ele. Ele aceitou o abraço. Fiquei cheia de uma emoção desconhecida e, quando dei um passo atrás, vi que ele estava a tirar um lenço para limpar os olhos.

— Tu és meu tio — disse eu.

Sentámo-nos, e ele já tinha pedido chá, por isso trouxeram também um sortido de bolinhos para a nossa mesa. A determinada altura, ele disse:

— Vi-te da janela da sala de estar. A atacar. Violenta. Na tua festa, com a Caroline... E depois reapareceste como se nada tivesse acontecido.

Ele vira-me a atacar a Caroline.

— Oh, Mark, não fazes ideia. Eu estava transida de medo. Receava que o Conor Geary aparecesse. A Tina disse-me que o meu medo era irracional, mas que o meu cérebro na altura não sabia que estava a ser irracional. — Ele limitou-se a olhar fixamente para mim. — A Denise também era assim — disse eu. — Violenta.

— A minha irmã era a pessoa mais doce do mundo. Nunca atacaria...

— Mas atacava, depois de o meu pai biológico lhe ter feito o que fez. Está tudo nas notas do meu pai.

— Por favor, fala-me sobre ela. O meu pai não quer falar sobre ela, a minha mãe morreu a chamar por ela... Tu deves lembrar-te de alguma coisa.

Expliquei mais uma vez que não tinha recordações da Denise, mas que fiquei com uma boa impressão dela pelas entrevistas gravadas e pelos relatórios escritos do meu pai.

— Iam para o arquivo, Mark, mas eu guardei-os quando descobri quem tu eras. Tens o direito de os ver e ouvir.

Uma das primeiras coisas de que ele falou foi do *Toby*.

— O *Toby* era o meu urso de peluche. Eu tinha 4 anos quando a Denise foi raptada. Eu andava sempre atrás dela. Ela brincava comigo. Às vezes escondia o *Toby* no jardim da frente numa sebe. Achei que havias de gostar de ficar com isto. Mande restaurar e copiar os originais.

Tirou um envelope e entregou-mo. Só tinha quatro fotografias, todas a preto-e-branco. Uma delas era de uma menina com um vestido de comunhão e véu, de mãos postas e olhos virados para o céu. Uma menina bonita com olhos grandes e sardas em ambas as faces. Noutra, ela era mais velha e dava a mão a um bebé que mal sabia andar, o Mark, que, por sua vez, tinha na mão um ursinho, novo em folha, mas imediatamente reconhecível como o *Toby*. O cabelo dela tinha escurecido. Depois havia um retrato dela, a sorrir com faces de querubim. Eu já tinha visto aquela, mas só em arquivos de jornal na Internet. A última era uma foto de família. O Mark era bebé, a Denise estava de sobrolho franzido. O pai tinha as mãos nos ombros dela. A mãe estava a rir-se para o novo bebé que tinha nos braços.

Lembrei-me das fotos que o pai tinha nos ficheiros. A Denise adulta, macilenta, quase totalmente desdentada, magra, cabelo fraco e zangada. Agarrada a mim como se disso dependesse a sua vida. O Mark também teria de ver essas fotografias.

— Esta fotografia — aponte para o retrato — foi tirada pouco antes de ela ser raptada, não foi?

O Mark disse que sim com a cabeça, com os olhos vidrados.

Pensei na Abebi e no Maduka, e nos filhos da Sue, e nos filhos da Anubha. Como eram pequenos e inocentes. Senti raiva outra vez, mas controlei-me quando olhei para o Mark, o irmão da Denise. Quem me dera ter tido um irmão. Alguém com quem partilhar aqueles sentimentos. Alguém que sentisse tanto a minha falta como ele sentia a da Denise.

— Não compreendo — disse eu —, eras tão novo. Como podes sentir saudades de uma pessoa que conhecestes por tão pouco tempo?

— Ela dominou toda a minha vida. Algumas das minhas primeiras recordações são da minha mãe a chorar, luzes azuis a piscar no exterior da casa, polícias a virem à nossa porta. Nos supermercados, centros comerciais, de férias no campo, nunca deixámos de a procurar. Quando fiz 16 anos, já não havia onde procurar. A nossa sala de jantar era um santuário. Até havia um altar com essa fotografia numa moldura de prata no meio. Velas acesas constantemente.

— Oh, Mark. — Imaginei como era ser o Mark. Pus-me no lugar dele. — Não ficaste zangado? — perguntei, pensando que eu ficaria.

— Um dia cheguei a casa da escola e fiquei a ver a mãe apagar as velas do altar. Ela queria desistir. — Escondeu a cara nas mãos. — Tentei voltar a acender as velas, mas o pai impediu-me. O altar foi desmantelado no dia seguinte e a foto desapareceu para dentro de uma gaveta. Deixaram de falar da Denise, deixaram de falar de tudo. A nossa casa ficou em silêncio e eu não sabia o que era pior.

Senti uma verdadeira tristeza.

— Quando saí de casa aos 18 anos para ir para a universidade,

senti que, pela primeira vez, podia respirar. Trabalhava por turnos numa bomba de gasolina e arrendei um apartamento minúsculo em Rathmines e, durante seis meses, vivi uma vida normal. Fiz amizade com pessoas que não sabiam quem eu era, tive namoradas, jogava muito *snooker*. Estava finalmente livre daquilo tudo. E depois... encontraram-na.

Deixei fazer-se silêncio entre nós, porque eu sabia o resto da história, ou pensava que sabia. Mas havia uma pergunta que me incomodava.

— Foi uma denúncia anónima, não foi?

— Acho que sei a resposta. Encontrei-a num daqueles *websites* de crimes reais. Um tipo, que acabou na prisão de Mountjoy, disse que tinha feito a chamada para a polícia para lhes dizer onde a Denise Norton estava presa. Tinha-a descoberto ao tentar assaltar a casa.

— O quê? Quando?

— A casa de Killiney, onde estiveste presa. Parece que se gabou disso para os colegas de cela, mas foi demasiado estúpido para perceber que podia ter usado esse facto como atenuante para uma das suas muitas penas de prisão. Mas a notícia espalhou-se.

— Ele ainda é vivo? Gostava de falar com ele.

— Não, morreu em 2011. Enfurece-me que os guardas prisionais e a polícia o soubessem durante anos e nunca pensaram que nós podíamos querer falar com ele. Consegui atestá-lo há alguns anos com a irmã dele.

— Então disseste que ela foi encontrada? Mas fomos encontradas juntas.

— Eu sei, desculpa. O interesse dos meus pais era na Denise. Não é que não se importassem contigo, mas não te viam como a filha da Denise. E para mim... foi... — O Mark voltou a pôr a mão sobre os olhos. — Passei toda a minha vida a viver na sombra de um fantasma e tinha acabado de encontrar a minha vida. O resgate da minha irmã estava em todas as notícias. Eu voltava a estar no centro das atenções. Os meus novos amigos queriam saber tudo sobre ela e tudo o que acontecera. Parte de mim desejou que nunca a tivéssemos encontrado, porque depois disso, as coisas pioraram.

— Como assim?

— Não me era permitido visitá-la e ninguém me dizia porquê. Pensei que a Denise conseguisse fazer declarações à polícia e depois podia voltar para casa, mas depois... existias tu.

— Eu era filha dela.

— Mas eras filha dele também.

Fechei os olhos.

— Não é minha intenção... Olha, tenta pôr-te na posição dos meus pais.

Tentei, mas desta vez não ia resultar. Eu era uma criança. Vítima. E era neta deles.

— Eu queria que os meus pais te levassem para casa e te criassem. Ofereci-me para mudar de casa e ajudá-los, mas disseram que havia muitos problemas com o teu desenvolvimento. Lamento tanto.

— O que pensa agora o teu pai sobre isto? Já lhe disseste que me encontraste?

O Mark abanou a cabeça.

— Ele viu a história sobre o que fizeste ao Tom Diamond. Para ele, foi o suficiente. Não quis saber mais nada. Tentei dizer-lhe que tinha feito contacto contigo, que eras boa e amável...

— Sou?

— Mas depois vi-te atacar a Caroline no exterior da tua casa.

— Estou zangada, Mark. Na maior parte do tempo, consigo escondê-lo, mas às vezes, quando me sinto ameaçada ou vulnerável, a raiva ressurge. Garanto-te que estou a trabalhar com a Tina para lidar com isso.

— Sally, estavas completamente descontrolada.

— Eu sei. Assustei-me a mim própria. Desculpa. Mas sabes porque é que eu contratei uma segurança naquele dia, não sabes? Estava cheia de medo de que ele pudesse aparecer. O Conor Geary. Havia crianças no meu jardim. Ele sabe onde vivo. — Refleti por instantes. — Mark, já alguma vez te passou pela cabeça que talvez tenha herdado a minha falta de empatia do teu lado da família? Como é que os teus pais puderam abandonar-me?

Ele pareceu angustiado.

— Não sei.

Também ficou perturbado quando lhe disse que não havia registo dele em todos os ficheiros do pai nem nas gravações da Denise.

— Tens a certeza? O meu nome nunca apareceu? Nunca?

— Ela não falou de ti, lamento.

— Tenho de ouvir as gravações.

— Volta para Carricksheedy — disse eu. — Tenho a certeza de que ainda não te substituíram na fábrica.

— Estou de baixa, mas pensei que não conseguiria voltar.

— Mark, tu tens uma vida aqui, tens amigos. Tens... uma sobrinha. Também quero ouvir falar da minha mãe biológica. Achas que agora o teu pai compreenderia? Ele podia gostar de mim. É o meu avô.

— Não sei. Está tão velho agora. Tem quase 90 anos. Acho que não seria capaz de lidar com tal comoção.

Fiquei irritada por a minha existência ser uma inconveniência tão grande para o meu próprio avô.

— Acho que devíamos ir juntos à minha terapeuta. Tu és da mesma geração que eu. Podias pensar em mim como tua irmã?

— Como a Denise?

Desta vez fui sensível.

— Não, como a Denise, não, nem como a Mary Norton, mas sim como a Sally Diamond. É quem sou agora. Queres uma sandes?

O Mark riu-se. Não sei porquê, mas aquele riso quebrou a tensão entre nós.

— Vou voltar para a aldeia. Vou avisar a empresa de que volto na segunda-feira.

— Eu explico aos nossos amigos. A maior parte deles já sabe que és meu tio. Ficaram surpreendidos, mas mostraram-se compreensivos. Serás bem-vindo de volta.

Perguntei-lhe sobre a Anubha. Ele admitiu que só dissera que estava interessado nela para me deixar descansada. Expressei a minha desaprovação. Ele disse que ainda estava apaixonado pela ex-mulher.

— Acho que a Elaine também gosta de ti.

— Ela sente pena de mim, Sally.

— Mas tem-te apoiado. Casaste novo, não foi?

— Demasiado novo. Estava ansioso por ter ligações familiares que não tivessem nada que ver com a Denise.

— Mudaste de nome.

— Isso foi ideia da Elaine. Uma das melhores que já teve.

— Ela não voltou a casar? Tem um filho, não é?

Ele disse que sim com a cabeça. Por fim, levantámo-nos e abraçámo-nos durante cerca de dois segundos a mais do que era confortável para mim. O Mark sentiu-o.

— Desculpa, Sally. Desculpa-me por tudo.

— Lamento que tenhas perdido a tua irmã de uma maneira tão terrível.

— Mas encontrei uma sobrinha e uma amiga.

— Com certeza — respondi eu, sorrindo.

Ele foi-se embora e eu fiquei por lá, a olhar para o piano de cauda. Ninguém o tinha tocado enquanto lá estivéramos sentados. Fui até junto dele e tirei o pano de veludo que cobria o banco. Abri a tampa e pousei as mãos no teclado. Toquei uma série de peças suaves, orquestrações que me acalmavam. Fechei os olhos e deixei-me levar pela música.

Senti um toque no ombro quando estava a acabar a *Sonata ao Luar*. Atrás de mim, estava um homem de fato com um crachá com o nome que o identificava como Lucas, o gerente. Eu devia ter-lhe pedido autorização para tocar.

— Desculpe, minha senhora, adorámos ouvi-la tocar. É obviamente uma profissional — disse ele, e, de facto, irrompeu uma onda de aplausos. Quando olhei para o átrio, muitas pessoas estavam a bater palmas e a saudar-me com a cabeça. — Não sei qual é a sua situação e

espero que não ache isto um insulto, mas interrogava-me se estaria disponível ou interessada num pequeno trabalho a tempo parcial.

Peter, 1996

Houve muitas tentativas de fuga nos cinco anos após a morte do pai. A Lindy já tinha desistido, mas agora as suas iniciativas para se libertar tinham ganhado novo alento.

Eu tinha-lhe dado materiais de escrita, algo que ela implorara ao meu pai. Tinha dito que queria um lápis, lápis de cor, caneta, qualquer coisa com que pudesse escrever.

— O que vais escrever? — tinha-lhe ele perguntado, cheio de sarcasmo.

— Quero escrever histórias — dissera ela.

Ela disse-me que queria desesperadamente escrever as recordações da sua família, amigos e da sua casa, porque tinha medo de os esquecer. Quando pedi ao pai em nome dela, ele disse que era melhor que ela esquecesse o passado, porque, assim, seria mais fácil para ela aceitar o presente. Assim que ele morreu e eu fiquei recuperado, comprei-lhe um conjunto de canetas de feltro, um caderno de desenho, esferográficas e cadernos. Disse-lhe que nunca olharia para eles e que respeitava a sua privacidade. Podia desenhar, escrever ou fazer o que quisesse com eles.

Nessa mesma semana, eu ia devolver os livros da biblioteca da Lindy. Ela gostava de livros escritos por mulheres. Eu já não era grande leitor. Deixara de me interessar pelas histórias de aventuras da minha adolescência. Os únicos livros que tinha agora eram de não ficção, livros didáticos sobre rotação de culturas, *bricolage*, *marketing*, empreendedorismo e biografias ocasionais de homens importantes. A caminho da biblioteca, folhee os livros, desconfiado, e encontrei notas escritas nas margens das páginas e nas páginas em branco da parte de trás, dando o seu nome e o meu nome e o nome do meu pai, detalhando o que ele lhe tinha feito, a data em que fora raptada e uma descrição aleatória do trajeto desde o lago até à nossa casa.

Tive de comprar livros de substituição para a biblioteca e explicar que os tinha danificado por acidente. Não disse à Lindy o que tinha descoberto e o seu humor melhorou nos dias seguintes. Sorria mais e

ria-se quando víamos televisão juntos. À medida que o tempo passava e ninguém vinha libertá-la, eu via a confusão e a raiva a crescer. Era arisca comigo. Eu não reagia. Esperei que as coisas voltassem ao normal, e acabaram por voltar. Comprei-lhe vários livros em lojas de segunda mão depois disso e disse-lhe que seria bom para ela montar a sua própria biblioteca. Arregalou os olhos ao ouvir isto. Tinha percebido.

Eu tinha substituído a corrente do pai por uma corda macia, mas forte. Ela serrou-a com a faca do pão em dois dias. Censurei-me por não o ter previsto. Naquela noite, quando entrei, ela estava à espera atrás da porta em vez de estar na outra extremidade do quarto. Atirou-se a mim com a faca, mas reagi rapidamente e virei-me para o lado, de maneira que só me atingisse na coxa em vez de no estômago. Levei-a à força de volta para a cama e ela gritou como uma possessa. Pensava que eu a ia violar. Eu não era o meu pai, mas tive de voltar a colocar a corrente. Embrulhei-a em espuma. Também a deixava mudar a corrente de uma perna para a outra todas as semanas, porque ela ficara a coxear por a ter arrastado sempre na mesma perna durante tantos anos.

Noutra ocasião, atirou-me com água a ferver, mas eu estava atento e fora do alcance dela, como sempre. Também tentou envenenar-me, pondo-me lixívia ou detergente na comida (às vezes cozinhava para mim), mas o sabor era óbvio. Expliquei-lhe como aquilo era disparatado. Se eu morresse, ela morria. Ninguém a viria procurar, porque toda a gente pensava que já estava morta. Ia morrer de fome sozinha. Tentei protegê-la de si própria. Ela não estava a pensar com lógica.

Eu tinha feito umas melhorias no barracão nos últimos anos. Acrescentei outra camada de isolamento, gesso cartonado e ferro corrugado na parte de fora. Três anos antes, tinha descoberto que a Lindy fizera um buraco na parede interior atrás do frigorífico com as unhas. Tinha retirado uma série de caixas de ovos que isolavam o som. Apanhei-a em flagrante. Não a castiguei. Abracei-a até que deixou de chorar e depois soltei-a. Eu não era o meu pai.

Nenhum som se poderia alguma vez ouvir lá fora, nem a Lindy algum dia voltaria a ouvir o mundo exterior. Aquela foi a sua última tentativa de fuga. Desistiu. Estabelecemos uma relação menos tensa. Ela deixou de perguntar porque é que eu a mantinha ali e quando é que a libertaria. Deixou de lutar comigo. Jantávamos a maior parte das vezes juntos no barracão. Às vezes, ela sentava-se ao meu lado no sofá que eu tinha comprado, mas não nos tocávamos. Contei-lhe tudo, sobre a minha infância na Irlanda, a minha mãe, a minha irmã, a nossa fuga para a Nova Zelândia. Ela emitiu sons de empatia e depois disse:

— Talvez um ladrão nos tente assaltar... — Arrependi-me de lhe ter contado o episódio.

Deixava-a sair muito durante o verão, um pouco menos no inverno, para apanhar luz do sol e ar fresco e fazer exercício. Até a levei às águas termais e ao lago por trás da casa. Em todos os anos que vivemos ali, eu nunca vira vivalma. Não me atrevia a comprar-lhe um fato de banho, mas ela tinha calções, camisolas de alças e *t-shirts*. Queixava-se de não poder nadar presa à corrente, mas eu segurava o peso da corrente para que ela conseguisse. Tentei não olhar para o corpo dela quando saía da água, mas era impossível não reparar na sua forma elegante e nos mamilos bem definidos no peito. Ainda assim, não lhe toquei.

Depois, uma noite, a meio do inverno de 1990, estávamos a ver um filme de terror na televisão, lado a lado no sofá, e ela enterrou a cabeça no meu ombro quando o assassino do machado se aproximou. Instintivamente pus o braço à sua volta e apertei-a suavemente. Ela levantou os olhos para mim e eu olhei para baixo, para a sua cara perfeita. Ela esticou-se e beijou-me na boca com ternura. Eu beijei-a também. O meu primeiro beijo. Ao inclinar-se e posicionar-se à minha frente, não me impediu quando lhe passei a mão pelas costas abaixo. Não me impediu que lhe segurasse o pescoço atrás. Encostou o rosto ao meu ombro e beijou-me na boca outra vez, e a língua dela encontrou a minha, e eu senti-me ficar duro.

Ela também reparou, e afastou-se imediatamente de mim.

— Nós... não podemos... — disse ela. — O teu pai...

— Eu não sou como ele.

— Eu sei que não. Nunca o beijei. Quer dizer... ele forçou-me, não era... assim.

Voltámos a beijar-nos, apaixonadamente. As nossas bocas eram a combinação perfeita. E depois afastei-me.

— Boa noite, Lindy.

— Mas...

— Amo-te — disse eu, ao trancar a porta.

Foram precisos seis anos, mas em 1996 eu tinha a certeza de que ela me amava. Tinha noventa e nove por cento de certeza. Quando consumámos a nossa relação, em 1992, eu tinha 25 anos e ela, 24. Ela fora terrivelmente traumatizada pelo meu pai, por isso deixei que fosse ela a definir o ritmo e, embora fosse frio, ela aprendeu lentamente que eu não podia e não queria magoá-la, nem a podia deixar ir embora. Ela confiou-me a vida e eu confiei-lhe a minha. Tirei-lhe a corrente quando estávamos dentro do barracão. Mas continuava a trancar a porta sempre que me ia embora. E quando íamos às termas, usava uma corda em vez da corrente. Ela já não

parecia importar-se. Uma parte de mim pensava que, se a libertasse, ela não fugiria, mas não podia ter a certeza.

Quando eu não estava a trabalhar, passávamos todo o tempo juntos. Quase me tinha mudado para o barracão com ela, só indo a casa para mudar de roupa ou tomar banho, e ocasionalmente cozinhava lá e depois levava as refeições para a Lindy. Pensei em como seria mais conveniente trazê-la para dentro de casa, mas o risco era demasiado grande. Por vezes recebia a visita do reparador da caldeira, de um mecânico ou de um credor persistente.

O negócio ia mal. O minimercado tinha sido substituído por uma grande cadeia de supermercados que recebia todos os vegetais de um fornecedor central noutra sítio. Tive de fechar a loja. As únicas vendas que fazia era no mercado ao fim de semana. Tinha conseguido um contrato com o hospital local para lhes suprir todas as necessidades de frutas e vegetais, mas não era um hospital grande e tive de negociar tanto para conseguir o contrato que quase não valia a pena. A Lindy ajudava. Tricotava cachecóis e chapéus com lã que eu encomendara para ela, baseando-se num catálogo que vira anunciado numa revista. Acrescentava borlas e triângulos nas pontas aos cachecóis e protetores de orelhas aos chapéus, como os que eu costumava usar. Eu vendia-os juntamente com os meus produtos na banca. No inverno, fazia mais dinheiro com as coisas dela do que com as minhas.

Eu tinha insistido na contraceção. A Lindy queria desesperadamente um bebé, mas isso levantaria várias questões e eu mal fazia dinheiro para pagar as nossas contas. Não tínhamos dinheiro para um filho. E além disso, o que é que eu ia fazer com ele? Criá-lo na minha casa ou deixá-lo no barracão com a Lindy? Não havia espaço para nós os três lá dentro. E se ela gostasse mais do filho do que de mim? Eu insistia nos preservativos e ela acabou por ceder. Eu nunca a forcei nem pressionei. Não a enganei de maneira a tomar a pílula. Pensei nisso, mas não tinha como a arranjar e eu queria que a nossa relação fosse aberta e honesta.

Quando, quatro anos mais tarde, no princípio de 1996, ela me disse que estava grávida, fiquei surpreendido. Não lhe tinham vindo dois períodos. Eu não tinha reparado. Foi a única vez que me zanguei com ela. Teria ela picado o preservativo com um alfinete? Teria guardado os preservativos usados e, de alguma forma, ter-se-ia inseminado? Ela jurou que não.

— O preservativo deve ter-se rompido. Acontece. Já li sobre isso.

— Não temos dinheiro para uma criança, Lindy. Tu sabes disso.

— Eu corto nos nossos gastos todos. Posso começar a tricotar outras coisas. Camisolas, coletes. Faço-o com o dobro da rapidez. Garanto-te que vamos conseguir, Stevie, a sério.

As suas súplicas eram inúteis. O bebé estava a caminho e não havia

maneira de eu o impedir sem a magoar.

Os meses seguintes foram uma agonia para mim, só pensava em como nos conseguiríamos aguentar, enquanto via a barriga da Lindy aumentar e via o seu entusiasmo a crescer com ela. Ela sabia que não ia para uma maternidade, mas usou-me como termo de comparação.

— A tua mãe deu à luz duas vezes sozinha. Se ela conseguiu, eu também consigo.

Fui a Auckland para comprar livros sobre a gravidez e o parto. Ambos os lemos de ponta a ponta. Encomendei livros sobre obstetrícia.

O meu maior receio era que a Lindy morresse ao dar à luz. Fazia o possível por fingir estar contente e acho que a Lindy fez os possíveis por acreditar em mim. Ela especulava interminavelmente, decidindo um dia que era uma menina e, no seguinte, que tinha a certeza de que era um menino. Falava dos dias em que podíamos levar o bebé às águas termais juntos e das canções infantis que lhe íamos ensinar. Mas a ansiedade no meu peito era cada vez maior.

A Lindy entrou em trabalho de parto no fim de agosto de 1996. As águas rebentaram-lhe convenientemente enquanto estava no banho. Eu ficava por perto o mais possível, porque tinha medo do que pudesse acontecer se ela tivesse de o ter sozinha. Quando entrei no barracão e a encontrei de gatas em cima da cama, soube exatamente o que estava a acontecer. Tentei afastar a recordação da minha mãe em trabalho de parto naquele quarto imundo vinte e dois anos antes. Nessa altura era demasiado novo para compreender o que estava a acontecer.

Mas agora eu estava preparado. Tinha um *kit* pronto e à espera. Passei líquido de esterilização em tudo; estendi um lençol de plástico na cama enquanto a Lindy bufava com contrações. Entre uma e outra série de contrações, ela virou-se de costas, mas descobriu que era mais doloroso. Não parecia haver nenhuma posição em que se sentisse confortável. Acabou por ficar de lado até a onda de dor seguinte aparecer e uma fina camada de suor lhe cobrir todo o corpo.

— Isto é normal, não é, Stevie? Tudo isto é normal?

Tentei garantir-lhe que era.

Sete horas mais tarde, quando escurecia naquela noite de fim de inverno, a Lindy fez um último esforço e deu um grito diferente de tudo o que eu já tinha ouvido, e já ouvira muitos. A cabeça do bebé surgiu. Eu meti as mãos dentro dela e consegui colocá-las à volta dos pequenos ombros, e o resto do corpo do bebé saiu de supetão para cima do lençol de plástico. Uma menina perfeita. Estava coberta de uma camada viscosa quase violeta. Eu já esperava aquilo, ou pensava que esperava, mas nada nos pode preparar para a realidade.

A Lindy estava quase em delírio com dores, medo e alegria, e

estendeu os braços para a criança.

— Está a respirar? Está a respirar?

Eu não sabia dizer. O bebé contorcia-se e tremia-me nos braços. Queria limpá-la, mas a Lindy agarrou avidamente na filha. No momento em que coloquei a menina no peito da Lindy, a sua pequena boca abriu-se e ela chiou como um gatinho. Fui tomado por um misto de sensações entre o encanto e a reverência. Cortei o cordão umbilical com a tesoura esterilizada. Eu e a Lindy chorámos. Ela estremeceu com mais contrações até que, com um empurrão final, a placenta foi expelida. Fiz-lhe chá e comecei a limpar o caos de sangue e fluidos. Ajudei a Lindy a ir para o chuveiro e juntos lavámos a nossa filha numa grande bacia de água. Também lavei a Lindy, delicadamente. Estava exausta.

Esperei até que a Lindy e a bebé estivessem a dormir e depois peguei na menina, que estava nos braços da mãe, e saí, pé ante pé, do barracão, trancando-o devagarinho. Passava da meia-noite. Levei-a para a casa e embrulhei-a bem nos cobertores que tinha comprado numa loja de artigos de segunda mão em Auckland. Coloquei-a na caixa de madeira que tinha forrado com jornais antigos. Levei a caixa para o carro, coloquei-a no chão do lado do passageiro, onde nunca ninguém se sentava, e arranquei em direção a Auckland. Ela não se mexeu.

Parte III

Sally

Tudo voltara ao normal na aldeia. E eu tinha um emprego que era perfeito para mim. Aos fins de semana, pegava no carro, ia até Farnley Manor e tocava piano. Às vezes, nos dias de semana também, se houvesse um casamento. Também tinha chá e café à discrição e deliciosos bolos e sandes nos meus intervalos. Não podia pedir um emprego melhor.

Em meados de novembro, eu tinha dois milhões de euros na conta bancária da venda da casa do Conor Geary. Teriam sido três milhões se não fossem os impostos. O Geoff Barrington instou-me a procurar aconselhamento financeiro quanto à melhor maneira de o investir, mas dava-me a sensação de ser dinheiro sujo. Fiz uma generosa doação anónima à associação dos sem-abrigo da Stella e à associação de apoio à saúde mental de jovens em que a tia Christine estava envolvida, e deixei o resto no banco até decidir o que fazer com ele.

O Mark teve dificuldade em voltar a instalar-se na aldeia. Apesar das minhas garantias, tanto a Martha como a Angela o olhavam com desconfiança. A Tina ficou chocada quando eu o levei à nossa sessão de terapia, mas, depois de eu explicar, ela disse que nos podia ajudar aos dois. O Mark chorou muito naquela primeira sessão. Foi perturbador para mim, e todos concordámos que eu e ele devíamos estar com a Tina separadamente durante uns tempos antes de voltarmos a fazer uma reunião de família.

O Mark estava obviamente transtornado, em particular quando lhe entreguei todos os ficheiros e ele viu aquelas fotografias da irmã macilenta e desdentada pela primeira vez. A Tina disse-me para lhe dizer a verdade, mas para lhe dar tempo para lidar com os seus próprios sentimentos. Avisou-me que ele poderia ficar zangado. Mas eu sabia disso, e compreendi. Ele adorou a minha nova casa e depressa se tornou a visita mais assídua.

A vida ia bem até que recebi um telefonema da Sra. Sullivan dos correios um dia depois de ter fechado a venda da minha casa, no dia 28 de novembro.

— Sally — disse ela, ainda a gritar. Nunca chegara a compreender que eu não era surda. — A central de triagem em Athlone tinha uma carta endereçada a Mary Norton na sua antiga morada. Deixaram-na comigo. Quer que lha vá levar?

Vesti o casaco imediatamente e dobrei a esquina para ir aos correios. Tirei a carta da mão da Sra. Sullivan com uma pinça.

— Pode ser uma prova — disse eu. — A polícia pode querer tirar as impressões digitais.

Ela achou engraçado.

— Oh, Sally, você tem graça. Estamos a brincar a quê? CSI Carricksheedy? — brincou ela, rindo à gargalhada. — Ao perceber que eu não estava a sorrir, começou a explicar-se, gritando: — É um programa de televisão sobre investigação forense.

— Obrigada, Sra. Sullivan, eu conheço o conceito.

Saí sem sorrir. Reconheci de imediato a caligrafia. Era do «S». Tinha um selo irlandês. Quando cheguei a casa, telefonei imediatamente ao Mark. Eram quatro da tarde, mas ele disse que viria de imediato ao meu encontro.

Olhámos para o envelope juntos. Era mais grosso do que os outros. Questionei-me se seria melhor chamar a polícia primeiro, mas ambos estávamos curiosos. O Mark tinha trazido umas luvas cirúrgicas da fábrica. Abriu o envelope com cuidado e eu puxei a carta para fora. Saiu uma caixa pequena juntamente com a carta, bem como outra caixa maior, que tinha o rótulo KIT DE ATIVAÇÃO DE ADN.

Querida Mary,

O meu nome de batismo é Peter Geary, e embora o meu nascimento nunca tenha sido registado na Irlanda, nem noutro sítio, foi lá que nasci. A minha mãe era a Denise Norton e o meu pai era o Conor Geary. Sou teu irmão. Nasci sete anos antes de ti, numa casa em Killiney. O nosso pai tirou-me da Denise assim que deixei as fraldas. Não me era permitido vê-la, nem a ti, embora o meu quarto fosse ao lado do vosso no anexo que o nosso pai construiu.

Ele deixava-me entrar nas outras partes da casa à medida que ia ficando mais velho. Tu e a nossa mãe ficavam fechadas a cadeado. Nos primeiros anos, nunca vi outro ser humano senão nas páginas dos jornais dele e, mais tarde, na televisão.

Não me lembro de conhecer a minha mãe até ter 7 anos, quando passei um fim de semana aterrador naquele quarto com ela. Percebo agora que ela tinha sido terrivelmente maltratada e brutalizada. Estava grávida de ti, no fim do tempo, e foi assustador para mim. Não vou entrar em pormenores, porque não te quero perturbar. Sei que nasceste no dia depois de eu sair do quarto e não te voltei a ver senão uma vez, no dia em que o meu pai fugiu,

levando-me com ele. Lembras-te? Devias ter 5 anos.

Não compreendo porque é que ninguém me procurou. Sei que tu e eu fomos separados, mas acredito que a minha mãe tivesse saudades minhas, pelo menos até tu nasceres. Será que ela simplesmente me esqueceu?

Em Londres, o nosso pai conseguiu arranjar-nos passaportes falsos e mudámo-nos para a Nova Zelândia. A minha vida lá tem sido difícil. Fui educado em casa e, mesmo depois disso, ele continuou a manter-me isolado durante muito tempo. A boa notícia para nós os dois é que ele morreu há muitos anos. Já não é uma ameaça para nenhum de nós.

No entanto, não me sinto livre dele. A minha vida foi arruinada e destruída. Só graças à Internet é que consegui informação sobre ti, sobre ele ou sobre a minha mãe. Soube finalmente que a minha mãe tinha morrido. Depois de apareceres nas manchetes dos jornais quando te desfizeste dos restos mortais do teu pai há dois anos, comecei a investigar o que te tinha acontecido e onde tinhas andado. Relatos anteriores davam a impressão de que tinhas sido adotada em Inglaterra.

Quando os jornais depois confirmaram que não tinhas assassinado o teu pai, o Dr. Diamond, e que eras «diferente», percebi que provavelmente eras como eu. Por isso é que te mandei o Toby. Achei que te podia dar algum conforto num tempo tão difícil.

Não me ocorreu, quando te mandei o urso de peluche, que isso precipitaria uma operação policial em busca do meu pai na Nova Zelândia. Não refleti bem antes de o fazer, mas claro que deves ter pensado que ele to tinha mandado para te atormentar. A polícia encontrou-me e interrogou-me, mas menti e neguei tudo. Fui um cobarde. Lamento muito, mas não quis ser arrastado para um escândalo público. Mostrei o passaporte falso do pai. Suponho que não tenham investigado muito, porque não voltaram cá. E, de qualquer modo, não andavam à procura de um homem com um filho. Não compreendo isso. Como é que não sabiam que o nosso pai tinha um filho?

Este ano, dei-me conta de que provavelmente não sabias a tua data de nascimento, por isso enviei-te um postal de aniversário, mas não sabia como, ou se, me deveria revelar a ti. Espero que a minha existência seja apenas uma surpresa e não um choque. Ou talvez sempre tenhas sabido que eu existia...

A principal razão por que te estou a contactar é porque não tenho ninguém na minha vida. Nunca tive um amigo ou colega, mas agora encontro uma irmã que talvez me compreenda. Achas que é possível?

Estou presentemente em Dublin, num hotel. Comprei um

telemóvel descartável e, embora não esteja habituado a falar ao telefone, esforçar-me-ei para o fazer, se quiseres falar comigo.

A única coisa que te peço é que não avises a imprensa nem a polícia. Não suporto que as pessoas olhem para mim. Sou avesso ao ruído e detesto confusão e atenção. Como parece que ninguém sabe que eu existo, gostaria que assim continuasse. Envio uma amostra da minha saliva e um teste de ADN que podes usar para confirmar que sou quem digo ser. Podes enviar o kit para análise e esperar pelos resultados antes de me telefonares. Prometo que não vou à tua aldeia se não for convidado.

Compreenderei se não me quiseres telefonar. Tirei três meses de licença do meu emprego como diretor do Departamento de Cibersegurança no Aotearoa National Bank. Tenho bilhete de regresso para a Nova Zelândia e só posso ficar no máximo noventa dias. Se as coisas não resultarem, ou se não me quiseres ver, posso voltar para lá e continuar a minha vida em isolamento. Quando se está tão habituado como eu estou, acaba por não ser assim tão mau.

*Steven Armstrong
086 5559225*

— Caramba — disse o Mark e, inconscientemente, comecei a puxar o cabelo. O Mark conhecia-me bem e levou-me até ao piano. As minhas mãos, em piloto automático, encontraram a *Partita N.º 2 em Dó Menor* de Bach.

— Chá ou vinho? — perguntou o Mark.

— Chá — disse eu.

A Tina tinha-me dito que virar-me para o álcool em tempos de stress não era boa ideia.

Assim que tirei os dedos do teclado, vi que eles tremiam. O Mark empurrou a caneca quente até eles.

— Caramba — disse ele outra vez. — Chamamos a polícia?

— Não — disse eu. — Tenho um irmão.

— Ainda não sabemos. Ele pode ser um tipo qualquer a tentar a sua sorte — disse o Mark.

— Mas porquê? Porque é que alguém faria uma coisa dessas? O que teria a ganhar?

— Não sei. A não ser que seja jornalista.

Levantei a caixa pequena e abri-a. Continha um saco de celofane selado, dentro do qual estava um tubo de plástico que continha um líquido viscoso, a saliva dele. A caixa maior continha um *kit* completo para eu usar. Não tinha nomes, apenas números de código.

Levantei o folheto informativo do teste de ADN.

— É fácil de descobrir. Não te parece verdadeiro, Mark? Eu

acredito nele. Diz que não vem a não ser que seja convidado. Mark, porque havia de vir da Nova Zelândia se não tivesse a certeza de que eu iria querer encontrar-me com ele?

— Como sabemos sequer se ele esteve na Nova Zelândia? Este tipo poderia ser...

— O *Toby*. Ele mandou-me o *Toby*.

— Mas a Denise nunca falou dele. A menos que...

Os olhos do Mark arregalaram-se-lhe.

— O quê?

— A determinada altura, nas entrevistas gravadas, ela diz «o meu menino».

— Não me lembro disso.

— Disse. Ouvi-as várias vezes. Esperava que fosse uma referência a mim, mas não fazia sentido. Ela disse qualquer coisa sobre não te largar, porque «ele tirou-me o meu menino». O teu pai perguntou-lhe sobre isto, mas ela fechou-se. A gravação estava cheia de eletricidade estática. Achei que ela estava a falar do *Toby*.

Já me lembrava. Também pensei que ela estivesse a falar do *Toby*. Não havia nada nos ficheiros escritos que aludissem a esta referência. Também escapara ao pai.

— Céus — disse eu, fazendo contas de cabeça. — Ela tinha 12 anos quando o teve.

— Tens razão. Caramba.

— Tenho um irmão...

— Mas ele parece muito afetado, pode ser perigoso.

— Estás a descrever-me como eu era, há precisamente dois anos.

— Está bem. Está bem. Mas também vou fazer um teste de ADN, por segurança. Se tu és minha sobrinha, então, ele é meu sobrinho.

— Mark! — disse eu.

— O que foi?

— O Conor Geary está morto!

— Não vamos deitar foguetes antes da festa, Sally. Segundo estas instruções de ADN, podemos ter de esperar até um mês, e depois, se os resultados o confirmarem, telefonas a este tipo, está bem? Até então, nada de festejos. Tens de me prometer. Estou a falar como teu tio agora, está bem?

Deitei mais chá do bule. Depois do choque inicial, sentia-me extasiada. O Conor Geary, o bicho-papão que assombrou toda a minha vida, estava morto. E eu tinha um irmão, alguém que parecia ser igualzinho a mim. Alguém que talvez me compreendesse completamente.

A espera foi uma agonia. Mandámos as nossas amostras assim que o Mark encomendou o seu próprio *kit*. Ele fez tudo *online*. Rotulou-nos a

todos com iniciais em vez dos nossos apelidos.

— Quem sabe que outros parentes podem andar por aí, Sally? O Conor Geary pode ter tido outros filhos. Não sabemos como é o Peter. Temos de proteger a nossa privacidade.

Eu era SD, o Mark era MB e o Peter era PG.

Dois dias depois, o Mark encontrou o registo áudio que continha a referência ao «meu menino». Aquelas gravações tinham sido feitas na era pré-digital. O pai estava a fazer perguntas à Denise sobre o seu apego extremo à Mary (eu).

Tom: Denise, noto que está sempre preocupada com a pequena Mary. Sabe que agora está segura aqui, certo? Ninguém a volta a magoar.

Denise: [*ininteligível*]

Tom: Desculpe, Denise?

Denise: Ainda tenho medo.

Tom: De que é que tem medo?

Denise: De que ele a leve.

Tom: Denise, ele já não está aqui. Nunca mais o voltará a ver.

Denise: Ele levou o meu menino.

Tom: O quê?

Denise: Não importa. Eu não o queria.

Tom: [*um tom de exasperação na voz*] Denise, compreende que não é bom para o desenvolvimento da Mary que esteja tão próxima dela? A criança precisa de aprender a ter um pouco de autonomia. Mary?

[*Som de sussurros*]

Denise: Não fale com ela.

Tom: Porque não? Acha que a posso magoar?

Jean: Tom, talvez...

Tom: Silêncio, Jean. Denise?

[*Um barulho sibilante, seguido de silêncio e depois a gravação acaba*]

— O que será que quis dizer com «não o queria»? — perguntei eu.

— Porque não havia de o querer?

— Não podemos ter a certeza de que estivesse a falar do Peter.

— De quem mais poderia estar a falar? Ela disse: «Ele tirou-me o meu menino.»

— É estranho, não é?

O Mark estava irritado com o meu pai.

— Achas que a Jean adivinhou alguma coisa?

— Não sei. Talvez ela estivesse a sugerir ao pai que ele tinha de ser mais paciente com ela. A maneira como ele disse aquilo de me magoar, a Denise podia tê-lo interpretado como uma ameaça.

— Ele era assim contigo? Impaciente? — perguntou o Mark.

— De todo. Era bom e indulgente comigo. Mas, por outro lado, sempre fui submissa. A gravação tem a data de quase um ano depois do nosso resgate. Eu diria que ele estava exausto. Não tinha feito quaisquer progressos com a Denise. Ela não era exatamente cooperante, não achas?

— Depois daquilo por que passou? Surpreende-te? — perguntou o Mark, levantando a voz.

— Desculpa. Esqueço-me de que a conheceste. Era a tua irmã mais velha. Quem me dera ter alguma memória dela.

— Outra coisa que podemos agradecer ao Tom Diamond — disse o Mark, com um tom amargo na voz.

— Ele estava a fazer o melhor que sabia, o que ele pensava que era melhor para mim.

Estava farta de as pessoas falarem mal do meu pai. Pode não ter feito tudo o que devia, mas o que fez, fez pelas razões certas. Eu tinha tido muito tempo para me pôr no lugar dele e imaginar o que teria feito se fosse ele. Foi a Tina que mo fez ver. Eu já o perdoara.

— Não podemos mudar o passado — disse eu ao Mark.

— Há uma coisa que não compreendo — disse ele. — Se o Peter sempre soube de ti e da Denise, se se lembrava do que o Conor Geary disse e fez, porque é que nunca foi à polícia? Ter medo da exposição é uma desculpa esfarrapada para o facto de proteger um pedófilo, especialmente depois de ele estar morto.

— Compreendo, Mark. Eu faria o mesmo que ele. Ele não fez nada errado. Porque é que ele havia de ser associado ao seu, nosso, pai psicopata?

Ignorei-lhe o olhar intenso.

Peter, 2012

A Lindy demorou cinco anos a perdoar-me por ter levado a bebé. Ela chamou-lhe Wanda. Durante a gravidez, eu fingi que alinhava. Achei que era mais fácil deixá-la ter aquela fantasia. Fazia-a tão feliz.

Eu levava a bebé na caixa para a porta principal da Catedral de St. Patrick em Auckland a meio da noite. Estava frio. Esperava que ela sobrevivesse e aconcheguei-a o melhor que pude nos cobertores. Ao afastar-me, ouvi-a começar a choramingar. Continuei a andar pelas ruas desertas até chegar ao carro e fui para casa.

A Lindy estava mais do que histérica quando voltei. Primeiro, pensou que eu levava a bebé ao hospital por ter algum problema de saúde. Eu não lhe disse nada.

Nos anos seguintes, a Lindy atacou-me tantas vezes que tive de voltar a pôr-lhe as correntes. Espetava-me com as agulhas de tricotar, facas ou tesouras, marcou-me os braços gravemente com uma solução de açúcar e água a ferver, tentou estrangular-me com uma força feita em casa. Tive de ir às urgências do hospital duas vezes. O pessoal de lá presumiu que me tinha metido em lutas. Não os contrariei. Uma chefe das enfermeiras ameaçou chamar a polícia, mas quando olhou para a minha ficha médica e viu que eu era o famoso Steven Armstrong, que tinha ficado órfão tão cedo, cedeu e em vez disso deu-me um sermão sobre andar com as pessoas erradas.

A Lindy ficou zangada durante anos. Voltámos aos tempos antigos. Eu vivia na casa e deixava-lhe as suas compras do lado de dentro da porta uma vez por semana. Continuava a visitá-la todos os dias. Eu fazia conversa de circunstância sobre casos que apareciam nas notícias. Ela não reagia. A bebé abandonada na Catedral de St. Patrick foi notícia ao nível nacional, na rádio e na televisão. Segui a história até ao ponto em que a bebé foi adotada seis meses mais tarde. Suspirei de alívio. Agora esperava que a Lindy aceitasse as nossas circunstâncias, mas, sem dizer uma única palavra, ela deixou claro que a nossa relação terminara.

Quando tentava tocar-lhe, ela repelia-me violentamente. Mal dizia

frases completas e, quando finalmente o fez, foi para renovar a sua exigência de ser libertada.

— Nunca mais te vou tocar, Steve, nunca. Ou me deixas ir embora para ir buscar a minha bebé ou mais vale matares-me.

Também se recusava a fazer mais peças de tricô para vender. Eu tinha de arranjar outro meio de subsistência. Eu era inteligente. Devia ter ido para a universidade e ter acabado um curso qualquer. Tinha estudado tantos livros quando era novo. Podia ter sido cientista, médico ou engenheiro. Não o fizera porque não podia deixar a Lindy. Por isso, tornei-me agricultor. E agora estávamos a viver no limiar da pobreza. Mesmo assim, não podia deixá-la ir-se embora. Agarrei-me à esperança de que um dia ela me perdoasse.

Inscribi-me em aulas de informática no centro comunitário local e adquirir competências básicas. Arranjei emprego como administrativo numa agência imobiliária. Eles gostavam que eu fosse calado e não fizesse perguntas. Não quis ir tomar uma cerveja com eles numa sexta-feira depois do trabalho. Depois de três meses, quiseram promover-me. Ganharia mais, mas implicaria andar a mostrar casas às pessoas. Rejeitei a promoção. Eu sabia pela televisão como trabalhavam as famílias normais. Eu nunca tinha tido nenhuma e não queria ser confrontado com elas num contexto doméstico.

Decidi procurar outra coisa e arranjei emprego numa associação de combate ao cancro. Envolvia telefonar a empresas em toda a região da Bay of Plenty e pedir-lhes que assumissem o compromisso de um donativo mensal. Não era bom naquilo. Não estava habituado a falar com pessoas e o gerente disse que eu parecia não me importar. Esperavam que eu apelasse ao coração daquelas pessoas. O trabalho era apenas à comissão. No fim do primeiro mês, tinha feito menos dinheiro do que na agência imobiliária. Voltei outra vez à agência de recrutamento.

Surgiu uma vaga de emprego num banco da cidade. Era a tempo inteiro, a catalogar contas no novo sistema informático. Os entrevistadores ficaram impressionados com a minha autoeducação. Um deles lembrava-se de a morte do meu pai andar nos jornais: ele tinha contribuído para o fundo que fora criado a meu favor. Trataram-me como uma pequena celebridade.

— Você é aquele miúdo?

Admiti que era reservado e que preferia trabalhar sozinho. Pareceram encantados com a resposta. O emprego a que me candidatava era um trabalho que eu deveria fazer sozinho depois de uma formação inicial. Ofereceram-me a vaga uma semana depois e eu aceitei-a de bom grado em setembro de 1999.

A formação no sistema informático deles passava por fazer um curso presencial em Wellington. Era impossível ir e vir todos os dias.

Teria de deixar a Lindy sozinha. No dia antes de me ir embora trouxe-lhe o habitual saco de compras, mas quando tentei falar com ela para lhe dizer que ia estar fora durante uma semana, ela aumentou o volume do rádio até ao máximo para abafar a minha voz.

O curso podia ter sido feito num dia. A maior parte dos outros formandos era mais nova. Pareciam ser lentos a assimilar a informação. Era incrivelmente fácil aprender a trabalhar com o sistema. De qualquer maneira, no final da semana, deram-nos folhetos que explicavam todo o processo. À noite, voltávamos para o hotel barato. As raparigas iam jantar juntas. Várias apareciam todas as manhãs com ressaca. Eu arranjava sandes e comia-as no quarto e via televisão. Rejeitei os convites para sair com elas. Uma das monitoras do curso avisou-me de que deveria melhorar as minhas competências sociais. Mas elogiou a rapidez da minha aprendizagem.

Estava frustrado por estar longe tanto tempo. Embora tivesse a certeza de que a Lindy me odiava, os meus sentimentos por ela não tinham esmorecido. Muitas vezes pensei na expressão de êxtase que tinha na cara quando lhe pus o bebé no peito. Nunca olhara para mim daquela maneira. Mas dissera que me amava. Até o bebé chegar, era o suficiente para mim. Pensei várias vezes em libertá-la e depois desaparecer, mas para onde poderia ir? Não tinha dinheiro para me meter num avião, embora tivesse o passaporte em dia, caso fosse preciso. No princípio, eu tinha dinheiro de lado para a fuga, mas tive de o usar para pagar contas. A Lindy sabia o meu nome verdadeiro e toda a minha história. Ela contaria tudo. Eu passaria o resto da vida na prisão. Ela podia ter-me amado genuinamente em tempos, mas agora não amava de certeza. Eu mudara os cadeados da porta do barracão muitas vezes nos anos anteriores. Eu sabia que ela jamais conseguiria sair.

Na sexta-feira, depois de o curso acabar, conduzi durante seis horas para Rotorua a alta velocidade. Cheguei a casa à meia-noite e fui diretamente ao barracão.

Ela estava deitada na cama, mas sentou-se imediatamente.

— Onde estiveste? — perguntou. Tinha a cara manchada de lágrimas e a voz era contida.

— Tentei dizer-te no domingo à noite, mas não quiseste ouvir.

Desatou a chorar.

— Pensei que estavas morto. Foi como da última vez quando o teu pai morreu, mas eu... tive saudades tuas.

Dei alguns passos para ela e estendi-lhe os braços. Ela caiu contra o meu peito.

Nas semanas que se seguiram, falámos mais do que nunca, quase como se estivéssemos a compensar pelo silêncio dos anos passados.

— Eu estava muito zangada contigo. Aceitei que me tirasses a

liberdade. Desisti de tentar fugir. Apaixonei-me por ti contra a minha vontade. Foste sempre tão bom e atencioso. O oposto do teu pai. Mas depois, a única coisa que eu queria era um bebé. Não te enganei, juro. Por isso é que, quando fiquei grávida, me pareceu um milagre. Nunca te tinha pedido nada, durante todos aqueles anos. Um bebé faria de nós uma família a sério. Alguém a quem amar incondicionalmente.

Aquilo magoou-me e eu disse-lhe.

— Olha — disse eu —, os bebés ficam doentes a toda a hora. Eu nunca a poderia levar a um hospital ou a um médico. Querias que a tua filha crescesse aqui? Assim? — argumentei, apontando para o quarto sem janelas.

Ela olhou em volta, com uma expressão confusa na cara, e eu percebi que aquele barracão tinha sido o seu lar mais tempo do que qualquer outro sítio. Tinha vivido ali mais de dezasseis anos, e uma vez que o meu pai já não estava, ela sentia-se segura ali. Tinha 30 anos. Aquele quarto sem janelas, bonito como eu o tentara tornar, era normal para ela. Arrependi-me de lhe recordar como a situação dela era anormal. As suas tentativas de fuga não tinham nada que ver com encontrar o seu lar, mas tudo que ver com encontrar a sua bebé. Eu sabia que mantê-la cativa estava errado, mas ela já não tinha consciência disso.

Reaproximámo-nos pouco a pouco, até que ela finalmente me deixou voltar para a sua cama. Não pediu para ter um bebé e, assim que tive dinheiro, fiz uma vasectomia, um procedimento relativamente indolor. Voltei a tirar-lhe a corrente e ela ficou muito grata. Senti-me um monstro. Fora essa a palavra que a minha mãe usara para se referir ao meu pai. Lembrava-me bem disso.

No trabalho, acabei a digitalização das contas rapidamente. Escrevi para a sede do departamento de TI e sugeri melhoramentos no programa que eles tinham desenvolvido para o tornar mais intuitivo e acessível. Aprendi sozinho a usar outros programas de *software*, e depois de rejeitar a oferta de promoção a subdiretor de TI na sede do banco em Wellington, comecei a procurar outros empregos. Saltava de um para o outro — um ano numa pequena corretora, dois anos numa companhia de seguros —, mas nunca longe de Rotorua. Em 2004, tornei-me especialista em TI no Rabobank de Rotorua. Desta vez, tinha o meu próprio gabinete. As coisas estavam a melhorar.

Durante a crise de 2008, o banco reduziu custos e eu sofri um corte no salário, mas era necessário e mantive o emprego. Em 2009, depois de uma enorme fraude de crédito ser levada a cabo na América, candidatei-me com sucesso a um posto no nosso departamento de cibersegurança. O meu salário era agora bom o suficiente para me sustentar a mim e à Lindy confortavelmente.

À medida que fui subindo na empresa e era convidado para os

painéis de entrevistas, tentei contratar todos os candidatos maori que podia. O racismo comum do passado era agora visto, com toda a justiça, como vergonhoso. A cultura maori estava a ser adotada pela população Pākehā. A língua maori fora agora incorporada na nossa correspondência diária e todos os *e-mails* terminavam com *Ngā mihi*, bem como com *Melhores cumprimentos*. Muitas vezes pensei no Rangi e no seu potencial para ficar em qualquer um dos empregos que estávamos a anunciar. Era naturalmente bom em matemática, algo que só descobriu quando se aplicou. Os tempos e as atitudes tinham mudado para melhor.

Eu tinha instalado claraboias no telhado do barracão para que a Lindy tivesse luz natural. Tinha forrado as paredes com prateleiras de livros no outro extremo da área da televisão. Fiz melhoramentos na casa de banho. Ela não pedia nada, mas ria-se encantada com cada prenda ou melhoramento. Quando íamos a pé para as águas termais, no verão, eu já não precisava de usar a corrente. Ela dava-me a mão e caminhávamos lado a lado. Punha-lhe loção bronzeadora na pele macia para não se queimar. Fazíamos amor na relva. Ela começou a tricotar outra vez.

Estava tudo a encaminhar-se e, numa noite da primavera de 2011, não tranquei a porta. Depois, durante todo o fim de semana, deixei a porta destrancada.

— Porque não tens trancado a porta? — perguntou-me ela.

— Confio em ti. Amo-te. Podes vir para a casa.

— Não, deixa estar. Estou feliz aqui.

Não estaria sequer curiosa com a casa? Quando íamos para o lago, nunca passávamos pela casa. Ela não a conseguia ver da porta do barracão. Convidei-a outra vez no fim de semana seguinte. Desliguei o telefone que nunca tocava e escondi-o no carro. Hesitante, a Lindy deu um passo para dentro de casa e foi de quarto em quarto.

— Há tanto espaço — disse ela, e, comparado com o barracão, acho que havia. Pedi-lhe para ficar lá naquela noite, mas ela não se sentia confortável na minha cama e, por fim, abanou-me para me dizer que ia voltar para o barracão. Disse-lhe que sim com a cabeça e fingi voltar a adormecer. Fiquei a observá-la da janela enquanto ela se dirigia para lá. Segui-a a alguma distância até a ver puxar a porta do barracão e desaparecer lá para dentro. Fechou-a. Fiquei a pé toda a noite, vigiando a porta, à espera de que ela se esgueirasse. Não o fez.

Na semana seguinte, telefonei para o escritório e disse-lhes que estava doente. Todas as manhãs, eu saía de carro para a estrada de terra batida e estacionava o carro fora da vista. Voltava para trás a pé para a zona de mato em frente à casa e observava com os binóculos para ver se ela tentava fugir. Todas as noites, chegava a «casa do

trabalho» e encontrava-a alegremente a ver televisão, a tricotar ou a preparar o jantar. O máximo que fez foi caminhar pelo exterior da casa, espreitando pelas janelas. Nem sequer tentou abrir a porta, embora eu a tivesse deixado aberta. Recebia-me com alegria todas as noites, com o seu largo sorriso desdentado e os olhos azuis a cintilar.

A determinada altura, persuadi-a a vir à casa jantar às vezes, mas ela ficava sempre nervosa.

— É o fantasma do teu pai — dizia ela, e, de facto, alguns dos seus pertences ainda andavam por lá. Não sei porque ainda tinha os óculos dele e a pasta de dentista. Deitei-os fora imediatamente. Protegi o meu PC com uma *password*, não que ela fizesse ideia de como usá-lo. Eu tinha um telemóvel para o trabalho. A Lindy já os tinha visto na televisão, mas não saberia como ligá-lo. Eu mantinha-o fora de vista, por segurança.

Passaram alguns meses. A Lindy podia ir para onde quisesse. Ofereceu-me uma colcha feita à mão no Natal de 2011. Celebrámos na casa juntos pela primeira vez. Eu comprei uma árvore e decorações e ela decorou a árvore com fitas decorativas brilhantes e luzes de Natal. Também comprei uma garrafa de vinho. Nenhum de nós estava habituado ao álcool e embebedámo-nos depressa. Era uma sensação agradável. Sentámo-nos no alpendre da casa protegidos do calor abrasador do pino do verão e brindámos um ao outro como um verdadeiro casal.

Pensei se seria sensato levar a Lindy à cidade. Descartei a ideia rapidamente. Ela nunca o pedira e ambos teríamos de combinar um novo nome e uma história consistente. A Lindy parecia ter-se esquecido de que tinha sido raptada. Eu não lho queria recordar. E talvez ela se comportasse de forma estranha com outras pessoas. Não, a Lindy era minha. Não me atrevia a partilhá-la com o mundo lá fora. Eu era mais feliz do que nunca. Ela também.

Voltei para casa do trabalho num dia de março seguinte, e fui diretamente ao barracão, porque ela continuava a preferir estar lá, mas percebi que devia estar na casa. Chamei-a e fui de divisão em divisão. Encontrei-a, desmaiada, no chão da casa de banho. Tinha o rosto húmido e quente. Havia manchas de vómito no chão à volta dela.

Nas duas noites anteriores, ela tinha-se queixado de dores de estômago e eu pedi-lhe para descrever os sintomas com o máximo de precisão. Fazia sempre aquilo quando ela não estava bem. Depois ia à farmácia, descrevia os sintomas e trazia para casa o que eles me tivessem recomendado. Ela descrevera-a como uma dor aguda no baixo-ventre. Presumi que era uma dor menstrual e ela concordou que o período estava para vir, mas disse que aquela dor parecia diferente.

Naquela manhã, estava a sentir-se pior e tinha um aspeto pálido.

Depois do trabalho fui à farmácia e descrevi a dor. A farmacêutica pediu-me para carregar do lado direito da barriga e, quando não expressei mais dores, ela deu-me *Domerid* para as náuseas e paracetamol para a dor.

— Não é apêndice. Pode ser alguma coisa que comeu — disse ela — ou uma gastroenterite. Anda por aí uma virose, sabe?

Em pânico, encharquei a Lindy com água fria para lhe baixar a temperatura e para a acordar. Ela gritou com dores e agarrou-se ao lado direito.

— Merda! Deve ser o apêndice. Tenho de te levar ao hospital.

Não hesitei. Seria mais rápido levá-la eu próprio do que chamar uma ambulância. Ela voltou a gritar quando a levantei e vomitou por cima do meu cotovelo.

— Tenho medo — consegui dizer.

— Não tenhas, eles vão tratar de ti.

— Não — disse ela. — Tenho medo delas. Das pessoas.

Voltou a desmaiar quando a transportava para o carro. Já não queria saber das consequências. Nem sequer pensei num nome, nem numa história, nem na pena de prisão que me esperava. Deitei-a no banco de trás sobre o lado direito. Ela começou a tremer violentamente, mas parecia inconsciente. A cada curva, eu agarrava-lhe a mão. Estava a aproximar-me da estrada principal quando ela fez um som gorgolejante estranho. Todo o corpo se lhe retesou e depois ficou mole. Encostei à berma da estrada e passei para o banco de trás. Ela tinha os olhos arregalados de choque, mas não se mexia. Pus-lhe a mão sobre o coração, mas não lhe senti o batimento cardíaco. Abanei-a e encostei-a a mim. Uma réstia de bÍlis caiu-lhe da boca, mas beijei-a na mesma.

— Por favor, não — sussurrei. — Por favor, volta.

Trouxe-a para casa e lavei-a na banheira. A pele ficou com uma cor mosqueada. Lavei e penteei-lhe o cabelo, com cuidado para não lhe deixar a cabeça cair abaixo da linha de água. Quando estava limpa e seca, vesti-a com a sua roupa preferida, uma saia verde, botas com sola de borracha e uma camisola azul-bebé. Embrulhei-a cuidadosamente no tapete de pele de ovelha do barracão. Antes de a pôr no carro outra vez, tive de o limpar com desinfetante.

Eram cerca das duas da manhã quando fui ao Lago Rotorua e estacionei no parque de estacionamento deserto. Era uma noite de outono particularmente fria. Transporte-i-a para a parte do lago que ficava mais perto do trilho de floresta onde a vira pela primeira vez, uma menina corajosa a trepar a uma árvore. Desenrolei o corpo retesado do tapete e deixei-a rolar cuidadosamente para dentro da água. Devia ser bastante fundo naquela parte, ou talvez estivesse

muito escuro, mas ela afundou-se imediatamente.

Peter, 2019

Quando a Lindy morreu, em 2012, fiquei destroçado. Eu vivia em função dela. Tirei uma licença sem vencimento do trabalho. Tinha muitos colegas, mas nunca se tornaram meus amigos, e mesmo que fossem, como lhes podia dizer que o amor da minha vida, o meu único amor, tinha morrido? Não podia explicá-lo a um psicólogo; a intensidade e a profundidade da nossa relação, a dependência mútua. Quem poderia entender, mesmo que eu dissesse a verdade? E eu não podia dizer a verdade.

Não via razão para tomar banho nem mudar de roupa. Fui duas vezes até ao lago com a intenção de me afogar, mas quando mergulhei, o Rangi estava lá, empurrando-me para trás. «Não é a tua hora, *e hoa*», disse ele, ou penso que disse. Tinha três mortes na minha consciência: o pai, o Rangi e a Lindy, *kēhua*, e era assombrado pelos três, tanto nos meus pesadelos, como nas minhas horas de vigília. Todos me imploravam que os salvasse: e eu podia tê-los salvado a todos.

Desmantelei o barracão, peça a peça. Peguei nas peças de mobília e deixei-as na beira da estrada em áreas remotas por toda a Ilha do Norte. Fiquei com um monte de gesso cartonado e ferro corrugado. Não me dei ao trabalho de o mandar levar embora. Pelo menos, já não parecia o lar dela. Mas, na casa, continuava a sentir a sua presença.

O mistério da mulher não identificada encontrada no Lago Rotorua três semanas depois de morrer foi uma história muito falada. A imprensa relatou que não se tinha afogado, que morrera de apendicite, que estava completamente vestida e que estivera na água menos de um mês. Dedicaram muita atenção ao dente que lhe faltava. Seria um fator de identificação significativo, segundo a polícia. Os relatos comentavam o facto de o corpo da mulher ter sido descoberto no mesmo lago onde uma jovem desaparecera trinta anos antes.

Eu precisava de sair de Rotorua. Rejeitara ofertas de trabalho

anteriores em Wellington e Auckland, mas quando acabei por voltar ao trabalho cinco meses depois, ofereci-me para aqueles empregos. Não havia nada que me prendesse a Rotorua. Talvez precisasse de um novo começo, de me reinventar. Fui nomeado diretor de cibersegurança no Aotearoa National Bank em janeiro de 2013, em Wellington. O salário e as condições eram excelentes.

Ao preparar-me para a mudança, retirei o que ainda restava do barracão e limpei a casa com lixívia de uma ponta à outra. Fiquei com muito poucas coisas do meu pai, além dos seus documentos de identificação falsos. Tinha vivido com um nome falso durante muito tempo, mas precisava de provas, caso alguém algum dia o questionasse.

Prometia à Lindy que nunca lhe leria os cadernos. Rasguei-os e espalhei-os durante longas viagens a meio da noite.

Vendi tudo em Rotorua e arrendei um apartamento na marginal em Wellington Harbour. Tentei adaptar-me, mas ouvia as pessoas nos outros apartamentos a falar, a rir, a ver televisão juntas. Conseguia cheirar-lhes a refeições em família. Cruzava-me com tantas pessoas diariamente que me senti doente. Ao fim de apenas um mês, saí e comprei uma pequena casa em South Karori Road. Tanto quanto me era dado a ver, não tinha vizinhos. As minhas idas e vindas do trabalho levavam trinta minutos de carro para cada lado.

O trabalho mantinha-me ocupado. Como era habitual, mantive a distância dos meus colegas e recusava os seus convites para festas e bebidas depois do trabalho. Não me juntava às conversas dos intervalos para café.

Sentia-me desesperadamente só. Conheci mulheres pela Internet, mas nunca construí uma relação. Mas dormia com algumas delas, se elas quisessem. O sexo era apressado, fisicamente satisfatório, mas emocionalmente vazio. A necessidade de uma ligação real jamais poderia ser satisfeita com pessoas desconhecidas.

Quase um ano após a morte dela, em janeiro de 2013, os testes de ADN ligaram a Lindy definitivamente aos irmãos sobreviventes, Paul e Gary Weston. Ambos os pais tinham morrido sem saberem o que acontecera à filha. Os irmãos ficaram a braços com a pergunta sem resposta de onde ela estivera durante vinte e nove anos.

Pensei na minha mãe e irmã na Irlanda. Pesquisava sobre elas no Google regularmente. Havia muita informação. Os *websites* de crimes reais compararam o meu pai a Lord Lucan, mas o meu pai nunca matara ninguém. Pelo menos não diretamente. A Denise Norton morrera num hospital psiquiátrico cerca de um ano depois de ser libertada da casa do meu pai. A minha irmã, Mary Norton, fora adotada em Inglaterra. O Conor Geary tinha-se posto em fuga.

Procurei por todo o lado alguma alusão ao filho do Conor Geary. A Denise não lhes falara de mim? Ter-me-ia esquecido? Estava louca? Ou apenas aterrorizada? Eu tinha sofrido uma lavagem cerebral. O meu pai era um desalmado. E eu também era meio desalmado, pelo menos. Tinha de viver com isso. Tornou-se um hábito ir procurar atualizações sobre a história da Denise Norton pelo menos uma vez por mês.

Em dezembro de 2017, foi noticiada uma história na Irlanda. Mary Norton, a minha irmã, tentou cremar o cadáver do pai adotivo. Vi uma fotografia dela. Alta e forte, com um casaco preto comprido e um alegre chapéu vermelho, a assistir ao funeral do Thomas Diamond. Era parecida comigo no nariz e no formato dos olhos. O Thomas fora o psiquiatra da minha mãe e adotara secretamente a minha irmã depois da morte da Denise. Fiquei a saber a aldeia onde Mary morava e o seu novo nome.

Uma centelha acendeu-se dentro de mim. Eu tinha uma oportunidade de fazer algo de bom. Corrigir um erro. Lembrei-me de lhe ter arrancado o urso de peluche dos seus pequenos dedos. Podia devolver-lho. Embalei-o cuidadosamente numa caixa de sapatos velha e mandei-a anonimamente com uma nota curta.

Seis meses mais tarde, o verdadeiro nome do meu pai começou a aparecer nas buscas da Internet, e depois nas páginas do *New Zealand Herald*. Uma fotografia muito antiga do meu pai, sem barba e sem óculos, tirada ainda na Irlanda. Ao lado, o desenho de um artista de como poderia ser agora, com pouco mais de 80 anos. Porque andariam à procura dele agora? Como tinham conseguido ligar o pedófilo desaparecido Conor Geary à Nova Zelândia? Quem lhes disse que ele aqui estivera? E depois percebi: fui eu. Mandar o *Toby* tinha-os alertado para uma ligação à Nova Zelândia. Que estúpido da minha parte. Eu era um perito em cibersegurança. Sempre conseguira esconder o meu histórico de buscas no Google instalando *software* de privacidade e não era idiota a ponto de ter qualquer presença nas redes sociais, mas tinha sido eu a indicar às autoridades irlandesas a pista da Nova Zelândia. Agora a polícia andava à procura dele. Um dentista irlandês reformado. Sem alusão a qualquer filho.

Mas em agosto de 2018, recebi um telefonema da polícia da Nova Zelândia. Queriam falar comigo acerca do meu pai, James Armstrong. Vieram a minha casa. Não foi difícil fingir estar transtornado com as circunstâncias da morte dele em 1985 num carro incendiado. Perguntaram-me onde tinha nascido. Ao fim de trinta e oito anos, a minha história estava tão bem ensaiada que não levantou suspeitas em nenhum ponto. Perguntaram-me se o nome Denise Norton me dizia alguma coisa. Se o meu pai algum dia usara outro nome. Onde ele

estudara medicina dentária. Onde morara na Irlanda. Se o meu pai alguma vez mostrara interesse especial por outras crianças. Porque é que o meu pai me tinha ensinado em casa.

Eu consegui pintar um quadro de um pai exigente, mas indulgente, em profundo luto pela minha mãe desde que saíramos da Irlanda. A sua clara falta de interesse noutras crianças e a sua convicção de que o sistema de educação da Nova Zelândia era medíocre. Apresentei-lhes o seu certificado de formação em medicina dentária irlandês, no qual o nome Conor Geary fora habilmente substituído por James Armstrong.

O meu pai, disse eu, era um pai excêntrico, mas afetuoso e um excelente dentista, como qualquer um dos seus pacientes podia testemunhar. Sentia a falta dele todos os dias. Vieram-me as lágrimas aos olhos com a hipocrisia das minhas palavras. O detetive pediu desculpa pela intrusão e disse que não me voltariam a incomodar. Deixaram subentendido que sabiam que andavam à caça de gambozinos. O homem que procuravam não tinha um filho.

Continuei a acompanhar as notícias da minha irmã, a Mary Norton, a viver como Sally Diamond em Carricksheedy, no condado de Roscommon, na Irlanda. Sentia algum afeto por ela. Todos os relatos que lera sobre ela descreviam-na como «solitária» ou «desajustada» na escola ou na aldeia. Não encontrei registo de qualquer emprego ou carreira. Senti empatia por ela. Seria do vínculo familiar?

Estava registada como tendo nascido no dia 13 de dezembro de 1974, mas eu sabia que nascera antes, no dia 15 de setembro desse ano. Lembrava-me da data muito claramente. Como a polícia da Nova Zelândia excluía o meu pai das suas averiguações e desconhecia qualquer ligação entre nós e a Denise Norton, arrisquei enviar um postal de parabéns à minha irmã em setembro. Achei que ela devia saber quando era o seu aniversário. Ela jamais adivinharia quem lhe enviara o postal.

No princípio de novembro, recebi um *e-mail* de uma equipa de *podcasters* no meu endereço do trabalho.

Caro Sr. Armstrong,

Temos uma empresa de *podcasts*, a Hoani Mata Productions, sediada em Christchurch, que faz documentários sobre casos de crimes reais na Nova Zelândia.

Estou a tentar localizar o Steven (Steve) Armstrong, que viveu em Rotorua entre 1981 e 2013. O senhor e o seu pai viviam em Rotorua na altura em que uma criança, Linda Weston, foi lá raptada em 1983? O seu pai era o James

Armstrong? Sabemos que ele foi recentemente excluído de um caso relativo a um rapto na Irlanda em 1966. Sabemos que o James Armstrong não esteve envolvido em nenhum dos dois casos, mas gostávamos que o filho aparecesse como «comentador» na nossa série que investiga o desaparecimento da Linda Weston e a subsequente recuperação do seu corpo em abril de 2012, já como mulher adulta. O senhor é o Steve Armstrong que viveu em Rotorua durante todo aquele período?

Sabemos que este James Armstrong morreu num trágico acidente de carro em 1985, mas se é filho dele, gostaríamos de ouvir a sua opinião e as suas recordações de quando a Linda desapareceu, como era ser criança em Rotorua e como o seu pai veio a ser suspeito de raptar uma criança irlandesa. Dizem-me que o Steve que procuramos estudou em casa e isso também tem interesse, já que era algo tão pouco convencional. Além disso, se for você, e se não for demasiado pessoal, podemos falar um pouco sobre o rapto na Irlanda. Pode não saber nada sobre isso, e não tenho a certeza se vamos usar o ponto de vista irlandês na versão final, mas estamos a reunir o máximo de informação que podemos.

Ainda não é do conhecimento público, mas recentemente soube-se que a Linda Weston teve uma filha que foi abandonada numa igreja em 1996, ainda recém-nascida. A filha da Linda, Amanda Heron, concordou em apresentar o nosso *podcast* e eu espero conseguir transformá-lo num documentário televisivo numa data posterior. Por favor, informe-me da sua resposta o mais cedo possível, e, claro, apresentamos as nossas desculpas se estivermos a falar com a pessoa errada. Por outro lado, se for mesmo o Steve Armstrong, compreenderemos caso não deseje participar. A polícia não está a cooperar com a nossa investigação nesta altura, por isso a nossa procura de informação tem sido frustrante.

Ngā mihi de Christchurch,
Kate Ngata

Respirei fundo e cancelei a minha agenda para o resto do dia. A minha filha, a Amanda Heron, andava por aí, à procura de respostas. Procurei-a no Google e encontrei muita informação. Os jovens não fazem ideia de como os seus dados estão disponíveis na Internet. Numa questão de minutos, encontrei a morada, o número de telefone, os registos escolares, o certificado de habilitações do mestrado em Música pela Universidade de Auckland, fotografias dela com a família adotiva de quando era bebé. Fotografias dela a cantar num coro. Fotografias dela com dois namorados diferentes, a Amanda numa

mota a atravessar a Golden Gate Bridge em San Francisco, a Amanda numa autocaravana em Montana. E fotos muito recentes: a Amanda com um vestido de noite ainda na semana passada num concerto da Orquestra Sinfónica da Nova Zelândia.

A Amanda tinha 23 anos e era deslumbrante, como a mãe. Fiquei espantado ao ver a sua bela cara sorridente, os dentes intactos. A nossa filha, a Wanda. Fiquei a olhar para as fotos, não sabendo como começaria sequer uma conversa com ela, até que me apercebi de que não seria possível. Tinha de me afastar.

Respondi de forma delicada à Kate Ngata, desejando tudo de bom à empresa com a sua série, mas explicando que enquanto «diretor de cibersegurança do mais importante banco da Nova Zelândia, seria completamente impróprio comentar qualquer assunto pessoal. Tenho a certeza de que compreenderão.»

Eu sabia que aquilo só iria aumentar a sua frustração, mas sentia-me grato por a polícia da Nova Zelândia não partilhar informações com amadores.

Eu não existia na Internet, exceto como funcionário do banco. Não havia fotografias nem referências a mim, exceto as do *Rotorua Daily Post* em 1985, detalhando como sobrevivera ao acidente terrível que matou o meu pai e a subsequente angariação de fundos a meu favor. A Hoani Mata Productions deve ter mandado o mesmo *e-mail* a todos os Steve Armstrongs do país.

Enviei uma nota ao diretor de operações do banco, dizendo que tinha de tirar uma licença urgente devido a um problema de saúde pessoal. Seriam necessários três meses, disse eu, mas estaria contactável por *e-mail*. Informei o meu inferior hierárquico imediato de que, na minha ausência, ficaria responsável por questões relacionadas com a posição do banco no que tocava a *bitcoins* e criptomoedas, que estavam a tornar-se um problema para nós. Depois saí.

Fui para casa e usei o meu computador portátil para reservar um voo para a Irlanda. Tinha de voltar. Tinha de encontrar a minha irmã. Ela era a chave para o vínculo de que eu precisava.

Sally

Os resultados, quando chegaram ao fim de doze dias, foram inequívocos. O Peter/Steve era meu irmão. O Mark era nosso tio, mas havia outra coisa que apareceu nos resultados no *website* sobre genealogia. Eu tinha uma sobrinha chamada Amanda Heron, que era filha do Peter. Ele não mencionara uma filha, nem uma mulher ou namorada. A carta dele levava-me a crer que era um solitário, talvez como eu. Mas não era assexual como eu era.

Estava na hora de lhe telefonar. Queria ter aquela conversa quando estivesse sozinha. Os resultados da genealogia tinham sido enviados para minha casa e o Mark ainda não sabia.

O telemóvel do Peter tocou uma vez antes de ele atender.

— Mary? — disse ele.

— O meu nome é Sally, tem sido Sally desde que fui adotada, por isso preferia que me chamasses Sally.

— Está bem — disse ele, com voz trémula.

— Ainda estás em Dublin?

— Sim. Estou num parque neste momento, ao lado de uma igreja no centro da cidade.

— Certo. Recebi os resultados dos testes de ADN.

— E então?

— És meu irmão.

— Isso já eu sabia. Soube-o toda a vida.

— Então porque é que nunca me contactaste?

— Já te expliquei na carta. Não sabia onde estavas. Não aparecias em nenhuma pesquisa na Internet até à morte do Thomas Diamond.

— Desculpa, sim, já tinhas explicado. Mas se sabias de mim e da minha mãe, e sabias o que o nosso pai biológico tinha feito, porque não foste à polícia?

— É difícil de explicar. Ele fez-me uma lavagem ao cérebro que perdurou durante muito tempo. Disse-me que eu tinha uma doença. Eu mal distinguia o bem do mal. Escuta, não consigo dizer tudo pelo telefone. Queres vir encontrar-te comigo?

Eu já tinha discutido o que fazer se os resultados confirmassem que éramos irmãos.

— Peter, nós temos um tio, irmão da Denise.

— A sério?

— Sim, ele também gostaria de te conhecer. Ele vai buscar-te a Dublin e traz-te a minha casa.

— Quando?

— Amanhã?

O dia seguinte era sábado. Eu cancelaria a minha atuação do fim de semana. O Lucas teria de encontrar alguém que me substituísse no piano.

— Por mim, está ótimo. Obrigado. Mary, quer dizer, Sally, lembras-te de mim?

— Receio que não.

— A minha mãe, a Denise, falava de mim?

— Temos muito que falar, Peter, vamos esperar até estarmos cara a cara.

Houve uma pausa.

— Não sou grande coisa a falar.

— Ora aí está, somos mesmo irmãos. Eu andei quase dois anos em terapia até conseguir ultrapassar isso.

— Foi?

— Sim. Tens amigos? Mulher? Namorada?

A voz dele tremeu.

— Não.

Não era a altura certa para lhe fazer perguntas sobre a filha.

— Nem acredito que estou a falar com o meu próprio irmão.

— Não disseste à imprensa nem à polícia?

— Claro que não.

Deu-me a morada do hotel e terminámos a chamada. O Mark queria vê-lo primeiro, para se assegurar de que ele não era violento nem de alguma forma ameaçador, e combinou ir buscar o Peter bem cedo na manhã seguinte. O Peter quis saber como voltaria para Dublin depois. O Mark disse-lhe que não se preocupasse. Íamos alojá-lo no Abbey Hotel, em Roscommon, durante algumas noites. Não tínhamos um verdadeiro plano para o que iria acontecer.

Eu estava em pulgas na manhã seguinte, indo constantemente à janela a cada barulho para ver se era o carro do Mark que estava a estacionar.

Recebi uma mensagem do Mark.

Parei numa área de serviço. Parece normal, mas extremamente calado.

A Sue e a Martha tocaram à porta para ver se eu estava bem. Eu faltara à aula de yoga naquela manhã. Não as convidei a entrar para tomar café, como se deve fazer com as amigas, mas também não lhes

menti.

— Desculpem, eu devia ter-vos dito que não ia. Tenho uns assuntos de família a tratar.

— Estás bem? — perguntou a Sue. — Pareces um pouco agitada.

E, de facto, eu estava a olhar por trás dela, pela rua abaixo, sem conseguir parar quieta.

— Sim, sim, estou ótima, obrigada. Vemo-nos durante a semana, está bem?

Fechei a porta e voltei para a cozinha. Tinha preparado sandes demasiado cedo. Tinham ressecado. Pus-me a fazer outras frescas: frango, fiambre, tomate e salada de couve branca e cenoura. O Peter podia ser vegetariano. Eu não sabia nada acerca do meu irmão.

Peter, 2019

Demorei vinte e oito horas a chegar à Irlanda, em comparação com o suplício de três meses que tinha levado a chegar à Nova Zelândia quase quarenta anos antes. Encomendei *kits* de teste de ADN e pedi que fossem enviados para o hotel em Dublin que eu tinha reservado. Escrevi a minha carta para a Mary. Depois vagueei pela cidade. Comprei roupa de inverno. Tinha viajado com pouca coisa. Nunca tinha estado no centro da cidade, nem em criança. Dublin era moderna, multicultural e completamente desconhecida.

O telemóvel descartável tocou mais de duas semanas depois de eu enviar a carta. A Mary não alertara a polícia. Havia um tio, irmão da Denise, o Mark. Foi-me buscar de carro a Dublin no dia 14 de dezembro e demorámos duas horas a chegar à casa da aldeia da Mary. Interrogou-me insistentemente quanto à irmã. De que me lembrava? Alguma vez falara dele? Como era? As perguntas eram como um ataque e eu evitei responder o mais que pude.

Atravessámos o país, quase sempre em autoestrada. O dia estava escuro, cinzento e húmido. O sol não apareceu. Não havia colinas, era tudo plano. Parámos numa área de serviço para pôr combustível e bebemos um café péssimo. Não sabia o que pensar do Mark. Parecia demasiado novo para ser meu tio, mas descobrimos que ele era apenas cinco anos mais velho do que eu. Ele disse, num tom sombrio, que a Denise tinha 12 anos quando me deu à luz. Nenhum dos dois disse muita coisa durante o resto da viagem.

Sally

O Peter disse que era sete anos mais velho do que eu, mas parecia muito mais velho. As suas rugas eram profundas e a cara estava curtida. Tinha o cabelo curto e grisalho, com entradas. Estava barbeado. Tinha uma leve linha branca de um lado ao outro da testa. Uma cicatriz antiga? Infligida pelo Conor Geary? Mas os olhos, a forma dos olhos, a cor de avelã, bem como o nariz, eram idênticos aos meus. O meu irmão.

Não senti um vínculo imediato. Foi algo gradual. Eu e o Mark sabíamos que iria ser embaraçoso. Para começar, era difícil saber como lhe chamar. Eu fui inflexível: ele devia tratar-me por Sally Diamond. Ele fora Steven Armstrong a maior parte da vida, mas agora pedia-nos que lhe chamássemos Peter. Não era muito conversador e eu estava nervosa ao início. Estávamos perto do Natal, por isso o hotel pedia-me que tocasse com mais frequência. Paguei a estadia do Peter no Abbey Hotel em Roscommon e encontrávamo-nos em minha casa sempre que eu estava livre. O Mark também tentava estar sempre presente.

No primeiro dia, houve longos silêncios e alguma conversa de circunstância. Mas o Peter tinha ainda menos jeito do que eu para conversa de circunstância. Só no segundo dia é que abordámos o assunto do nosso pai e de quem ele era. O Peter insistiu que o Conor Geary não o magoara fisicamente, como fizera à minha mãe. O Peter viveu a maior parte dos primeiros tempos de vida em confinamento, temendo que uma doença imaginária o matasse. Uma doença engendrada para o afastar de toda a gente e torná-lo inteiramente dependente do Conor Geary. O nosso pai biológico era cruel e manipulador. O meu irmão vivia tão isolado como eu, mas não por escolha. Ele quis muito ir à escola e fazer amigos, mas, quando o pai morreu, era demasiado tarde e não sabia como ser sociável. Foi difícil arrancar-lhe esta informação, mas o Mark era bom a persuadi-lo, e mais tarde, depois de o Peter voltar para o hotel, o Mark vinha a minha casa e analisávamos o que o Peter tinha dito e o que não tinha

dito. O Mark era bom a ler nas entrelinhas.

O Peter ainda se sentia culpado pela morte do Conor Geary, por ser ele que ia a conduzir o carro. A cicatriz que tinha na testa era resultado do acidente, bem como as terríveis queimaduras nos braços de quando tentara puxar o pai do carro em chamas. Assegurámo-lhe que o pai, o meu pai, não merecia ser salvo, mas ele olhou lá para fora, pela janela, recusando-se a olhar-nos nos olhos.

Entrámos em confronto por causa disso. Apesar de tudo o que o Conor Geary fizera, o Peter sentiu-se amado por ele, como se isso apagasse o horror que ele tinha imposto à nossa mãe, a mim, e ao próprio Peter com aquela história abominável de uma doença fatal.

— Como podes defendê-lo? Estou tão contente por ele estar morto — disse o Mark.

— Não compreendem? — disse o Peter. — As pessoas não são cem por cento uma coisa. Vocês dizem que ele era um monstro, e sim, ele fez coisas terríveis a todos nós — reconheceu ele, olhando na direção do Mark. — Ele levou a tua irmã e destruiu-a de todas as maneiras possíveis. Manteve a Sally trancada. Pôs-se em fuga e arrastou-me para o outro lado do mundo com ele, tirou-me o nome, mentiu-me, isolou-me, mas eu sei que gostava de mim. Eu sei que sim.

O Mark recorreu ao sarcasmo, acho eu.

— Pronto, então tudo bem. Como gostava de ti, não há problema nenhum.

Senti-me angustiada. Fui para o piano e ambos se calaram. Toquei um pouco e depois pedi ao Mark para levar o Peter de volta ao hotel. Era complicado, mas o Peter era como eu em muitas coisas. Não conseguia deixar de me sentir gravitar para ele. Ao fim de uma semana, conseguimos ficar com uma imagem mais completa da vida do Peter na Nova Zelândia.

Na Internet, eu e o Mark encontrámos o artigo do *Rotorua Daily Post* que contava a história da morte de um dentista local respeitado, James Armstrong, e da sobrevivência do pobre filho órfão, Steven. O Conor Geary viveu na Nova Zelândia quase cinco anos a trabalhar como dentista com um nome falso. O passaporte do Peter estava em nome de Steven Armstrong. Ele tinha medo de regularizar a sua situação, embora eu e o Mark achássemos que ele deveria reclamar o seu nome e nacionalidade oficialmente. Ele estava aqui, na Irlanda, com um visto de noventa dias. Sugerimos que analisasse as vantagens práticas de o fazer através do meu advogado, mas o Peter estava relutante e aterrorizado com a imprensa. O assunto tinha de ser tratado com muito tato, ou então não deveria ser abordado de todo. Concordámos que deveria demorar o tempo de que precisasse e decidir por si próprio se queria seguir em frente com isso.

Após a primeira semana, convidei o Peter a ficar em minha casa

para o Natal, e depois disso, o tempo que quisesse. Ele sorriu pela primeira vez naquele dia. Apertámos as mãos. Foi o mais próximo que nos atrevemos a estar fisicamente. Fiz uma escala para usar a casa de banho, para o pequeno-almoço e para a hora de ir para a cama. Cozinharíamos à vez um para o outro. Ele ficou relutante com a ideia de o apresentar aos meus amigos.

— Por favor — disse ele. — Não estou habituado a pessoas. Talvez uma de cada vez? — Também o compreendi. O Mark já não estava presente em todas as nossas conversas. Ele ficava mais perturbado do que eu.

No dia de Natal, eu, o Mark e o Peter almoçámos juntos. Eu queria perguntar uma coisa ao Peter, mas o Mark disse que devíamos ir com calma, por isso esperei até ele cortar o bolo de Natal e nos servir um copo de vinho do Porto.

— Peter, sabes, quando recebemos os resultados de ADN, havia um registo da tua filha, mas nunca falaste dela.

— Não tenho nenhuma filha — disse ele. Abri o computador e mostrei-lhe o *website* que dizia claramente:

PG (as iniciais dele)

Amanda Heron

Pai/filha 50% de ADN partilhado

Cliquei no nome da Amanda Heron. A sua data de nascimento era de 1996.

— Tens indiscutivelmente uma filha de 23 anos. Pensei que tinhas dito que não tinhas nenhuma relação nem namoradas.

Ele bebeu o vinho do Porto de um trago, voltou a encher o copo e o silêncio cresceu.

— Peter? — disse o Mark. — O que se passa? Sabias dela?

— Nunca soube o nome dela — disse ele. — Tive alguns... casos fortuitos, e uma dessas mulheres veio dizer-me que estava grávida, mas não acreditei nela e pensei que, mesmo que estivesse, qualquer um podia ser o pai.

Enquanto falava, olhava para o chão, envergonhado, penso eu. Fiquei perturbada. Ele não era assexual como eu. A Tina tinha-me dito que não era o tipo de coisa que pudesse perguntar ao Peter. A vida sexual das pessoas era privada, insistiu ela.

— Os meus... encontros ocorriam sob o efeito do álcool. Nunca consegui falar com mulheres quando estava sóbrio — disse o Peter.

— Bem, parece-me que tens mais família do que pensavas — disse o Mark. — Mas um passo de cada vez. Tudo isto deve ser avassalador para ti.

O Peter assentiu com a cabeça e, quando a levantou, os olhos estavam rasos de lágrimas. Era outra diferença entre nós. Ele chorava. Eu não.

— Acho que ela está melhor sem mim. Não sou bom a lidar com pessoas, especialmente estranhos.

— Mas talvez ela gostasse de te conhecer — insistiu o Mark.

— Eu não seria um bom pai, é demasiado tarde para mim. Nem me lembro de quem era a mãe dela.

Não estava interessado na filha. O Mark queria mais respostas do que eu, mas eu disse-lhe para esquecer o assunto.

Nas semanas seguintes, reparei que o Peter era tão antissocial como eu antigamente. Eu compreendia-o. Parecia tão só no mundo, mas nunca foi agressivo nem ameaçador de forma alguma.

Pedi-lhe para vir falar com a Tina comigo, mas ele não quis. Se eu tivesse visitas, dava sempre uma desculpa para se retirar para o quarto e recusava convites indiretos dos meus amigos. Dissemos a toda a gente que ele era primo do Mark, meu primo em segundo grau, e que tinha vindo da Austrália em visita, o que era quase verdade. Não queríamos mencionar a Nova Zelândia, porque demasiados amigos meus sabiam da estranha correspondência que eu andara a receber da Nova Zelândia. Mas não enganámos toda a gente. A Angela perguntou-me se se passava alguma coisa connosco.

— Com quem?

— Contigo e com aquele tipo da Austrália? É teu namorado?

— Não. Sabes bem que não tenho namorados.

A ideia horrorizava-me, mas tinha jurado guardar segredo acerca do facto de ele ser meu irmão.

— Não é habitual convidares um estranho para dentro da tua casa.

A Sue dissera o mesmo. E era mesmo estranho, embora eu e o Peter gostássemos um do outro. Ele levantava-se de madrugada e ia andar durante horas, mas acabava por aparecer para jantar. Mantivemos a nossa escala da casa de banho. E não entrávamos no quarto um do outro em circunstância nenhuma. Ele só tomava duche de dois em dois dias, embora o meu chuveiro fosse lindo. Eu não compreendia aquilo. Deixou de se barbear pouco depois de chegar e tinha um aspeto geral pouco cuidado. A conversa era muitas vezes artificialmente formal. Ele não parecia gostar que eu tocasse piano. Assim que eu começava, ouvia a porta da frente bater com força. Era má educação. Mas era a minha casa e se eu quisesse tocar piano, tocava.

Mas continuámos a falar. Porque é que o meu pai biológico tinha escolhido ficar com o Peter e abandonar-me? O Peter descrevia um pai amoroso, benevolente e indulgente, inteligente e trabalhador, contudo, ambos sabíamos o que ele fizera à minha mãe e como manipulara o Peter.

O que mais lhe custou saber foi que a minha mãe não mencionara

a sua existência. Demos-lhe as gravações, menos aquela em que ela disse: «Não importa. Eu não o queria.» Ele leu tudo e ouviu todas as gravações.

— Ela era avariada da cabeça — disse ele.

— Sim, graças ao teu amoroso pai — cortou o Mark, cada vez mais irritado com a forma como o Peter defendia o Conor Geary. — E quanto a outras «relações»? — perguntou o Mark.

— Como assim?

— Quer dizer, viveste com ele lá durante cinco anos. Ele teve acesso a outras crianças? Não temias que pudesse raptar outra menina?

— Só percebi o que tinha acontecido com a minha mãe pouco antes de ele morrer. Discutimos por causa disso. Mas o pai só atendia pacientes adultos. Na Nova Zelândia os cuidados dentários das crianças são subsidiados pelo governo, mas os adultos são mais lucrativos, e até o rececionista que o pai contratou para o consultório era homem, o que era inusitado. Nunca procurou outra criança. Tenho a certeza disso.

— Acho estranho que um pedófilo que tinha sido tão ativo simplesmente parasse e mudasse o seu comportamento, ainda mais tendo-se safado. Talvez tenha encontrado uma maneira de o esconder de ti.

O Peter desviou o olhar.

— Olha, eu sei que não gostas que o defenda. Acho que ele nunca foi atrás de mais nenhuma criança. Mas era um misógino. Referia-se sempre às mulheres como estúpidas ou feias ou teimosas. Não gostava delas, isso era inequívoco.

— Sabes — disse eu com cuidado —, acho que o Conor Geary pode ter sido traumatizado pela mãe quando era novo.

— Sim? — disse o Peter. — Perguntei-lhe sobre os pais uma vez ou duas. Eu tinha curiosidade acerca dos meus avós. Ele ficou calado e mudou de assunto.

— Porque pensas isso? Sobre a mãe? — perguntou-me o Mark.

— Foi uma coisa que a irmã dele disse.

— Irmã? — disse o Peter. — Quer dizer que também tenho uma tia?

— Tens, desculpa, devia ter falado nisso antes. Ela morreu há alguns meses. Só estive com ela uma vez, com a tia Christine, depois de eu aparecer nos jornais. Ela entrou em contacto comigo. Não sei porquê. Estava abalada. Suspeito que o Conor Geary também lhe arruinou a vida.

— O que é que ela disse sobre a mãe deles?

— Ela disse-o de forma irrefletida, mas tenho pensado muito nisso. Ela disse que o pai deles morreu quando eles eram pequenos e que a

mãe esperava que o Conor preenchesse o lugar do pai em todos os sentidos. Ela disse que era perverso. Foi a maneira como o disse.

— Céus — disse o Mark.

O Peter ficou em silêncio por instantes.

— Ela era... normal?

— A Margaret? Acho que sim. Mas acho que se encontrou comigo por sentido de dever.

— Não sentes nada... quanto à morte dela? Nunca tinhas falado disso — disse o Mark.

— Porque haveria de o fazer? Estive com a mulher uma vez. Pareceu-me simpática. Não é extraordinário como dois irmãos podem ser tão diferentes?

O Peter olhou para mim.

— Nós somos diferentes.

— Não somos assim tão diferentes. Há dois anos, eu costumava fingir que era surda para evitar falar com as pessoas.

Ele sorriu.

— Boa ideia.

Noutra noite, o Peter falou-nos sobre as duas noites que passara no quarto com a Denise. O Mark quis saber todos os detalhes, mas o Peter só tinha 7 anos nessa altura, calculava ele. A memória desse episódio era vaga. A única coisa de que se lembrava era que ela era aterradora e estava muito grávida. O Mark pressionou-o, querendo mais pormenores, mas as únicas outras coisas de que o Peter se lembrava era que parecia que não tinha dentes à frente e que estava com dores. Pareceu-lhe velha, na altura. Quando a Internet apareceu e ele pôde começar a investigar, ficou chocado por saber que a nossa mãe só tinha 19 anos nessa altura.

Contactei a polícia e pedi-lhes que me devolvessem o *Toby*, o meu urso de peluche. Eles concordaram, dizendo que já não tinha utilidade probatória. Agora que eu sabia que tinha sido o Peter a enviar-mo, gostaria de o ter de volta.

À medida que chegávamos a meados de janeiro 2020, o Peter tornou-se taciturno e silencioso. Praticamente deixou de falar. Quando lhe pedi que explicasse o que se passava, disse qualquer coisa sobre perder o verão no hemisfério sul. Perguntei-lhe se tencionava ficar na Irlanda, se ia procurar emprego compatível com a sua experiência e qualificações. Admitiu relutantemente que não sabia o que fazer. Ofereci-me para o ensinar a tocar piano, mas nessa altura gritou-me:

— Não podes resolver todos os problemas a tocar a porra do piano, Mary.

Fui apanhada de surpresa. Ele bateu com a porta ao ir-se embora, deixando-me incomodada e a gritar:

— O meu nome é Sally!

Não quis contar ao Mark, porque acho que ele não confiava totalmente no Peter. Quando o Peter voltou mais tarde, foi diretamente para o quarto. Na manhã seguinte, murmurou uma desculpa. Pensei em todos os mecanismos de superação que a Tina me ensinara. Disse-lhe calmamente que eu tinha de ser respeitada na minha própria casa, que também estava a lidar com problemas de raiva e que se ele não tentasse fazer terapia, teria de sair da minha casa.

Durante semanas, tivemos cuidado um com o outro. Ele estava sempre a prometer ir a um terapeuta, mas quando o pressionava a dar-me pormenores, ele ficava em silêncio. Por muito que gostasse dele, ele enfurecia-me. A Tina disse que era normal entre irmãos.

Finalmente percebi o que tinha de fazer com o dinheiro que tinha na minha conta bancária da venda da casa do Conor Geary. Também era herança do Peter, embora a Margaret não soubesse. Ele tinha direito a cinquenta por cento dela. Quando, um dia, ele me pediu um empréstimo, contei-lhe tudo.

— Podes começar de novo, Peter, aqui na Irlanda, onde é o teu lugar — disse eu enquanto começava a explicar de onde o dinheiro viera. — Podes comprar uma casa confortável aqui na aldeia, e há que chegue para abrires o teu próprio negócio. Nem sequer tens de trabalhar, se não quiseres.

— Não compreendo — disse ele.

— É a tua herança da venda da casa do teu pai.

— Como assim?

— A Margaret deixou-me aquela casa em testamento.

— Vendeste a casa? — perguntou ele, levantando a voz.

— Sim, mas estou a dar-te a tua metade dos proventos da venda.

— Se eu tivesse sabido... teria ficado com aquela casa. É o único lugar onde me senti em casa. Vivi lá com o meu pai, feliz, até tu chegares.

A Tina teria dito que a raiva dele era irracional. Eu não sabia que ele existia quando vendi a casa.

— Mas a tua mãe estava acorrentada a uma parede, tu nunca a vias. Nunca me vias a mim. — Ele não respondeu.

Estava ainda menos comunicativo comigo do que antes, mas foi pragmático com o dinheiro, afinal, ele trabalhava na banca, por isso sabia o que estava a fazer. Sugeriu que eu transferisse o dinheiro para criptomonedas, já que ainda não tinha maneira de abrir uma conta num banco irlandês. Garanti-lhe que lhe podia dar o dinheiro que ele quisesse até ele regularizar a sua cidadania e identidade, mas ele tinha medo da publicidade que inevitavelmente se seguiria se a imprensa

soubesse que o infame Conor Geary tinha um filho a viver na Irlanda. Eu percebia o que ele queria dizer. Seria impossível manter em segredo uma história daquela dimensão.

Eu não sabia nada sobre *bitcoins*, mas o Peter já tinha uma conta. A única coisa que eu tinha de fazer era ir ao meu banco e dar-lhes instruções para fazer a transferência. O banco fez um alarido e a gerente foi chamada para falar comigo e tentar persuadir-me de que a transação não era ortodoxa. Lembrei-a de que não era ilegal e que o dinheiro era meu.

No dia seguinte a todo aquele dinheiro ser transferido, o Peter disse que queria viajar pela Irlanda durante uns tempos. Achei que era boa ideia. Tínhamos passado quase dez semanas engaiolados juntos e, por muito que gostasse de conhecer melhor o meu irmão, a sua resistência a qualquer mudança ou progresso deixava-me frustrada. Tenho a certeza de que eu era assim antes da terapia, mas fazia um esforço com as pessoas quando a Angela mo pedia. Ele não fazia esforço nenhum.

Estranhamente, não se despediu. Já tinha ido embora quando acordei na manhã seguinte. Na noite antes de partir, eu estava a tocar piano quando ele regressou de uma das suas caminhadas. Disse:

— O pai costumava tocar piano, sabes? Quando vivíamos aqui, na Irlanda. Tocava bem, como tu. Desculpa, mas não suporto o som do piano.

Fechei a tampa com força.

Ele deixou o quarto impecável, embora eu achasse estranho ele ter levado tudo o que lhe pertencia. Também levava o *Toby*. Fiquei aborrecida com isso.

O Mark achou que o seu desaparecimento súbito sem se despedir era alarmante. Eu não lhe contara do dinheiro. Como de costume, defendi o Peter.

— Ele foi viajar. Tu viste como ele estava abalado com tudo o que aconteceu. Talvez ande à procura de um lugar para viver. O visto expira no fim do mês. Ele vai à polícia em breve. Acho que decidi ficar na Irlanda. Espero que sim.

Revia-me tanto nele. Eu sentia muito afeto por ele. Talvez amasse o meu irmão mais velho.

Telefonei ao Peter algumas vezes, mas ele nunca atendeu o telemóvel. O Mark ficou ainda mais preocupado.

Uma semana mais tarde, recebi uma mensagem do Peter.

Mary, pensei muito. Não me encaixo aqui e não me sinto como teu irmão nem como sobrinho do Mark, por muito que tenha tentado. Estou no aeroporto de Dublin. Vou regressar à Nova Zelândia. É melhor para toda a gente se não mantivermos o contacto. Não te quero magoar e estou grato pelo dinheiro. Vou usá-lo bem. Tudo de bom para ti e para o Mark. Vocês

fizeram o vosso melhor. Eu não estou bem da cabeça e nenhuma terapia me irá consertar. Estou melhor sozinho.

Arranquei tufos de cabelo da cabeça e gritei até que a Martha veio a correr do outro lado da rua.

Peter, 2020

Quando o Mark disse «chalé de aldeia», imaginei um sítio pequeno com telhado de colmo, com um só quarto, como os que se veem nos pósteres de turismo na Nova Zelândia, e embora tivesse um telhado de xisto e uma frente bastante pequena, tudo era novo, moderno e limpo lá dentro. Tinha um ribeiro a correr por baixo de tijolos de vidro a todo o comprimento da casa. Nunca tinha visto nada assim. A Mary não era absolutamente nada como eu esperava. Ela olhou-me fixamente na cara até que desviei o olhar. Não sabíamos o que dizer um ao outro e depois ela apertou-me a mão e foi para outra divisão tocar piano. Trouxe-me recordações do pai de quando eu era pequeno, trancado naquele quarto, a ouvir a música que ele tocava. O Mark disse-me que era o choque, que ela ficaria bem dentro de alguns minutos. Ele parecia sentir-se bem lá. Mostrou-me o apartamento dele a caminho da aldeia, mas o Mark e a Mary pareciam próximos, como a família deveria ser, supponho eu.

Comemos sanduíches e bebemos chá e, mais tarde, vinho e uma refeição quente com massa. Eu não estava habituado a falar tanto, mas eles tinham perguntas sem fim, sobre a Denise e sobre como era a Mary quando era pequena. Ela estava sempre a corrigir-me: «O meu nome é Sally.» Ao início, não conseguia evitar enganar-me no nome, mas depois lá consegui acertar. Fiquei aliviado quando eles finalmente disseram que o táxi estava a caminho para me levar para o hotel na cidade mais próxima. Estava exausto de tanto falar e do esforço de tentar ocultar tanta informação. Tive de ter muito cuidado com o que dizia e o que não dizia.

De volta ao hotel, dormi intermitentemente. Na pensão em Dublin não sonhava e pensei que era um sinal de que estava finalmente no sítio certo para mim, mas depois de passar a noite com o Mark e a Sally, eles vieram todos para me assombrar outra vez: a Lindy, o Rangi e o pai.

A Sally veio buscar-me no dia seguinte e fomos a um café na aldeia dela. Desta vez, fiz-lhe a pergunta que me andava a incomodar.

Porque é que ela se não lembrava de mim? A nossa mãe não lhe tinha falado de mim? Ela explicou qualquer coisa sobre o pai psiquiatra a medicar. Não tinha recordações da nossa mãe. Fiquei aliviado e com inveja. Aliviado por ela não saber o que eu fizera à nossa mãe, mas com inveja de ela ter conseguido esquecer tudo. Havia tantas coisas que eu queria esquecer. Ela fez perguntas sobre o nosso pai, e vi que ficou incomodada por ele nos ter tratado de maneira tão diferente. «Ele odiava as mulheres» era a única explicação que eu lhe podia dar. Parecia inadequada, mas era a única coisa que eu podia dizer.

Durante a semana seguinte, passámos muito tempo juntos e com o nosso tio Mark. Gostei dela. Às vezes, dizia coisas muito estranhas. Queria que eu fosse a um terapeuta, mas eu tinha medo que alguém conseguisse perceber o que se passava dentro da minha cabeça. A Sally era a única mulher com quem eu falava como deve ser desde a Lindy e, quando ela me convidou para ficar em sua casa, fiquei aliviado. Percebi que ela gostava de mim. Parecia ter muito dinheiro, mas não era da minha conta perguntar-lhe de onde viera. Queria que eu conhecesse os seus amigos todos, mas que fingisse ser primo dela. Eu não podia fazer isso. Já fazia tantos malabarismos com tantas mentiras que não conseguia suportar mais nenhuma.

Embora gostasse dela, não podia deixar de sentir inveja. Ela crescera com uma mãe e um pai, andara na escola, praticara desporto, todas as coisas que me tinham sido negadas. E, por sua própria vontade, tinha desperdiçado todas aquelas oportunidades e escolhido viver de forma solitária até há poucos anos. Agora tinha amigos e um emprego como pianista. Eu não tinha ninguém na minha vida senão ela e nunca poderia ser completamente sincero com ela.

O vínculo pelo qual eu ansiava não estava na Irlanda. Nem a Sally nem o meu tio Mark me podiam dar a sensação que eu almejava. A Sally estava muito contente por me ter lá, o Mark menos, mas eu não conseguia relaxar. A tensão na minha cabeça nunca se dissipava, nem por um momento. Eu precisava da Lindy ou de alguém como ela.

Contactava o trabalho regularmente no computador e dizia que estava a tratar dos meus problemas de saúde. Conheciam-me o suficiente para não meterem o nariz. Surgiram vários problemas que eu consegui resolver remotamente, muitas vezes a meio da noite. Precisava de conservar o emprego até decidir o que fazer a seguir. Não podia ficar indefinidamente com a Sally, mas poderia ficar na Irlanda? Deveria regressar a casa, na Nova Zelândia? Onde era a minha casa?

Durante o almoço de Natal, a Sally mencionou a Amanda Heron. Não me tinha ocorrido que ela aparecesse no *website* de genealogia. Inicialmente, neguei saber da sua existência, mas o Mark ficou tão desconfiado que eu menti e disse que tinha tido uns casos de curta

duração. Mostraram-me o *website*. Lá estava ela, a bebé que eu entregara, «50% de ADN partilhado». Eu disse-lhes que não queria saber. As minhas iniciais que estavam ligadas a ela eram PG. Pelo menos aquilo era um alívio. Se alguém fosse procurar, as minhas iniciais na Nova Zelândia eram SA. O Mark e a Sally não tinham dado mais nenhuma informação, nem sequer as suas datas de nascimento.

Mas eu tinha subestimado aqueles *podcasters* amadores. No dia 12 de janeiro, chegou um *e-mail* à minha caixa de correio.

Caro Sr. Armstrong,

Peço desculpa por voltar a incomodá-lo. Depois de um processo de eliminação, acreditamos que você é o filho do Conor Geary, também conhecido como James Armstrong.

Veio recentemente a lume informação que nos fez focar mais particularmente no seu pai. Não foi possível encontrar uma certidão de nascimento dele neste país, nem há qualquer registo de um James Armstrong a estudar medicina dentária na Irlanda nos anos em que ele poderia ter terminado o curso. Acreditamos que o certificado que ele tinha era falso.

Soubemos de um polícia reformado, que conheceu o James Armstrong quando este acompanhou uma mulher à esquadra para participar o desaparecimento do seu sobrinho adolescente, Rangi Parata, que morreu afogado num lago a poucos quilómetros da sua casa em Rotorua. Penso que o Sr. Armstrong vivia na casa ao lado do Rangi Parata, correto? As circunstâncias da sua morte não pareciam suspeitas na altura, mas à luz dos acontecimentos recentes, pensamos que o seu pai pode estar ligado não só ao rapto de uma rapariga na Irlanda, mas também ao afogamento do Rangi Parata, e potencialmente ao desaparecimento da Linda Weston.

Há mais uma coisa. Como sabe, esta história em *podcast* era originalmente sobre o desaparecimento da Linda Weston em 1983 e a busca da Amanda Heron para descobrir o que acontecera à mãe. Só nas últimas semanas é que o pai da Amanda apareceu no *website* de genealogia. Sobre ele, só sabemos as iniciais — PG — e o facto de que o seu ADN mostra que é 98% de ascendência irlandesa.

Sabemos que o James Armstrong não podia ser o pai da Amanda, porque morreu sete anos antes de ela nascer. Mas ele vivia nos arredores de Rotorua na altura em que a Linda desapareceu. Vivia na casa ao lado do Rangi Parata. Viveu, tanto quanto sabemos, na Irlanda durante um certo período de tempo, e também exerceu como dentista durante cinco anos em Rotorua. O homem procurado na Irlanda era dentista com

consultório aberto e pai de uma criança, Mary Norton, filha da rapariga que ele lá raptou.

Sei que isto é muito para digerir e peço desculpa por lhe dar informações potencialmente tão perturbadoras.

Será possível que também o Sr. Armstrong tenha sido raptado? Gostaríamos de obter o máximo de informação possível sobre o seu pai. Tudo isto pode ser um mal-entendido, mas que gostaríamos de clarificar, com a sua ajuda.

Sei que se encontra de licença do Aotearoa National Bank e, compreensivelmente, não conseguimos informação quanto ao sítio onde se encontra nem sequer um número de telemóvel. Se tiver acesso ao seu *e-mail*, por favor contacte-nos logo que possa. Todos os meus contactos estão no início deste *e-mail*.

Ngā Mihi,
Kate Ngata

Fiquei a olhar para o monitor, lendo e relendo o *e-mail*. Os amadores estavam muito mais perto da verdade do que a polícia. A Kate Ngata não falara em ir à polícia com aquelas novas informações, mas seria certamente apenas uma questão de tempo até o fazer.

Um olhar superficial pelo *website* da Hoani Mata Productions mostrava que era gerido por uma só mulher. Mas a Kate era claramente inteligente. Tinha encontrado um polícia reformado de Rotorua e sabia que eu vivia na casa ao lado do Rangī.

Senti um aperto na garganta. Estava encurralado. Tinha de decidir o que fazer. Interroguei-me sobre o que a Sally faria se lhe dissesse que o pai raptou a Lindy. Podia mentir e dizer que ela fugiu, que nunca cheguei a saber o que lhe aconteceu. Talvez a Sally acreditasse. Ela parecia aceitar as coisas como factos, mas o Mark estava sempre desconfiado de mim. Era óbvio que não confiava em mim e nunca acreditou que o pai tivesse deixado de ser um «pedófilo ativo» no dia em que saiu da Irlanda. Eles iriam forçar-me a ir à polícia. Eu não podia deixar que tal acontecesse.

Uma semana mais tarde, respondi ao *e-mail* da Kate. Tinha de a despistar e ganhar tempo.

Cara Kate,

Obrigado pelo seu *e-mail*. Estou atualmente fora de Wellington, a tratar de um assunto de saúde pessoal.

Estou chocado com a informação que me apresenta. Mas lamento dizer-lhe que está atrás da pessoa errada. O meu pai não esteve de todo associado à morte ou ao desaparecimento de nenhuma dessas crianças. Nunca teve outro nome que não

James Armstrong e tenho uma cópia da sua certidão de nascimento em casa. Eu era muito novo quando vivi na Irlanda e tenho boas recordações da minha mãe. Eles eram casados e muito felizes. Vivíamos em Donegal, no noroeste da Irlanda. Eu era filho único. Na realidade, a minha mãe morreu no parto juntamente com o meu irmão, seis anos depois de eu ter nascido.

Quando fomos para a Nova Zelândia, após a morte da minha mãe, comprámos, de facto, uma casa ao lado da do Rangī Parata. Lembro-me de quando ele desapareceu. Posso confirmar que o meu pai levou e trouxe a tia à esquadra. Tanto quanto sabíamos, o Rangī afogou-se porque estava bêbedo. Não encontraram latas de cerveja vazias lá perto? Eu não o conhecia bem.

Quanto à Linda Weston, lembro-me de acompanhar a história dela nas notícias durante muito tempo. Mas ela desapareceu do Lago Rotorua por volta do Natal no ano em que o meu pai estávamos de férias em Wanaka, na Ilha do Sul. Não me lembro do nome do motel em que ficámos hospedados, mas tenho a certeza de que isso também pode ser verificado. Qualquer um dos antigos pacientes do meu pai deve lembrar-se de que ele tirava duas semanas todos os anos no Natal, altura em que viajávamos juntos pelo país.

Terei todo o prazer em me encontrar consigo quando o meu calvário médico tiver terminado, embora ainda possa demorar mais um mês ou dois. Lamento que a sua investigação a tenha levado pelo caminho errado e desejo-lhe sucesso na sua demanda.

Cumprimentos,
Ngā mihi,
Steven Armstrong

Mais uma vez, era a minha liberdade que estava em causa. Todos os factos que apresentei eram vagos quanto aos detalhes, difíceis, se não impossíveis, de verificar, já que ninguém tinha registos de 1983, e se os tivessem, certamente não estavam digitalizados.

Fiz o meu «calvário médico» parecer uma batalha contra o cancro para que ela não ficasse tentada a assediá-me mais, nomeadamente tendo eu sido tão firme quanto a ela estar enganada. Estava suficientemente alerta para bloquear o meu endereço IP para que ninguém soubesse que eu estava na Irlanda.

Ainda assim, ela era persistente. Eu não sabia se ela acreditaria em tudo o que eu tinha dito. Podia pedir para ver a certidão de nascimento do meu pai. Mas eu sabia pelo meu emprego que se podia

obter quase tudo na *dark web*, incluindo uma certidão de nascimento falsa. Ela não parecia desconfiada de mim, mas seria um engodo? Estaria a fingir preocupação pela possibilidade de eu também sido raptado? Suspeitaria ela que eu era irlandês e pai da Amanda? Se interagisse com ela, de certeza que me pediria um teste de ADN, e isso seria mais difícil de evitar. Pensei em ir à *dark web* para arranjar um novo passaporte, com um nome diferente e uma nacionalidade diferente. Descarreguei o motor de busca TOR e passei o resto do dia a consultar *sites*, chocado com o que havia à venda. Alguns utilizadores avisavam que o FBI estava por todo o lado na *dark web*, mas que se focava em drogas, armas e tráfico de seres humanos.

Parti do princípio de que receberia da Kate uma resposta a pedir desculpa no dia seguinte, depois de a Nova Zelândia acordar. E recebi uma resposta, mas não pedia desculpa, como eu esperava, e chegou quase cinco semanas mais tarde, semanas essas em que mal dormi e perdi o apetite.

Caro Sr. Armstrong,

Lamento saber que está com problemas de saúde e desejo-lhe uma recuperação rápida. Espero que não se importe, mas tenho apenas umas perguntas muito simples a fazer-lhe.

Onde e quando nasceu na Nova Zelândia? Sabe o nome do hospital?

Esta informação seria mesmo muito útil para a minha pesquisa.

Ngā mihi,
Kate

Ela não falou em nenhuma das minhas certezas. Talvez continuasse a pensar que eu tinha sido raptado, mas o tom seco do *e-mail* indicava o contrário. Não respondi.

Fui à *dark web* e pesquisei sobre como obter uma nova identidade. Era mais caro do que eu pensava. Cento e setenta mil dólares neozelandeses ou cem mil euros. Eu conseguiria pagar, se a Sally me emprestasse algum dinheiro, mas ficaria completamente liso. Não podia vender a casa de Wellington estando na Irlanda, pois atrairia atenções. E como explicaria à Sally porque precisava do dinheiro?

Durante todo este tempo, a Sally andava na sua vida. O Mark vinha jantar duas vezes por semana. Ela queria muito que eu conhecesse os seus amigos, especialmente a Christine, irmã da sua mãe adotiva. Eu fechava-me de cada vez que ela abordava o assunto.

O Mark continuava a fazer perguntas inconvenientes. Insistia recorrentemente que fôssemos todos à polícia e que eu devia revelar

tudo, pelo menos tudo o que ele sabia. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que ele próprio alertasse as autoridades.

No dia depois de receber o *e-mail* da Kate a pedir-me pormenores sobre o meu nascimento, pedi à Sally se me podia emprestar algum dinheiro. Nem precisei de dizer quanto, porque ela começou a falar sobre a casa do pai em Dublin, que a herdara e vendera. Disse-me que eu tinha direito a metade dos proventos. Irritou-me que ela tivesse aquele dinheiro todo há tanto tempo e que não tivesse dito nada. Fiquei surpreendido por saber que a minha parte da casa valia mais de um milhão de euros. Mais do que suficiente para começar de novo em qualquer sítio e comprar a minha nova identidade.

Certifiquei-me de que receberia o dinheiro em criptomoedas. Assim que foi transferido, saí de Carricksheedy, dizendo-lhe que ia viajar durante uma semana ou duas. Saí antes de ela se levantar naquela manhã para evitar o que eu sabia ser uma despedida final. Alojei-me num bom hotel em Dublin. O meu novo passaporte, juntamente com a minha carta de condução da Califórnia e um número de Segurança Social, foi entregue por correio expresso no espaço de quatro dias. Desta vez, eu era americano e o meu nome era Dane Truskowski. Voei para Londres sem incidentes. Em Heathrow, olhei para os destinos no quadro dos voos e despachei a minha encomenda. Escrevi uma mensagem de despedida à Sally. Para onde poderia eu ir a partir dali? Para qualquer lado.

Sally

Eu não podia dizer à Martha o que acontecera. Ela tirou-me as mãos do cabelo, perguntou se eu estava magoada e eu disse que não. Admiti ter sofrido um choque. Ela fez-me uma chávena de chá e tentou pôr-me o braço à volta dos ombros. Fui para o piano e tentei tocar um pouco de Einaudi, mas os dedos recusaram-se a cooperar.

— Eu amava-o — foi só o que consegui dizer.

— Quem?

— O Peter.

Agarrei na caneca com mãos trémulas.

— O tipo estranho que tem estado aqui na tua casa?

— Ele não é estranho. Tu não...

— Era teu namorado? Não o vejo há uns tempos.

— Não! — gritei-lhe. — Não era meu namorado. E não é estranho.

— Sally, acalma-te.

— Porque achas que é estranho? Porque é que tens de julgar toda a gente segundo a tua própria vida presunçosa e perfeita? Tu pensavas que eu era estranha antes de me conheceres. Tu nem conheces o Peter. Como te atreves, Martha?

— Vida presunçosa e perfeita? Estás bem longe da verdade. E aquele tipo? Apesar de mo teres apresentado a mim e a várias outras pessoas, ele nunca nos cumprimenta na rua. Nem sequer responde quando dizemos olá. Ninguém acredita que é primo do Mark. Quem é ele, Sally?

Quando me recusei a dizer-lhe ou a explicar porque gritara, ela disse que não me podia ajudar.

— Se é teu namorado e te deixou, então, boa viagem. Não serve para ti. Tu não tinhas segredos antes de ele chegar. Espero que nunca mais volte.

— Vai-te embora, Martha. Não te pedi que viesses! — berrei-lhe.

Ela parou quando se encaminhava para a porta.

— Sabes, fiz tudo para te aceitar, Sally. Recebi-te na minha casa e deixei-te entrar na vida dos meus filhos. Mas a tua infância trágica e a

tua educação estranha não te dão carta branca para seres uma cabra! — atirou ela, batendo com a porta ao sair.

Não quis ver o Mark. Eu sabia que ele ia ficar zangado. Decidi ir visitar a tia Christine em Dublin e contar-lhe tudo. Ainda não conseguia conduzir na confusão da cidade nem nas autoestradas. Apanhei o comboio da noite para Dublin sozinha e a tia Christine foi-me buscar à estação. A viagem decorreu no limite do suportável. Havia desconhecidos sentados ao meu lado e à minha frente, mas eu olhava pela janela para os campos verdes e fingi ser surda.

Comecei por contar à tia Christine a história do Peter quando ainda estávamos no carro, mas ela pareceu afetada pela notícia e pediu-me para esperar até chegarmos a casa. Quando nos instalámos com um bule de chá, comecei a contar-lhe quem o Peter era.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Acho que a Jean sabia.

— Como assim?

— Ela suspeitava que havia outra criança. Sempre disse que não fazia sentido que a Denise não te largasse se tivessem tido quartos separados na casa de Killiney. Ela dizia que a Denise insistia que sempre tinha dormido contigo, mas sabíamos que existia aquele quarto ao lado.

— O quê? Mas porque é essa informação não estava em nenhum registo do pai?

— Ele não acreditava. A Denise recusava-se a responder a quaisquer perguntas sobre ter tido outro filho. O Tom dizia que se ela tivesse tido um filho, também gritaria por ele.

— Gritar?

— Olha, Sally, eu nunca abri a boca todos estes anos, mas o teu pai às vezes era um tirano. E misógino também. As opiniões da Jean nunca eram tão válidas como as dele. Tenho de te dizer uma coisa. Tenho tentado dizer-te a verdade tanto quanto posso, mas já não vejo necessidade de esconder informação de ti. Não te digo nada disto para te magoar, mas tens de saber a verdade.

— Que verdade?

— A verdade sobre a Jean e o Tom, a tua mãe e o teu pai.

— Continua.

— A Jean era muito mais inteligente do que o teu pai. Opunha-se veementemente à maneira como ele te tratava. Ela dizia que ele nunca te tinha visto como uma filha, mas como paciente. Ele fazia experiências contigo, experimentando tratamentos e medicações diferentes, avaliando tudo. Quando acabaste a escola, a Jean estava determinada a mandar-te para a universidade. Eras inteligente e podias ter estudado qualquer coisa, incluindo música, obviamente, mas achava que também serias boa em engenharia. Tens uma mente

muito matemática. Tu não querias fazer nada.

— Eu lembro-me.

— Mas foi tão mau para ti, o Tom a insistir na mudança para uma aldeia ainda mais remota, ficando ainda mais isolados. A Jean queria muito que conhecesses outras pessoas. Independentemente da tua resistência, tens de compreender agora que teria sido o melhor para ti.

— Talvez.

— O Tom discordava. Ele queria que fizesses rigorosamente o que querias para ele te poder estudar. A Jean estava a ponto de o deixar quando teve um AVC.

— O quê?

— Ela sofria de tensão arterial alta, e o *stress* do conflito com o Tom e contigo por causa do teu futuro foi demais para ela. Ele não era... gentil com ela, Sally. Felizmente nunca viste esse lado dele. Ela planeava deixá-lo, mas não sabia se tu irias com ela. Já tinhas mais de 18 anos, eras legalmente adulta. Suponho que ela nunca falou sobre isso contigo.

— Não. Eu lembrar-me-ia disso. Mas no fim de semana antes de morrer, ela queria que eu fosse visitar-te com ela. Quer isso dizer...

— Ela sabia que tu não gostavas de mudanças e planeou fazer as coisas gradualmente...

— Mas depois teve o AVC?

— Sim.

— Porque me estás a dizer isto, tia Christine?

— Porque não quero morrer e levar segredos que te dizem mais respeito a ti do que a mim. A maneira como ele tratou a tua mãe biológica, bem...

— O que queres dizer com isso?

— Se o comportamento da Denise não correspondesse à sua própria interpretação, ele ignorava-o e chamava-lhe histérica. Havia uns soldados de brincar...

— Que soldados de brincar?

— Tudo o que pertencia à Denise e a ti foi levado para a unidade do hospital de St. Mary, para os vossos quartos. Não havia muita coisa. Não tinhas brinquedos senão uns soldados de brincar. A Denise disse que não eram teus. A Jean perguntou-lhe de quem eram, mas ela ficou em silêncio. Quando a Jean perguntou à polícia, disseram que os soldados tinham sido encontrados debaixo da cama no pequeno quarto branco.

— Porque não me contaste isso antes?

— De que servia dizer-te uma coisa que não fazia sentido? Nem sequer pensei nisso até aquele urso de peluche chegar. Foi o teu irmão que to mandou? Ele dormia no pequeno quarto branco, Sally?

— Dormia.

O Peter levava o *Toby* com ele quando se fora embora. Eu não conseguia imaginar para que é que ele queria o urso.

— Aquele homem malvado era mesmo estranho, separar mãe e filho, irmão e irmã, e, no entanto, tê-los a viver em quartos contíguos. Gostaste do teu irmão?

— Do Peter? Gostei, mesmo. Compreendia-o. Tinha mudanças de humor e estava calado boa parte do tempo, mas deve ter sido precisa muita coragem para se meter num avião e atravessar o mundo para vir dizer-me a verdade. Acho que foi muito corajoso. Estou muito aborrecida por ele se ter ido embora.

Senti um estremecimento no peito, como se todo o ar estivesse a ser sugado. Comecei a verter lágrimas pela primeira vez, que eu me lembrasse. A tia Christine abraçou-me e eu pus a cabeça no ombro dela, e pareceu que todas as mágoas que eu devia ter sentido ao longo das décadas começaram a derramar-se sobre a mesa da cozinha da tia Christine. Ela afagou-me a cabeça e fazia sons calmantes, como as mães fazem aos bebés.

Ela quis saber porque é que ele nunca fora à polícia, e eu expliquei-lhe a ansiedade dele, o seu isolamento social, o seu medo de desconhecidos, a lavagem ao cérebro feita durante anos pelo meu pai biológico. Ela quis saber se ele tinha tido sucesso na vida, pelo menos profissionalmente.

— Teve — disse eu. — Era diretor de cibersegurança de um banco. Acho que provavelmente vai voltar para esse emprego.

— Então, financeiramente está bem?

— Oh, sim, sem dúvida.

Contei à tia Christine da morte da Margaret, da herança e que a partilhara com o Peter antes de ele ir embora.

— Espera aí — disse ela. — Quanto tempo depois de lhe dares o dinheiro é que ele se foi embora?

— Imediatamente. Houve uma grande confusão por causa do dinheiro e eu tive de o transferir para ele em criptomoedas.

— Então, espera, ele veio, ficou dois meses, deste-lhe um milhão de euros e depois ele desapareceu?

— Ele não desapareceu, foi para casa. Disse que achava que não se conseguiria encaixar aqui.

Ela ficou calada por instantes.

— Sally, pediste conselho a alguém antes de lhe dares o dinheiro?

— Não. Sou adulta e o dinheiro é meu.

— Não achas que possa ter vindo por causa disso?

— De forma nenhuma. Ninguém sabia que eu tinha aquele dinheiro. Eu não disse a ninguém.

— Mas ele sabia que tu não trabalhavas, sabia que vivias numa casa linda e nova.

Comecei a ficar irritada. Porque é que ela achava que eu era idiota?

— Ele tinha direito àquele dinheiro, tia Christine. Desde que comecei a fazer terapia que me disseram para trabalhar as questões da confiança e dar às pessoas o benefício da dúvida. Agora estás a dizer-me que o pai era horrível e estás a insinuar que tudo o que o meu irmão queria de mim era dinheiro. O pai amava-me.

— Não acabaste de me dizer que o Peter disse o mesmo acerca do teu pai biológico?

— Estás a comparar o Tom Diamond com o Conor Geary?

Estava a sentir a raiva crescer dentro de mim. Levantei-me de um salto e fiquei de pé, olhando-a de cima para baixo.

— Claro que não. Eu...

— Não te atrevas a falar comigo sobre eles como se fossem da mesma laia. Eles não tinham nada que ver um com o outro...

Parei, horrorizada com a raiva que me estava a dominar outra vez. A tia Christine levantou-se atabalhoadamente da cadeira e recuou para trás dela, como se precisasse de se proteger de mim.

Respirei fundo.

— Eu... vou para a cama.

A tia Christine ficou em silêncio. Eu devia ter pedido desculpa, mas ainda estava indignada com as palavras dela. A minha mãe, a Jean, também era vítima de violência doméstica, física e emocional? Aquilo era tudo demasiado.

Ainda não eram dez da noite. O dia seguinte era sábado. Eu ia tocar em Farnley Manor.

A tia Christine ficou no quarto enquanto eu tomei o pequeno-almoço sozinha no sábado de manhã. Eu estava triste e sentei-me ao piano dela, mas não consegui levantar-lhe a tampa. Por fim, deixei a casa sem me despedir e fiz sinal a um táxi para me levar à estação.

No comboio, o telemóvel tocou. Era a Angela.

— Sally, aterrorizaste a Christine. Ela acabou de me ligar lavada em lágrimas.

Eu não disse nada.

— Estás a ouvir-me?

— Estou — disse eu.

— E aquele tipo que estava na tua casa é teu irmão? Quase não acredito no que ela me disse. Porque não vieste ter comigo? E porque não foste à polícia com ele?

— Não era da tua conta, e a tia Christine não te devia ter contado.

— Quem mais sabia disto? O Mark?

— Sim. Ele é da família. É um assunto privado que apenas a nós diz respeito.

— Devias dizer-me quando... Deste um milhão de euros àquele sujeito?

— E tu, Angela? E a verdade que nunca me contaste?

— De que estás a falar?

— É verdade que a mãe ia deixar o pai? Ele era violento com ela?

Ouvi o suspiro profundo do outro lado do telemóvel. Queria tanto que ela o negasse. Mas não disse nada. Desliguei. Toda a gente na carruagem estava a olhar para mim.

No táxi da estação para Farnley Manor, o rádio estava ligado e o condutor tentou meter conversa comigo sobre as notícias.

«Primeiro caso de coronavírus confirmado na República da Irlanda. O homem, da parte leste do país, chegou recentemente de Itália. Espera-se para breve uma declaração do ministro da Saúde.»

Cheguei ao trabalho em cima da hora. Nunca tinha precisado tanto do piano. O Lucas perguntou-me se eu estava bem. Talvez tivesse os olhos inchados e estivesse pouco comunicativa. Ele mandou um bule de café quente e bolo e insistiu que eu comesse qualquer coisa antes de começar, mas eu levei o tabuleiro para o piano e forcei-me a tocar. Comecei com o último andamento da *Sonata n.º 14 para Piano* de Beethoven, uma peça rápida e arrebatada, com os meus dedos a voarem para cima e para baixo no teclado num frenesim, tentando libertar a raiva pelas mãos. Era a primeira vez que tocava desde que soubera que o Conor Geary fora um pianista talentoso.

O Lucas interrompeu-me e pediu-me que tocasse o meu repertório habitual, música suave, relaxante. A raiva que eu tinha cá dentro apoderou-se de mim. Varri o tabuleiro para a carpete fofa e clara, e o café salpicou o sofá e os hóspedes mais próximos. Fui para o vestiário do pessoal e peguei no saco e no casaco. Chamei outro táxi para me levar para casa. Chegou misericordiosamente depressa porque, se o Lucas me tentasse repreender, eu sei que lhe teria batido.

Voltei a chorar no caminho para casa. Tentei os exercícios respiratórios, tentei pôr-me no lugar da tia Christine e no da Angela, mas o meu eu racional perguntava porque é que elas não se podiam pôr no meu. A raiva nunca era justificada?

Tirei um martelo da caixa de ferramentas e estava a desfazer o meu piano à martelada quando a campainha da porta tocou. Ignorei-a e bati ainda com mais força, mas depois ouvi bater mais alto na janela atrás de mim. Virei-me irritada para ver quem era. Era o Mark.

— O que se passa contigo? Devo ter-te deixado dez mensagens e mensagens de correio de voz. Aconteceu alguma coisa? A Martha disse...

— Mark, por favor, vai-te embora. Não quero falar com ninguém neste momento. Por favor.

Tentei manter a voz calma. Enquanto ele estava na entrada, um carro da polícia parou atrás dele. A inspetora Howard aproximou-se com um agente de uniforme. Estava a sorrir.

— Sally, acho que temos finalmente notícias para si relativamente ao Conor Geary. Podemos entrar?

Olhou para o Mark, esperando que ele se fosse embora.

— Sou o Mark Butler, Mark Norton, sou irmão da Denise Norton, tio da Sally. Gostava de ouvir o que tem para dizer.

A inspetora Howard olhou para mim.

— Eu... Não se importa, Sally?

Eu sentia-me esgotada de qualquer emoção e completamente exausta. Não tinha renovado a minha receita de *Valium* por ser tão viciante, mas precisava de qualquer coisa. Para o diabo com o que a Tina disse. Álcool.

Deixei-os todos entrar e servi-me um copo de *Jameson*. O Mark estava chocado por o piano estar em pedaços, mas eu disse-lhe que não estava preparada para falar sobre isso. Os polícias entreolharam-se.

Não ofereci nada a ninguém, mas o Mark ofereceu, como se a minha casa fosse dele, e pôs-se a fazer café.

A inspetora Howard começou a dizer-me o que eu já sabia. Só que eu sabia mais. Eles tinham razões para crer que o Conor Geary morrera em 1985. Tinha vivido na Nova Zelândia com um nome falso. Tinha um filho, chamado Steve Armstrong. O Mark interveio e corrigiu-a. Eu não disse nada enquanto o Mark lhe dizia tudo sobre o Peter e como ele tinha estado nesta casa. Aquilo fez a Howard mudar a agulha.

— Aqui? Quando?

— Desde, penso, meados de dezembro, até há pouco mais de uma semana, não foi, Sally?

— O quê? Como é que ele estabeleceu contacto?

Deixei o Mark falar. A Howard e o seu colega tiraram notas abundantes. Depois ela fez as inevitáveis perguntas sobre porque é que não tínhamos alertado as autoridades. O Mark disse-lhes que eu insistira na privacidade do Peter.

— E onde está ele agora?

— Foi viajar pela Irlanda. A Sally está em contacto com ele, não estás, Sally?

Olharam todos para mim, e lá vieram as lágrimas outra vez, caindo-me pela cara. O Mark veio para junto de mim e pôs-me a braço à volta dos ombros.

— O que foi? O que é que ele fez?

Com dedos trémulos, procurei a mensagem que recebera apenas dois dias antes.

Passei o telemóvel ao Mark e depois à inspetora Howard. O Mark não disse nada, mas deu o que acredito ter sido um suspiro de alívio.

A inspetora Howard pediu-nos para irmos à esquadra na segunda-feira de manhã.

— Ele não é criminoso. É uma vítima, tanto quanto eu e a Denise — gemi.

Puseram-se de pé para se irem embora.

— Ele alguma vez mencionou os nomes Linda Weston ou Rangi Parata?

— Não. A mim, não. Sally?

Abanei a cabeça.

Estavam já na porta quando a inspetora Howard se virou e disse:

— E alguma vez mencionou o nome Amanda Heron?

— Sim, é filha dele. Fizemos um teste de ADN antes de o conhecermos. Ele disse que nunca a conheceu. Foi o resultado de um caso fortuito — disse o Mark.

Peter, 2020

Tal pai, tal filho. Peter Geary e Steve Armstrong desapareceram. Acho que, afinal, aquela *podcaster* foi levada a sério pela polícia.

Aterrei em Chicago como Dane Truskowski. Tudo era tão mais fácil para mim do que tinha sido para o pai, graças à *dark web* e à minha herança. Estas máscaras são uma bênção. Andei de avião de cidade em cidade dentro dos Estados Unidos, mas acho que vou ficar aqui, em Nutt, Novo México. Deixei crescer a barba. Comprei uma casa. Fica numa estrada de terra batida que sai de uma estrada que não se imaginaria que existia. Há algum tempo que ninguém aqui vive, mas estou a arranjá-la.

Quando acabar de arranjar a casa, vou construir um barracão atrás dela. Há materiais de isolamento sonoro à venda na Amazon, bem como a maior parte das coisas necessárias, até correntes. Percebo agora que a única maneira de voltar a ter o vínculo de que preciso é raptar uma mulher e mantê-la presa até se submeter. Estou preparado para esperar. Não a vou forçar a amar-me. Ainda a não encontrei. Não vai ser uma criança. Não sou o meu pai.

Sally

O país está em confinamento. Apesar do limite de deslocações de dois quilómetros, eu e o Mark fomos chamados duas vezes à sede da polícia em Dublin.

O coronavírus abafou a maior parte das outras notícias, por isso pouco se tem dito sobre a descoberta de outro filho da Denise Norton e do Conor Geary, ou da morte do meu pai biológico na Nova Zelândia em 1985 e a sua ligação ao afogamento de um rapaz chamado Rangi Parata e ao rapto da Linda Weston. Ainda não é do conhecimento público que o Peter é pai da filha da Linda Weston, Amanda Heron, embora haja um mandado de busca internacional contra ele. As fronteiras da Nova Zelândia estão fechadas. O Peter nunca permitiu que lhe tirássemos fotografias, mas passámos horas no aeroporto de Dublin a ver imagens de videovigilância de 22 a 28 de fevereiro. Encontrámo-lo no Terminal 2, na zona das partidas, mas não conseguimos distinguir a porta por que passou. Desapareceu no meio da multidão. Ninguém com o nome de Steve, Stephen, Steven Armstrong nem Peter Geary passou pelo aeroporto naquele dia. Devia ter um passaporte diferente.

Uma *podcaster* chamada Kate Ngata contactou-me por *e-mail*. Ela e a minha sobrinha, Amanda, estão a fazer uma série em *podcast* e estão a insistir comigo para que participe. Parece que a Sue, a minha ex-melhor amiga, conversou com ela via Zoom, e falou-lhe de quão suspeito foi o comportamento do Peter quando estive na aldeia. Não quero conhecer a Amanda Heron. O meu tio e o meu irmão foram uma decepção. Estou melhor sem família.

A tia Christine não me telefona desde que «me tornei agressiva» em casa dela. A Stella está zangada, porque eu não lhe disse nada sobre o Peter.

— Porque não me disseste quem ele era? — queixou-se ela.

Qual é a resposta? Eu tinha finalmente alguém que era meu. Amava-o, queria protegê-lo e guardá-lo para mim.

Eu não podia adivinhar aquilo de que ele era capaz. A ideia de que

um homem podia herdar uma doença daquelas do pai, do meu pai, e que eu o tivesse recebido na minha casa deu-me vontade de gritar toda a noite.

A Linda Weston tinha 27 anos quando a Amanda nasceu. Já lhes disse vezes sem conta que não há provas de que ela tenha sido violada, não há provas de que ela e o Peter não tivessem uma relação consensual. Ela não foi assassinada. Morreu de apendicite. O Mark disse-me para eu abrir os olhos. Porque é que o Peter tinha desaparecido? Porque é que ele sempre quis que mantivéssemos tudo em segredo quando esteve cá? Porque é que viajava com um passaporte falso? Eu agarro-me à crença de que ele era inocente, de alguma maneira. Agarro-me à minha sanidade.

A Angela telefona-me e envia-me mensagens com frequência, mas raramente atendo o telefone, exceto quando preciso de uma receita de *Valium*. Tomo bastantes para não gritar. Também bebo muito.

Tive de contar à polícia sobre o dinheiro que dei ao Peter. O Mark ficou furioso com isso. Disse que eu devia ter discutido com ele o que fazer ao dinheiro. Acha que tinha direito a receber algum daquele dinheiro, já que foi ele quem mais sofreu. Discutimos por causa disso. A Margaret deixou-me aquele dinheiro a mim. Há semanas que não falo com ele. A Angela deixou uma mensagem no correio de voz a dizer que ele tinha apanhado o vírus e que estava no hospital, muito doente, sem direito a visitas. Não quero saber. Não quero vê-lo.

A Tina estava errada sobre tudo. Eu tinha razão em não confiar em ninguém. No fim, todos me desiludiram. A guardar segredos ou a segredar nas minhas costas. Estou surda outra vez. Não falo com ninguém e finjo que não os ouço a murmurar. Este confinamento é muito conveniente para mim. O *pub* e o café da aldeia estão fechados. O estúdio de yoga da Martha também. Já não vou ao supermercado Gala, porque sempre que lá ia, a Laura tentava conversar comigo. Voltei a fazer compras na Texaco. Toda a gente mantém uma distância de dois metros e não há apertos de mão, muito menos abraços. Todos usamos máscaras e eu evito o contacto visual sempre que possível. O piano ainda está em pedaços na sala de estar, um lembrete da minha herança. Não consigo arranjar ninguém para o tirar daqui.

Vi a Abebi na rua no outro dia. Está alta. Deve ter 11 anos agora. Acenei-lhe e ela viu-me, mas baixou a cabeça e estugou o passo pela rua abaixo, para longe de mim. Ela é da mesma idade da minha mãe quando o meu pai a raptou. Puxei pelo cabelo outra vez, arrancando uma mão-cheia da cabeça.

Epílogo

Amanda, maio de 2022, Câmara Municipal de Auckland

Estou feliz. A Nova Zelândia está finalmente a sair do confinamento e eu vou atuar em público pela primeira vez. Só Deus sabe como tenho praticado nos últimos dois anos e meio, mas o meu teste rápido de antigénio está negativo, o salão está com lotação esgotada e a mãe e o pai estão aqui. Vieram de Christchurch.

Os meus dois novos tios vieram de Rotorua. Estou nervosa por os conhecer, mas já fizemos chamadas por Zoom e parecem tipos bem fixos. A mãe e o pai também estão ansiosos por os conhecer. A Kate não vem. Está zangada por eu me ter retirado da série do *podcast* dela depois de todo o trabalho que teve, mas a minha história é tão hedionda que prefiro mantê-la em privado. Nunca quis saber os detalhes sórdidos. Se singrar na vida, quero ser conhecida por ser compositora, não como a filha de uma rapariga raptada e de um raptor. O passado pertence lá atrás.

A polícia confirmou toda a investigação da Kate. Não sei onde está o meu pai, mas não vou, com certeza, andar atrás dele. Não sou vítima dele, nunca fui. A Kate pode contar a história, se quiser, mas não pode usar o meu nome. A última coisa de que preciso é de drama. Para ser compositora, preciso de paz e de um piano. E daquele velho ursinho de peluche que inesperadamente chegou no correio há uns anos. Tornou-se o meu amuleto da sorte.

As luzes apagam-se. Oiço o silêncio descer sobre o auditório. O holofote ilumina o piano. Entro no palco. Sem nervos. Pouso o meu urso na tampa do piano. Ele sorri-me com o seu único olho. Eu sorrio-lhe e aceno-lhe, e o público irrompe numa onda de aplausos e risos. Instalo-me no banco de veludo e levanto as mãos. Está na hora.

Agradecimentos

Obrigada à fabulosa Marianne Gunn O'Connor, agente, mentora e amiga; à Vicki Satlow, que trabalhou para garantir a minha publicação em territórios que não conseguiria encontrar num mapa; e à Pat Lynch, que assegura transações fáceis com grande diligência.

Na Penguin Sandycove, em Dublin, tenho de agradecer à minha editora, Patricia Deevy, a melhor do setor, que consegue ter sempre aquele distanciamento que lhe permite ver as coisas como um todo e que, com este livro em particular, me deu tempo para o aperfeiçoar; a Cliona Lewis, extraordinária publicitária, a Michael McLoughlin, que, apesar das dificuldades, consegue levar o navio a bom porto. Nesta casa, não posso deixar também de expressar a minha gratidão a Brian Walker, Carrie Anderson, Issy Hanrahan e Laura Dermody.

Na PRH de Londres, estou extremamente grata a Amelia Fairney, Ellie Hudson, Jane Gentle e Rosie Safaty, do departamento de comunicação; à Zoe Coxon e aos seus dotes como *copywriter*; a Sam Fanaken, Ruth Johnstone e Eleanor Rhodes Davies, das vendas; e a Richard Bravery e Charlotte Daniels, da equipa de arte, por terem criado esta bela capa.

A Karen Whitlock provou, mais uma vez, quão pouco letrada sou, mas as suas excelentes capacidades de correção de texto fazem-me ficar bem na fotografia. Obrigada.

Agradeço também a ajuda que tive na investigação em tantas áreas, nomeadamente a Christine Pride e Lynn Miller-Lachmann, a professora patologista aposentada Marie Cassidy, a gestora hospitalar do Hospital Tallaght Lucy Nugent, a cirurgiã vascular Bridget Egan, a psicóloga Aisling White, o solicitador Peter Nugent, o advogado John O'Donnell, a psicóloga educacional Dra. Mary Nugent, e os colegas escritores Kate Harrison, Adrian McKinty e Alex Barclay. Se eu pedi os vossos conselhos e depois os ignorei, por favor perdoem-me. A história sobrepôs-se.

Relativamente aos conhecimentos sobre a Nova Zelândia, estou em dívida para com Vanda Symon, Liam McIlvanny, Sonja Hall-Tiernan, Craig Sisterson, Jill Nicholas, Steve Duncan, Fergus Barrowman e Faran Foley, da Embaixada da Irlanda.

No que toca às pessoas que me apoiaram emocionalmente nestes complicados dois últimos anos, agradeço a Sinéad Crowley, Jane Casey, Marian Keyes, Kate Beaufoy, Sinéad Moriarty, Claudia Carroll, Tania Banotti, Maria O'Connell, Bríd Ó Gallchóir, William Ryan, Ed James, Clelia Murphy, John O'Donnell, Lise-Ann McLaughlin, Anne McManus, Zita Rehill, Moira Shipsey, Val Reid, Sharon Fitter, Fiona O'Doherty, e deixo uma menção especial a Colin Scott.

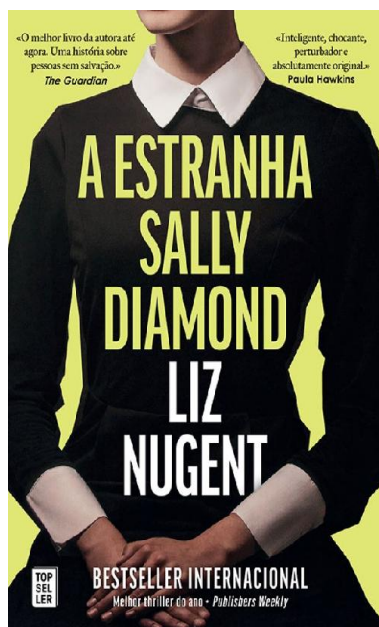
Agradeço também ao meu local de apoio emocional, o Tyrone Guthrie Centre, e a todas as mulheres fantásticas que me proporcionam o tempo, espaço e alento para escrever.

E, sem dúvida, merecendo um parágrafo só para eles, os meus agradecimentos aos excelentes livreiros, *bloggers* de livros, programadores de festivais, moderadores, colegas de painel, produtores e apresentadores de TV e rádio, bibliotecários e narradores de audiolivros. Se vos nomeasse a todos, não haveria espaço para o livro.

Caros leitores, não fazem ideia do que a vossa lealdade significa para mim. Espero poder encontrar-me convosco em festivais virtuais e reais, agora que o mundo parece estar novamente a girar. Obrigada por terem esperado mais um ano por este livro. A vida atrapalhou-me a escrita durante algum tempo, mas vou tentar que tal não volte a acontecer.

E, claro, à minha família alargada sempre em crescimento, original e adquirida e, em especial, à minha mãe, só podem culpar-se a vocês. E não posso deixar de recordar o meu querido pai, provavelmente a cirandar por alguma livraria astral, pondo cuidadosamente à vista a capa dos meus livros.

Sobre este livro



Um livro envolvente sobre uma mulher peculiar e solitária, com uma história de luz e trevas, de desespero e compaixão. Brutal, avassalador, mas inesquecível, e impossível de abandonar.

Sally Diamond não consegue perceber porque é que aquilo que fez é assim tão estranho. Ela limitou-se a fazer o que o pai lhe pediu: pô-lo no lixo quando ele morresse.

Habituada a uma vida solitária, Sally vê-se agora no centro das atenções, tanto por parte dos vizinhos, como da polícia e da comunicação social. No meio da confusão gerada em torno do incidente, Sally começa a receber mensagens anónimas de alguém que conhece o seu passado, um passado do qual ela não tem qualquer memória.

Ao mesmo tempo que vai descobrindo os horrores da sua infância, Sally começa a explorar o mundo pela primeira vez, fazendo amigos, conquistando a sua independência e percebendo que as pessoas nem sempre dizem o que realmente estão a sentir.

Mas quem é o homem que a observa e lhe escreve do outro lado do mundo?

«Liz Nugent cria uma protagonista inesquecível e nunca perde de vista a humanidade fundamental das suas personagens, mesmo ao acrescentar reviravoltas e ao conduzir a narrativa em direção a uma escuridão excecional. Criativo, viciante e arrojado, este livro merece um vasto público.»

Publishers Weekly

Sobre Liz Nugent

Liz Nugent nasceu em Dublin e iniciou o seu percurso profissional a escrever para televisão e rádio. Publicou o primeiro livro, *O Segredo do Escritor*, em 2014 (Ed. Marcador) e rapidamente se tornou uma autora bestseller na Irlanda, tendo vencido vários prémios literários, entre os quais quatro Irish Book Awards e a medalha James Joyce para Literatura. Os seus livros estão traduzidos em vinte línguas.

Além de escrever, Liz Nugent já organizou workshops de escrita e salões literários, e foi curadora da vertente literária de festivais de artes.

A Estranha Sally Diamond é o seu quinto livro e o primeiro publicado pela Topseller. Uma história sombria, mas muito empática, sobre trauma, crime e saúde mental, com uma protagonista única e cativante, que foi recebida com enorme entusiasmo por parte da imprensa e de outros autores, com largas dezenas de críticas vibrantes. A Netflix já adquiriu os direitos para série, que será protagonizada por Carice van Houten.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA:

www.liznugent.com